



AS FREIRAS
LÉSBICAS

ROMPENDO O
SILÊNCIO

Rosemary Curb e Nancy Manahan



EDITORA BEST SELLER



AS FREIRAS
LÉSBICAS



AS FREIRAS LÉSBICAS

ROMPENDO O SILÊNCIO

Texto coordenado por
Rosemary Curb e Nancy Manahan

Tradução de
DIOGO BORGES



EDITORA BEST SELLER

Título original: *Lesbian Nuns — Breaking Silence*

Copyright © Rosemary Curb e Nancy Manahan, 1985

Publicado sob licença de The Naiad Press Inc., EUA.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução no todo ou em parte, por qualquer meio, sem permissão por escrito.

Direitos exclusivos da edição em língua portuguesa no Brasil adquiridos por EDITORA NOVA CULTURAL LTDA. que se reserva os direitos desta tradução.



EDITORA BEST SELLER

uma empresa da Editora Nova Cultural Ltda.

Av. Brig. Faria Lima, 2000 — 01452, São Paulo, SP — Caixa Postal 9442

ISBN 85-85091-27-4

Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Curb, Rosemary, 1940-
C984f As freiras lésbicas/Rosemary Curb e Nancy Manahan; tradução de Diogo Borges. — São Paulo:
Best Seller, 1987.

1. Freiras lésbicas - Estados Unidos - Biografia I. Manahan, Nancy, 1946- II. Título.

SUMÁRIO

(As datas indicam o período de vida religiosa)

PRELIMINARES

Agradecimentos.....	9
O que é uma freira lésbica	
Rosemary Keefe Curb (1958 a 1965)	13
Com que silêncio este livro rompe?	
Nancy Manahan (1966 a 1967).....	29

PRIMEIRA PARTE: Vozes de fantasmas..... 39

Meu coração imaculado	
Jeanne Cordova (1966 a 1967)	41
Diário de uma noviça	
Barbara MacKenna (1964 a 1966).....	57
Nem mesmo uma sacerdotisa no altar	
Diana T. Di Prima (1960 a 1962).....	68
Exame de consciência	
Judy Smith (1959 a 1968)	75
Vozes de fantasmas,	
incluindo o Divino Espírito Santo	
Wendy Sequoia (1958 a 1967).....	81

SEGUNDA PARTE: Raça, classe e cultura..... 89

Livrem-se desta freira	
Marie Dennis (1960 a 1968)	91
Do convento à feitiçaria	
uma vida de trabalho	
Kevyn Lutton (1960 a 1967).....	95
O que uma garota judia,	
boazinha como eu,	
estava fazendo num convento	
Ayyelet Hashachar* (1962 a 1968)	106
Tão boa, tão direita	
Jessie (1959 a 1967)	115

TERCEIRA PARTE: Elas não deverão se tocar..... 121

Elas não deverão se tocar,	
mesmo de brincadeira	
Margaret* (1963 a 1965).....	123
Heterossexual confirmada	
Kate Quigley* (1961 a 1966)	129
Começar de novo	
Betsy Snider (1964 a 1967).....	141
Encontrei-me no Harlen	
Marie* (1952 a 1970).....	145

* Indica pseudônimo

Minha arte e meu espírito	
Sonja Meidell (1965 a 1970)	155
Dissolvendo meu	
alter ego masculino	
Jane E. McLarson (1964 a 1970)	158
QUARTA PARTE: Não seja rígida demais	
em sua compreensão da castidade	167
Não seja rígida demais	
em sua compreensão da castidade	
Irmã Agatha* (1957 até o presente)	169
Gay e celibatária	
aos 65 anos de idade	
Irmã Marla* (1935 até o presente)	174
A dádiva da sexualidade	
no espírito do celibato	
Irmã Hana Zarinah* (1963 até o presente)	178
O despertar	
Irmã Maria Nuscera* (1976 até o presente)	184
Amo esta música lésbica	
Irmã Sara* (1958 até o presente)	188
QUINTA PARTE: Surpresas e contradições	195
Segunda geração	
Mary Alice Scully (1961 a 1979)	197
Ativistas sindicais, amantes e pais	
Christine e Sheila (1971 a 1972 e 1960 a 1981)	202
Desse jeito é mais aconchegante	
Terry (1969 a 1971)	208
Duas portas trancadas	
Charlotte A. Doclar (1952 a 1981)	213
Portas giratórias	
Coriander (1962 a 1968)	219
SEXTA PARTE: Sensualidade enclausurada	233
Reconhecendo-me como lésbica	
Susan Weaver (1948 a 1954)	235
Advogada sul-americana num claustro	
Maria Cristina (1963 a 1975)	239
Lembranças do convento	
H.M. Fairfield-Hickey (1947 a 1953)	249
Sensualidade enclausurada	
Monique DuBois* (1964 a 1976)	253
Deus foi um espectador inocente	
Jean O'Leary (1966 a 1971) com Jan Holden	261

* Indica pseudônimo

SÉTIMA PARTE: Curando no escuro	271
O amor de Deus não tem preço	
Ann Campbell* (1955 a 1971)	273
Agorafobia	
Teresa O'Herlihy (1972 a 1978)	283
Eu sempre soube que isso aconteceria	
Helen Horigan (1963 a 1968)	291
Mito para véspera de inverno	
Elizabeth Malloy (1952 a 1967)	301
De luterana alemã	
a mística e ex-freira	
Helga Dietzel (1959 a 1966)	307
Curando no escuro	
Mab Maher (1956 a 1974)	315
 OITAVA PARTE: Nos limites	323
Deixar cair o véu do anonimato	
Irmã Esperanza Fuerte* (1967 até o presente)	325
Nos sonhos, a jornada	
em direção a mim mesma	
Irmã Pat O'Donnell, O.P. (1955 até o presente)	331
Comunidade alternativa	
Irmã Anne* (1965 até o presente)	336
Freira lésbica: nos limites	
Eileen Brady (1969 até o presente)	345
 NONA PARTE: Valores de convento e ética lésbica	349
A graça de conscientizar	
Virginia Apuzzo (1966 a 1969)	351
Amantes por toda a vida	
Mary Mendola (1967 a 1970)	357
Sonhos de freira: uma	
alegoria de transformação espiritual	
Joanne Marrow (1964 a 1966)	359
Misticismo: amor ou sofrimento?	
Hannah Blue Heron (1950 a 1967)	369
Braços de mulher não podem formar	
um círculo banhado pelo luar	
Joyce (1967 a 1972)	373
Valores conventuais e ética lésbica	
Diálogo com Janice Raymond	
e Patrícia Hynes (1960 a 1972 e 1965 a 1970)	376
 GLOSSÁRIO	391

* Indica pseudônimo

AGRADECIMENTOS

Criar este livro foi como juntar os quadrados de uma colcha de retalhos através de todo o país. Amigos, parentes e colegas contribuíram com um pedaço de pano ou uma costura, e são tão numerosos que não conseguimos sequer relacioná-los. Em primeiro lugar, nossos agradecimentos a Peg Cruikshank, por propor o livro e aproximar as editoras, apresentando-as. Esses agradecimentos são extensivos a Barbara Grier, por ter-se oferecido para publicar a obra, antes mesmo de saber se haveria alguém disposto a contribuir com depoimentos. Somos gratas às centenas de ex e atuais freiras lésbicas, que nos telefonaram, escreveram, falaram a outras a respeito do projeto, iniciaram núcleos locais, nos abriram seus lares e corações e nos confiaram fragmentos de suas vidas, sagrados e escondidos.

Amigos e familiares criticaram e leram as provas do livro em seus vários estágios. Nancy agradece a Ruth Baetz, Ellen Brannick, Carol Brockfield, Lauren Coodley, Peg Cruikshank, Robin Ruth Linden, Susan Rothbaum, Karen Vertin, a família Manahan e, sobretudo, sua companheira Barbara Evans, cujos talentos de editora poliram quase todas as frases. Rosemary agradece a J.A., sua grande amiga no convento, pela presença silenciosa e os conselhos, práticos e constantes; às colegas do Rollins College, sobretudo Cary Ser, do Departamento de Inglês; às amigas Tina Beer, Lynn Butler, Joanne Glasgow, Rochelle Baluch e Fairilyn Livingston, por lerem os depoimentos e oferecerem conselhos; à assistente editorial Kathleen, por processar

os depoimentos no computador e criar um esboço inicial do glosário; e, sobretudo, a sua filha Lisa Curb, que serviu de mensageira, recebeu e anotou recados e consolou sua mãe, ligeiramente atrapalhada.

Obrigada também ao Rollins College, ao Napa Valley College e à Universidade Colgate, onde o setor de computação possibilitou revisar partes deste livro oito ou dez vezes, em nosso esforço de o condensar e incluir o maior número possível de depoimentos.

Embora trabalhando separadas ou nos comunicando por telefone, durante o ano e meio ou dois anos que durou a edição deste livro, encontramos-nos seis vezes, tendo em vista nossa tarefa: 1) em junho de 1982, na casa de Nancy e Barbara, em Napa, Califórnia; 2) no solstício do inverno de 1982, como hóspedes de Sky, Blue, Barbara Deming e Jane Gapen, em Sugarloaf Key, Flórida; 3) em maio de 1983, na casa de Peg Cruikshank, em San Francisco; 4) em agosto de 1983, nos escritórios e na casa de Sharon Postma e Jim Manahan, irmão de Nancy, que nos possibilitaram acesso a máquinas de escrever, processador de palavras, copiadora, e nos criaram espaços para dormir no chão de seus escritórios de Mankato, Minnesota; 5) em abril/maio de 1984, na casa de Matile Poor, em San Francisco; 6) em julho de 1984, na casa de Rosemary, em Winter Park, Flórida.

Saudamos finalmente as 49 ex e atuais freiras, cujas histórias constam deste livro. Obrigada, irmãs, por romperem o silêncio.

“As freiras lésbicas que conheço dançarão de alegria! Este livro circulará com intensidade pelos conventos, do mesmo modo que o *Relatório Hite*. Não há quem não o tenha lido. As freiras lésbicas passarão a ter uma consciência maior de si mesmas, depois de tomarem conhecimento deste livro. Ouvirão também a reação das demais integrantes da comunidade e rezarão a Deus para que seja positiva.

O livro servirá também para um confronto com a dor. As freiras lésbicas que, em suas comunidades, escondem sua condição (e não conheço ninguém que a tenha revelado) terão de resenciar reações homofóbicas. Creio, porém, que o livro será um catalisador. Haverá de provocar tremenda comoção. As comunidades religiosas não poderão deixar de discuti-lo. Precisam reagir à realidade, coisa que jamais tiveram de fazer.”

Irmã Sara, 1958 até o presente



Rosemary Keefe Curb, 1963

Jerry Keefe (pai)

O que é uma freira lésbica?

Rosemary Keefe Curb

(Irmã Mary Geralda, O.P., 1958 a 1965)

Minha mãe nos aconselhou a não editar este livro: “De que adianta? Todo mundo acha que os conventos são repletos de lésbicas. Vocês não sabem que estão cometendo suicídio profissional? E por que magoar aquela gente tão boa da Igreja Católica? Eles podem muito bem revidar”. Ao apresentar estes depoimentos, que rompem com o silêncio, responderei a minha mãe e a quem faça perguntas semelhantes em relação a nossas preocupações. Direi quem somos, como trabalhamos e que efeitos imagino que este livro provocará.

Será um livro perigoso? Creio que sim, mas não do modo como minha mãe suspeita. Ela se preocupa com o fato de que eu possa vir a ser atingida profissionalmente e talvez até mesmo fisicamente. Não quer que a filha dela seja aquela que irá romper com séculos de silêncio. Penso que temores como os seus é que contribuem para manter a todas nós enrustidas, enquanto que dizer a verdade a respeito de nossas vidas poderá nos libertar.

Se nossa cultura define a normalidade em termos da experiência masculina e valoriza apenas as mulheres que se relacionam com os homens, freiras e lésbicas tendem a ser ridicularizadas ou postas de lado, pois são consideradas irrelevantes, no

quadro maior da História. Considerar o sexo feminino inteiro como servil e dependente dá alento à fé de nossos pais. A própria existência de comunidades autônomas de mulheres ameaça a arrogância patriarcal. Além do quê, uma coleção de relatos autobiográficos de freiras lésbicas não apenas violenta o tabu patriarcal, como é inimaginável em nossa sociedade polarizada.

O irônico é que grupos de freiras ou de lésbicas são frequentemente confundidos um com o outro, nos dias de hoje, pois costumamos viajar em bandos, sem tomarmos conhecimento da atenção ou das necessidades masculinas. Ao evitarem os cosméticos e as roupas ligadas à mística feminina, comercialmente promovidas, freiras e lésbicas tornam-se emocionalmente inacessíveis à coerção do homem. O tempo e a energia que as mulheres heterossexuais dedicam a atender os homens podem ser canalizados para projetos particulares ou comunitários. A despeito das semelhanças, uma cultura que se define como masculina e faz juízos moralistas sobre “os pecados da carne” e a poluição e o mal dos desejos carnis da mulher, acaba por encarar as freiras e as lésbicas como “anormais”, situando-as, porém, em pólos opostos, na escala da virtude feminina.

Empregamos o termo *freiras lésbicas* para as lésbicas que ainda vivem em comunidades religiosas, bem como para aquelas que as abandonaram há anos. Usamos a palavra *freira* em seu sentido popular, abrangendo todas as mulheres que prestam votos de pobreza, castidade e obediência em comunidades religiosas, embora a Igreja Católica Romana considere *freiras* somente aquelas que fazem votos solenes e levam uma vida de completa clausura. As demais mulheres que participam da vida religiosa são *irmãs*. A palavra *lésbica* revela nosso compromisso básico, espiritual e político, com as mulheres que se amam, bem como nossa orientação sexual, mas não necessariamente nossa atividade sexual.

Como alguém se torna uma freira lésbica? Permita que me apresente. Desde a idade de 8 anos, em Chicago, quando ouvi pela primeira vez o chamado de Deus, impelindo-me à vida re-

ligiosa, freqüentava com fervor, todos os dias, a missa das sete da manhã. De toda minha família eu era o membro mais devotado à religião. Mesmo nas manhãs em que a neve caía mais forte, os deliciosos mingaus quentes que minha mãe preparava apenas fortaleciam minha vontade, no sentido de resistir às tentações da carne.

Três meses depois de me formar no segundo ciclo do ginásio, entrei para as Irmãs Dominicanas. Punha de lado as vaidades deste mundo, sob a forma de uma promissora carreira de atriz. Nem minha carteira sindical, obtida com muito sacrifício no Sindicato dos Atores, nem meus namoros com as fantasias do estrelato me apartaram da vocação religiosa. Toda vez que estreávamos uma peça, sempre que a cortina se abria, para os aplausos finais, eu sabia exatamente para onde ia. Planejava ficar escondida do mundo, entregue a uma longa vida de serviço e orações, e queria ser enterrada no cemitério do convento.

Eu amava a vida religiosa e minhas irmãs. Receber o hábito dominicano e meu nome religioso foi a felicidade mais pura que jamais experimentei. Embora dedicada à vida religiosa, tinha uma ligação clandestina, que me consumia emocionalmente, com uma irmã mais velha, durante o sexto e o sétimo ano no convento. Não narrarei minha história no convento, pois encontro fragmentos dela em quase todos os depoimentos desta coletânea.

Abandonei o convento pouco antes de tomar os votos finais, pois achava a vida religiosa emocionalmente asfixiante. Ao remover as muitas camadas do hábito de lã branca e o rígido véu negro e medieval, trocando-os pelas roupas decotadas, tão em moda em meados da década de sessenta, senti que falhava, por ter feito uma promessa a Deus. Estava condicionada a ser uma conformista, a ignorar minha sexualidade e até mesmo minhas necessidades emocionais mais simples. Nunca mais voltei para o convento em Sinsinawa, Wisconsin, desde que o deixei, em agosto de 1965, mas ainda consigo sentir o cheiro da cera brilhando naqueles corredores silenciosos, ver a fileira de véus negros, em procissão fúnebre até o cemitério, ouvir o entrechocar

abafado de nossos rosários, enquanto fazíamos uma meia inclinação e entoávamos a ladainha *Gloria patri et filio-o-o*, no final de cada salmo, no Pequeno Ofício da Virgem Abençoada (os termos religiosos são definidos no glossário).

Tive a sorte de encontrar um emprego de professora de biologia num ginásio da região rural do norte de Nebraska. Casei com um professor de inglês de um ginásio da vizinhança e tive uma filha no ano seguinte. Quatro anos mais tarde deixei meu marido, em Arkansas. Três anos depois, em 1973, assumi meu lesbianismo.

Durante esta última década, enquanto terminava um doutoramento em literatura, iniciava a carreira de professora de inglês no secundário, fazia palestras, conferências e soltava publicações, como uma ativista lésbica/feminista “assumida”, e morava, na qualidade de mãe lésbica sozinha, com minha filha, que se formou no ginásio em 1985, pus-me a imaginar se o fato de ter escolhido viver numa comunidade religiosa de mulheres, há 25 anos, se deveu a meu lesbianismo, que então desconhecia. Quantas mulheres de minha geração tornaram-se freiras por já serem lésbicas? Queria encontrar minhas irmãs lésbicas que entraram para o convento, não somente como uma resposta ao chamado de Deus, mas como refúgio à heterossexualidade, ao casamento católico e à maternidade exaustiva.

Em junho de 1981, por ocasião da conferência da Associação Nacional de Estudos da Mulher, em Connecticut, Peg Cruikshank apresentou-me a Nancy Manahan. Ambas tínhamos depoimentos autobiográficos publicados em *The Lesbian Path (A Via Lésbica)*, editado por Peg, que solicitou nossa colaboração para editar uma coletânea de depoimentos de lésbicas que eram freiras. Num esforço em reconciliar seu passado religioso com seu atual feminismo radical, Nancy já começara a contatar ex-freiras lésbicas (estudos recentes e históricos se acham relacionados em Leituras Adicionais).

Em outubro de 1981, quando Barbara Grier, da Naiad Press, convidou Nancy e eu para editar esta coletânea, nenhuma de

nós sabia quantas contribuintes em potencial existiam, para um livro como este, ou quantas se dispunham a exibir suas vidas através de um meio impresso. Enviamos a revistas, jornais e boletins informativos lésbicos, feministas e gays, solicitações para que nos mandassem depoimentos; distribuímos circulares em conferências profissionais e as entregamos em livrarias especializadas em temas femininos. As cartas e os telefonemas começaram a chegar quase imediatamente. Como não era mais ativa na Igreja Católica desde meados de 1968, fiquei surpreendida ao receber respostas de freiras. Decidimos, assim, ampliar nossos objetivos e incluir os depoimentos de lésbicas que ainda se encontram em comunidades religiosas.

Durante os dois últimos anos, Nancy e eu temos tido contato com centenas de freiras e ex-freiras lésbicas. Organizamos encontros e mesas-redondas em livrarias, conferências, festivais, e demos entrevistas em todo o país. Durante o inverno de 1982-1983, Nancy licenciou-se da cadeira de inglês, no Napa College, a fim de viajar pelo país inteiro com sua companheira Barbara Evans e visitar as freiras e ex-freiras que nos tinham escrito sobre suas vidas. Sem me licenciar, tive condições de encontrar-me com as autoras desses depoimentos, durante minhas viagens profissionais que tinham como objetivo pesquisas e conferências.

Aos poucos fui descobrindo muitos pontos em comum, em nossas conversas e depoimentos. Um questionário por mim redigido em junho de 1983 deu-me a conhecer antecedentes e atitudes familiares; consciência da sexualidade antes, durante e após a vida religiosa; evolução da espiritualidade e da prática religiosa; atividades profissionais recentes, estilo de vida e engajamento político. Apesar de nossa diversidade tão colorida, duvido que as mulheres que nos escreveram representem uma amostragem fortuita da população de freiras lésbicas. Somos talvez mais estruturadas e corajosas do que nossas irmãs que talvez ainda não estão prontas para contar suas histórias ao mundo.

As mulheres cujas vidas rompem com o silêncio, neste livro,

encaixam-se numa faixa etária que vai dos 20 e tantos anos aos 65. Cerca de metade das depoentes tem de 38 a 45 anos, que é, precisamente, a idade dos editores. Aquelas que deixaram o convento tiveram, em média, oito anos de vida religiosa, isto é, de um a 29 anos. As que ainda são freiras passaram de sete a 49 anos em comunidades religiosas.

Mais da metade de nós entrou para o convento bem no final da adolescência, entre 1955 e 1965. Durante esse período, a população dos conventos alcançou uma cifra de 183.000 pessoas, jamais superada. No entanto, nas duas décadas seguintes, em decorrência do Vaticano II, período no qual quase todas as freiras deste livro abandonaram o convento, a população declinou em um terço. Situávamo-nos, então, numa faixa entre 25 e 30 e tantos anos.

A maioria de nós é branca e vem de famílias operárias do nordeste e meio-oeste do país (EUA), bem como das grandes cidades. Quatro são negras e três, latino-americanas. Três nasceram no Canadá.

Ao crescermos, em geral percebíamos que éramos diferentes de nossos parentes e amigos. Apreciávamos aventuras e éramos meninas levadas e atléticas, que resistiam em assumir a passividade feminina. Em nossas recordações, éramos ao mesmo tempo apreciadoras de tudo o que pudesse nos divertir e cheias de sentimentos de culpa; éramos religiosas e rebeldes. Sentíamos-nos divididas e confusas. A respeito de sua adolescência escreve Jeanne Cordova: "A vida era bem simples. Eu me dividia entre a igreja e o campo de beisebol".

Embora algumas tivessem se convertido, a maior parte pertencia a famílias católicas apostólicas romanas. Recordamos os rosários rezados em família diariamente, as penitências da Quaresma, rigorosamente observadas, os quadros e as imagens sagradas, os crucifixos, as pias de água-benta e os altares caseiros, erguidos no mês de maio. Temos presente os sofrimentos diários de nossas mães, que se submetiam a regras rígidas, relativas ao controle natal, ao divórcio e à subserviência da espo-

sa a seu marido. A Igreja tolerava apenas o sexo que tivesse como objetivo a procriação, num casamento católico. Anticoncepcionais, aborto, masturbação, homossexualidade e o próprio prazer sexual eram considerados pecados contra a natureza. Aprendemos a nos preocupar com ninharias, no que se referia à teologia moral, e a praticar penitências diárias. Kevyn Lutton resume assim sua criação religiosa: “Garota católica e mártir!”

Tínhamos uma ignorância espantosa de nossa sexualidade. Tão espesso era o manto do silêncio homofóbico, que as freiras e padres nos aconselhavam apenas a evitar as ocasiões em que pudéssemos cometer pecados heterossexuais, devendo deixar de lado pensamentos impuros. Somente algumas de nós — muito poucas — sabiam que eram lésbicas, antes de entrar para a vida religiosa, mas todas pretendiam viver uma vida de celibato no convento. Cerca da metade já tinha ouvido as palavras *veado*, *homossexual* ou *lésbica*, ao crescermos. Só agora reconhecemos que nossa dedicação a amigas e freiras, ao lado de nosso constrangimento em sair com rapazes, não era, conforme desconfiávamos naquela época, um indício inconfundível de vocação religiosa, mas uma premonição de nosso lesbianismo, que iria florescer mais tarde.

Ingressamos na vida religiosa por acreditar que Deus nos chamava. Ligações apaixonadas com freiras, encaradas como modelos intelectuais, espirituais e morais, levaram muitas de nós a optar pela vida religiosa. A despeito do recrutamento freqüente nas escolas católicas e das pregações dominicais, no sentido de que a vocação religiosa era uma chamada para uma forma de vida mais elevada (subentendia-se que, por meio dela, tínhamos assento reservado à mesa do banquete celestial e por toda a eternidade), a maior parte de nossas famílias não demonstrava entusiasmo por termos escolhido a vida religiosa. Algumas ficaram tão horrorizadas que nos rejeitaram.

Ficávamos tão ansiosas para entrar para o convento que contávamos os dias que faltavam para a data tão esperada. Algumas receberam a permissão de se tornarem aspirantes quando

ainda no ginásio. Aquelas que tiveram de esperar até terminar os estudos secundários sentiram-se frustradas com a demora. Muitas descrevem a experiência de não terem sido aceitas ou o pavor inenarrável de serem mandadas para casa, logo após a chegada ao convento. Algumas que receberam a solicitação de se retirar, em geral sem qualquer explicação, durante o período do noviciado ou antes da profissão final, tentaram inúmeras vezes ingressar em outras comunidades religiosas.

O atendimento aos necessitados constituía o trabalho de nossas comunidades, mas nossas ocupações conventuais eram muito mais diversificadas e desafiadoras do que as tarefas que nossas mães executavam, enquanto crescíamos. A vida religiosa nos oferecia uma educação e uma instrução aprimoradas, superior àquelas que a maior parte de nossos pais podia nos propiciar. A maioria de nós entrou para o convento durante ou após o secundário. Apenas doze ingressaram com graus acadêmicos. No período compreendido entre um e quarenta anos de vida religiosa, obtivemos vinte bacharelados e dez mestrados. Metade de nós seguiu cursos no *college**, sem obter diploma, embora a maior parte daquelas que abandonaram a vida religiosa deu continuidade à sua educação formal. Quase todas as autoras dos depoimentos contidos neste livro têm pelo menos um diploma. Mais de vinte defenderam mestrados e doze possuem doutorado.

A vida religiosa, de muitos modos, nos ofereceu um conhecimento e um crescimento que foram muito além das aspirações que nossos pais alimentavam para si mesmos e, talvez, para nós. Além da instrução formal, dos diplomas e de uma experiência profissional, a vida religiosa nos capacitou a desenvolver traços positivos de personalidade: maior autoconhecimento, capacidade de assumir riscos, sentido maior de comunidade e de integração, poder pessoal, equilíbrio, independência, criatividade, integração, habilidade em lidar com a autoridade.

* *College*: na estrutura educacional norte-americana, o curso de três anos realizado após o secundário e antes do ingresso na universidade (N. do T.).

Infelizmente desenvolvemos também os traços menos desejáveis impostos por nossa regra religiosa e pelos superiores: obediência cega, autonegação, disciplina, guarda dos sentidos e autocontrole perfeito. Tornamo-nos mais solitárias, ascéticas, estudiosas, místicas, escrupulosas e introspectivas, bem como iradas, rebeldes, revolucionárias. Algumas sentiram-se assustadas, confusas, solitárias, sobrecarregadas de sentimentos de culpa ou loucas. As mulheres que permanecem na vida religiosa parecem ter desenvolvido características saudáveis. Muitas das que ficaram no convento até três anos sentiram-se incapacitadas de levar o tipo de vida que lhes era proposto.

Ansiosas por ingressar na vida religiosa, a maioria de nós integrou-se ditosamente à nova família, ao se sentir em segurança, guardadas pela parede do noviciado. A alegria inicial de nos encontrar participando de uma família de mulheres afetuosas, generosas, belas e brilhantes, contribuiu muitas vezes para nossa primeira e grande provação, isto é, a luta constante contra as amizades particulares. Muitas de nós mencionam ter descoberto o tabu que cercava as a.p., como nós e nossas companheiras as chamavam, no momento em que os violamos inadvertidamente. Nossas superiores descreviam as amizades particulares como a intimidade exclusiva com outra irmã e isso nos apartaria da dedicação total a Deus e à comunidade. No plano ideal, esperava-se que amássemos todas nossas irmãs igualmente e sem demonstrar preferências. Para nossa maior proteção éramos aconselhadas a recrear em grupos de três ou mais e com irmãs tão diferentes quanto possível. Embora nossas superiores não declarassem que amizades particulares, deixadas sem controle, poderiam transformar-se em casos amorosos lésbicos, as advertências oficiais vinham envolvidas numa aura de um mal vago, proibido e perigoso, a tal ponto que temíamos que essas mesmas amizades se constituíssem em graves violações da regra religiosa e, provavelmente, se tornassem motivo para nossa dispensa.

A despeito da solenidade das proibições, vários depoimentos

relatam a exuberância inocente de nossas ligações particulares, durante o período em que éramos aspirantes e noviças, e que foram cortadas pela raiz por superiores vigilantes. Nossas superiores e os confessores, embora apregoassem suas proibições, muitas vezes consideravam as paixões que nos consumiam como algo trivial. A repressão aos nossos sentimentos de afeto e aos desejos sexuais levaram muitas a mergulhar no trabalho até a exaustão, embora padecendo de doenças crônicas, além de dores que nos debilitavam, e que nossas superiores costumavam denominar psicossomáticas, num esforço de negar a realidade desses padecimentos ou a necessidade de tratamento ou repouso.

Apaixonar-se por outra irmã ou, em alguns casos, pela irmã com quem passamos a nos relacionar sexualmente, decorridos meses ou anos de repressão de nossos desejos, levou muitas de nós a deixar a vida religiosa. Algumas irmãs, após reconhecer suas inclinações lésbicas, escolheram permanecer na vida religiosa e renunciar à atividade sexual. Outras, que continuam sendo freiras, e cujas amizades particulares se transformaram em relações amorosas, não consideram a sexualidade incompatível com o voto de castidade.

Aquelas que deixaram a vida religiosa há cinco, dez ou vinte anos, depois de conhecer a intimidade sexual por detrás dos muros do convento, recordam suas amantes ou seus corações magoados e vibrantes de emoção, como se tudo tivesse acontecido ontem. Não só cada experiência foi única, como algumas de nós imaginaram que eram as únicas a ousar atravessar o abismo que separava a virgindade consagrada da sexualidade apaixonada.

Abandonar a vida religiosa em geral se fazia acompanhar de angústia. Quanto mais ficamos no convento, quanto mais enclausuradas, afastadas dos assuntos mundanos, tais como procurar um emprego, abrir uma conta bancária, encontrar um lugar para viver, comprar roupas, mais difícil se tornou nosso ajustamento à vida secular. Não ser mais protegida pelos muros do convento e o hábito religioso, encontrar-se sem recursos materiais, ver-se alienada de sua família religiosa e, em alguns ca-

NÓS, de toda a Igreja Católica, deixou a maioria de nós arrasada de dor. Se tivéssemos deixado o convento há mais de dez anos, provavelmente precisávamos nos retirar pelas portas do fundo, como se aquilo fosse uma vergonha, depois de recebermos instruções no sentido de não comunicar a ninguém nossa saída. Se nosso sentimento de culpa, por termos falhado em relação a uma vocação que nos conduziria a uma forma superior de vida, carregasse também o estigma da incurável doença da homossexualidade, então nossa sobrevivência emocional era, de fato, precária.

Por mais estranho que possa parecer, a pergunta mais frequente, por parte dos estranhos e amigos, quando ficam sabendo de nosso passado, é: “Por que saiu do convento?” Muitas de nós sentiam-se sós, exaustas, despreparadas para a vida religiosa, incapazes de resolver o conflito entre o voto de castidade e o desejo sexual, e/ou a atividade sexual. Antes das mudanças introduzidas pelo Concílio Vaticano II, que encorajou a independência pessoal e a criatividade entre as religiosas, muitas de nós se retiraram, quando a vida religiosa não nos oferecia a possibilidade de mais crescimento. Uma ex-freira disse: “Eu sentia necessidade da insegurança da vida leiga”. Quando a teologia e a filosofia liberais, nos anos 60, nos abriram para o pensamento radical, algumas de nós saíram dos conventos, indignadas com a rigidez da hierarquia da Igreja.

Aquelas que foram mandadas embora sentiram a partida como uma experiência ainda mais dolorosa. Em geral, nossas superiores não costumavam explicar por que tinha sido decidido que era a “vontade de Deus” que não prosseguíssemos nossa vida religiosa ou quem tomou tais decisões. Os pronunciamentos oficiais chegavam até nós na voz passiva, sob a forma de fatos consumados. Algumas de nós, mas não todas, sabiam que a descoberta ou a suspeita de que tínhamos amizades particulares, amantes ou tendências homossexuais levaram nossas superiores à decisão de nos rejeitarem. Observamos o tratamento que se dava a suspeitas de desvios, no convento: encarceravam-

nas em sanatórios, submetiam-nas a eletrochoques e à sedação com drogas, o que acabou fazendo com que algumas freiras se suicidassem. Aquelas que procuraram ou foram coagidas a buscar a psicoterapia ou o atendimento psiquiátrico tiveram dificuldade em distinguir a depressão da noite escura da alma. Muitas de nós resistiram à imposição de fazer terapia. Sentíamos constrangimento e indignação com o fato de nossas superiores nos considerarem loucas, doentes, pervertidas, incapacitadas de seguir a vida religiosa ou fisicamente pouco normais.

A maior parte de nós não se relacionou sexualmente com os homens. Aqueles por quem a minoria se sentiu atraída eram, em geral, sensíveis, intelectualizados, com jeito de freira. Uma ex-freira, cujo depoimento é transcrito, denomina-se bissexual. Poucas de nós se casaram e poucas têm filhos. Chris e Sheila criam, como mães, um filho concebido mediante inseminação artificial. Sou a única mãe divorciada que permanece só.

As idades em que começamos a nos identificar como lésbicas variam grandemente, dos 10 aos 40 e tantos anos. Em média, descobrimos o lesbianismo após os 30 anos, em geral só depois de vários relacionamentos íntimos com mulheres, no convento ou fora dele. A maioria das autoras dos depoimentos deste livro vive com suas amantes, em relacionamento que alcançam até 18 anos de duração.

Como mulheres que lutam para modificar e salvar nosso mundo, a maior parte tem-se dedicado ao ativismo político. Participamos ativamente do movimento feminista ou de liberação da mulher. Várias têm ocupado postos na Organização Nacional Para as Mulheres, a nível local e nacional. A atual e a ex-diretora executiva da National Gay Task Force*, Virginia Apuzzo e Jean O'Leary, foram freiras. Ex-freiras lésbicas ocupam cargos em numerosas organizações que lutam pelos direitos dos homossexuais, e escreveram, editaram e publicaram periódicos lésbicos.

* Um dos grupos de ação homossexual mais antigos e ativos dos Estados Unidos (N. do T.).

Muitas de nós integram grupos que lutam pela paz e pela proscrição de armas nucleares, bem como movimentos anti-racistas e que defendem os direitos civis. Participamos de partidos políticos, sindicatos de professores, movimentos trabalhistas, centros de atendimento e abrigo para mulheres fisicamente agredidas, campanhas para terminar com a violência contra as mulheres, centros de saúde da mulher, movimentos de imprensa feminista, a Ação Pentágono das Mulheres, movimentos ecológicos, sindicatos de crédito, cooperativas de alimentação, defesa de direitos dos prisioneiros, Estudantes para Uma Sociedade Democrática, ordenação das mulheres, consciência educacional da América Central, desobediência civil e organizações esquerdistas, anarquistas, marxistas, comunistas e socialistas.

Além de dedicar nosso tempo e nossos talentos a causas que apoiamos, temos também empregos em período integral. Entre nós encontram-se advogadas, assistentes sociais, professoras de *college*, professoras do curso primário e secundário, empresárias, administradoras, musicistas, artistas, escritoras, editoras, psicólogas, terapeutas corporais, secretárias e enfermeiras. Temos também entre nós uma fotógrafa, uma atriz, uma dançarina, uma produtora de mídia, uma engenheira ambiental, uma processadora de palavras, uma publicadora, uma desenhista gráfica, uma marceneira/desenhista, uma quiroprática, uma carpinteira, uma supervisora de casa de detenção, uma garçonete, uma padeira, uma acupressurista, uma ervateira e uma especialista em aves. Várias de nós realizam atualmente estudos avançados, em centros de pós-graduação e faculdade de direito.

A espiritualidade perdura no centro da maior parte de nossas vidas. Muitas das ex-freiras lamentam a perda de uma comunidade espiritual de irmãs, embora a maior parte das que deixaram o convento também abandonou a Igreja. Apenas cinco das que não são mais freiras permanecem ativas na Igreja Católica. Duas de nós participam ativamente do judaísmo. Doze praticam atualmente a Wicca (bruxaria), vista como espiritualidade feminista. Estamos descobrindo o feminismo pagão

através da astrologia, da imaginária das deusas, do tarô, do trabalho com os sonhos, do I Ching, da cura pelas ervas, da meditação, da massagem e do trabalho com o corpo. Estamos criando rituais comunitários para os solstícios, equinócios e luas cheias. Várias praticam meditação e desenvolvimento psíquico, a fim de firmarem nossa espiritualidade solitária.

Ao editar os depoimentos e entrevistas junto com Nancy Manahan, fiquei surpreendida diante de nossa força e capacidade de sobreviver à opressão patriarcal, à estereotipação dos gêneros e à homofobia difusa. Ler as histórias de minhas irmãs foi ao mesmo tempo doloroso e depurador. Afoguei-me em lágrimas por mim e por todas nós, enquanto ondas de nosso sofrimento coletivo se abatiam sobre mim. De vez em quando, em meu atual feminismo radical, sinto vergonha por ter, um dia, me colocado inteira nas mãos do patriarcado. No entanto, mesmo que a estrutura externa da vida religiosa estivesse sob o manto da dominação masculina, a realidade do convento consiste numa genuína irmandade entre mulheres.

Assumir-se como lésbica perante certos amigos e membros da família requer coragem, e essa mesma coragem é necessária para se assumir como freira ou ex-freira, diante de nossas amigas lésbicas e feministas. Aquelas que descrevem a vida religiosa como algo contrário à natureza reconhecem que desenvolver hábitos de negar os desejos pessoais e as emoções espontâneas requer luta constante. Externamente praticávamos a vigilância dos sentidos. Mantínhamos os olhos baixos e as mãos dobradas, por baixo dos escapulários. Aprendemos a podar a exuberância e a descer e subir escadas dando passos lentos e medidos. Internamente negávamos nossos impulsos. Aprendemos a não afirmar nossos desejos, idéias e opiniões. Num nível mais profundo, desenvolvemos a crença de que tudo que vinha de nós era suspeito e pouco meritório. A obediência cega constituía nossa meta mais elevada. Éramos encorajadas a permanecer infantilmente dependentes e nos diziam que nossas superiores tomariam todas as decisões por nós. Tais hábitos de au-

tonegação não desaparecem com facilidade, quando o feminismo nos incendeia.

Embora todas as mulheres submetidas ao patriarcado achem difícil afirmar-se, contrapondo-se à docilidade e à dependência que fomos ensinadas a emular, como sendo algo feminino, nós, que fomos treinadas na vida religiosa, achamos especialmente difícil ser forte e assumir nosso poder. Curou-me fundir o passado de filha dedicada da Igreja com meu atual fervor revolucionário e isto se deve à leitura destes depoimentos, ao fato de me ter encontrado e correspondido com muitas de suas autoras. Sim, carregamos as cicatrizes e a dor de velhas feridas, mas somos visionárias que acreditam com ardor no poder que o espírito tem de curar e transformar, a nós e ao mundo.

Não sei predizer como o silêncio rompido, por meio deste livro, afetará as comunidades religiosas. Algumas freiras poderão sentir-se expostas demais ou sob suspeição. Este livro não afirma, de modo algum, que todas ou até mesmo a maior parte das freiras são lésbicas, nem condena ou compactua com a atividade sexual nos conventos. Ele simplesmente rompe a crosta de alguns velhos preconceitos e proclama uma verdade: filhas e irmãs sempre resistiram à rigidez de seus pais.



Nancy Manahan, 1967

Com que silêncio este livro rompe?

Nancy Manahan

(Irmã Nancy Manahan, 1966 a 1967)

“Romper o silêncio” tem duplo significado. O primeiro deles é a ruptura do silêncio histórico relativo ao amor erótico entre mulheres dedicadas à vida religiosa. Este é o primeiro livro publicado sobre o assunto. O segundo significado provavelmente é familiar apenas para aqueles que participaram da vida religiosa. Antes das mudanças radicais na Igreja Católica, estimuladas pelo Concílio Vaticano II (1962-1965), o silêncio constituía a regra da vida conventual, sobretudo durante os anos de noviciado.¹ As freiras podiam conversar somente em momentos específicos, geralmente em grupos. Trabalhávamos, estudávamos e comíamos em silêncio. Conversar em outros momentos era uma grave infração à regra. Lembro-me de confessar a minhas irmãs e superiores no Capítulo das Culpas: “Quebrei o silêncio cinco vezes”. Todas essas vezes provavelmente eram com a irmã Johanna, minha particular amiga, no noviciado das Irmãs Missionárias da Ordem de Maryknoll, perto de St. Louis.

Entrei para o convento depois de dois anos de *college*. A Ordem de Maryknoll exigia apenas um ano de estudo ou trabalho, após o secundário, mas não me sentia pronta para deixar o mundo, após meu primeiro ano. Sentia-me perturbada diante de meu ceticismo crescente em relação à doutrina católica, in-

incluindo a crença num Deus cristão. Ainda assim sentia-me chamada para uma vida de serviço. Trabalhei num acampamento para crianças pobres e marchei com Martin Luther King Jr. em Chicago. Sentia-me consternada com o enorme Buick, os cristais finos e o belo piano de minha família de classe média, da zona rural de Minnesota, quando havia tanta gente morrendo de fome. Meus namorados provocavam em mim reações semelhantes à breve chama de um fósforo. No entanto os fogos atizados pelas paixões despertadas por minhas amigas do curso secundário e do *college* não evoluíram, no sentido de relacionamentos satisfatórios. Todas nós tentávamos ser heterossexuais. Tomei uma decisão racional: poderia me dedicar a uma vida de serviços entrando para uma ordem missionária. Esperava que meu ateísmo não importasse, ou que, uma vez que me entregasse ao estudo dos grandes místicos e dos doutores da Igreja, acabaria por enxergar a luz.

No noviciado da Ordem de Maryknoll, confessei minhas dúvidas religiosas a minha postulante, a irmã Rita Anne. Ela me sugeriu conversar com Johanna, uma postulante mais velha e convertida ao catolicismo, pessoa de grande lucidez. Johanna e eu debatíamos a história da criação, o pecado original, as indulgências e a infalibilidade do papa. Talvez nunca enxerguei a luz porque não queria que nossos encontros acabassem. Não sabia que estava apaixonada por ela. Sabia apenas que a capela vibrava, quando ela entrava, e sentia uma contração no estômago, quando ela se ajoelhava sem fazer o menor ruído, atrás de mim. Ansiava por seu toque.

Como assistente de enfermagem, Johanna me visitou, quando fui hospitalizada, devido a um cólon espástico e sintomas de úlcera. Em meu sofrimento, segurava na barra de seu comprido escapulário cinzento, procurando conforto. Até mesmo naquele momento receava que as outras nos vissem e ficassem sabendo. Tinha consciência de que aquilo que sentia por ela era errado. Ao sair do hospital, lembro-me de deitar-me de bruços, depois que o sino tocava, impondo completo silêncio, e com o

paletó do pijama desabotoado e descido. Ela entrava, calada, aquecia o creme nas mãos e me tocava. Eu mal respirava, enquanto ela me massageava as costas.

Decorridas algumas semanas, no meu segundo ano na Ordem de Maryknoll, ouvi Robert McAfee Brown falar. Eu estava numa sala repleta de gente que trabalhava em prol da justiça social e a maior parte não era freiras. Aquela noite me dei conta de que não precisava estar num convento para fazer o bem. Durante os cinquenta minutos que durou a volta ao noviciado com minhas irmãs, segurei a mão de Johanna, debaixo do escapulário, e chorei em silêncio. Não queria ir embora. Adorava cantar "Salve" com uma centena de mulheres, celebrando a mulher, o cosmos, enquanto a luz penetrava pelas janelas da capela. Gostava de cortar maçãs na cozinha, enquanto a irmã Belinda, junto a mim, enrolava uma torta. Gostava sobretudo de ter tempo para meditar cada manhã, ler cada tarde e estudar à noite.

Aquela noite, porém, soube que tinha de partir. A despeito de meus esforços para acreditar na Igreja, uma parte teimosa de mim recusava-se a capitular. A menos que eu acreditasse, sempre seria uma intrusa, uma fingida. Meu corpo me dizia, de todas as formas que conhecia, que eu não era feliz no convento. A Ordem de Maryknoll também não tinha correspondido àquele meu ideal que dizia: "Venda tudo o que tiver, dê aos pobres e siga-me". Não me ocorreu que o fato de estar apaixonada por uma mulher contribuía para minha decisão.

Parti duas semanas mais tarde. A irmã Johanna fez o mesmo, daí a seis meses. Fomos amantes durante sete anos. Eu não costumava falar muito sobre o convento com ela ou com quem quer que fosse. Era doloroso e íntimo demais. Ao partir, eu havia cortado a dimensão espiritual de minha vida. Como acontece com um braço amputado, o vazio doía, mas, toda vez que sentia falta daquele membro perdido, perguntava a mim mesma: "O que você quer? O convento?" A resposta era sempre: "Não".

Então, em 1981, durante uma sessão de terapia corporal, percebi que meu corpo conservava sentimentos profundos sobre minha vida na Ordem de Maryknoll e que, ao suprimir tais sentimentos, eu estava bloqueando uma poderosa energia sexual e espiritual. Não podia falar sobre o convento com meu terapeuta, meus amigos ou minha amante. Nenhum deles participara da vida religiosa. Eu precisava de outras lésbicas que tivessem sido freiras. A procura dessas irmãs foi o início do livro que você agora tem em mãos. Desde aquele tempo venho recuperando a dimensão espiritual de minha vida. Agora posso falar sobre a vida religiosa com pessoas que não a viveram. Já não sinto mais meu diafragma rígido como uma barra de ferro, impedindo-me de respirar profundamente. Ajudei a criar uma comunidade que não poderia ter imaginado, ao dar um abraço de despedida na irmã Johanna, no dia em que deixei a Ordem de Maryknoll: uma comunidade de freiras lésbicas e de ex-freiras.

Este livro rompe um tabu que engloba muitas camadas. A primeira delas é interna. Não fui a única freira incapaz de reconhecer que amava outra mulher. Não dispúnhamos de uma linguagem com a qual pudéssemos expressar nossos sentimentos e ações. Não tínhamos um nome.

O segundo tabu é interpessoal. Não falávamos com ninguém, nem mesmo com amigos mais chegados ou com amantes, sobre o que sentíamos e fazíamos uma com as outras. Nossas comunidades religiosas também mantinham silêncio sobre o assunto, a não ser por vagas admoestações sobre os males das “amizades particulares”. Até hoje a maior parte das freiras lésbicas, incluindo as celibatárias, não ousam revelar-se a suas comunidades religiosas.

Estas camadas de silêncio repousam sobre um mutismo que tem séculos de história. Mesmo as fontes que abordam a sexualidade, a gravidez, o abandono das ordens religiosas e outras formas de “desvio”, relacionado aos conventos, silenciam sobre o tema dos relacionamentos com o mesmo sexo. Boccacio, por exemplo, satiriza unicamente a licenciosidade heterossexual

nos estabelecimentos religiosos da Itália. Scipio de Ricci, um bispo católico, investigou a corrupção monástica na segunda metade do século 18, num livro intitulado *Conventos Femininos: Segredos Revelados*. De acordo com De Ricci, a atividade sexual entre padres ou monges e freiras era comum, e muitas religiosas ficaram grávidas. O autor não menciona, porém, relações sexuais entre freiras.²

Em nosso século, Eileen Power, autora de *Conventos Ingleses Medievais*, discute o grande problema do abandono da castidade, mas jamais insinua que, do século 13 ao século 16, algumas freiras inglesas possam ter-se relacionado entre si.³ Mais recentemente Helen Rose Fuchs Ebaugh, ex-freira e socióloga, publicou um estudo erudito sobre as freiras que permaneceram e as que abandonaram três ordens religiosas após o Vaticano II. Ebaugh jamais menciona lésbicas ou sugere que o fato de amar uma mulher possa ter contribuído para as decisões das freiras, no sentido de partir ou permanecer.⁴ Até mesmo o título promissor de um livro publicado em 1975 — *Uma Freira Enrussada* — refere-se apenas a um romance de mistério e narra o assassinato de duas freiras, em meio a um elenco de personagens heterossexuais.

Algumas pistas históricas sobreviveram, porém. A maioria foi escrita por outras pessoas que não as próprias freiras lésbicas. Que provas de nossa existência podem-se encontrar nessas obras? Os seguintes fragmentos servem para esboçar os contornos de algumas freiras incomuns do passado.

Um indício antigo de amor erótico entre mulheres na vida religiosa surge no século 5, quando Santo Agostinho preveniu uma comunidade de freiras, da qual sua irmã fora superior, que o amor que elas tinham uma pela outra “não deveria ser carnal, mas espiritual” e que “aquelas coisas que são praticadas por mulheres impudicas, até mesmo com outras mulheres... não deveriam ser praticadas nem mesmo por mulheres casadas... e muito menos por viúvas ou virgens castas, dedicadas, por meio de um voto sagrado, a serem servas de Cristo”.⁵

Outro indício são os livros de penitências da Idade Média e da Renascença, livros usados pelo clero, que prescreviam punições para os pecados. Eles se estendiam largamente sobre atos homossexuais entre homens e incluíam cláusulas para as mulheres leigas e as freiras que se entregassem a um comportamento homossexual. De acordo com o teólogo inglês Derrick Sherwin Bailey, esses livros de penitências prescreviam, em geral, punições mais severas para as religiosas do que para as transgressoras leigas. As mulheres seculares que confessassem um comportamento sexual recebiam penas de três anos, enquanto as freiras recebiam sete anos.⁶ Bailey menciona os concílios da Igreja em Paris, em 1212, e em Rouen, em 1214, que proibiam as freiras de dormirem juntas. As fundadoras de ordens religiosas também se preocupavam com a questão das celas e dormitórios. As regras relativas à vida conventual entram em alguns detalhes sobre o assunto.

No século 16 o jurista Antonio Gomez registra que duas freiras foram queimadas por recorrerem a "instrumentos materiais". Louis Crompton acredita que o termo se refere a consoladores, usados durante o ato amoroso, pois o emprego desses instrumentos para a masturbação não teria acarretado condenação tão rigorosa.⁸

Judith Brown descobriu o que acredita ser o primeiro exemplo documentado de um relacionamento lésbico entre freiras. Seu trabalho, escrito a partir de investigações realizadas em arquivos, "*Sexualidade Lésbica na Itália Renascentista: o Exemplo da Irmã Benedetta Carlini*" descreve a investigação eclesiástica sobre uma jovem abadessa, que dizia passar por experiências místicas extraordinárias. A investigação revelou que ela estava tendo um relacionamento sexual com outra freira. As transcrições do julgamento contêm informação explícita sobre o ato sexual. Brown situa as transcrições num contexto histórico e as interpreta com grande sensibilidade.⁹

Um caso estranho, ocorrido no século 17, na Espanha, envolveu uma mulher que, segundo consta, fugiu de um conven-

to, disfarçada de homem, e viveu como aventureiro e soldado durante vinte anos. De acordo com seus biógrafos, Catalina De Eranso contraiu noivado com mulheres várias vezes, embora “seja de imaginar que a luta, para ela, apresentava mais encantos do que fazer amor com jovens senhoras ou ricas viúvas”.¹⁰

Para salvar o pescoço, após um duelo sangrento, Catalina revelou seu sexo e foi mandada de volta a um convento de Clarissas. Ao sair dele, dois anos depois, foi festejada como uma celebridade e, durante uma audiência com o papa, recebeu a permissão de usar trajes masculinos para o resto da vida. Ao morrer, em 1650, foi enterrada na igreja, “com cerimônias apropriadas a um eclesiástico piedoso”.¹¹

Alguns traços de experiências lésbicas podem ser encontrados nos escritos das próprias freiras. John Boswell traduziu o que qualifica “o exemplo mais notável da literatura lésbica medieval”, escrito por uma freira da Bavária a outra, no século 12. Começa assim: “A G., sua rosa singular/De A. — os laços de um precioso amor” e prossegue: “Quando recordo dos beijos que tu me deste/E como, com ternas palavras, acariciaste meus pequenos seios/Sinto vontade de morrer”. O poema, na sequência, insiste para que a amiga retorne para casa com a maior rapidez.¹²

Uma freira mexicana do século 17, soror Juana Inez de la Cruz, conhecida como “a sétima Musa”, e que se correspondia com os artistas e intelectuais de sua época, escreveu panfletos feministas e compôs poemas de amor para mulheres. Soror Juana ingressou na vida religiosa pelas mesmas razões de muitas das colaboradoras de *Freiras Lésbicas: Rompendo o Silêncio*, isto é, a fim de escapar ao casamento, receber uma sólida educação e viver numa comunidade de mulheres.¹³

As biografias de fundadoras de ordens religiosas femininas também podem fornecer pistas sobre as amizades românticas, por detrás dos muros dos conventos. Por exemplo, *Frances Ward*, por Kathleen Healey, retrata o intenso relacionamento entre Ward, a fundadora das Irmãs da Misericórdia, nos Estados Uni-

dos, e Catherine McAuley, que fundou a mesma ordem na Irlanda. Suas cartas e diários exprimem o ardente amor que uma sentia pela outra, e que incentivou seu trabalho. Ao contrário de biógrafos anteriores, a autora aborda com maior abertura o relacionamento amoroso, revelando, por exemplo, que Frances não foi chamada ao leito de morte de Catherine porque a freira que dela cuidava sentia ciúmes da intimidade das duas.¹⁴

Saber se essas mulheres tiveram algum dia contato físico não é o que mais importa. Conforme afirma Lillian Faderman, “lésbico descreve um relacionamento no qual as emoções e os afetos mais fortes de duas mulheres são dirigidos de uma para outra. O contato sexual pode fazer parte do relacionamento em grau maior ou menor, ou então pode estar inteiramente ausente”.¹⁵

Muito menos circunspecta do que as biografias e autobiografias é a quantidade de artigos, novelas e peças escritas na década de 1980, que tratam abertamente das freiras e ex-freiras lésbicas (v. leituras adicionais).

Mary Gilligan Wong, em sua autobiografia publicada em 1983, *Memórias de uma Freira*, inclui descrições de duas amizades de convento, uma delas assustadoramente intensa, e o relato de um diálogo recente com um padre gay.¹⁶ Ela reconhece o erro em ter presumido que havia uma incidência muito baixa de homossexualidade no convento e que “aquelas que demonstraram tais tendências foram imediatamente solicitadas a partir”. Wong conclui que, provavelmente, nunca saberá a verdade, pois “a emoção que cerca tais eventos, dentro e fora do convento, permanece intensa e as irmãs lésbicas, enquanto tal intensidade persistir, sem dúvida continuarão a ser muito e muito discretas”.¹⁷

Temos sido sufocadas pela discrição, mas, dentro e fora dos conventos, estamos finalmente revelando nossas histórias, neste livro, em circulares, boletins informativos, revistas, conferências, seminários e pequenos grupos, através do país. Estamos encontrando-nos e reconhecendo-nos. Após séculos de invisibilidade, finalmente rompemos o silêncio.

AS FREIRAS LÉSBICAS

Notas

1. Ver o glossário, para termos religiosos e conventuais.
2. Scipio de Ricci. *Female Convents: Secrets of Nunneries Disclosed*. Thomas Rosco (ed.), Nova York, D. Appleton, 1834.
3. Eileen Power. *Medieval English Nunneries*. Cambridge, England, The University Press, 1922.
4. Helen Rose Fuchs Ebaugh. *Out of the Cloister: A Study of Organizational Dilemmas*. Austin, University of Texas Press, 1977.
5. Citado em Derrick Sherwin Bailey, *Homosexuality and the Western Christian Tradition*. London, Longmans, Green Co., 1956, p. 85.
6. Bailey, pp. 120-123.
7. Louis Crompton. *The Myth of Lesbian Impunity: Capital Laws from 1270 to 1791*, *Journal of Homosexuality*, 6 (1/2): 17, outono/inverno de 1980/1981.
8. Diálogo com Crompton, 22 de maio de 1984.
9. Judith C. Brown. *The Case of Sister Benedetta Carlini, Signs: Journal of Women in Culture and Society*, 9 (4): 751-758, verão de 1984.
10. Edmund B. D'Auvergne. *The Nun Ensign*. London, Hutchinson, s. ed., p. 26.
11. D'Auvergne, p. 43.
12. John Boswell. *Christianity, Social Tolerance and Homosexuality: Gay People in Western Europe from the Beginning of the Christian Era to the Fourteenth Century*. Chicago, University of Chicago Press, 1980, p. 220.
13. Octavio Paz. *Juana Ramirez: Her Life and Writings, Signs: Journal of Women in Culture and Society*, outono de 1979, pp. 80-97.
14. Kathleen Healey. *Frances Ward*. New York, Seabury, 1973.
15. Lillian Faderman. *Surpassing the Love of Men: Romantic Friendship and Love between Women from the Renaissance to the Present*. New York, William Morrow, 1981, pp. 17-18.
16. Mary Gilligan Wong. *Nun: A Memoir*. San Diego, Harcourt Brace Jovanovich, 1983, pp. 119-125 e 224-226.
17. Wong, p. 382.

Primeira Parte

Vozes de fantasmas

Como era viver num convento? Como descobrimos que éramos lésbicas? Décadas depois de deixar nossas comunidades religiosas, descobrimos fantasmas de conventos ainda assombrando nossos sonhos. Recordamos com ternura nossa desajeitada ingenuidade. Nossas lembranças da luta emocional e dos desejos reprimidos fortalecem nossas vidas presentes, enquanto ativistas políticas e líderes espirituais.



Jeanne Cordova, 1983

Meu coração imaculado

Jeanne Cordova

(1966 a 1967)

Distorcida pelo fantasmagórico nevoeiro de inverno, a luz vermelha, no topo da fachada da prefeitura de Los Angeles, acendia e apagava 34 vezes por minuto. Deveria ficar ou deveria partir? Meu coração palpitava no ritmo daquela luz, enquanto estava em minha cela, que ocupava havia cinco meses. Deveria ficar ou precisaria partir?

Prometeram-me trajes monásticos, uma esplêndida liturgia latina, a proteção de três votos sagrados, a paz dos santos, numa cela tranqüila, e a irmandade de uma família inteira. Eu, porém, ingressei na vida religiosa no mesmo ano em que João 23 a desmontava: 1966. Os pais da Santa Igreja Católica e Apostólica Romana realizavam o Concílio Vaticano, destruindo, em nome da MUDANÇA, meus sonhos. Suprima-se o ritual em latim. Ponha-se de lado o hábito. Bolas para a sagrada obediência! Mandem as freiras e padres viverem no mundo real. Se eu quisesse o mundo real, teria permanecido nele!

Minha “célula”, situada no sétimo andar do Convento do Imaculado Coração de Maria de São José, no centro de Los Angeles, esquina da Rua Dois com Skid Row (Rua Los Angeles), era assustadoramente real. A madre superiora, com muita acuidade, a descrevia como “tarefa missionária”. Eu era jovem de-

mais para compreender aquele mundo de bêbados que viviam abaixo de mim, do outro lado do muro e dos portões, mas minha alma sentia a solidão que minha inexperiência não permitia descrever. Minha visão do mundo real era os últimos cinco andares da Prefeitura, com sua luz vermelha que piscava o tempo todo, desviando os aviões e os sujeitos que poderiam se perder em território proibido. Deveria ficar ou deveria partir? Tudo o que sempre desejara na vida era ser freira. E agora que o era, a vida revelou-se um inferno.

Quando os que não são católicos indagam, como SEMPRE o fazem, “Por que você se tornou freira?”, o que eles querem dizer, na verdade, é “Meu Deus, mas afinal de contas por que você fez isso? Seus pais lhe fizeram uma lavagem cerebral? Você era feia demais para agarrar um homem? Sentia-se culpada? Não conseguia emprego? Queria fazer o *college* sem pagar?” Até mesmo os católicos comuns não conseguem entender a doce loucura que é ouvir a voz de Deus, impelindo aquela a quem Ele escolheu a amá-Lo.

Meus pais eram católicos fervorosos. “Devotos” era a descrição usada por seus amigos. “Fanáticos” era a expressão empregada pelos meus, quando lhes contei que tinha onze irmãos e irmãs. Mamãe era uma irlandesa católica de Queens, Long Island, criatura muito reclusa, de classe alta e educada num convento, que, provavelmente, tomou conhecimento do controle da natalidade ao ler o *Los Angeles Times* entre o nono e o décimo filho. Meu pai era um explosivo militar mexicano (“hispanico”, segundo suas palavras), que se apegou ao catolicismo em seu leito de morte, aos 26 anos de idade, foi milagrosamente curado, casou-se com uma criatura de classe alta (felizmente era a mulher de sua escolha apaixonada) e criou sua “tropa” com disciplina militar.

Seria fácil atribuir ou pôr a culpa em tais antecedentes para explicar por que me tornei freira, mas as bem-sucedidas carreiras seculares de minha “tropa” de irmãos são um desmentido a esta teoria tão cômoda. Tenho um irmão caçula que, recente-

mente, ingressou num mosteiro, mas os outros dez, aparentemente, nunca dispensaram qualquer atenção à vida religiosa. Minha natureza extremista, herdada de meu pai, provavelmente tem tudo a ver com o fato de me entregar inteiramente ao catolicismo, mas não a meus namoros obrigatórios, nas noites de sábado!

Talvez tornei-me freira porque, no meu tempo, as garotas tinham duas opções: crescer e casar com um papel carbono do papai ou tornar-se freira. Sendo uma menina inteligente e sabendo subconscientemente que era gay, o que podia fazer? Dezenas de amigas católicas conseguiram encontrar seus eus sáfi-cos sem entrar para o convento, mas, para mim, ele representava o AMOR.

Aos 7 anos de idade planejei minha vida. Fiz uma promessa ao Menino Jesus de Praga de entrar para o convento, ao crescer, e dedicar minha vida ao serviço de Deus. Exatamente como acontece nos filmes, quando a estrela se apaixona e se casa, assim seria comigo e Jesus. Apaixonar-se por Jesus e Maria era uma obsessão simples, racional e inexplicável. Jesus deu sua vida por mim. Quem poderia pedir algo mais a um amante? Maria, doce mãe, suave protetora, fonte infinita de ternura, era a imagem perfeita para os que amavam as mães. O próprio Deus era um paizão que prometia recompensas, tais como a imortalidade, se a gente obedecesse seu programa, durante toda nossa existência de mortais. Durante doze anos entreguei-me às comoções de um compromisso eterno com meu primeiro amante — Deus.

Entre os sete e os dezenove anos freqüentava a missa e comungava todas as manhãs, sete dias por semana. Quando, recentemente, meu médico perguntou-me se tinha comido muito ovo, durante toda minha vida, tive de usar uma calculadora para acrescentar as vezes que eu tinha ido à missa. Toda manhã mamãe punha dois ovos cozidos e duros na minha lancheira, para comer depois da missa. Isto significava aproximadamente um quarto de milhão de ovos. De segunda a sexta, mês

após mês, ano após ano, nós, crianças, sentávamos em nossas carteiras pela manhã, nas aulas de inglês, mastigando ovos duros. Pisar em cascas de ovos e espalhar pelo chão migalhas de pão com manteiga teriam sido motivo suficiente para nos expulsarem de qualquer escola pública, mas as freiras apenas sorriam com indulgência, se eu não conseguia pronunciar direito as palavras, pelo fato de minha boca estar cheia. Até os dias de hoje censuro o cristianismo por minha pronúncia defeituosa, que é das mais notórias.

Ao voltar para a classe todos os dias, após o recreio, parei de dizer alô a Jesus. Enquanto as demais meninas estavam ocupadas em comer seu lanche, eu ia para meu lugar especial na igreja, a fim de conversar com Jesus, muito embora, de vez em quando, me fosse difícil parar de jogar beisebol. Gostava de rezar diante do pequeno altar lateral, que tinha a imagem do Menino Jesus de Praga. Em certas épocas do ano o padre mudava as roupas da imagem que eu considerava só minha: púrpura, para a dor, durante a Quaresma, laranja, para comemorar o Natal, e branco, com debruns dourados e brilhantes, durante a Páscoa. Imaginava se o Menino Jesus notava que, de vez em quando, me atrasava um bocado, durante a temporada de beisebol. Durante o ano inteiro ele permanecia ali, sorrindo ociosamente, usando a mesma coroa dourada, cravejada de rubis.

As coisas caminharam suavemente, falando em termos religiosos, durante os quatro anos seguintes. Dos sete aos onze anos, aprendi a arte da contemplação. Ajoelhava-me durante quatro horas seguidas e nunca sentia o menor incômodo. No verão, quando a temperatura subia a 40 graus, algumas crianças desmaiavam nos bancos, pois não conseguiam chegar ao fim das Estações da Cruz. Para a subida ao Calvário, que Jesus realizava todas as sextas-feiras à tarde, durante a Quaresma, as freiras empilhavam oitocentas crianças na igreja. A temperatura no sul da Califórnia podia ultrapassar os 38 graus, mas eu jamais desmaiava, pois, afinal de contas, era uma Cordova, e papai sem-

pre dizia que nós jamais capitulávamos. Além disso, todo mundo sabia que eu iria entrar para o convento, e freiras não desmaiavam enquanto rezavam. A vida era bem simples: eu me dividia entre a igreja e o campo de beisebol. Era só do que eu precisava. A vida era boa.

Então as coisas se complicaram. Quando estava no sexto ano, pretendi ingressar na primeira equipe de beisebol e fiquei conhecendo a srta. Trujillo. Com o despertar da minha puberdade, que coincidiu com o despertar da puberdade da srta. Trujillo, iniciei uma vida dupla. À minha vida de aspirante a freira acrescentava-se a de lésbica latente.

Quando cheguei ao segundo ciclo do ginásio já era tempo de encarar os aspectos práticos relativos a minha entrada para um convento. Quando uma ex-freira se encontra com outra, ela jamais diz tolices do tipo “Mas que coisa! Você não tem cara de freira” ou “Não, você não. Não acredito!” Suas palavras são: “Qual era sua ordem?”

No primário vivíamos cercadas de beneditinas. Além de pensar que o mundo inteiro era católico, julguei também que só existissem freiras beneditinas. No segundo ciclo foi uma grande novidade descobrir as carmelitas, as freiras de São Luís de França e, claro, as freiras do Imaculado Coração de Maria (ICM). O modo mais fácil de manter clareza quanto a essas diferenças cruciais é através das cores. As carmelitas usavam hábitos marrons. As beneditinas usavam marrom e preto. As freiras de São Luís de França vestiam-se de preto, com um ridículo toucado quadrado em torno do rosto, sem dúvida inventado no século 18. E as ICM — sossega, coração! — trajavam aquele lindíssimo hábito azul-rei e preto. Detesto reduzir a direção de minha vida religiosa a esquemas de cor, mas...

As irmãs Paul Francis e Mary Anthony, ambas ICM, finalmente desequilibraram a balança. Eu me “amarrei” na irmã Paul Francis desde o dia em que o alto-falante, na aula de religião, anunciou a morte de Kennedy em Dallas, e eu a vi sentar-se, estatelada, e começar a chorar. A partir desse dia, sentei-

me na primeira fileira, para “poder tomar conta dela”. Mary Anthony? Mas que sapatão! Claro que, naquela época, eu dizia “Mas que doçura!”. Senti um aperto enorme no coração a partir do dia em que Kathy O’Brien começou a levá-la de volta para casa, em vez de mim, depois que treinávamos beisebol.

Além da minha luxúria latente por duas ICM, amei o delicioso noviciado em Montecito, ao sul de Santa Bárbara. Não apenas Clara, a conselheira de nosso acampamento, ia entrar para o ICM, mas todo mundo que era alguém dirigia-se a Montecito. As ICM tinham entusiasmo e prazer de viver, além de uma intensidade espiritual, que, mais tarde, reconheci como algo de muito próximo a mim. Quando estava nos três últimos anos do segundo ciclo, contava os dias passarem, até chegar o momento de ir ao encontro das ICM em Montecito, como postulante.

Naquela tarde quente de verão — dia 6 de setembro de 1966 — eu, papai e mamãe e quatro de meus irmãos mais velhos fizemos uma viagem de duas horas em direção a Santa Bárbara. Papai arriou a capota do carro e todos nós cantávamos e ríamos. Não sei dizer o que meus pais pensavam ou sentiam. Eles nunca se manifestaram e eu nunca perguntei. Talvez era o mesmo que outros pais diziam: sentiam-se orgulhosos por ter uma filha que entrava para a vida religiosa. Recordo-me nitidamente do dia em que cheguei em casa, após deixar o convento. Mamãe lia tranqüilamente, na sala de estar. Tentei explicar por que tinha me retirado e tropecei nas minhas próprias palavras. Não podia dizer: “EU ME SENTIA INFELIZ!” Em vez disso, apenas declarei: “Sinto muito, mamãe. Não deu certo”. Ela, aliás, nunca me interrogou sobre o assunto. De qualquer modo, naquele dia de setembro, quando papai e mamãe me deixaram no convento, eu estava em casa.

No dia seguinte começaram a surgir algumas dificuldades, como, por exemplo, ter Patti como companheira de quarto. Pertencendo a um bando de doze filhos, não fui criada para me mostrar muito exigente em relação a certos detalhes, como, por exemplo,

irritar-me porque a tampa do tubo da pasta de dentes não foi posta de volta. Patti, porém, implicava com meu “relaxamento”, de manhã à noite. Algumas garotas caçoavam de meus óculos escuros. Eu os usava desde o segundo ano, quando a irmã Mary Vincent disse: “Vejo tudo o que você sente nos seus olhos, Jeanne. Não me olhe desse jeito”. Desde então nunca mais olhei para ela ou para quem quer que fosse sem os óculos escuros.

Foi então que conheci Michelle. Seus olhos azuis provocaram em mim a maior perturbação. Ficava acordada, pensando por que ela não era minha companheira de quarto. Conseguia ouvi-la rindo no hall e divertindo-se com Donna, sua companheira de quarto. Quando a madre Humildade convocou Michelle e eu à sua sala e nos passou um carão por passearmos no jardim e sermos “amigas particulares” não entendi nada, do mesmo modo que não entendi quando mamãe me levou ao seu quarto, quando eu ainda estava no segundo ano, e me mostrou um cartão que Kathy O’Brien me enviou no Dia dos Namorados. “Afim de contas, o que quer dizer isto?” Olhei para o cartão, que mostrava um enorme leão, com um rubi falso no focinho, e continha os garranchos de minha amiga: “Você é uma fera, mas eu te amo assim mesmo! Sempre sua, Kathy”. Foi minha vez de perguntar: “O que quer dizer isto, mamãe?” Ela então me disse que eu não poderia mais passar os fins de semana na casa de Kathy.

Madre Humildade disse a Michelle e a mim que não podíamos mais passear no jardim e que as amizades particulares não eram “do agrado de Deus”. Um mês mais tarde Michelle escorregou no chão da cozinha, enquanto lavava os pratos, ficou com uma leve contusão e foi enviada para um quarto particular, destinado às doentes, onde a irmã Agnes Marie, uma noviça, cuidou dela. Certo dia Patti cochichou para mim que Michelle e Agnes Marie eram amigas particulares e fiquei triste. Anos mais tarde, amigas e na cama, Michelle me confessou que ela costumava “ficar doente” de modo muito oportuno e com bastante frequência, naquela época.

Senti-me triste e solitária ao conhecer a irmã Anne Marie, noviça que tocava violão e cantava como um anjo. Ensinou-me “Puff, o dragão mágico”, que toquei durante dois meses, pois não podia vê-la com suficiente assiduidade para aprender mais uma canção. Não consigo me lembrar como foi possível me apaixonar em vinte minutos, mas aconteceu — com a irmã Louise e seus olhos azuis. Ela foi mandada embora depois de três semanas. Todo mundo me abandonava e eu não tinha ninguém com quem conversar, com exceção de Jesus e Maria.

No meio desses teřremotos de minha sexualidade latente, o Concílio Vaticano alterou o curso da existência daquele pequeno ser. Todos os Estados Unidos católicos ouviriam, em breve, falar da irmã Corita e das ICM: “Aquela ordem maluca da Califórnia, que está indo longe demais”. Eu estava no olho do furacão, só de freqüentar as aulas de teologia como uma pequena postulante, embora triste e confusa, quando a Igreja Católica ingressou no século 20.

Paramos de dizer nossas orações em latim. Falava-se em deixarmos de usar o hábito. Padres que nos visitavam, de nome Berrigan, Elliot, Duran e outros igualmente famosos, davam seminários ou passavam por lá e ficavam para jantar. Nossas professoras reinterpretavam os sacramentos, conceitos segundo os quais eu vivera desde o nascimento. Podíamos comer carne às sextas-feiras. Agora diziam-nos que aqueles que não eram católicos podiam ser tão bons quanto os católicos. Não podíamos mais entoar os cânticos gregorianos com a mesma freqüência. Quando chegasse a época de tomarmos os primeiros votos, a ordem provavelmente não estaria mais usando o hábito.

A década de 60 irrompeu nos muros do convento. Os tempos mudavam e eu estava sozinha, com meu violão e outra canção: “Alô, escuridão, minha velha amiga”. Enquanto minha visão começava a enfraquecer, fundindo-se com meu próprio silêncio, fomos convocadas para a sala da madre superiora, no dia 1º de janeiro de 1967, e nos comunicaram que seríamos mandadas para Los Angeles, onde viveríamos em conventos, no mun-

do real, e freqüentáramos o Colégio do Imaculado Coração.

O lar, para mim, tornou-se uma cela de 1,5 por 3 metros, num prédio de concreto cinzento de nove andares, protegido por uma cerca de 5 metros de altura, levantada para proteger as crianças do curso primário contra os vadios. O lar era um alojamento, que eles denominavam convento, na esquina da Rua Dois e Skid Row. O lar começava a se resumir em ensinar crianças do primário e ir para a cama de vez em quando sem que ninguém tivesse pronunciado meu nome, pois as outras catorze freiras só falavam espanhol. O lar significava uma solidão e uma confusão abissais.

Parei de me levantar para assistir à missa das 6h30 na capela escura e fria. Já não se “requeria” mais que as freiras comparecessem às missas diariamente. No *college*, as freiras mudavam seus nomes e passavam de irmã Carlos Borromeo a Jane Smith. Havia muito pouca coisa que importava, exceto deter minha dor. Imaginei se acaso Deus estava querendo me comunicar algo.

O convento de Michelle tinha a reputação de ser uma “casa de badalações”. Quando eu a vi na classe, no *college*, ela me contou que estava ficando amiguinha de sua madre superiora. Eu tinha certeza de que minha madre superiora sequer sabia qual meu primeiro nome. De vez em quando eu ria sozinha, no meio da noite. Graças a Deus Patti não tinha sido mandada para aquele “convento” situado num bairro de vagabundos e esquecido de Deus. A maior parte do tempo eu não ria.

O campus do *college*, porém, era um mundo belo e novo. Gente famosa, como a irmã Corita, nos ensinava a apreciar a arte. Um “exercício” incrível consistia em andar ao longo das tampas das carteiras, nas salas de aula, dando pinceladas em telas e “expressando-nos”. A irmã Richard, um crânio em filosofia, ligava o sacramento do batismo à ordem do cosmos. Eu ouvia as freiras mais velhas conversarem e discutirem sobre as grandes mudanças que ocorriam em Montecito. Muito embora ninguém tivesse grande coisa a dizer a nós, humildes postulantes, foi, sem dúvida, um momento excitante para uma caloura do *college*, en-

tão com 19 anos. Bem mais tarde, quando os amigos perguntavam o que eu achava dos méritos do conjunto de rock The Doors em oposição ao The Grateful Dead, ou das vantagens do ácido lisérgico em relação à mescalina, eu acolhia suas indagações com um olhar atônito. Minha amante ficava maravilhada de ver como alguém de minha idade tinha conseguido perder os acontecimentos mais importantes (rock e drogas) da década mais importante de nossa importante geração. Nos limites da idade adulta, quando a vida deveria ter sido uma abertura, eu simplesmente atolava no pântano dos sonhos impossíveis.

Certa noite, o que era uma raridade, o telefone interrompeu o silêncio. Era Patti, avisando-me para interromper minha amizade com Sally Jacobs. Minha nova amiga Sally era uma das poucas garotas do *college* que conversavam comigo. Eu estava convencida de que ela era a criatura mais brilhante do campus. Todo mundo dizia que se tratava de um gênio. Além do mais, era caloura, o que me levava a admirá-la ainda mais. Era uma pessoa tão interessante que até mesmo algumas das freiras jovens subiam até seu quarto para um bom bate-papo. Sentia-me feliz por, finalmente, ter encontrado uma amiga. O aviso de Patti foi o primeiro de muitos. Outras postulantes diziam-me que eu não devia ser amiga de Sally.

A irmã Rose, superiora que se ocupava de nós, postulantes, convocou-me para ir a sua sala. Queria informações sobre minha família e meus antecedentes. Acaso eu me sentia feliz? Tinha certeza de que a vida de convento era o que eu desejava? Será que eu entendia de pobreza, castidade e obediência? Que ridículo! Eu não vira nenhuma pobreza, desde o dia em que cheguei a Montecito. Achava que castidade significava não beijar homens. E é claro que obedecia. Ignorava o que mais deveria fazer e então me limitava a cumprir ordens. A irmã Rose quis saber de Michelle. Disse que amizades particulares poderiam referir-se a pessoas que não eram freiras e, com isso, subentendia Sally.

Àquela altura não dei a menor importância ao que a irmã

Rose me disse, talvez por estar faltando à missa ou porque me sentia a tal ponto solitária que seria capaz de dialogar com o próprio demônio, se ele se dispusesse a tanto. Permaneci amiga de Sally e tentei conversar com ela sobre o fato de me sentir só no convento. Ela disse que era muito duro acostumar-se a um novo estilo de vida e que eu deveria agüentar, demonstrar firmeza e, provavelmente, seria enviada para um convento mais acolhedor no verão. Sally foi designada para ingressar no ICM. Ela achava que a ordem passava por um momento delicado e, ao pretender ingressar, disseram-lhe que aguardasse durante um ano. Ficou sem saber o motivo. Sally disse para não me preocupar com as amizades particulares, pois sabia que algumas das freiras mais velhas eram “amigas” muito íntimas. Enquanto eu girava em torno de Sally, percebia que as demais freiras eram grandes amigas dela ou, pelo menos, pareciam ser. Eu, porém, não entendia.

Certo dia perguntei a Michelle por que ela podia ter amigas particulares e eu, pelo visto, não. Sua resposta fez de mim uma adulta. “Você não está fazendo o que é preciso”, ela disse. “Não está demonstrando a menor sutileza. Em vez de meias, usa meias soquete. Corta o cabelo curto demais. Usa óculos escuros. É óbvia demais.”

— Óbvia em relação a quê? — perguntei.

— Em relação às amizades particulares! — Michelle retirou-se rapidamente, indo para a aula.

Óbvia demais em relação às amigas? Era a maior cretinice que eu ouvira até então. No ginásio eu tinha muitas amigas. O que as meias soquete teriam a ver com amizades particulares? Que diferença faz o número de vezes que vou até o quarto de Sally e o fato de ser sutil em relação a isso?

Foi então que a luz se fez: Michelle estava tentando me dizer para ser dissimulada. Obediência significa abaixar a cabeça, dizer “Sim, irmã” e, em seguida, fazer o que você quer. Hipocrisia, em suma.

Naquela primavera de 1967 observei Michelle, Sally e as de-

mais freiras. Notei que muitas não iam à missa, reparei em muitas amizades particulares, toda uma subcultura de grupos fechados e abertos, quem eram, como agiam e como era possível mentir em relação ao que quer que fosse e sair-se bem. Para uma postulante solitária, num mundo triste, desprovido de amizades, aquilo era um ultraje absurdo. Senti-me vazia de amor por Jesus e pelas ICM, que traíam e zombavam de minha inocência.

Certa noite quente de maio levantei-me da cama, fechei as persianas e não olhei mais para a luz que piscava sem parar. Abri a pequena mala que levava para Montecito, pus dentro dela as duas toalhas que mamãe me dera, o pesado crucifixo de aço, presente de Anne Marie em Montecito, meu hinário, um retrato de minha família, a roupa de baixo, a saia e o paletó do uniforme, uma blusa branca e minhas meias soquete.

Sentei-me e tentei escrever uma carta, explicando à irmã Rose o motivo de minha partida, mas não conseguia encontrar palavras que exprimissem minha raiva e o sentimento de ter sido traída. Na manhã do dia seguinte simplesmente fui até a sala dela e disse: "Vou embora".

Deixem-me terminar minha história por meio de um epílogo, que é também a história de Michelle, pois ela, até o dia de hoje, continua sendo minha mais íntima amiga lésbica. Não me recordo daqueles dias traumatizantes que se seguiram à minha partida. Uma pessoa sofre um choque emocional, quando morre um amante. Por mais simplório que possa parecer àqueles que jamais amaram a espiritualidade, eu construíra toda minha vida em torno do amor a Deus e ao ideal de me tornar freira. Essa vida encerrou-se naquela noite. Michelle, muito persuasiva, convenceu sua madre superiora a permitir que eu ficasse no convento dela, em sua companhia. Explicou que eu não tinha para onde ir, absolutamente nada em meu nome, não possuía carro, emprego, instrução, dinheiro ou roupas. Talvez também tenha mencionado que eu era tremendamente ingênua e não deveria ser forçada a enfrentar o mundo frio e cruel.

Então, após ter ingressado no convento e depois de abandoná-lo, fui morar num convento. Acomodei-me durante dois meses com minhas antigas irmãs, ensinei as alunas do quinto grau como distinguir a África da América do Sul e consegui meu primeiro emprego endereçando cartas para o Registro Social de Beverly Hills, onde ganhava 75 centavos por hora.

Fiz planos para o futuro, com Michelle, e procurei imaginar o que fazer com os próximos sessenta anos de minha vida. Durante o segundo mês, Kate, uma “querida amiga” da madre superiora, apareceu bem tarde, certa noite. Ao verificar que a madre superiora não estava, ficou para conversar comigo. Nas altas horas da madrugada eu me dei conta de que uma mulher estava flertando comigo. Kate levou-me para “seu canto”, como dizemos. Tudo que me lembro daquela noite foram dois uíques e meu primeiro orgasmo.

Duas semanas mais tarde, deixei a casa conventual de Michelle, na companhia de Kate. Três anos depois Michelle saiu de lá, com a irmã Sebastian! Patti partiu com um homem azarado, numa data que eu achei melhor esquecer. Anne Marie foi embora com um doce frade franciscano, dois anos mais tarde. A madre superiora de Michelle, aquela mulher tão afetuosa que me ofereceu meu primeiro lar de adulta, partiu logo após Michelle, a fim de participar dos movimentos políticos de meados da década de 70. Cada uma de nós retirou-se à sua própria maneira.

Fui embora tomada de ódio e amargurada diante da hipocrisia santificada, acreditando que essa era a razão de minha “retirada”. Ao deixar alguém a quem amamos, construímos mentiras, bem como reconhecemos verdades, apenas para ter a coragem de partirmos. Qualquer desculpa ajuda-nos a sobreviver. Canalizei meu ressentimento, transformando-o em amor pelos gays enquanto pessoas oprimidas. Minha amargura exige que o mundo dos que não são gays ceda-nos lugar e aceite nossos direitos. Aprendi que minha raiva me leva para onde outros receiam ir e que a indignação é boa aos olhos de qualquer Poder

Superior, se ele nos conceder aquela capacidade de um justo sentimento mesmo que mal orientado.

Imagino o que minha mãe diria agora, decorridos dezessete anos, se eu lhe contasse a verdadeira razão pela qual me solicitaram a deixar o convento. Será que ficaria chocada, como ficou com tanta freqüência, nesta última década, quando ouve falar de minhas proezas ligadas ao movimento de liberação gay, se eu acaso lhe dissesse que o “Deus” dela precisava de mim no mundo, pois Ele tinha falta de ativistas gays? Meu lesbianismo é mais do que minha sexualidade. É minha vocação!

Michelle partiu para prosseguir com sua verdadeira vocação de assistente social. Participa da dura existência das pessoas, ao ajudá-las a obter comida e habitação. A madre superiora de Michelle trabalha na Guatemala. Os movimentos por justiça social, das décadas de 70 e 80, acham-se repletos de lideranças de ex-freiras lésbicas. Passei a enxergar o convento como uma espécie de centro de treinamento para todas nós, a alma máter do espírito.

Se minha história pode parecer engraçadinha ou espirituosa, quero que aqueles que a leram, católicos ou não, freiras ou padres, dentro ou fora, hoje e no ano passado, fiquem sabendo que ser uma freira, sobretudo uma freira lésbica, não é divertido. Precisamos educar nossos jovens, no ginásio, no *college* ou no convento, de tal modo que a celebração, pelo fato de alguém ser gay, não possa ser destruída pela hipocrisia de qualquer autoridade.

Deixei o convento em 1967 para juntar-me a outra irmandade de mulheres: as Filhas de Bilitis. Fundei e fui a editora executiva de The Lesbian Tide, um periódico feminista nacional, de 1971 a 1980. No momento sou editora executiva de The Community Yellow Pages, o catálogo telefônico dos gays e lésbicas do sul da Califórnia. Moro em Hollywood, a quatro quarteirões do convento do Imaculado Coração de Maria.



Irmã John Michael, 1965



Barbara MacKenna, 1980

Diário de uma noviça

Barbara MacKenna

(1964 a 1966)

25 de dezembro de 1964. Jesus, Maria, José. Tenho 17 anos de idade. É meu primeiro Natal no convento e é maravilhoso. Sobre minha cama, ontem à noite, estavam presentes das noviças e da mestra das postulantes, a irmã Helen. Debaixo do travesseiro encontrei um bilhete da irmã Claire. Às 11h30 as noviças entoaram para nós cânticos de Natal. Foi tão bonito que senti vontade de chorar. Amei a missa do galo. Após o café da manhã e depois de lavarmos os pratos, às 3 da madrugada, a irmã Claire e eu fomos até o alpendre, embora chovesse. Conversamos sobre nossas famílias, nossas vidas e o quanto nos importávamos uma com a outra. O céu estava lindo. Senti-me tão bem de poder conversar com Claire, após esperar durante todo o Advento! Sempre fico muito animada quando estou com ela. Quando fui para a cama já eram quatro da madrugada!

Depois que o sino tocou às oito da manhã, despertando-nos, tomamos chocolate quente e comemos torradas, antes da missa. A irmã St. Peter, mestra das noviças, deu-nos o beijo da paz. Mal vi Claire durante o dia inteiro.

7 de janeiro de 1965. As férias voaram. Vi irmã Claire todos os dias. Atravessávamos a ponte e íamos até o pequeno lago.

Conversamos sobre nós, sobre o quanto queremos ser boas irmãs e como isso é difícil, de vez em quando. Gosto de estar junto dela, pois a irmã Claire me faz sentir feliz. Ela é tão boa! Sei que ela é incapaz de fazer algo que pudesse magoar os outros. Sinto que nossa amizade é boa e verdadeira. Temos conversado sobre nossos sentimentos. A irmã Helen notou que eu tenho estado um bocado com Claire e disse que deveria compartilhar com outras todo esse amor que trago dentro de mim. Fiquei triste, pois realmente amo os outros.

Uma noite dessas o padre Roland, que dirige nossos retiros, falou sobre a amizade. Disse: "Somente um amor ímpio milita contra Deus. Tudo o mais contribui para ele". A irmã Helen ficou aborrecida por eu ter faltado a uma de suas palestras para poder ficar com Claire, mas não posso dizer que me sinta culpada. Deus me deu uma boa amiga na pessoa de Claire e espero que Ele abençoe nossa amizade. Se ela é uma pessoa maravilhosa, Cristo o é muito mais, sendo Ele infinitamente amável. Ela me levará até Ele.

21 de janeiro de 1965. Hoje foi um dia bem difícil. Vi Claire várias vezes, de passagem, mas não pudemos conversar. Após o jantar ajudei-a a levar o lixo para fora. Disse-lhe que estava a ponto de sucumbir. Não suporto não poder falar com ela. Claire disse sentir a mesma coisa. Que bom que ela compreende... Deve haver uma razão para que as noviças e postulantes fiquem separadas e sei que provavelmente é uma razão justa.

22 de janeiro de 1965. Estou tentando não desejar ficar na companhia da irmã Claire, mas não consigo evitar.

2 de fevereiro de 1965. Levantei-me hoje pela primeira vez, após passar quase uma semana na enfermaria, devido a meu acidente com um tobogã. As postulantes vieram me visitar todos os dias. A irmã Helen ficou preocupada com minhas costas, mas acho que agora ela se sente mais aliviada, pois posso andar. Senti uma falta imensa de Claire e teria dado tudo para vê-la, mas ela não teve permissão de ir me ver. Logo após a reza na capela, vi-a hoje à tarde, durante um breve momento.

6 de fevereiro de 1965. Ontem à noite, depois que todo mundo foi dormir, Claire e eu nos encontramos no hall, perto da lavanderia, e conversamos por mais de uma hora. Por mim teria ficado me entretendo com ela a noite inteira. Foi tão bom vê-la que não me importei em romper o silêncio. De vez em quando ouvíamos a irmã Helen me procurando, mas eu fiquei onde estava. De volta a meu quarto, enquanto me preparava para deitar, bateram à porta e a irmã Helen entrou. Não disse sequer uma palavra. Olhou-me, deu as costas e retirou-se. Senti-me tão mal que não consegui dormir.

Hoje à tarde a irmã St. Peter chamou Claire em sua sala e teve com ela uma longa conversa. Quem falou comigo foi a irmã Helen. Disse-me que ficar conversando com Claire foi um ato proposital de desobediência. Ela chegou a rezear que eu tivesse caído em algum lugar e me machucado. Disse que compreendia meus sentimentos, mas pediu-me algo que não sei se serei capaz de cumprir. Nunca mais devo falar com a irmã Claire, a não ser nas ocasiões apropriadas. E se algum dia nos dirigirmos a palavra, devo contar para ela. No momento isso me parece absolutamente impossível. Senti-me muito mal quando saí da sala da irmã, pois eu a decepcionei. Fazer o que é correto me parece tão difícil e sinto-me fraca e pequena. Fiquei até mesmo tentada a deixar o convento, o que não teria resolvido nada. Agora sinto-me muito infeliz e cansada. Por favor, ajude-me.

7 de fevereiro de 1965. Hoje é domingo, dia de visitas. Tive a oportunidade de ver Claire à tarde, durante o recreio. Decidimos que com a ajuda mútua poderemos fazer o que se espera de nós. Ela declarou que iria embora no dia seguinte, se achasse que, de algum modo, afetaria minha vocação. Falou da conversa que teve com a irmã St. Peter e eu fiz o mesmo. Dissemos praticamente as mesmas coisas. Estou procurando, com muito empenho, ser obediente e sei que ela também está. Claire é tão maravilhosa! Agradeço a Deus por me ter deixado conhecê-la.

27 de fevereiro de 1965. A festa da irmã St. Peter, hoje, foi maravilhosa. Nevou e tudo está coberto por um manto alvo. Es-

tive com Claire e foi tão bom conversar com ela sem me sentir culpada...

5 de março de 1965. A Quaresma começou. Seis semanas parece muito tempo. Tracei meu programa para esse período, dando ênfase ao silêncio. Até agora não fui tão mal assim, mas ainda estamos bem no início. Quebrei o silêncio com Claire, mas não naqueles momentos em que eu deveria estar noutro lugar. Assim, não sei se devo ou não levar esse fato em conta. Sei muito bem que não posso confessar que a vi. A irmã Helen diz que compreende, mas, ainda assim, ela não deve, de modo algum, ficar com uma má impressão de Claire, se eu, por acaso, contar que falei com ela. Irmã Helen acharia que, pelo fato de Claire ser uma noviça e mais velha do que eu, a culpa é dela, e eu não suportaria isso.

Hoje, na classe, a irmã falou sobre o diabo que nos tenta durante o dia. São aqueles momentos de silêncio, em que a gente sente que precisa conversar com alguém. É exatamente como me sinto. De vez em quando tenho de conversar com Claire, ainda que seja de passagem ou por uns dois minutos. Isso não me parece errado, mas, na verdade, é, pois acontece quando todas devem observar silêncio. De qualquer modo está subentendido que só posso dirigir a palavra a ela durante o recreio. Com toda honestidade e humildade devo admitir que agora somos mais obedientes do que antes daquele episódio. Acho que nossa amizade se fortaleceu mais, agora que não podemos nos ver com frequência, e ainda assim sei que ela está presente, quando a necessito.

15 de março de 1965 (durante o retiro das veteranas). Hoje à tarde a palestra do padre foi sobre a amizade, exatamente quando eu mais precisava ouvi-la. Ele disse que todos nós temos necessidade de alguém que nos compreenda e se identifique conosco, alguém que compartilhe as mesmas idéias. Amar uma pessoa mais do que a outra não é errado, pois, se fosse, então Cristo seria imperfeito. A amizade não consiste simplesmente em dizer alô a alguém, de passagem, ou perguntar como essa

pessoa vai ou trabalhar lado a lado, mas em amar alguém de verdade. Eu senti vontade de me levantar e dar vivas.

18 de março de 1965. Hoje experimentamos nosso segundo e terceiro hábitos. Foi tão engraçado pôr o hábito comprido! A irmã Maureen me deixou usar seu rosário e o cinturão. Ela consentou uma blusa e, em seguida, eu a pus por cima de mim, mas sem vesti-la. Agora só preciso da roupa de cama e banho.

24 de março de 1965. Hoje fiz 18 anos. Foi incrível! Ontem à noite, quando desci a escada, entregaram-me um cartão de minha família e outro das postulantes. Esta manhã, em cima de minha cama, Claire deixou um envelope com santinhos e um livro que ela mesma fez. Escreveu também um bilhete, que eu amei mais do que tudo, pois nele ela me dizia o quanto se importa comigo. Todas nós fomos andar um pouco, hoje à noite, e consegui conversar com Claire durante alguns minutos. Foi maravilhoso. Agora raramente nos vemos, a não ser no recreio.

16 de abril de 1965. A Quaresma está quase chegando ao fim. Quanto será que eu progredi ou regredi? Tenho um milhão de defeitos. Quais são? Nem sequer consigo enumerá-los. Amanhã me esforçarei ainda mais, mas não consigo ficar em paz. De uma coisa me orgulho, porém. Não falei com Claire hoje. Quando passamos uma pela outra, ninguém disse uma palavra sequer. Seria tão fácil encontrar uma desculpa! Já me avisaram que, no recreio, não devo ficar com as mesmas noviças e postulantes o tempo todo. Eu tentei, para valer. Gosto muito de todas minhas irmãs, mas de algumas mais do que de outras. Bem que procuro não ficar sempre com as mesmas no recreio. Como é difícil amar todo mundo!

21 de maio de 1965. Ontem, durante o encontro com a irmã Helen, ela abordou a questão de eu me dar aos outros. Disse que não me conhece, mesmo depois de ter vivido comigo durante oito meses, pois eu, no fundo, não me dou. Gosto muito da irmã Helen e seria capaz de fazer tudo por ela, mas simplesmente não sei o que dizer, quando vou vê-la. Ela declarou que, quando estou com a irmã Claire, não percebo mais ninguém

em torno, e que as outras sentem que não conseguem interferir conosco. Fiquei muito confusa.

23 de junho de 1965. Retiro espiritual, oito dias antes de receber o hábito. Nosso bando foi passar uma semana fora, numa casa da ordem aberta durante o verão, e foi uma beleza. Fiquei conhecendo a irmã Pauletta, uma professa do segundo ano. Ela me deixou um livro de poemas e um bilhete. Agora ela está conosco, no convento, mas não temos permissão de conversa com as professoras mais adiantadas. Ontem à noite a maior parte das irmãs foi assistir ao concerto de Lois Marshall. Não vi Claire imediatamente, mas vi Paulette, e fui ao seu encontro, pois ela disse que queria me ver antes do início do retiro. Sentei-me ao seu lado e, após uma confusão ridícula, acabei não vendo Claire. Agora não conseguirei falar com ela e explicar o que aconteceu. Chorei e não gostaria de começar o retiro desse jeito. Rezo para que, durante o retiro, consiga esclarecer certas coisas, sobretudo no que diz respeito ao amor. Sei que estou sempre batendo na mesma tecla, mas é um lado muito importante de minha vida e não consigo evitar. Num bilhete que ela me entregou, Paulette escreveu que, na vida religiosa, a amizade é uma espécie de pobreza, pois precisamos nos desligar de tudo, e poderemos obter mais graças se deixarmos uma amizade se dissolver do que se continuarmos com ela. Creio que isso será a parte mais difícil de minha vida religiosa.

25 de junho de 1965. Dentro de mais uma semana não serei Barbara MacKenna, mas a irmã...? Se acaso vier a ter um contato mais próximo com uma postulante, quero ser boa para ela. Não desejo que ela ache difícil amar, em se tratando da vida religiosa. Eu sei que magoa muito tornar-se próximo a alguém, sobretudo aqui.

2 de julho de 1965. Agora sou a irmã John Michael. Por volta das 8h30 da manhã descemos, a fim de nos vestir. Usei o vestido de noiva de mamãe. Ao voltarmos e percorrermos o corredor, as irmãs ficaram paradas, em fila dupla. Quando entramos na capela, o órgão começou a tocar e as irmãs cantavam,

enquanto avançávamos. Senti-me tão bem! Quando mamãe me viu, começou a chorar. Então foi minha vez de chorar também. Ficamos em nossos lugares e o bispo Grant entoou o *Veni Creator Spiritus*. Em seguida aproximou-se e abençoou nossos hábitos. Dom Josef Thomas, que pregou em nosso retiro, fez o sermão e mencionou mais uma vez os votos (pobreza: desligamento dos bens materiais; obediência: desligamento de si mesma; e castidade: desligamento das pessoas). Quando ele terminou, o bispo Grant perguntou: “O que vocês pedem, minhas filhas?” Pedimos para tomar o hábito; renunciávamos então às vaidades do mundo e prometemos viver de acordo com as regras da comunidade. Finalmente o bispo disse: “Agora vão, minhas filhas, e recebam o hábito sagrado”. Descemos os degraus correndo. Eu não conseguia acreditar que tudo aquilo estivesse acontecendo. As irmãs Luke e Danielle ajudaram a me vestir. Eu não conseguia sequer puxar minhas meias. A irmã Regina aproximou-se, a fim de cortar meus cabelos. Tive a sensação de que iam fazer meu escalpo, mas não me importei. Após um tempo, que durou uma eternidade, todas nós vestimos o hábito. Olhei em torno e lá estava minha turma. Todas tinham uma aparência tão bela! Em seguida fomos ocupar nossos lugares e então aconteceu aquilo que tanto aguardávamos. Recebemos nossos nomes. “A srta. Barbara MacKenna será conhecida na religião como irmã John Michael.” Fiquei muito feliz. Durante a comunhão, quando eu disse o *Suscipe*, estava sendo absolutamente sincera. Não o disse durante o retiro, para poder pronunciá-lo com todo meu coração, no dia em que iríamos professar. Após quase um ano senti-me felicíssima em ver minha família. Depois que nossos familiares se foram, cantamos a canção de despedida para as noviças do segundo ano, que partem amanhã para outro convento. Foi um dia alegre e, ao mesmo tempo, triste.

7 de julho de 1965. Iniciamos hoje o Capítulo das Culpas. Foi esquisito ouvir as noviças do segundo ano confessarem que tinham cometido tais e tais faltas. Não confessamos nossas culpas esta semana, mas o faremos no próximo Capítulo.

22 de julho de 1965. Tivemos mais uma vez o Capítulo das Culpas. Senti-me tão estranha, com um nó na garganta! É realmente uma prova de humildade, e é disso que preciso. Acho que, agora que uso o hábito, sou mais vaidosa e orgulhosa do que antes. Quero que meu enxoval esteja sempre em muita ordem e que meu véu sempre caia muito bem. Pelo menos não passo metade do tempo na frente do espelho, como acontecia no início. Durante uns dois dias, antes do Capítulo, Claire e eu fomos muito mesquinhas uma para com a outra. Fui sarcástica e provocadora. Não sei por que isso acontece. Gosto tanto dela e então por que magoá-la? Depois de nossa conversa tudo ficou maravilhoso. É disso que mais gosto, poder esclarecer um assunto quando existe um mal-entendido. De vez em quando, nos momentos em que ela e a irmã Janice, da minha turma, estão juntas, acho que fico com ciúmes, mas ainda assim gosto muito de ambas. Há momentos, porém, que sinto que estou a ponto de ir consultar um psiquiatra.

10 de agosto de 1965. Estou gostando realmente das palestras, durante os retiros do segundo ano do noviciado. Hoje à noite o padre falou a respeito do amor que devemos ter em nossas "famílias religiosas". A verdadeira caridade consiste, em primeiro lugar, em Cristo. Os outros vêm em segundo lugar e eu, em último. É o que quero fazer, e, no entanto, de vez em quando penso que, ao agir em favor dos outros, minhas atitudes têm por objetivo ficar com uma boa imagem aos olhos deles. Também tenho pensado quão grande é minha sorte por ser uma das pessoas a quem escolheste, meu Deus. Que posição ocupo perante Ti, quando tantas outras jovens se tornarão religiosas muito melhores do que eu? O padre disse que Tu deves amar aquelas que tomam uma dúzia de resoluções por dia e falham doze vezes. No entanto, elas se emendam, dia após dia, "a fim de se tornarem tão perfeitas quanto nosso Pai Celestial". Começamos a nos disciplinar.

31 de agosto de 1965. Ultimamente sinto-me por demais inquieta. Acho que devo fazer algo e não sei o que é. De vez em

quando chego até a imaginar de que adianta prosseguir. Tudo me parece tão lento, tão emperrado. Sei muito bem, Senhor, que devo continuar, manifestando amor e confiança em Ti, e que isso faz parte de minha cruz, mas metade do tempo não penso assim. Estou por demais envolvida com meu ego. Gosto tanto de Claire e sinto-me tão próxima dela... Sei que não posso estar com ela a cada segundo. Venho tentando recorrer às mortificações, a fim de me ajudar a superar a tentação de querer conversar com ela o tempo todo. Quando a vejo dirigindo a palavra às outras isso me magoa tanto! Não demonstro, e ninguém, a não ser eu, sabe o que está acontecendo, graças a Deus. Sou tão fraca. Senhor, necessito de Teu amor, a fim de prosseguir. Não me deixes só.

18 de novembro de 1965. O noviciado é, com toda certeza, diferente do postulado, graças a Deus. Minha vida agora me parece tão vital! Claire e eu estamos mais próximas, este ano. Tenho consciência de sua presença o tempo todo. Não posso evitar. Não posso também deixar de achar que meu amor por ela é egoísta, pois gosto tanto de conversar de vez em quando a sós com ela. Ambas nos sentimos assim, mas acontece com frequência ficarmos sem nos falar durante vários dias. Senhor, Tu sabes o que vai por meu coração. Tu sabes o que sinto por Claire. Por favor, ajude-me a manter este amor desprovido de todo egoísmo. Vou ao encontro de minhas irmãs, porém mais ninguém sabe o que se passa dentro de mim. Pelo menos acho que não.

16 de dezembro de 1965. Necessito tanto crescer que isso se torna algo de muito triste. Apóio-me demais em Claire para controlar meus estados de alma. Sinto-me constrangida em escrever tal coisa, mas é assim. Irmã Catherine disse que achava que eu estava sendo dirigida por uma força exterior a mim. Ela experimentou esse mesmo sentimento o ano passado, em relação a outra noviça. Embora elas estejam agora em casas diferentes, o laço entre ambas se fortalece cada vez mais. É assim que tem de ser comigo. Esforço-me demais, mas, de vez em quando, perco a cabeça.

30 de janeiro de 1966. Já escrevi isto com tamanha frequên-

cia que começo a me sentir louca. Amo tanto Claire, mas nunca estamos juntas. Simplesmente não entendo. Sei que não quero depender dela em excesso e nem quero correr atrás dela o tempo todo, mas é ridículo. Devo ser horivelmente egoísta. Faço o possível para me dedicar inteiramente a Ti, meu Deus, e me dar completamente a minhas irmãs. Por que tudo tem de ser tão confuso? Agora Claire sempre parece ter tempo de sobra para ficar com a irmã Janice e eu não suporto esta situação. Amo as duas, porém. Por que me sinto assim? Ajude-me, Senhor, a despojar-me de todo egoísmo e a dirigir meus pensamentos para outras coisas. Sinto vontade de gritar. Preciso refletir. Por favor, ajude-me!

21 de abril de 1966. Agora tenho 19 anos. Hoje à noite, Senhor, estou completamente em paz, pela primeira vez, desde que entrei para o convento. Tu me concedeste a graça de Te seguir verdadeiramente, de passar minha vida entregue a Ti. Finalmente consigo dizer “sim, é isto que eu quero de verdade”. Durante a Quaresma, assumi inteiramente a idéia da Ressurreição e isso modificou consideravelmente minhas perspectivas. Por favor, deixa, Senhor, que esta paz permaneça até mesmo nos dias de abatimento. Após um ano de indecisão e incerteza, consigo finalmente dizer “sim”.

23 de maio de 1966. Na semana passada Claire e Janice abandonaram o noviciado. Não sei o que dizer. Estão felizes e agradeço a Deus por isso. Sinto tanta falta delas! Claire me contou, após termos assistido ao filme “Ninguém se despediu de mim”. Eu estava começando a entender que ela ia embora quando me contou que Janice faria o mesmo. Devo dizer que sucumbi. Nunca chorei tanto e não consegui me controlar. Oh, Senhor, foi um golpe tão grande, não posso entender. Chorei demais no sábado, no domingo e em vários momentos, na segunda. Não tive a menor condição de guardar tudo dentro de mim. Dói tanto! Nunca me senti assim. Ainda tenho esperança de vê-la à mesa ou andando pelo corredor. Sinto-me vazia.

5 de agosto de 1966. Penso que a vida religiosa não é minha

vocação. Conversei com a irmã St. Peter e ela me disse para esperar... mas por quanto tempo? Sei que não estou partindo por causa de Claire. Sei que seria uma traidora por deixar o noviciado. No entanto, não posso permanecer só pelas outras, por mais profundamente que as ame. Tenho medo. Talvez esteja cometendo um erro. A irmã disse-me para eu viver a vida, dia a dia, durante um tempo, e ver se minha decisão se torna mais definitiva ou se é apenas uma tentativa. Jamais perderei tudo o que aprendi aqui. Permanece no mais íntimo de meu ser e faz parte integral de minha vida. O amor é a única solução e as pessoas, lá fora, precisam tanto dele! Talvez um dia eu possa dar meu amor a um homem que tenha sentimentos tão profundos quanto os meus.

10 de setembro de 1966. Hoje tenho consciência de mim enquanto mulher, e tal consciência traz uma grave responsabilidade. Quando eu partir, se é isto o que Tu queres, Senhor, já não serei mais uma criança, não poderei mais viver do mesmo jeito ou encarar as pessoas e os acontecimentos com a mesma visão. Ser cristã significa, no fundo, deixar-se crucificar. Deixa-me aceitar o cristianismo em toda sua amplitude.

(Abandonei o convento em 9 de outubro de 1966, Dia de Ação de Graças.)

Quando eu estava com as irmãs de São José, no Canadá, escrevi um diário, que se manteve misteriosamente intacto, embora eu tenha destruído a maior parte das cartas e escritos, desde aquela época. Quando tinha 31 anos, comecei a me assumir enquanto lésbica. Só então entendi o significado de meu relacionamento com Claire, no convento.

Sou escritora, co-fundadora e ex-editora executiva de The Radical Reviewer, periódico feminista dedicado a um trabalho crítico e criativo. Depois de trabalhar vários anos como editora-executiva em editoras canadenses, atuo no momento no setor de assistência social, nos bairros marginalizados de Vancouver, onde procuramos conseguir emprego para os desassistidos. Dedico este depoimento a Barbara, minha companheira durante quatro anos; a Linda, que é também uma ex-freira lésbica; e a Claire.

Nem mesmo uma sacerdotisa no altar

Diana T. Di Prima

(1960 a 1962)

Quando eu tinha 8 anos de idade, perguntei: “Por que não existem freiras rezando missa?” Rebelava-me contra a ilogicidade arrogante e grosseira de uma igreja machista, na qual os papéis femininos foram definidos por anos de tradição e conveniências. Os papéis das mulheres católicas, designados por Deus, pela natureza, pela evolução ou por outras forças incontroláveis, resumem-se em serem esposas, mães e donas-de-casa.

Tais papéis assumem um aspecto diferente na vida religiosa. Ser esposa de Cristo significa ser assexuada. Quando eu estava no convento, no início da década de 1960, nossos hábitos criavam para nós a aparência de seres neutros. Metros de trajes pesados escondiam nossas formas femininas. Mulheres de formas menos pronunciadas tinham menos o que superar do que aquelas mais bem-dotadas. Uma irmã rechonchuda teria de usar faixas especiais, a fim de achatar suas protuberâncias. Nossos cabelos eram cortados bem curtos, a fim de nos tornar ainda menos femininas. Nossos quartos, todos idênticos, não deveriam trair preferências individuais, em termos de estilo ou cor. Aceitávamos de bom grado tais regras da ordem, pois elas nos libertavam das preocupações materiais e permitiam que passás-

semos mais tempo a contemplar em gozo nosso Noivo Celeste.

Todas éramos mães espirituais. Independentemente das capacidades ou das preferências individuais, dedicávamos carinhos e atenção de mães às crianças, aos idosos, aos doentes e aos enfermos, como professoras ou enfermeiras. As necessidades da comunidade, as solicitações dos pastores das igrejas paroquiais e do bispo da diocese determinavam as “carreiras” para as quais éramos designadas. Fui enviada ao *college* porque precisavam de professoras. Por sorte eu tinha inclinação para os estudos e consegui obter sempre notas altas, ao mesmo tempo em que desempenhava todas as minhas tarefas.

Sim, tarefas, pois, além dos papéis de esposa e mãe, também éramos donas-de-casa. Executávamos tarefas servis, desprezíveis, repetitivas e manuais, que não levavam em conta os avanços tecnológicos. Manter nossas mãos ocupadas abreviava nosso tempo de lazer e as “ocasiões de pecar”. O tempo livre era regulamentado, devendo ser dedicado ao estudo e ao planejamento das lições.

A homofobia corria solta. Durante o recreio, permanecíamos em grupos: “Raramente uma só, duas, jamais, e sempre três ou mais”, tal era a regra. Eu estava sempre rodeada de gente e, no entanto, vivia isolada. Deveria relacionar-me unicamente com meu Senhor espiritual. Glorificávamos Maria como ideal da Mulher Eterna, mas, por outro lado, desenvolvíamos uma personalidade autenticamente individualista: inconfundível, repleta de autocrítica, ativa, indagadora. Rodeada de mistérios, em vez de reconhecida como uma pessoa autenticamente humana, presume-se que a Mulher Eterna tem vocação para o abandono e a interioridade; daí o símbolo do véu. Embora na sociedade, de modo geral, as mulheres venham sendo cada vez mais reconhecidas como pessoas, com direitos iguais aos dos homens, noções estereotipadas, relativas a sua suposta natureza, continuam presentes nos confins do claustro.

A obediência cega, exigida por nossos votos, subentendia que as mulheres não podiam pensar. Tudo era feito de uma deter-

minada maneira ou obedecendo a um certo método e, uma vez que recebia ordens para fazer determinada coisa, não se admitia mais perguntas. Lembro-me que tinha a tarefa de lavar e secar as toalhas de trezentos membros de nossa comunidade. Ordenaram-me pendurá-las fora, para secar, embora a comunidade dispusesse de um secador automático. Como estava garoando, questionei o sentido de meu ato. Exigiram que completasse a tarefa e percebi que minha obediência estava sendo testada. Mais tarde, no decorrer do dia, enquanto um número cada vez maior de toalhas pendiam dos varais, fui repreendida por dependurá-las debaixo da chuva. Tendo sido imperfeita naquele dia, deveria confessar minhas faltas, durante a refeição da noite, e pedir o perdão da comunidade, enquanto me ajoelhava na entrada do refeitório. Olhando esse incidente em retrospectiva, vejo agora que foi um desperdício de potencial e energia humanos.

A irmã que não tinha capacidade de ensinar ou de se tornar enfermeira passava a ser uma "irmã leiga", destinada a executar tarefas femininas degradantes. A irmã Maria Dona-de-Casa tinha de planejar e preparar as refeições, comprar gêneros alimentícios, lavar e passar as roupas a ferro e cuidar da casa, enquanto as demais ensinavam ou trabalhavam em enfermagem. Suas inclinações especiais ou seus talentos artísticos permaneciam adormecidos. Em nossa sociedade comunitária e "sem classe", todo mundo sabia que o papel da irmã leiga era considerado inferior ao da professora ou da enfermeira.

Com efeito, éramos disciplinadas por meio das tarefas odiadas de engomar e passar os hábitos, enfatizando assim o aspecto degradante das tarefas femininas tradicionais, desempenhadas ordinariamente pelas irmãs leigas. Em minha casa religiosa, Maria situava-se num plano mais elevado do que sua irmã Marta, como modelo a ser seguido.

A fim de me tornar suficientemente maleável para me ajustar ao ideal e ser despojada de todas as atitudes e preferências pessoais, meu senso de história pessoal (eu tinha então 18 anos)

precisava ser eliminado. A ética de autodiminuição, contida no Evangelho de São Mateus, realizou essa lobotomia espiritual. Eu ia e vinha, passava de um setor do convento para outro, de uma tarefa a outra, comia e atendia minhas necessidades humanas básicas unicamente com a permissão verbal a mim concedida por aquelas que se encarregavam de meu crescimento e desenvolvimento espiritual. De acordo com o espírito de Cristo, proclamado nas Beatitudes, todos os aspectos da vida humana eram regulados por preceitos e injunções. Como Ele era obediente em relação à morte, nós também deveríamos ser!

Reconstruídas como mulheres religiosas, deveríamos ter a mesma aparência, falar do mesmo jeito, trabalhar do mesmo jeito, rezar do mesmo jeito e ser do mesmo jeito. Quando “o mesmo jeito” se tornasse o denominador comum, nós nos tornaríamos “Esposas de Cristo”, numa religião de orientação totalmente masculina e na qual Deus é macho, os padres são machos e todos os machos são preferidos em relação às fêmeas. Somente enquanto “virgem consagrada” eu tinha permissão de ultrapassar as grades do altar e entrar na sacristia. No entanto qualquer homem, “consagrado” ou não, podia fazer o mesmo. Aqueles meus anseios dos oito anos, de estar próxima ao altar, ressuscitaram. Comecei a me dar conta da ilogicidade das idéias antifemininas, rodeadas por uma aura da alegada aprovação divina.

Parti, antes que a última corda do laço de Diana fosse cortada. Por meio desse último fio tentei voltar a tecer a mim mesma e a meu lugar no mundo exterior. Aquela menina de oito anos, agora uma mulher adulta, através da dor, da angústia e da jornada da alma, veio a compreender que o verdadeiro espírito do cristianismo perdeu-se no interior da Igreja institucionalizada. Usando os Evangelhos de São João e São Mateus como guias, descubro esse espírito nos meus encontros diários com as pessoas. Na medida em que a Igreja bloqueou meu crescimento e a força potencial de suas mulheres, ela diminuiu e deformou sua própria vida. Como a Igreja é uma instituição cul-

tural poderosa, tal deformação afeta e infecciona a sociedade inteira.

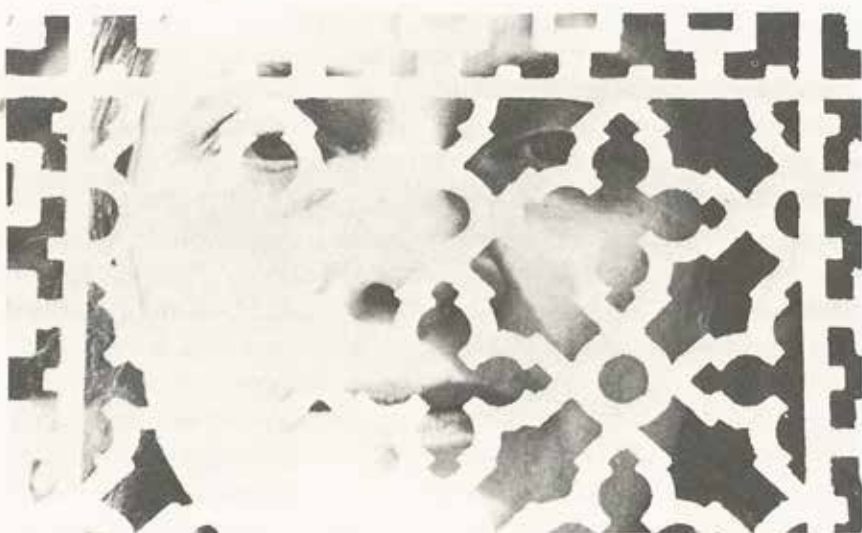
Aos 40 anos, vivo com minha amante e ensino na cidade de Nova York. Somos ativas na comunidade gay e lésbica, incluindo a Sinagoga Gay de Nova York.



Irmã Mary Vianney, 1960



Mary Vianney, 1967



Judt Smith (auto-retrato), 1983

Exame de consciência

Judy Smith
(1959 a 1968)

(*Nota das editoras:* Antes dos meados da década de 60, a maior parte das freiras executava um ritual noturno, que consistia em um autoquestionamento, com a finalidade de interrogarmos nossa consciência, em relação aos pecados cometidos naquele dia, e as infrações à Regra.)

Oh, irmãs, penso em vocês com frequência e imagino onde se encontram agora, minhas amigas, integrantes de minha turma, companheiras de outras congregações. Vivemos a vocação religiosa tanto e tão bem quanto pudemos e então abandonamos o convento, a fim de retomarmos os fragmentos inacabados do viver “no mundo”.

O que aconteceu com a irmã Mary Vianney, S.P., após escrever ao papa, pedindo que a dispensasse dos votos finais, consciente de que esta súplica era ridícula, pois, mesmo que ele dissesse não, ainda assim ela deixaria o convento? Acaso essa pessoa deixou de existir? Será que a identidade também se desprendeu com o hábito sagrado, na manhã em que ela o trocou por roupas seculares e, apressada, pediu uma carona até a rodoviária (1959-1968, *Requiescat in Pace*)? Ela (a quem eu costumava chamar “Eu”) ficou enterrada em meu subconsciente. Agora assombra meus sonhos.

O que aconteceu com a irmã Ann Brigid, irmã Fidelia, irmã Thomas Marie? Tentou ignorar essa persona, como se "irmã" não passasse de um papel que você interpretou um dia? Você conta para os outros que é ex-freira ou esconde esses anos de seu passado (a maior parte das pessoas que me são próximas acabam descobrindo logo. Não suporto o mistério e acho que, se elas ficarem sabendo, isso explicará o fato de eu ser estranha)? O convento foi necessário para seu desenvolvimento ou você o encara como um erro constrangedor? Você se importa se eu chamá-la de "irmã"?

Ouve perguntas como: "Por que entrou? Por que partiu? Como é, de verdade? Existe muitas lésbicas lá dentro?" Você, como eu, ainda está aprimorando suas respostas?

Foi capaz de desistir dos votos, sem atormentar-se com a culpa e imaginários fracassos? Ainda tenta manter a essência daquele estilo de vida? O "mundo real" lhe parece alheio?

A vida de classe média, que se leva no convento, deixou-a esfomeada por uma pobreza ainda maior? Você ainda se sente ligada à pobreza? Tem medo do dinheiro? O feminismo ajudou-a a dar permissão a si mesma para prosperar? Passou a participar da corrida de ratos patriarcal? O esforço valeu a pena?

Seu divórcio de Jesus a tornou uma despreparada amante para qualquer simples mortal? Estava apaixonada por uma mulher, ao se retirar? Talvez tenha deixado a mulher amada no portão do convento. Teve consciência de seu amor por outra mulher? Encarou as conseqüências sociais relativas ao fato de ser lésbica ou bissexual? Acha que o amor honesto por um determinado homem ou homens a impede de se tornar uma lésbica separatista, a despeito da forte atração que sente por um entorno e um estilo de vida inteiramente femininos? Foi sexualmente promíscua? É celibatária, de vez em quando? A perda da comunidade representa para você uma ferida aberta?

Tem problemas com a autoridade e vacila entre a obediência passiva e a rebelião ardente? De vez em quando se vê paralisada pela indecisão, receosa de gastar mal seu tempo, desejosa de

que alguém lhe dê uma permissão ou uma ordem? Sente-se culpada por estabelecer os objetivos de sua carreira?

Sente-se emocionalmente abalada? Necessitou de terapia, a fim de perceber que seus sentimentos contam e que a raiva é uma reação válida à injustiça? Fica nostálgica, tecendo fantasias sobre sua vida no mundo do convento, encarando-o como um porto seguro e idílico, do qual foi exilada?

Sente uma falta sofrida da antiga liturgia? Derramou lágrimas copiosas, ao cantar para si mesma *Veni, Sponsa Christi* ("Vem, Esposa de Cristo" — cântico gregoriano entoado por ocasião da profissão dos votos)? O Natal e a Páscoa são especialmente difíceis para você? Anseia pelo silêncio?

É perfeccionista? Lembra-se de humilhações torturantes, infligidas a você por superiores, em nome de se treinar no caminho da virtude? Tornou-se cínica? Deixa-se odiar? Puniu-se, em vez de lutar contra as estruturas repressivas?

Ao sair do convento, deixou também a Igreja? Ainda reza? Sente falta do status que o fato de ser freira lhe concedeu? Ajustou-se a ser apenas mais uma criatura humana? Sua família a perdoou por entrar no convento? E por abandoná-lo? Sua mãe economizou seus antigos bens? Suas irmãs que permaneceram no convento têm tempo para você, agora? E você, tem tempo para elas? É amiga de outras ex-freiras?

Passou por uma crise de fé? Explorou diversos caminhos, através da teologia, psicologia, ateísmo, paganismo, budismo, feminismo, bruxaria e política radical? Descobriu uma via, ao estabelecer e cultivar relações com gente que pensa como você? Sua criatividade de certo modo sobreviveu?

Os exames de consciência terminam tradicionalmente por meio de um ato de contrição, mas não lamento ter entrado, permanecido e abandonado a vida religiosa. Não me arrependo de ter-me resgatado de um sistema esmagador e opressivo. A vida, aqui fora, muitas vezes é dura e solitária, mas, pelo menos, não sou mais silenciosa ou invisível. Estou aqui, em sólida irmandade com vocês.

Sou artista, escritora, fotógrafa e dramaturga, bissexual e feminista. Pertencço à Padaria Comunitária das Mulheres em Washington, D.C., e à WATER (Aliança das Mulheres para a Teologia, a Ética e o Ritual). Morei em dezesseis Estados, dei atendimento a treze escolas e tive dezesseis empregos sérios. Sou ex-membro das Irmãs da Providência de Saint-Mary-of-the-Woods, Indiana.



Irmã M. Danielle, 1965



Wendy Sequoia, 1983

Vozes de fantasmas, incluindo o Divino Espírito Santo

Wendy Sequoia
(1958 a 1967)

Recentemente, enquanto meditava sobre os mistérios das lésbicas e das freiras, surpreendi-me evocando fantasmas. À medida que minhas empoeiradas recordações do convento despertavam e voltavam a assumir uma forma, imagens do que sou e do que tenho sido mesclavam-se com imagens de outras criaturas, do passado e do presente.

Vejam só a freira! Essa aí costumava ser eu. Que estranho perceber alguém tão contida, intocável, fora deste mundo. Será que estamos realmente olhando para mim? (*Deus chama apenas umas poucas. Não sabemos por que ele nos escolhe, entre nossas companheiras. Ele nos concedeu o maior privilégio que existe, o chamado para a vida religiosa.*)

Estão vendo a lésbica? Essa, sim, se parece comigo. Como sua postura é tensa, como se ela estivesse pronta para bater em rápida retirada! Afinal de contas, muitos, no meio desta multidão, a encaram como pecadora, criatura abominável, um perigo para as menininhas. Você acha que Jesus lavaria os pés dela (*os homossexuais praticam atos pouco naturais, desobedecem as leis de Deus, são repulsivos às pessoas normais*)?

Como é possível que, para algumas pessoas eu pudesse trans-

mitir uma impressão de madona, tão digna de aprovação? E, para outras, uma impressão de prostituta, tão reprovada? Jamais planejei ser fora do comum. Em 1958, quando ingressei na vida religiosa, estava repleta de idealismo. Aos 18 anos planejei ser freira até a morte.

Eu era uma garota de classe média e morava numa grande cidade. Entrar para a ordem das Irmãs do Precioso Sangue, modesta comunidade de oitocentas religiosas, estabelecida em Dayton, Ohio, foi dar um passo em direção a uma classe e a uma cultura diferentes. Não compreendi a veneração das irmãs mais velhas por uma grande coleção de relíquias de santos, exibidas em pequenos relicários de bronze, nas capelas laterais da igreja do convento. Cada uma das capelas também servia de cripta. Numa delas estavam os despojos da madre Brunner. Seu rosto e suas mãos tinham sido reconstituídos em gesso, como se ela fosse uma estátua, mas ela usava um hábito, com revestimento de plástico sobre os braços e pernas, através dos quais apareciam seus ossos. Na outra cripta havia uma estátua de São Cruzier, menino mártir, deitado de costas, com os olhos vazados. Parcialmente decapitada, sua garganta ensanguentada estava cortada de uma orelha a outra. Naquela época não me ocorreu questionar a falta de oportunidade de tais modelos.

No momento em que ingressei no convento das Irmãs do Precioso Sangue, entreguei-me à vida religiosa de todo coração, sem fazer perguntas (*dê-se inteiramente a Cristo*). Aderi especialmente à Regra do Silêncio (*Deus fala no silêncio de nossos corações*), à mortificação dos sentidos (*não olhe pela janela, não cheire as flores*), e a secretas renúncias (*ofereça a Deus pequenos incômodos e decepções*). Tudo isso era bastante encorajado como primeiro passo em direção a uma existência de perfeição (*o Senhor nota seus pequenos sacrifícios*). Quanto a mim, esse comportamento me levou ao isolamento, à depressão e à confusão (*só se pode infringir a regra do silêncio por uma razão muito importante*). Minha sanidade exigia a interação e essas práticas significavam um confinamento psicológico muito solitário.

A comunidade participava, é claro, desse isolamento. Severas restrições eram aplicadas a nossa comunicação com o mundo exterior, bem como entre nós. Nossas famílias podiam visitar-nos apenas uma vez por mês, durante três horas (*você deu as costas ao mundo*). A menos que ocorresse morte entre parentes próximos, não tínhamos permissão de ir para casa. As cartas que escrevíamos e recebíamos eram censuradas. Era proibido telefonar. Não dispúnhamos de dinheiro e nem de outras roupas que não nossas vestimentas religiosas, não tínhamos acesso aos transportes, exceto através de nossas superiores (*Deus falou diretamente com você, a fim de a conduzir para a vida religiosa, mas agora Ele fala através da superiora. O demônio a tentará a deixar a comunidade. Sua superiora está imbuída da graça que lhe dá seu ofício. Ela decidirá se você deve ficar ou partir*).

Quando era noviça, recebi uma carta de minha mãe, anunciando que meu pai sofrera um ataque do coração e estava internado na unidade de terapia intensiva do hospital (*você deu as costas ao mundo*). Como estávamos na Quaresma, não tínhamos permissão de escrever cartas (*agora você pertence a Deus*). Fiquei confusa, pois minha mãe empregara o termo trombose da coronária e não ataque do coração. Mesmo após verificar no dicionário, eu não tinha certeza de seu significado (*só se pode infringir a regra do silêncio por uma razão muito importante*). Confiei meus receios a minha superiora, que tinha pouca paciência comigo (*vo-cê demonstra demais seus sentimentos*). Ao recusar uma exceção para a regra que nos impedia de escrever cartas, ela demonstrou que também não conhecia o significado de uma trombose da coronária (*a obediência é o mais importante de todos os votos*). Minha mãe voltou a escrever, dessa vez com mais firmeza e demonstrando aflição. Recebi então a permissão de dar um telefonema e minhas colegas de classe assinaram um cartão, desejando as melhoras de meu pai. Não pude, porém, sair para visitá-lo e nenhuma desculpa foi dada. O instrumento de Deus não gostava de admitir que era falível.

A essa altura de minha vida religiosa, eu estava doente havia

algum tempo (*uma irmã que abandona sua vocação comete pecado mortal e está condenada ao fogo eterno*). No meu segundo ano manifestou-se em mim uma úlcera, que só veio a ser diagnosticada e tratada no quinto ano (*ofereça seus sofrimentos, irmã. Peça a Jesus que lhe dê forças*). Igualmente no segundo ano entrei num processo de hiperventilação. Ela jamais foi diagnosticada, tratada ou sequer mencionada, enquanto fui freira (*seu desejo de deixar a vida religiosa é uma tentação, irmã. As jovens muito inteligentes raramente são bem-sucedidas na vida religiosa*). Seguindo o exemplo de Santa Teresa, oferecia meus sofrimentos a Deus, mas os ataques, que se repetiam duas vezes por semana, deixavam-me cronicamente fatigada, mentalmente desorganizada, deprimida e confusa (*Deus em primeiro lugar, eu em último não é meritória doença na cabeça tentação obediência*).

Ainda assim acabei obtendo um *magna cum laude* na Universidade de Dayton, onde me formei em 1963. Enquanto minha comunidade e minha família orgulhavam-se de eu ter alcançado a nota máxima, na turma que se formou, minhas dores de estômago eram intoleráveis. Eu teria preferido ficar na cama. A autoconfiança com que ingressara na vida religiosa estava abalada, quando completei meus cinco anos de postulado, noviciado e juniorado. Em setembro de 1963 fui ensinar inglês nas classe de oitavo grau em Falls Church, Virgínia, cheia de ânimo. Imaginem só minha surpresa quando me revelei uma boa professora. Lentamente minha úlcera fechou. Aos poucos minha hiperventilação diminuiu.

Para minha grande sorte tive, naquela época, uma amiga, irmã ligeiramente mais velha e muito sensata, que me tomou sob sua proteção. Para mim foi uma verdadeira mentora e muito me reconfortou. Finalmente meu isolamento se rompia. Houve quem não ficasse contente (*você veio para aqui a fim de se entregar a Deus. Deve prevenir-se, para não ficar íntima demais de outra irmã. Deve tratar todas igualmente, com o amor de Cristo*).

A possibilidade de um contato sexual entre nós nem se colocava. Além de muito zelosas em relação a nossos votos, ambas

éramos homofóbicas. Havia, porém, entre nós, um afeto secreto, que extravasava por meio de contatos físicos platônicos, tais como ficar de mãos dadas e nos abraçarmos. Mal nos atínhamos às regras do decoro do convento (*é preciso evitar as amizades particulares*). Nunca amei ninguém com tamanho afeto. Ela representava a salvação para mim, num momento crítico, e ignorei as vozes interiores, no que se referia a ela.

Ensinei durante quatro anos. Após o terceiro ano, o Conselho Geral, pela primeira vez, reconheceu meus problemas, que duravam há muito. Não permitiram que eu prosseguisse com a programação da minha classe, a fim de tomar os votos finais. Com seu encorajamento, renovei votos temporários, tendo em vista um sexto ano.

Durante aquele ano manifestaram-se em mim dores cardíacas, de fundo psicossomático, que me levaram a procurar aconselhamento psiquiátrico. Depois de seis meses de visitas semanais, o psiquiatra declarou-me capacitada para continuar a vida religiosa. Ele escreveu uma carta para a superiora geral, mas em vão. Não recebi a permissão de tomar os votos finais. Como eu havia alcançado o limite legal, quanto aos votos temporários, a decisão significava que teria de deixar a ordem. Pedi explicações, mas disseram apenas que achavam melhor que eu partisse.

Não entendi por que a rejeição se dava naquele momento. Se tivesse sido expulsa no segundo ano, quando, pela primeira vez, comuniquei meus problemas, teria entendido e cheguei até mesmo a requerer essa medida. Ser expulsa no nono ano era algo duro de suportar. Afastei-me da vida religiosa e não olhei para trás. Um ano depois fui tomada por uma ira tão grande que abandonei a Igreja Católica e nunca mais voltei para ela.

A revelação de meu lesbianismo deu-se de modo indireto. Presumindo que era heterossexual, saí com vários homens durante alguns anos, e os resultados eram sempre insatisfatórios. Após ser violentada, ao sair com um desconhecido, em 1970, comprei o livro de Kate Millet, *Sexual Politics*, e descobri o feminis-

mo. Foi uma abertura na minha vida. Desde então li muitos dos maravilhosos livros feministas que proliferaram no início da década de 1970 e participei ativamente da Organização Nacional das Mulheres (*vamos cortar o saco dessas mulheres liberadas*).

Em 1972 pela primeira vez falei em voz alta para uma amiga da ONM: ‘Receio de que possa ser uma lésbica’ (*repelente, desprezível*). Em 1975, porém, concorria como lésbica assumida a meu segundo mandato na direção da ONM. Lá por 1977 ajudava minha amante a organizar o Escritório Lésbico Ativista de Cincinnati. Em 1978 tornei-me oradora principal, durante a comemoração anual do Dia do Orgulho Lésbico/Gay. Durante esse período ativista, jogaram ovos em minha casa várias vezes, escreveram obscenidades em suas paredes (chupadora de buceta, puta, vá para o inferno) e passaram em meu carro uma substância corrosiva que arrancou toda a pintura.

Aquela agressão continuada me fez sentir dor e medo. No entanto, assim que tomei consciência de meu lesbianismo, tive certeza de que me tornaria uma lésbica visível e ativa. Minhas lutas, enquanto freira, tinham me ensinado como ser forte, em meio aos temores. Meu feminismo levou-me a reconhecer meus direitos. Eu entrara demais em contato com o âmago de minha integridade para permitir que antigas vozes — e até mesmo vozes recentes — me detivessem.

No entanto uma nova luta me aguardava. Meus pais romperam comigo (*não podemos compactuar com seu modo de vida*). Meu ativismo público os constrangia (*você está exibindo seu modo de ser e zombando dos valores de seus pais*). A rejeição deles me foi dolorosa, porém minha integridade não me permitiu capitular (*por que você está fazendo isso conosco? Em que erramos?*). De 1977 a 1981 não nos vimos mais, mantendo apenas um contato mínimo através de cartas. Nosso distanciamento foi facilitado por eu morar em Ohio e eles, na Flórida. Desisti de voltar a vê-los. Dizia: ‘Não tenho pais’. Eles então me surpreenderam demais, fazendo-me uma visita de algumas horas, durante uma viagem, quando passaram por minha cidade. Aquela visita, positiva e atenciosa, me

pareceu uma gota de reconciliação num oceano de afastamento, mas não deixou de ser um início.

Um ano mais tarde minha amante e eu fomos visitá-los na Flórida, após recebermos um convite acolhedor. A visita representou um verdadeiro lenitivo. Não falamos muito sobre o que tinha acontecido entre nós, mas minha mãe disse: “Seu pai e eu chegamos à conclusão de que estávamos sendo arrogantes, intolerantes e nada cristãos”.

Deixei essa frase ecoar em minha mente repetidas vezes. Através de sua reconciliação, meus pais, que têm mais de 70 anos, deram-me esperança e otimismo em meu eu mais profundo. Eles superaram muitas décadas e níveis de condicionamentos sociais, para poder dizer: “Você é nossa filha e nós te amamos”. Eles percorreram comigo vias muito estranhas, vias que nenhum de nós previa, quando eu era sua filha brilhante e bem-sucedida, repleta de promessas e que iria preencher todos seus sonhos. Eles tiveram de desistir desses sonhos e, no lugar deles, aceitar aquilo em que me tornei. Por isso eu os aplaudo, lhes agradeço e os amo.

Quanto à vida religiosa, há uma parte dela de que sinto falta. São fantasmas bem-vindos a meu coração. Tenho saudades da música e da poesia da liturgia, as entonações dos cânticos gregorianos, o coro das noviças cantando em uníssono. Sinto falta dos verões passados no convento, com centenas de irmãs que vinham fazer os cursos de férias, passeando pelo terreno em grupos de três ou quatro, enchendo a capela com sua energia amorosa. Evoco aqueles dias de festa, quando as regras eram relaxadas e ríamos e brincávamos. Sinto falta de ter feito parte de um todo que me parecia tão válido, tenho saudades dos muitos modelos e ideais que nos apresentavam e da concentração de tanta afeição e talento num único lugar.

Imagino não ser surpreendente o fato de eu continuar a gravitar em torno das mulheres. Precio a energia das mulheres que se esforçam por se transformarem, seus relacionamentos e a vida em nossa mãe terra. Essa descrição se aplica a irmãs que

conheci e amei no convento e no mundo das lésbicas, feministas e bruxas.

Estarão sempre comigo essas boas irmãs do passado, do presente e dos dias que virão — as irmãs que me amaram, freira, em 1963; as irmãs que me amam, lésbica, em 1983; e as irmãs que amarão quem quer que eu seja, em 1993. O poder de manter esses amores, aparentemente contraditórios, mas sempre presentes, pertence a mim. Quanto a meus muitos fantasmas e suas vozes, simplesmente acolho aqueles de quem gosto e exorcizo os demais. O poder também me pertence.

Sou uma lésbica branca, de classe média e de meia-idade, de Cincinnati, Ohio, com muitos sonhos de trazer mais amor ao mundo. Sentir-me dividida entre um eu autônomo e libertário e um eu tradicional e conformista é minha batalha cotidiana. Concentro-me sempre na autocura, em níveis profundos, e na liberação de meus poderes pessoais.

Segunda Parte

Raça, classe e cultura

Serão os conventos abrigos de liberdade multicultural? Infelizmente não! O racismo, o anti-semitismo e os preconceitos de classe infeccionam as comunidades religiosas, como ocorre em todos os setores de nossa sociedade. Lá onde aguardávamos a caridade, aquelas de nós que têm pele escura, nasceram no estrangeiro ou pertencem à classe operária, passaram pela experiência da condescendência, foram silenciadas ou simplesmente perseguidas. Vimo-nos forçadas a fazer uma lavagem em nossa própria cultura e adotar valores e modos da classe média, em nome da sagrada obediência.

Livrem-se desta freira

Marie Dennis
(1960 a 1968)

Fui a primeira negra a ingressar na ordem das Irmãs de Notre Dame de Namur. O noviciado era em Reading, Ohio. Àquela época, Reading tinha uma postura municipal que proibia os negros de morar lá. Qualquer negro que fosse para aquela cidade tinha de se recolher às seis da tarde. Ninguém sabia como a cidade iria lidar com o fato de eu ir viver no noviciado. Os advogados ficaram de sobreaviso, mas a cidade decidiu não criar problemas.

Havia preconceito racial na ordem. As freiras mais velhas eram muito diretas em relação ao assunto. Uma delas me disse, logo depois que ingressei no convento: “Sim, você dará uma boa irmã encarregada das tarefas caseiras; os negros não são suficientemente inteligentes para ensinar”. Nunca sonhei que seria uma professora. Presumi que seria apenas uma irmã dedicada a cuidar e a desempenhar trabalho físico. Vim de uma família pobre, mas a ordem reconheceu minha inteligência e decidiu me fazer estudar tecnologia médica. Mais tarde estudei matérias adicionais e recebi um certificado que me permitia ensinar matemática e ciência.

Enfrentei hostilidade declarada, ao ser enviada em missões. Os conventos recebiam telefonemas ameaçadores: “Livrem-se

dessa freira negra''. Em certa cidade jogaram uma pedra através de nossa janela. Foi em 1966, em Columbus, Ohio. Fiquei assustada. Havia queimado uma cruz, do lado de fora do convento, quando se ficou sabendo na paróquia que ia chegar uma freira negra. As demais freiras da casa também se assustaram. Algumas queriam ir embora; outras se dispunham a enfrentar a situação. A superiora foi uma mulher maravilhosa. Procurou me fazer sentir bem-vinda e deu instruções às demais irmãs para que agissem da mesma forma.

Fui designada para lecionar no segundo ciclo do ginásio. No primeiro dia minhas aulas foram boicotadas por 50 por cento dos alunos. A diretora fez pé firme: ou bem eles assistiam as aulas, ou então seriam expulsos. Eles resolveram comparecer. Inicialmente fui vítima de comentários maliciosos, mas minha classe de matemática foi a melhor colocada, aquele ano. Recordando o quanto eu odiara a escola, sempre tentava ensinar do modo como gostaria de ter sido ensinada. No segundo ano recebi o prêmio de melhor professora de matemática. A essa altura a garotada brigava para participar de minhas aulas.

No convento eu não sabia que era lésbica. Apaixonei-me, porém, por outra freira, quando ensinávamos juntas. Eu vivia nas nuvens o tempo todo. A irmã George Ann e eu dividimos o prêmio de melhor professora de calouros do ano. Os alunos diziam que era bom ter professoras que se gostavam e que eram afetuosas; gostariam que as demais freiras sentissem o mesmo em relação às outras. A irmã George Ann e eu fomos separadas, após aquele ano. Nossa superiora lembrou-nos que as amizades particulares eram danosas para a comunidade, pois encorajavam a quebra das regras. Ela transferiu a irmã George Ann para outra cidade.

Deixei a comunidade por duas razões. Uma delas foi a descoberta de que podia experimentar sentimentos tão profundos por outra pessoa. A segunda razão era minha desilusão cada vez maior com a Igreja. Já não conseguia mais suportar a posição católica, sobretudo em relação a questões sexuais e sociais.

Acredito agora na evolução em direção ao amor: ame a si, outras pessoas e a terra. Isso inclui preocupações práticas, tais como o desarmamento e salvar a terra da poluição.

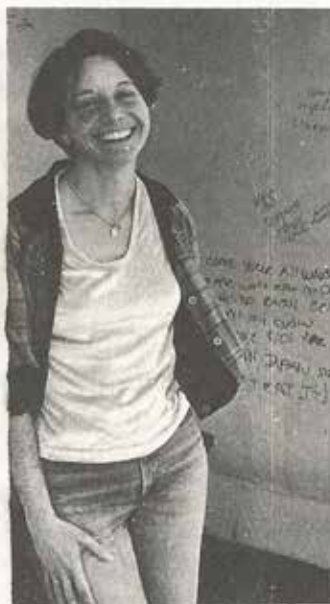
Não lamento os oito anos que passei no convento. A vida religiosa proporcionou-me instrumentos que uso desde então para pensar, viver, amar e crescer. Tornei-me uma pessoa melhor, pelo fato de ter sido freira.

Nasci em 1942 e cresci no gueto de Cincinnati, denominado West End. No momento trabalho como técnica de laboratório na Escola de Medicina da Universidade de Cincinnati. Servi como diaconisa na Igreja Comunitária Metropolitana e fui co-fundadora de Labyris, grupo lésbico radical. Falei sobre os direitos das lésbicas e dos gays na televisão e no rádio.

Este depoimento baseia-se numa entrevista com Nancy Manahan, em fevereiro de 1983.



Irmã Kevin, 1962



Kevyn Lutton, 1984

Do convento à feitiçaria, uma vida de trabalho

Kevyn Lutton

(1960 a 1967)

(Esta entrevista, realizada em 1983 por Donna Warnock, foi feita em San Francisco.)

Donna: Quais são seus antecedentes familiares?

Kevyn: Nasci em 1942, em Granite City, Illinois, uma cidade industrial, de usinas siderúrgicas, situada a nordeste de St. Louis. Fui a oitava filha de uma família de trabalhadores. Ao todo, éramos nove crianças. Meu pai trabalhava na manutenção da estrada de ferro. Minha mãe fazia faxina em escritórios, lavava para fora e, durante um tempo, foi guarda-livros no consultório de um médico. Dirigia também uma casa onde moravam onze pessoas. Tenho pele branca e gostaria de saber mais a respeito de minhas origens étnicas. Em relação a isso, sinto que existe uma perda. Desconfio que minha avó paterna pode ter sido índia. Meu avô era de fala francesa e seu nome tinha ressonâncias alemãs.

Donna: Qual foi sua educação religiosa?

Kevyn: Garota católica mártir! Fui muito religiosa. Desde a idade de nove anos minha obsessão era saber por que a vida era tão dura. O ritual católico, a parafernália simbólica, a música e aquela língua tão misteriosa cativaram meu coração. Tu-

do isso me reconfortou, do mesmo modo que os ritmos e as estações, com toda sua dramaticidade, e me proporcionou um lugar para decifrar os mistérios.

Donna: Com que imagens de mulher você cresceu?

Kevyn: Meu Deus, imagens de tanto sofrimento, tanta infelicidade! Era preciso carregar a cruz de todos os dias! Quando minha mãe estava no quinto ou sexto mês de gravidez de sua nona filha, na idade de 46 anos, ela sofreu um acidente de automóvel e quebrou a pélvis. Os médicos insistiram para que ela lhes desse a permissão de proceder a um aborto, pois, caso contrário, havia fortes possibilidades de que nunca mais voltasse a andar. Quando o vigário da paróquia ouviu falar disso, proibiu-a de abortar, devido às posições da Igreja. Minha irmã mais velha, que era a confidente de minha mãe e sabia que aquela gravidez era indesejada, “perdeu a fé” e deixou a Igreja. Isso provocou em minha mãe mágoa maior do que o sofrimento por que ela passava. Pois bem, minha irmã mais nova nasceu com a síndrome de Down. As reações dos adultos à incapacidade de minha irmã introduziram um estado permanente de crise na família, o qual marcou minha infância, pois esperava-se que eu tomasse conta dela, e não meus irmãos. Fiquei então sabendo que são as mulheres que devem sacrificar-se e se ocupar dos outros.

Minha mãe também me ensinou a passar por ser uma pessoa de classe média. Nossa casa não só era limpa, mas muito limpa, e isso, o tempo todo. A boa aparência tornou-se uma questão de orgulho. Minha mãe rezava constantemente. Ainda reza, aliás. É seu modo de aceitar uma vida dura. Ela ganhou o concurso da Mãe Mais Americana, logo depois que Granite City, Illinois, foi designada a Cidade Mais Americana do Ano. Em 1957 as usinas siderúrgicas apresentavam uma poluição tremenda e condições de trabalho lastimáveis, mas tinham alta taxa de emprego. Minha mãe tinha nove filhos, incluindo um bebê incapacitado e três filhos que serviam o exército, durante a guerra da Coreia.

Donna: Quais são suas recordações sobre a sexualidade?

Kevyn: As aulas de catecismo, relativas à sexualidade, diziam que este era o maior dos pecados e isso me afetou demais. Lembro-me de quando me masturbei pela primeira vez, aos doze anos de idade. Estávamos num dia quente de verão e não havia ninguém em casa, o que era raro. Eu tinha acabado de tomar banho e estava nua, em frente do espelho. Comecei a me sentir, fiquei completamente excitada e gozei meu primeiro orgasmo. Senti-me acachapada, ao perceber o que tinha acontecido: “Mas então é isso — o último dos pecados! Agora tenho de me confessar, antes de qualquer outra coisa, pois, se morrer, ficarei no inferno por toda a eternidade”. A confissão foi um verdadeiro pesadelo. Havia uma comprida fila, na lateral da igreja, à espera do perdão. Fazia um calor dos infernos, mas, sempre que chegava minha vez de ajoelhar-me no confessionário, minha coragem me abandonava e eu voltava para o fim da fila. Permaneci naquela igreja sufocante durante três horas. Sentia-me tão envergonhada...

Donna: Consegue se lembrar do que lhe ocorreu, quando pensou em ser freira?

Kevyn: Quando estava na sétima série, convenci-me de que queria entrar para um convento, onde poderia viver e trabalhar com mulheres, sem a presença de nenhum homem. Isso terminaria com todos meus problemas. Antes de ir para a escola eu trabalhava no Café Hullings, em St. Louis, das quatro às oito da manhã, descascando batatas. Não queria fazer isso para o resto da vida. Os privilégios e o status das freiras eram, na minha imaginação, algo muito lisonjeiro.

Donna: O que esperava que iria acontecer, ao ingressar no convento?

Kevyn: Para mim existia algo de muito sedutor na vida contemplativa. Ela significava liberdade total, no sentido de não ter de me relacionar com o mundo. Achei que alcançaria aquele mesmo estado de Santa Teresa de Ávila, a mística que escrevia livros sobre o amor espiritual e, ao que se dizia, levitava.

Donna: Em que ordem ingressou?

Kevyn: As Irmãs Adoradoras do Sacratíssimo Sangue de Jesus Cristo. Eram elas as encarregadas do ginásio onde estudei. Todo ano mandavam a irmã Timothy para lá, a fim de recrutar postulantes. Caf de amores por ela e ainda a amo.

Donna: O que existe de especial em relação às Irmãs Adoradoras e que as distingue das outras ordens dedicadas ao ensino?

Kevyn: A irmã Timothy!

Donna: Você gostava da vida do convento?

Kevyn: Gostava, sim. Os três primeiros anos me deixaram entusiasmada. Ordem, limpeza, paz, morar no campo, comida maravilhosa, pão fresquinho tostando no forno... Lá eu tinha feito o voto de pobreza e nunca comi tão bem em toda minha vida! É claro que trabalhávamos para criar aquilo tudo, mas nunca foi uma coisa tão penosa quanto em minha casa. Lá existia total segurança. Eu tinha tudo de que necessitava. Minha família não precisava preocupar-se comigo. Tive acesso a muitos privilégios, sobretudo à instrução. Sentia-me tão protegida de crises! Minha irmã postulante preferida era de Chicago. Ela cresceu na pobreza. Nasceu uma inclinação mútua, mas tínhamos um estilo de vida rigorosamente monástico. Durante o dia dispúnhamos apenas de dois períodos, num total de uma hora e quinze minutos, quando podíamos nos falar. Minha amiga estava lá havia quase um ano quando, certa manhã, acordei e descobri que ela tinha partido. Foi mandada para casa devido a problemas de saúde. Jamais se alimentara tão bem. Comeu em excesso e ficou com úlcera.

Donna: Como eram os relacionamentos no convento?

Kevyn: Muitas afeições profundas, muito interesse, muito carinho. A divisão de classes era, porém, bastante óbvia. Havia aquelas que se incumbiam da manutenção e aquelas que ingressavam na vida acadêmica. Creio que havia uma opressão de classe, dirigida contra mim e algumas outras. Fui solicitada a tomar aulas sobre boas maneiras: como servir o chá, como não dizer certas coisas. Ressenti-me bastante.

Donna: E a questão da raça?

Kevyn: Havia apenas uma pessoa de cor, num convento de quinhentas criaturas. Isso refletia o racismo presente na comunidade maior que a paróquia atendia. Para eles, as pessoas de cor não eram visíveis.

Donna: Descreva sua própria sexualidade, quando você era freira.

Kevyn: Eu era sexualmente bloqueada. Toda aquela energia era reorientada, através de minha mente analítica. Eu me esforçava por atingir um estado alterado de consciência espiritual.

Donna: Você percebia qualquer atividade lésbica no convento?

Kevyn: Não, a não ser por certas nuances. Havia uma professora de quem eu gostava profundamente. Tornou-se minha mentora especial e foi a primeira pessoa a me fazer pensar no significado do preconceito de classe. Cresceu na pobreza, numa família católica, de origem irlandesa, e passou boa parte da infância num orfanato. Sendo professora de inglês, animou-me a escrever sobre o que significou crescer em Granite City. Certo verão, de volta ao convento, quando me sentia triste pela falta de aliadas, em meio às lutas políticas, ela veio até mim, bem tarde da noite. Nós nos abraçamos e nos acariciamos. Foi bem ousado, bem carregado de sexualidade. Seu afeto e seu apoio significaram muito para mim.

Donna: Como o Vaticano II modificou as coisas?

Kevyn: Em todos os lugares as irmãs rompiam aquele solene silêncio, que consistia em evitar falar sobre o Vietnã e a exploração dos países do Terceiro Mundo. Os livros de Pierre Teilhard de Chardin entravam no convento por debaixo do pano. Eles faziam parte da lista negra da Igreja. Chardin foi excomungado pelo fato de afirmar certas coisas, tais como a terra é o Corpo de Cristo e sagrada, os cristãos devem assumir a responsabilidade por sua evolução. Essa fala sacrílega provocou uma divisão interna. Muitas freiras queriam ter um envolvimento político maior com o mundo e sentiam que não tínhamos o direito de ficarmos protegidas, gozando de conforto e segurança.

Aquelas que se manifestavam foram isoladas intencionalmente das demais e enviadas para paróquias distantes, dirigidas por superiores rígidas. Irmã Esther, criatura brilhante, a quem eu muito amava, desapareceu durante um tempo. Fui submetida a eletrochoques.

A madre superiora me dizia que minha espiritualidade se debilitava, pelo fato de eu falar a respeito desses temas. Eu me submeti durante quase um ano a seus sermões, que visavam me disciplinar, quando meu pai adoeceu, com câncer. Recebi permissão de ir para casa, ajudar minha mãe a cuidar dele. Foi um pesadelo. Ele gritava de dor. Apliquei-lhe injeções de morfina, mas então ele envenenou-se com a droga e gritava de terror, ao ter alucinações. Minha mãe e eu recebemos muito pouco apoio de minha comunidade. Após a morte de meu pai, caí numa grande depressão, mas não tive a permissão de me entregar ao pesar. Nós, as freiras, éramos muito bem escolarizadas na arte do desligamento. Voltei para a paróquia, onde dava aula para 47 alunos do sétimo grau. Ensinau matérias como, por exemplo, geografia, que não tinha estudado desde o sétimo grau.

Quando fazia três semanas que eu tinha voltado, a madre superiora me levou tarde da noite para um hospital de doenças mentais, em St. Louis. Na recepção me perguntaram: "Por que você veio para cá?"

— Não sei. Foi ela quem me trouxe. Pergunte a ela — respondi, apontando para a madre superiora. Elas trocaram olhares cúmplices e eu fui internada e pesadamente drogada. O médico me disse que estava pensando em aplicar em mim choques elétricos. Graças a Deus acabou desistindo.

Após três semanas fui mandada de volta à mesma escola, a fim de ensinar, mas os paroquianos souberam de meu internamento e fizeram circular uma petição, pedindo minha remoção. Eu já estava deprimida, sem permissão de citar o que tinha acontecido a meu pai, durante sua longa e violenta agonia. Ser tachada de mentalmente doente minou profundamente meus recursos interiores. Fui então mandada para uma paróquia ainda

mais distante, onde a superiora exigia estrita obediência e obrigava as freiras a ajoelharem diante dela, a fim de receberem ordens.

Donna: Como foi que você deixou o convento?

Kevyn: Pediram-me para sair, mas recusei. “Não, vou ficar e lutar.” Escrevi à casa provincial, em Roma, e deram-me permissão de continuar. Decorrido um ano, fui eu quem quis partir. Uma freira me levou até a casa de minha mãe. Entrei, tirei o hábito, vesti roupas que minha irmã conseguiu para mim, entreguei o hábito à freira e ela se retirou. Foi uma ruptura drástica com toda minha vida. A sensação de ser estranha e alheia ao mundo secular me era muito dolorosa. Tornou-se difícil voltar a me relacionar com meu corpo, decorridos tantos anos. Levei algum tempo contemplando-me no espelho, olhando meus pêlos, com a cabeça raspada e redonda, antes que conseguisse lidar com a liberdade de escolher uma “aparência”. Sentia-me atrapalhada com a questão das roupas, da moda e do estilo.

No primeiro mês fiquei por demais deprimida. Ainda via a louquinha que saía do hospital, onde tomava drogas. Renunciar às lutas do convento significava para mim a morte de um sonho. Não tinha nenhuma comunidade me esperando, apenas minha família. Embora fossem afetuosos e me ajudassem, num sentido material, não tinham condições de participar de minhas idéias radicais sobre as mudanças pelas quais a Igreja deveria passar. As aulas de arte na Universidade de South Illinois me fizeram um grande bem. Estudei igualmente teologia e tornei-me “craque” no tema da “morte de Deus” e da secularização da religião, ambos temas quentes, nos círculos teológicos daquela época. Naquele mesmo ano outras irmãs deixaram o convento, incluindo a mestra das postulantes e a irmã Timothy. Ajudei-a em seu processo de volta ao mundo secular, sabendo o tempo todo que tinha uma queda por ela. Aconteceu, porém, que ela se apaixonou por um ex-monge.

Donna: Você acaso se arrepende de ter estado no convento?

Kevyn: Agora não. Dadas as circunstâncias de minha vida,

foi uma coisa fortuita. Decorridos dez anos de minha partida, senti saudades do tempo que passei lá. Senti que tinha sido explorada desde a infância pela Igreja Católica e que tinha passado sete anos desprovidos de sentido, como freira. Inicialmente fiquei tão indignada que o simples fato de ver uma freira despertava em mim muito ressentimento. Achava que todas as freiras e padres eram estúpidos e que todos os que eram inteligentes tinham-se retirado. Agora, porém, considero-me novamente uma pessoa religiosa e tenho respeito por quem quer que se engaje numa ação espiritual, ligada ao assumir responsabilidades para com a terra. Muitos padres e freiras católicas engajaram-se profundamente na luta política. Hoje em dia encaro as freiras apenas como trabalhadoras, diferentes entre si.

Donna: Trabalho para uma organização pacifista, que tem um programa de anti-recrutamento militar, para aqueles que pensam em entrar para as forças armadas. Nós lhes damos conselhos sobre opções alternativas e lhe fornecemos referências, a fim de que possam conseguir empregos, estágios profissionais e oportunidades educacionais, sobretudo para as pessoas de baixa renda. Você acha que deveria existir um programa de anti-recrutamento, na comunidade das mulheres, para aquelas jovens que encaram a possibilidade de entrar para um convento?

Kevyn: Sem a menor dúvida! Também gostaria de ver estruturas de apoio na comunidade das mulheres e que facilitassem às ex-freiras seu retorno à sociedade secular. Precisamos de uma tomada de consciência, em relação às ex-freiras. É opressivo notar as pessoas caçoarem das mulheres que estiveram num convento. Tal atitude invalida a própria criatura, suas escolhas e seus antecedentes, além de reforçar a opressão internalizada das ex-freiras. Gostaria de ver os católicos deixarem de colocar as freiras em pedestais. Gostaria que houvesse maior sentido comunitário entre as freiras e as mulheres, fora do convento. Informações sobre a antipsiquiatria teriam me ajudado a ver o tratamento psiquiátrico como algo opressivo, destinado a me fazer calar. Espero que finalmente sessões de aconselhamento es-

tenham agora à disposição das pessoas necessitadas. Teço também fantasias sobre uma rede de comunicações entre feiticeiras lésbicas e freiras. Seria maravilhoso para ambos os grupos.

Donna: O que conta de seu primeiro relacionamento sexual?

Kevyn: Após deixar o convento, formei-me e ensinei arte nas escolas públicas, espalhadas por entre os labirintos de edificações precariamente construídas e abarrotadas de gente, destinadas à habitação dos negros urbanos e pobres. Tive um relacionamento maravilhoso com outro professor, um negro. Aos 27 anos casei e fui morar na Flórida, onde ensinei arte e lutei contra a segregação nas escolas. Ao voltar para a escola de arte, sentia uma viva atração pelas mulheres, mas minha homofobia era tão aguda que preferi continuar enrustida.

Donna: Como foi que suas crenças espirituais evoluíram, depois que você deixou o convento?

Kevyn: Inicialmente desisti de todas as práticas espirituais. Considerava-me ex-católica, fiz muitas leituras e escrevi bastante a respeito da secularização do espírito, que é como eu denominava esse processo. Deus estava morto. Lamentava aquela morte e reconfortava-me fazendo arte. Estava assustada. De vez em quando me entregava à luta política, mas me surpreendia morbidamente consciente de minha falta de poder e da opressão do sexismo e do classismo. Desci ao fundo do poço em 1975, quando minha incapacidade de encontrar emprego me levou a depender da assistência social. Lá eles me enviaram para o setor de reabilitação vocacional, de onde fui mandada para um psiquiatra. Passei cinco anos sendo drogada e explorada.

Naquela época uma jovem judia tornou-se minha amiga e admirava minha arte. Ela fazia pesquisas e dava aulas de feitiçaria. Queria que eu participasse do grupo que estava formando. No estado em que me encontrava, deprimida, drogada e isolada, resisti durante dois anos, mas finalmente acabei aderindo. Um ano depois, a raiva que sentia dos psiquiatras que tinham abusado de mim, emocional e sexualmente, começou a vir à tona. Fui hospitalizada numa enfermaria psiquiátrica,

deram-me ainda mais drogas e sofri uma série de restrições. Meu grupo de feiticeiras visitava-me diariamente, tranquilizava os responsáveis por meu internamento e, finalmente, conseguiu me tirar de lá. Comecei a encarar com mais seriedade a crença que a feiticeira tem na capacidade de assumir seu poder. Fui iniciada formalmente como feiticeira e sacerdotisa e engajei-me num relacionamento apaixonado com a deusa, o espírito feminino, tal como a encontro imanente na Terra, em todas suas criaturas naturais e nas mulheres.

Donna: Quando foi que você se assumiu como lésbica?

Kevyn: Identifiquei-me como politicamente lésbica uns três ou quatro anos antes de assumir minha sexualidade, o que ocorreu há três anos.

Donna: Você consegue traçar paralelos entre suas expectativas, ao se tornar uma freira e ao se tornar uma lésbica?

Kevyn: Existia a expectativa de ser capaz de viver e trabalhar fora do alcance dos privilégios e da dominação do homem. O convento me proporcionava essa ilusão, mas nossa falta de poder, na Igreja patriarcal, se fazia presente diariamente. Quando pensei em me tornar freira, sonhei com o êxtase espiritual, e, ao pensar em me tornar lésbica, meu sonho era o êxtase sexual. Agora ambas as expectativas foram preenchidas, pois abri-me para meus sentimentos sexuais de modo satisfatório. Trabalhar ao lado de uma mulher que me excita sexualmente é o máximo. O fato de o trabalho encerrar um componente erótico consciente energiza-me. Existem outros paralelos entre as freiras e as mulheres: os vários modos como trabalhamos juntas, como nos comunicamos, como damos forma a nossos objetivos, como os realizamos, como cuidamos umas das outras. Nos grupos com que trabalho existe um compromisso com a espiritualidade feminista, com a construção de uma comunidade e com o assumir responsabilidade pela terra.

Nota de Kevyn: Sinto-me grata a minha irmã da classe trabalhadora e minha companheira ativista política, Donna Warrnock, por me forçar a prestar este depoimento, apesar de mi-

nha resistência. Foi doloroso recordar tantas mágoas sepultadas. No entanto, muita mágoa foi provocada pela minha crença estúpida de que minha vida não era normal. Compreendi, então, que “normal” é aquilo que as pessoas que gozam de um excesso de poder querem que sejamos e é aquilo que as pessoas oprimidas não são nunca. Sinto-me feliz por ter compartilhado minha história.

O que uma garota judia, boazinha como eu,
estava fazendo num convento?

Ayyelet Hashachar
(1962 a 1968)

Querida Shoshi:

Sua carta está em cima de minha mesa há várias semanas. Prometi a mim mesma que responderia sua pergunta antes de fazer qualquer coisa, mas, toda vez que encarava a página em branco, não conseguia começar. O que uma garota judia, boazinha como eu, estava fazendo num convento? Não tinha idéia de que recordar seria para mim tão doloroso. No entanto devo escrever este depoimento, não tanto por você, mas por mim. Você conhece aquela máxima dos rabinos: "Se eu não sou a meu favor, então quem será? E se não for agora, quando será?"

Não é de admirar que minha antiga vida de freira a surpreenda. Camuflar-se por meio de uma biografia é uma reação reflexa. Oculte todo um período de minha vida a fim de evitar perguntas curiosas sobre os anos passados no convento. Quando a conheci, vivia como judia há dez anos. Você, é claro, não teria questionado minhas credenciais de judia ou brandido meu passado de cristã contra mim. Houve porém uma época, depois que voltei para os Estados Unidos, vinda de Israel, e antes que minha conversão fosse oficial, em que me negaram emprego, meu apoio a Israel era considerado suspeito e alguns alunos

chegaram até mesmo a pôr em dúvida minha competência profissional. Imagine qual seria a reação dessas pessoas, se soubessem que eu tinha sido freira!

Tornei-me, portanto, uma dissimulada e procurei preencher aquela lacuna de seis anos, no passaporte que atestava minha identidade judia. A fim de tornar aqueles anos inteligíveis aos judeus, teria de retratar a atmosfera desencorajante do catolicismo, que Mary Gordon evoca tão bem em seus romances. Quando acabei de ler *Final Payments*, senti que, a exemplo da protagonista, eu tinha conseguido me salvar das areias movediças graças à força da raiva e da perseverança.

Desde que deixei o convento, procurei algo que valesse a pena e que me recuperasse dos dias passados lá. Recebi uma excelente formação liberal, no campo da arte, e fiz alguns bons amigos. Ninguém me desencorajou a estudar qualquer tema pelo fato de eu ser mulher; ao contrário, fui encorajada a dar o melhor de mim. No segundo ciclo do ginásio senti-me atraída pelas freiras, pois me pareciam mulheres muito independentes. Lembro-me sobretudo de uma freira que me ensinou literatura e a escrever criativamente. Era brilhante, espirituosa, forte, nada conformista, atlética e tinha nome de homem. Eu queria ser como ela.

Entrei para o convento aos 17 anos, embora nunca tivesse sido “religiosa” e não tivesse passado pela experiência do “chamado” (vocação). Carregava apenas um sentimento de culpa, induzido pelas freiras, pois eu fazia planos para minha vida, após o ginásio, sem levar Deus em consideração. As outras jovens que entraram comigo não eram diferentes. As irmãs escolhiam o “crème de la crème” de cada classe que se formava: as que faziam parte da diretoria das organizações estudantis, as alunas mais criativas, as melhores atletas. Lembro-me apenas de uma desajustada. Ela foi mandada para casa quando, no convento, anunciou que tivera uma visão da Bendita Virgem Maria.

Minha ambivalência em relação à entrada para o convento devia ter ficado óbvia, quando surgiu uma úlcera, durante o verão, após me formar no ginásio, mas, naquela época, não per-

cebi a ligação. Quanto à decisão que tomei, meus pais se mostraram mais resignados do que felizes diante da idéia de que sua filha única os deixava por uma vida de serviço na Igreja. Algumas pessoas chegaram a sugerir que entrei na vida religiosa para me afastar de casa, mas a comunidade em que ingressei era de católicos irlandeses, autoritária e conservadora, como minha família. Ao me dar conta de que o convento não era aquilo que eu esperava, não me retirei imediatamente. Prefери ficar e tentar me adaptar. Com minha família, que sempre se envolveu com a política, aprendi a combater o sistema de dentro, mas apenas de dentro. Acomodava-me com aquilo de que não gostava e suprimia minha raiva. Cada ano imaginava que o próximo seria melhor e que as coisas eram passíveis de mudança. Mais tarde eu gozaria de mais liberdade. Embora cada tarefa ligada ao trabalho ou ao ensino parecesse pior do que a anterior, eu acreditava que uma decisão tão importante quanto a que pretendia tomar não devia basear-se num conjunto específico de circunstâncias. Afinal de contas, eu professara votos com a intenção de os manter por toda a vida. Se fosse realmente abandonar o convento, talvez nunca mais tivesse condições de engajar-me definitivamente no que quer que fosse.

Jamais consegui ajustar-me ao regime de orações prolongadas ao amanhecer, a missa, o rosário, a confissão, palestras sobre a vida religiosa, leituras de livros espirituais durante as refeições, capítulos das culpas, dias e noites de silêncio, o uso de cabelos tosados, a fim de poder manter um toucado cujo desenho obedecia ao de uma armadura medieval, e a obrigação de ajoelhar para pedir permissão para tudo, desde sabão e papel higiênico até minha agenda de estudos. Fazia o que se esperava de mim, em circunstâncias em que qualquer omissão ressaltaria, mas, a cada ano que passava, fazia cada vez menos. Substituí ioga, praticada à noite, pela meditação, mas dormia no meio dela, até de manhã. Aos poucos fui perdendo tudo, não apenas confiança na religião institucionalizada, mas também na espiritualidade e na crença em Deus.

Manifestou-se também em mim alergia à vida comunitária, que se tornara ao mesmo tempo um benefício e um peso para alguém que era filha única. Não podia sentir-me sozinha, pois vivia rodeada de gente e também não podia gozar de uma solidão a ser vivida em meus próprios termos. Era uma representante ambulante da Igreja, 24 horas por dia, a serviço da laicidade e da religiosidade, ao mesmo tempo.

No início eu conseguia encarar como meus ideais mulheres de dez a quinze anos mais velhas do que eu que pareciam compartilhar meus valores. A comunidade, porém, não conseguiu introduzir na vida religiosa aquelas modificações propostas pelo Concílio Vaticano II. As mulheres que detinham o poder preferiam “frear o ritmo”. Muitas irmãs perderam a esperança de modificar o sistema a partir de dentro. Entre 1966 e 1968, mulheres, cujas idades variavam dos 25 aos 50 anos, saíram do convento aos magotes. Com a retirada daquelas que me serviram de modelo, não me restava outro ideal que não o de trabalhar para pagar as contas de tratamento médico das irmãs mais velhas. Quando uma das beneficiárias de meu salário denunciou-me por usar bermudas numa manhã de sábado, no lugar do hábito, minha raiva explodiu. Parti.

Olhando para trás, percebo agora que o convento foi uma das primeiras versões do movimento separatista das mulheres. Éramos mulheres que tinham deixado para trás um mundo no qual as mulheres eram dadas aos homens por outros homens. Éramos todas lésbicas, em graus variados, dependendo da percepção que tínhamos de nós enquanto mulheres que se identificavam com mulheres. O convento, porém, permaneceu muito aquém de uma sociedade utópica, composta só de mulheres. O próprio contexto, que poderia impelir as mulheres a se amarem, proibia a afirmação daqueles vigorosos laços. Poderíamos ter o poder, enquanto mulheres que se juntavam, mas o erro do roteiro, o que impedia o convento de realizar integralmente seu potencial de sociedade separatista, era o sexo. A homofobia operava no convento com força ainda maior do que na sociedade como um todo.

Na noite em que ingressei, enquanto me preparava para deitar, em meio ao silêncio e à penumbra, comecei a sentir medo do lesbianismo. Agora isso me parece engraçado. No meu dormitório dormiam dezoito jovens. A única ruptura à regra do silêncio vinha de três criaturas à minha volta, que falavam enquanto dormiam. Silêncios rigorosos, dormitórios grupais, lençóis dependurados, separando uma cama da outra, proibição de entrar nos dormitórios durante o dia, tudo isso impedia a intimidade física.

Ouvíamos advertências sobre os perigos das amizades particulares. Ninguém empregava a palavra lésbica. A proibição de amizade íntima entre duas mulheres baseava-se na ideologia da vida comunitária: se a gente restringisse demais o tempo e a atenção a uma única pessoa, esse fato limitava nossa disponibilidade para a comunidade como um todo. Não entendi que essa proibição tinha também o objetivo de impedir o desenvolvimento da intimidade física. Esperava-se que sublimássemos “as solicitações da carne”, mas nunca as senti, pois jamais havia explorado meu próprio corpo. Chegavam a nos proibir de usar absorventes. A castidade, voto concebido apenas em termos heterossexuais, era fácil, pois eu não poderia sentir falta daquilo que não conhecia e não conseguia imaginar.

No entanto as regras e os regulamentos não conseguiam impedir as pessoas de se apaixonarem, e, no primeiro ano, apaixonei-me violentamente. Foi o primeiro amor de minha vida adulta. Achávamos que não passava de uma amizade sublime. Descobrimos, uma na outra, a afinidade de um eu interior. Aos poucos, durante aquele ano, nossa proximidade emocional levou-nos ao desejo de estarmos fisicamente próximas e a nos tocarmos. Finalmente a intensidade de nossos sentimentos nos alarmou. Minha amiga resolveu que, para nosso bem, deveríamos nos apartar. Como não confiava em si mesma no sentido de manter um equilíbrio, quando se tratava de dividir seu tempo e sua atenção, ela desistiu inteiramente de mim. Embora morássemos no mesmo colégio, ficou sem falar comigo durante três anos.

Se a renúncia tivesse sido mútua, eu não ficaria tão magoada, mas não estava preparada para me conformar.

O fim desse amor-amizade teve conseqüências que se manifestaram mais tarde. Como Berenice, personagem do romance *The Member of the Wedding*, que desposava “pedaços” de seu primeiro amor nos outros homens, depois que deixei o convento senti uma paixão enorme e quase casei com o irmão de minha amiga. Deveria ter ficado desconfiada com o fato de que ele, mais do que qualquer outro homem, despertasse uma reação tão intensa em mim. Aos 18 anos, porém, a veemência de meus sentimentos e o ressentimento de perder o amor da irmã dele, levaram-me a tentar abafar minhas emoções. Quase consegui eliminar minha capacidade de amar, juntamente com meu ódio.

Finalmente envolvi-me com outra mulher, antes de deixar o convento. Quando soube que minha mãe estava doente e que não havia esperanças, minha companheira de quarto tentou reconfortar-me. A relativa privacidade de nossas acomodações nos permitia ternura e proximidade física, mas não ousávamos dormir na mesma cama, receosas de sermos surpreendidas. Nossa natural curiosidade levou-nos a beijar nossos lábios e seios. Não avançamos mais, pois não desconfiávamos do poder da excitação sexual, que permanecia adormecida entre nossas pernas. O que fazíamos era gostoso e atendia nossas necessidades. Mesmo quando fomos designadas para ensinar em lugares diferentes, prosseguimos com nosso envolvimento físico, durante o período de visitas. Ela também rompeu com o relacionamento antes da renovação de seus votos. Quando, alguns meses mais tarde, comuniquei-lhe que iria deixar o convento, ela me disse para ir para o inferno.

Após a partida, comecei imediatamente a sair novamente com os homens, para descobrir aquilo de que me privara na sociedade heterossexual. Mantive relacionamentos pouco duradouros, adquiri alguma experiência quanto ao sexo, li livros relativos a sexo e aprendi como me masturbar. Participei ativamente

te dos movimentos pelos direitos civis, pela liberação das mulheres e contra a guerra. Minhas amigas feministas da faculdade trouxeram minha consciência do catolicismo medieval para o século 20. Discutiam com a maior liberdade qualquer questão que as afetasse enquanto mulheres, incluindo o lesbianismo. Apaixonei-me por uma dessas amigas e, mais tarde, tive um caso com outra. Era meu verdadeiro despertar sexual e o início de minha aceitação enquanto lésbica.

Um dos personagens do romance *Nighthood*, de Djuna Barnes, coloca que “a vida contemplativa é um esforço para se esconder o corpo, de tal modo que os pés não apareçam”.

Gosto desta imagem. Durante os anos passados no convento, tentei uma forma de auto-eliminação, através de meus esforços para sujeitar-me e conformar-me, mas minha sexualidade vivia aparecendo, por mais que tentasse suprimi-la. Mais tarde tentei apagar aqueles seis anos de minha vida e retomá-la no ponto em que a tinha deixado, aos 18 anos, movida talvez por um sentimento de culpa. Com efeito, eu era cúmplice do processo de eliminar meu *eu*. Nem a Igreja nem o convento poderiam ter feito isso, se não fossem ajudados por mim.

Lembram-se daquela canção de Meg Christian, sobre sua casa no sul: “Não a culpo mais pela dor que eu poderia ter encontrado em qualquer lugar”? Já é tempo de eu parar de culpar o convento pela dor daqueles anos; isto poderia ter acontecido comigo em qualquer lugar. Já é tempo de parar de recorrer à zombaria e ao esquecimento, como se isso pudesse amortecer meu passado. Sinto-me pronta para “abraçar o que amei e rejeitar o resto”, conforme diz Meg.

Shoshi, foi difícil escrever esta carta, mas valeu a pena. Fica para outra vez a história de como me tornei judia. Escreva logo. Sinto falta de você.

Com muito amor,
Ayyelet.

Ayyelet Hashachar, a Forte Gazela da Alvorada ou Estrela Matutina,

é uma judia lésbica, que ensina literatura judaica numa universidade, mora com sua amante no campo, está escrevendo um romance lésbico, levanta peso, alimenta pássaros e gostaria de ter um gato chamado Balagan, que significa desordem, confusão.



Irmãs Mary Agnita (*dir.*)
e Berbard Damien (*esq.*), 1966



Jessie (*dir.*) e Fran (*esq.*), 1981

Tão boa, tão direita

Jessie
(1959 a 1967)

Nasci nos Estados Unidos e assim, por mero acidente geográfico, dizem que sou americana. Estatisticamente sou classificada como negra, mas, na realidade, sou uma mistura multi-racial.

Sou filha de pais católicos e cresci numa atmosfera muito católica. Minha família era pobre. Minha introdução aos valores e ao modo de viver da classe média aconteceu durante os anos em que vivi no convento. Após deixá-lo, continuei a manter um estilo de vida de classe média durante cinco anos. Agora sou pobre por escolha.

Enquanto eu crescia, minhas atitudes em relação à sexualidade baseavam-se nos ensinamentos da Igreja Católica, que diziam ser o sexo um mal necessário, uma função a ser desempenhada em um casamento abençoado pela Igreja, destinado unicamente à perpetuação da espécie. Como muitos católicos, eu era confusa e cheia de sentimentos de culpa.

Consigo localizar meu primeiro interesse consciente pelas mulheres, que não as amigas, na idade de 10 anos, ao ir dormir na casa de uma coleguinha. Luna e eu dividimos uma cama. Senti-me excitada por estar fisicamente próxima a ela, tocando-a e acariciando-a. Lembro-me da imensa exaltação que experi-

mentei ao manter contato corporal íntimo com Luna, quando ela tentou livrar-se de minha "captura", certa ocasião em que brincávamos.

A sexualidade era tema raramente abordado nas conversas da família. Lembro-me vagamente de referências ocasionais a homens que eram "esquisitos", termo empregado para qualificar seu comportamento efeminado. A algumas mulheres de nossa vizinhança denominávamos "masculinizadas", mas não havia nisso a menor conotação sexual. O termo referia-se ao modo como elas se vestiam, ao hábito, então pouco comum, de trajarem calças compridas, usarem o cabelo bem curto e desempenharem tarefas profissionais habitualmente identificadas com trabalhadores. "Homossexualidade" não fazia parte de meu vocabulário, até a idade de 25 anos. O termo "lésbica" entrou em meu vocabulário quando eu tinha 32 anos. Àquela altura eu amava uma mulher havia seis anos, emocional, romântica e sexualmente.

À medida que crescia, não me passava pela cabeça entrar para o *college*. O casamento, a família e o trabalho eram as únicas opções que conhecia. Senti, porém, que tinha vocação religiosa. Comecei a sair com rapazes, a fim de testar minha vocação. É claro que eu havia predeterminado o resultado desses testes. Namorar também me ajudava a parecer normal, de tal modo que, quando eu ingressasse na vida religiosa, daria a impressão de ter gozado de todas as coisas que as garotas normais gozavam e desistia delas em favor de um apelo superior.

Em 1958 entrei para uma comunidade missionária estrangeira, no norte dos Estados Unidos. Antes disso não tinha percorrido distâncias superiores a 150 quilômetros de minha casa, num Estado do sul. Entre as duas mil irmãs missionárias da comunidade fui a segunda negra a ser aceita como postulante. O convento significou mudanças drásticas em todos os planos de minha vida. Minha conformidade, porém, serviu para que me tornasse um modelo de religiosidade para a maior parte das pessoas, durante os oito anos e meio que passei lá.

Durante quase todo o tempo que vivi no convento minhas necessidades emocionais e sexuais foram ou reprimidas ou redirecionadas para a oração, o trabalho ou outras atividades aceitáveis. Como jovem irmã professora, fiz amizades profundas e verdadeiras com as mulheres de minha comunidade, muitas das quais prosseguem até hoje. Uma dessas amizades significou meu primeiro enamoramento por uma mulher. Não identifiquei meus sentimentos como emoção romântica. Simplesmente sentia-me abalada e desabrochava em sua presença. Chorei durante vários dias, quando ela partiu para atender outros objetivos da comunidade, e sonhava com nosso reencontro. As ocasiões que passávamos juntas eram intensas, sem ser abertamente sexuais. Abraçávamo-nos e nossas mãos se tocavam com frequência, mas um temor profundo de admitir aquilo que poderia estar fervendo dentro de nós impedia a expressão de nossos desejos. Além dos tabus sociais, nossos votos proibiam ter até mesmo pensamentos relativos a comportamento sexual. Se tivéssemos nos conhecido fora do convento, seria fácil imaginar o que nos teria acontecido. Até hoje somos amigas íntimas.

O envolvimento sexual declarado ocorreu vários anos depois, com outra irmã que era amiga íntima. A primeira impressão que Fran teve a meu respeito era que eu demonstrava possuir poucas opiniões em relação a tudo que contivesse alguma substância. Ela, por sua vez, era ativista, pronta para a mudança. Para ela eu parecia tranqüila e espiritualizada. Aos poucos a compreensão mútua aumentou, enquanto compartilhávamos alegrias e decepções, momentos de tensão e de abandono. Discutíamos as mudanças no interior e fora de nossa comunidade e como elas nos afetavam. À medida que nosso relacionamento se aprofundou, Fran tornou-se ameaçada por nossa proximidade e tentou repelir-me. Conhecendo-a melhor do que ela imaginava, recolhi-me, ao perceber suas atitudes de defesa, e ela sentiu-se mais confiante e menos atingida.

Certa noite, durante uma violenta tempestade, no domingo de Pentecostes, percebemos que estávamos à beira de atraves-

sar o limite que nos levaria a um envolvimento romântico. Aquela noite, decorrida em meio a uma grande proximidade física — permanecemos sentadas e vestidas —, terminou com um beijo que dei em sua fronte, e foi repleta de emoção. No dia seguinte partimos para diferentes escolas, onde ensinaríamos durante o verão. A distância que nos separava permitiu que tivéssemos tempo de avaliar nossos sentimentos. Trocamos muitas cartas. Quando o verão chegou ao fim, estávamos prontas para compartilhar algo mais do que uma amizade. Nenhuma das duas sabia o que isso significava. Os tabus e proibições de minha existência anterior começavam a perder relevância. Minhas escolhas se tornaram mais responsáveis, mais dirigidas para dentro, menos reacionárias e menos motivadas por fatores externos.

Após meses de hesitações, carícias desajeitadas e sofrimento emocional, demo-nos conta de que estávamos profundamente apaixonadas. Nosso relacionamento evoluiu de um jeito tão bom, tão certo, nos fez crescer tanto, individualmente e em conjunto, que jamais nos ocorreu que poderia ser algo errado ou pecaminoso. Em nossa ingenuidade sexual, ficamos confusas sobre a natureza exata da nova dimensão que explorávamos, mas não sentimos culpa ou angústia. A autonegação fora, até então, a trajetória ensinada por nossas superiores. A auto-afirmação, o doar-se, o receber em abundância tornaram-se nossa experiência ao nos amarmos.

Um ano e meio depois de nos tornarmos amantes, Fran deixou a vida religiosa. Cinco meses mais tarde eu também parti. A nenhuma de nós foi solicitado que o fizéssemos, mas ambas sentimos que superamos a vida religiosa, visto que ela durou mais do que era necessário.

Após deixarmos o convento, participamos de um ritual católico numa paróquia local (um desastre), em seguida num centro universitário de vanguarda (pouco entusiasmante) e, finalmente, de comemorações eucarísticas realizadas nos lares. Decorrido um ano de nossa saída do convento, cessamos de participar de tais rituais.

Durante os primeiros oito anos de nosso relacionamento não tínhamos absolutamente nenhum contato com qualquer comunidade lésbica. Não contávamos com nenhuma rede de apoio, nenhuma afirmação exterior de nosso estilo de vida e nenhum modelo de referência. Não tínhamos nome ou definição para aquilo que compartilhávamos e talvez essa ausência exerceu um efeito positivo sobre nosso relacionamento. Durante aqueles primeiros anos e, algumas vezes, durante os períodos tempestuosos, vimo-nos forçadas a nos confrontar e resolver juntas nossas dificuldades. Mais tarde as ligações com comunidades lésbicas nos proporcionaram a oportunidade de compartilhar nossas experiências com outras lésbicas e receber a afirmação exterior, há tanto tempo esperada, de nossa identidade lésbica.

Consideramo-nos pessoas moralizadas, espirituais, que seguem a regra de ouro como medida moral. Lutamos por viver em comunhão e minimizar o conflito com a ordem natural das coisas. Tentamos nos comunicar com o ambiente que nos cerca, estendendo essa comunicação aos seres sencientes e não sencientes de nosso planeta, bem como às luas, planetas de nossa galáxia e além dela. Estamos abrindo portas cerradas, recorrendo a energias represadas dentro de nós e assumindo riscos previamente inconcebíveis. Descobrimos diariamente novos poderes, novas capacidades de cura, novas dimensões para o amor e o cuidado que temos uma para com a outra e também para com os demais.

Sentimos que as deusas e os deuses são criações dos seres humanos, devido a uma necessidade de explicar o inexplicável, de alcançar um poder egoísta sobre outras pessoas e objetos, ou de evitar a responsabilidade pela ação ou pela inação. Contentamos-nos em nos maravilhar diante do inexplicável e em não desejar ter poder sobre as pessoas ou objetos. Assumimos plena responsabilidade por nossas ações ou inações. Por exemplo, empenhamo-nos em usar apenas a energia e os materiais de que necessitamos. Não abusamos, não desperdiçamos e vivemos uma vida muito simples, livres de bens materiais. Há sete anos moramos

numa cabana de duas peças, situada no coração de um bosque. Depois que o sol se põe nossa casa é iluminada por lanternas de querosene. A água que usamos vem de um poço, bombeado a mão, que fica a alguns metros da cabana. Aquecemo-nos e cozinhamos com lenha. Preferimos não ter telefone, quando soubermos que seria preciso colocar vários postes, a fim de voltar a ligar os fios que já existiam. O custo proibitivo, o equipamento pesado, que iria afetar a paisagem natural, e a remoção das árvores eram incompatíveis com nosso estilo de vida.

Politicamente somos anarquistas combativas. Ganhamos a vida como carpinteiras, pintoras, remodelamos e fazemos consertos diversos, cobrando honorários compatíveis com nossas necessidades. Orgulhamo-nos demais em exercer bem uma tarefa e nosso pagamento não é, de modo algum, relacionado com o prazer que atribuímos a nosso trabalho. Muita gente, inclusive as feministas, encaram-nos como pessoas que se desvalorizam, pois prosseguem com aquela tradição masculina que consiste em equacionar o valor do trabalho com a etiqueta que traz os preços. Rejeitamos essa tradição.

Durante dezesseis anos estamos procurando novos modos de viver. Algumas coisas que tentamos não funcionaram ou, pelo menos, não funcionaram com perfeição; algumas foram boas apenas por certos períodos de nossas vidas; algumas permanecem partes integrais de nós; muitas ainda terão de ser tentadas. Juntas, como duas mulheres que se amam, comprometidas uma com a outra e com nosso modo de viver, chegamos aonde estamos e, juntas, prosseguimos. Individualmente nenhuma das duas conseguiria percorrer sequer metade desta trajetória.

Jessie e Fran moram e se amam no Maine.

Terceira Parte

Elas não deverão se tocar

Nossas superiores encorajavam a obediência cega, a autonegação, a vigilância dos sentidos, a mortificação da carne. Devíamos também evitar as amizades particulares. Éramos proibidas de tocar umas nas outras. Diziam-nos que éramos doentes, perigosas, más, indignas de perdão. Confusas, repletas de culpa, atuávamos sobre nós mesmas até a exaustão, a fim de purgar e punir nossos desejos obstinados. Éramos aconselhadas a orar com mais fervor para alcançarmos a graça de não sentir o que sentíamos.

Elas não deverão se tocar,
mesmo de brincadeira

Margaret
(1963 a 1965)

Formei-me no segundo ciclo em junho de 1963. Não queria me casar e desejava realizar algo de bom para o mundo. Era idealista. Quando disse a minha mãe que queria ingressar na ordem de freiras que ensinavam em meu colégio, ela chorou e contou que rezava há anos para que uma de nós tivesse vocação. Achou que seria melhor ela comunicar o fato a meu pai e assim, certa noite, saí de casa. Quando voltei, meu pai estava deitado no chão da sala de estar, chorando no escuro. Ele jamais chorava e nunca se deitava no chão. Perguntou-me por que eu estava fazendo aquilo e suplicou-me que não partisse. Prontificou-se a me mandar para qualquer *college* que eu quisesse, onde estudaria o que bem entendesse, durante o tempo que desejasse. Continuou chorando e afirmou que não compreendia. Nós nunca mais voltamos a tocar no assunto. Depois que ingressei no convento, ele, de certa forma, decidiu orgulhar-se de mim. Tinha meu retrato em cima da mesa, no escritório, e vangloriava-se de mim junto a seus colegas de trabalho.

Entrar para o convento significou minha primeira experiência de afastar-me de casa e ele se situava a uma distância de uns 300 quilômetros. Arnei a comunidade em que entrei devido a

seu espírito. Amei aquele sentimento de que éramos todas unidas em torno de um objetivo comum. A experiência da coletividade era nova para mim e muito liberadora. Estávamos lá por algo maior do que nós mesmas e existia união, comunidade, uma estrutura que permitia e aceitava a individualidade. Amei também os cantos. Oh, que beleza, todas aquelas mulheres entoando harmonias e cânticos! Algumas vezes eu parava de cantar durante alguns segundos e deixava os sons invadirem todo meu ser. Era como uma declaração de vida. Os sons, as cores, os sentimentos me preenchiam de tal maneira que eu tinha a sensação de que ia explodir.

Uma das primeiras regras que aprendi foi: “Elas não devem se tocar, mesmo de brincadeira, a não ser quando saem ou voltam de uma viagem, mas somente de acordo com o costume”. Éramos prevenidas no sentido de não formarmos amizades particulares, embora não soubéssemos o que isso significava.

Certo dia fomos provar nossos hábitos de postulantes, usados nos domingos. O meu ficou largo demais no busto. Eu usava número 34 e aquele era, no mínimo, 38. Encontrei a mestra das postulantes no hall e perguntei-lhe se poderia modificar o hábito. Abri a pelerine, para mostrar que estava grande demais. Ela olhou para mim e, em seguida, para meus seios, estendeu as mãos e os acariciou várias vezes, dos lados até os bicos. “Oh, não, querida, não está folgado. Não está folgado.” Fiquei boquiaberta. Não conseguia acreditar que ela estivesse tocando em meus seios. Não foi apenas uma vez, mas duas ou três, e em público. Ninguém havia tocado em meus seios até então. Fiquei toda arrepiada e não consegui falar. Não mandei modificar o hábito.

Quando John Kennedy foi morto, em novembro de 1963, aquilo representou um trauma emocional para mim. Em 1964, já noviças, assistíamos a um programa de televisão que comemorava o aniversário de sua morte. A maior parte de nós chorava. A irmã Bárbara, outra noviça, passou o braço em torno de mim, enquanto eu chorava. Ela e eu permanecemos na sala,

depois que todas se retiraram. Ela me amparou e senti um enorme alívio. Eu experimentara uma grande solidão e aquele abraço, aquela suavidade, dissipou minha tristeza. Ser amparada me parecia o próprio paraíso. Em breve desenvolvemos um relacionamento neurótico. Eu bancava a carente e ela, a propiciadora de afeto.

Começamos a nos encontrar às escondidas, em geral pouco antes do recreio da tarde, algumas vezes no depósito das malas e, quase sempre, no banheiro. Uma de nós sentava-se num banquinho e a outra, na borda da banheira. Abraçávamo-nos e, em seguida, começávamos a segurar nos seios uma da outra, tocando-os apenas, sem acariciá-los. Falávamos o menos possível, pois nossas palavras poderiam ecoar no corredor. Quando nos retirávamos, uma de nós ficava no banheiro durante alguns momentos.

Certa noite, depois que foi ordenado o silêncio, a irmã Bárbara entrou em meu cubículo. Havia oito pessoas naquele dormitório e cada cubículo era separado por uma cortina ou uma divisória. A privacidade era estritamente visual. Às nove horas tocou o sino, ordenando silêncio completo. A irmã Bárbara não se retirou. Quando dei conta do que estava acontecendo ela já me havia feito deitar na cama e estava em cima de mim, beijando-me na boca. Sua língua entrava e saía. Eu nunca tinha sido beijada na boca. Muitos pensamentos afloraram durante aqueles breves segundos: "Mas, afinal de contas, o que é isto? O que ela está fazendo? Que história é essa de beijo de língua? Existem outras pessoas no dormitório! Oh, estou gostando!" Quando comecei a reagir e a deixar minha língua roçar na dela, irmã Bárbara afastou-se imediatamente e murmurou tensa: "Nunca mais devemos fazer uma coisa destas". Eu, com muita ingenuidade, perguntei: "Mas por que não?"

Fomos delatadas, é claro. No dia seguinte, enquanto eu aguardava o início das aulas, a irmã Bárbara saiu da sala da mestra das noviças. Perdera toda sua coqueteria. Com ar deprimido, comunicou que a madre queria me ver. Disse também que eu negasse que ela estivera comigo depois que o sino tocou, pois

ela fora a primeira a negar. Entrei e declarei à madre que ela tinha deixado meu cubículo às nove da noite. A madre perguntou se eu tinha certeza e eu disse que sim. Não houve outras perguntas. A irmã Bárbara e eu começamos a dormir juntas em nossas camas muito estreitas, mas na posição invertida (uma nos pés, outra na cabeceira). Eu sempre ia para o cubículo dela. De vez em quando eu ia para o banheiro antes que as luzes se apagassem de vez e ficava lá até a irmã percorrer todos os aposentos, dizendo *Laudetur Jesus Christus*, após o que tudo mergulhava na escuridão.

Inicialmente dormíamos de camisola e, mais tarde, nuas. Certa vez minha mão roçou no púbis da irmã Bárbara, acidentalmente ou de propósito, e eu pedi desculpas. Ela disse que não tinha importância. Após aquela primeira vez, nunca mais voltamos a nos beijar. Não nos roçávamos e nem nos acariciávamos. Permanecíamos na posição invertida, conversávamos e dormíamos, acordando antes que tocassem o sino da manhã.

Durante um tempo procurei convencer-me de que aquilo que fazíamos significava apenas “nos reconfortarmos”. Então certo dia, depois de estar com a irmã Bárbara no banheiro, fui para meu cubículo e masturbei-me. Procurei a irmã Bárbara e disse-lhe que tínhamos de parar com aquilo, pois eu me masturbara, depois de estar com ela. Perguntou-me como é que eu fizera! Justamente ela, que nunca mais queria me beijar, agora desejava saber como se masturbar! Fiquei zangada, confusa e desarvorada.

Certa vez a irmã Bárbara, eu e algumas noviças estávamos no noviciado, gozando de um rápido recreio, antes de as aulas começarem. Aguardávamos a chegada da mestra das noviças a qualquer momento e estávamos todas de pé, conversando e rindo. A irmã Bárbara agarrou minha faixa e começou a me puxar. Ria, me provocava e não me soltava. Fiquei completamente sem jeito, pois ela estava me expondo diante de todas, bem como nosso relacionamento. Tudo o que consegui fazer foi cerrar os dentes e dizer repetidas vezes: “Solte-me!” Ela exibia o poder que exercia sobre mim. Depois de uma eternidade soltou-me, ainda rindo.

Confessar-me era terrível. O padre, velho, aposentado, chegava arrastando os pés, cada manhã, e rezava a missa resmungando. Se eu tinha de me confessar antes da missa, ficava sem saber o que dizer. Em determinado momento recebi permissão de confessar-me com um padre de fora. Queria sua licença para entregar-me a uma penitência física, achando que os anseios de meu corpo só poderiam ser domados através da disciplina física. Tinha em mente algo como dormir no chão, por exemplo. Senti-me de certo modo inibida, pois o padre era amigo da família da irmã Bárbara. Disse-me que aquele tipo de coisa acontecia de vez em quando em ambientes segregados e que eu não devia preocupar-me ou submeter-me a penalidades extras. Deveria simplesmente seguir a regra e isso bastaria para me livrar de tais ocasiões. Tentei e falhei numerosas vezes, deixando prevalecer a necessidade de ternura e reconforto, até o sentimento de culpa se instalar. Então a necessidade surgia de novo.

Solicitei à madre que me transferisse para o dormitório pegado à sua sala (e também quarto), pois comentava-se que ela tinha sono leve. Ela me acusou de procurar ficar mais próxima do dormitório da irmã Bárbara. Afirmei que queria ficar junto a seu escritório e não junto ao dormitório da irmã Bárbara, que se situava no mesmo andar. Ela acabou consentindo. Decorrida uma ou duas semanas, eu me levantava sorrateiramente no meio da noite, apesar da possibilidade de ser surpreendida pela própria mestra das noviças.

Finalmente não consegui mais suportar a situação, de perturbação emocional, de culpa e tormento, isolamento e solidão. Sentia tudo aquilo em meu corpo, meu peito, meu ser. Sentia que estava sendo estraçalhada. Fui até a madre e pedi-lhe permissão para falar com a irmã Bárbara em particular. Ela me lançou um prolongado olhar de repulsa, antes de conceder a permissão.

A Regra não me era suficiente. Nem mesmo Deus me era suficiente. A verdade era minha última esperança. Se pelo menos a irmã Bárbara e eu pudéssemos pronunciar seu nome, sem desviar nossos olhares, a situação se modificaria. Reuni toda minha

coragem, olhei a irmã Bárbara nos olhos e perguntei-lhe se ela sabia a palavra que designava aquilo que vínhamos fazendo.

Ela me deu as costas e então percebi que estava perdida. Ela dizia sem parar: “Não! Não!”

— Mas diga! — eu insistia. — Então não percebe que conseguiremos encarar o que está acontecendo, se o chamarmos por seu nome? — Eu sentia frio, estava assustada e deprimida.

Ela continuou repetindo “Não! Não!”, até que, finalmente, eu me retirei. Nunca mais dormimos juntas.

O tempo decorrido entre nossa conversa e minha decisão foi provavelmente de uma semana. Precisei esperar durante algumas semanas até meu cabelo crescer. Eu o tinha cortado bem rente, para poder permanecer no convento. A madre marcou a data de minha partida, perguntando-me: “Tem certeza de que é isso o que deseja, meu bem?” Não se falou a respeito de problemas, não se falou de nada.

As despedidas eram proibidas. Ninguém devia saber antecipadamente a partida de alguém. O procedimento habitual era o anúncio feito pela madre, no dia seguinte à retirada e antes da palestra da manhã: “O Senhor dá e o Senhor tira, louvado seja Seu nome. A irmã fulana foi para casa ontem à noite. O tema de hoje é...”

Saí pela porta da frente, no dia de minha partida. Voltei-me e lancei um último olhar para a imensa abadia, feita de pedra cinzenta. Meus olhos percorreram a torre sineira, meu rosto contorceu-se de raiva e amargura. O ódio fervia em mim quando meu olhar pousou sobre a porta. Lá estava a mestra das noviças. Sua boca e seus olhos estavam abertos, revelando o choque que ela experimentava ao notar minha fisionomia e meus gestos. Nós nos fitamos durante um breve momento. Finalmente! Finalmente eu tinha conseguido me comunicar com alguém! Dei as costas, disfarcei minha raiva e entrei no carro.

Moro na Costa Oeste com minha amante.

Heterossexual confirmada

Kate Quigley
(1961 a 1966)

Nascida numa cidade das pradarias do Canadá em 1940, fui adotada como filha única por um casal ainda jovem, na casa dos 30 anos, e criada num elegante subúrbio de classe média que, com lentidão, mas com persistência, alargava seus domínios e se espalhava pelo campo. Meu pai descendia de presbiterianos escoceses e minha mãe era de origem irlandesa e católica. Embora adotada, identifiquei-me profundamente com seus antepassados, ajudada pelo fato de que tinha “aparência celta”, isto é, cabelos escuros, pele clara e rosto corado.

Meu pai dominou desde os primeiros tempos minha infância um tanto solitária, explicando-me temas tão diversos quanto o exílio de Napoleão Bonaparte ou a origem dos vulcões. Em nossa cabana no campo, onde passávamos os verões, trabalhávamos no pequeno depósito onde eram guardadas as ferramentas, consertando motores de popa, de tal modo que, na idade de 10 anos, eu já sabia trocar uma vela de ignição ou o parafuso de uma tesoura de podar. Quando minha tia lamentou o fato de meu pai não ter um filho homem que o acompanhasse às pescarias, minha mãe, um pouco irritada, observou que ele não precisava de um menino, pois tinha a mim. Desde muito cedo minha mãe

martelava em meus ouvidos que meu comportamento e minha aparência acabavam afetando-a. Nossos vizinhos caçoavam de minha irritação, quando, ao fazer 11 anos, minha mãe se recusou a me deixar aparecer em público sem blusa, pois agora eu era uma mocinha. Aprendi, então, que os meninos dispunham de mais liberdade e que esta equivalia a divertir-se.

Aos 6 anos de idade apaixonei-me loucamente pela linda freira que me preparou para a primeira comunhão. Lembro-me de que no primeiro ano de ginásio fiquei por detrás da irmã Coleen, então objeto de meus afetos, durante um jogo de beisebol. Ela escorregou, ao querer evitar uma bola que acabou me atingindo bem no meio da testa. Movida por um ímpeto de galanteria adolescente, inclinei-me, perguntando, um pouco tonta, se ela estava bem. Minha dedicação às freiras, nessa época, não conhecia limites. Demorava-me na escola todas as noites e cantava no coral, sob a regência de uma freira brilhante, por quem senti uma paixão que durou dez anos.

Meu comportamento era típico da maior parte das estudantes daquela época. Eu queria ingressar no convento após o 12º ano, mas minha professora convenceu-me de que antes eu deveria estudar tendo em vista um bacharelado. Concordei com relutância, sentindo por um lado que minha solicitação poderia não ser aceita e, por outro, que minhas motivações talvez não fossem das mais puras. E se Deus não quisesse que eu me tornasse freira? E se minha atração pela vida religiosa se baseasse em meu envolvimento emocional com as freiras? E, o que seria ainda pior, se essas atrações se fundassem na sensualidade ou então — horror dos horrores! — na sexualidade? Minha honestidade básica forçou-me a discutir tais dúvidas com meus confessores. Um padre declarou que eu tinha o estofo de uma santa. Outro, muito animado, concedeu que eu poderia ser lésbica, mas que seria possível contrabalançar qualquer tendência nessa direção se me abrisse completamente com minhas superiores.

Quando escrevi à superiora local, solicitando admissão, no

último ano da universidade, disseram-me que aguardasse mais um ano. Meu mundo caiu. Ouvi em silêncio, atônita, quando aquela freira, com o físico de uma policial de um metro e oitenta, insinuou que eu era muito “masculina” e que seria melhor eu obter um grau de bacharel em educação e amadurecesse um pouco mais. Fiquei abalada, indignada e entrei em pânico.

Minha professora de história, mulher notável e freira da comunidade, imediatamente me estendeu a mão. Durante vários meses aconselhou-me, apoiou-me e, ao mesmo tempo, saiu em minha defesa, junto às superiores. No mês de março comunicaram-me que minha solicitação estava sendo examinada. Soube mais tarde que meu confessor ameaçara dirigir-se às superiores em Montreal, se não se tomasse imediatamente uma providência. Quando, por fim, aceitaram-me, no mês de julho, senti mais uma vez as antigas dúvidas, bem como novos temores de rejeição como noviça ou antes dos primeiros votos ou dos votos finais. Esse temor deveria acompanhar-me durante minha vida religiosa e, finalmente, desabrochar inteiramente.

A programação do noviciado deixava pouco tempo para nós mesmas. Por razões que tinham a ver com a meditação da manhã seguinte, não tínhamos permissão de ler na cama e nem mesmo livros de meditação. Como me acostumara a ler, para poder dormir, ficava acordada até bem tarde da noite, imaginando como conseguiria sobreviver, no meio do desconforto físico e das saudades de casa, que se abatiam sobre mim com toda sua melancolia. Ficava parada na comprida galeria, da qual se avistava o aeroporto de Dorval, e contemplava os aviões decolar, desejando, do fundo do coração, estar a bordo de um deles. Os verões quentes e úmidos, passados no noviciado em Montreal, enquanto eu estava resguardada por metros de sarja francesa, fizeram com que minha alergia à lã, que me acompanhava desde a infância, e uma alergia recente a certo doce servido como sobremesa desembocassem numa sucessão incurável de resfriados. Sentia falta de minha cidade, minha casa, do clima e, acima de tudo, das freiras que tinham sido minhas professo-

ras. Talvez a superiora tivesse razão, ao insistir em que eu ficasse fora mais um ano, a fim de amadurecer.

Por que fiquei, então? Convenci-me de que era a vontade de Deus que eu escolhesse o que era então o caminho mais perfeito, a via mais segura em direção à santidade. Além do mais, eu, provavelmente, era orgulhosa demais para admitir a derrota perante minha mãe. Aconteceu, também, que acabei por encontrar o companheirismo, ao viver com um grupo de jovens brilhantes e idealistas. Naquele momento deixar o convento seria como deixar o ventre materno.

Durante o noviciado, prevenidas contra as famosas amizades particulares — e como uma amizade poderia deixar de ser particular? —, mantínhamos distância física, mas os intensos laços emocionais eram fonte de força e, ao mesmo tempo, de ansiedade, para mim. E se uma pessoa comesse a dominar minha consciência, atravancando e expelindo Deus, durante os momentos de oração? Por que ficava tão perturbada quando não podia conversar com minha amiga durante o recreio? Mais tarde, como jovem irmã professa, vivi esses conflitos com intensidade ainda maior. Ao me confessar, preocupava-me com ligações imoderadas (jamais dizíamos que eram pecados sexuais) e que interferiam em minhas orações. Durante os oito dias de retiro, antes da primeira profissão de votos, mais uma vez experimentei as antigas dúvidas e temores. Minhas superiores fizeram o que estava a seu alcance a fim de acalmar meus receios. No entanto, ao professar os votos, senti como se estivesse cometendo pecado mortal.

As comemorações e uma viagem para o oeste foram uma verdadeira angústia para mim. Não tinha condições de discutir meu estado de espírito com ninguém no convento, e, sobretudo, com minha mãe, que fez a viagem de volta comigo no trem. Ao chegar em casa, procurei minha professora de história, tão logo me foi possível, e confiei meus receios de que a vida religiosa não fazia parte dos desígnios de Deus, no que se referia a mim. Ela mostrou-se reservada, mas tranquilizou-me. Lamentou que meus

escrúpulos tivessem me privado da alegria que eu deveria ter sentido ao dar minha vida a Deus.

No meu primeiro ano de magistério, em que dei aulas para os alunos do décimo ano, numa distante cidadezinha de mineração, a uns 800 quilômetros ao norte de minha cidade natal, todas as minhas energias mentais, emocionais e físicas atingiram seu limite. Por volta de outubro uma das freiras já havia manifestado sua preferência por mim. Após uma relutância inicial (jamais me envolverei com a irmã Genevieve), vi-me enredada. Eu teria feito melhor se ouvisse minhas vozes interiores e a evitasse como se evita a praga. Mas como é possível desencilhar-se de alguém, numa casa onde moram seis pessoas praticamente privadas de contatos sociais? Comíamos juntas, rezávamos juntas, distraíamo-nos juntas. O quarto dela era vizinho ao meu. Podia seguir seus menores movimentos, querendo ou não. A atração tornou-se uma obsessão, alimentada pelas lisonjas e pela atenção que ela me dispensava.

Embora não tivesse havido contato sexual algum, apresentei minhas obsessões ao confessor. O padre mostrou-se compassivo e bem-humorado. Aconselhou-me que me resguardasse e recuasse um pouco. Tentei, mas, por volta do Natal, estava irremediavelmente apaixonada. A superiora, mulher sensata e gentil que, pelo que pude perceber, vivera um relacionamento platônico com outra freira durante vários anos, disse a determinada altura, com grande veemência: "Não entregue seu coração!" A irmã Pauline também tentou me prevenir que eu não significava nada a irmã Genevieve. Naquele momento me era muito difícil aceitar, porém, mais tarde, concluí que ela tinha razão.

A situação chegou ao paroxismo no final de janeiro, quando a irmã Pauline e a irmã Genevieve fizeram uma viagem à casa provincial, aparentemente para tratar dos negócios da comunidade. Senti que as finanças comunitárias não eram o único item da programação. Depois que regressaram, a irmã Genevieve mostrou-se fria e distante, sem querer mais saber da antiga intimidade e do afeto. Fiquei gelada. A temperatura lá fora, que

chegava a 14 graus abaixo de zero, não era nada diante do frio que se apoderava de meu espírito, mergulhando-me numa infelicidade quase completa. Tentei fazer coisas por minha amiga, mas meus serviços eram recusados e até mesmo desprezados. A amizade, se é que podia receber esse nome, prosseguiu durante cinco anos, mesmo depois de eu ter deixado a comunidade. As superiores providenciaram para que ficássemos separadas durante os próximos dois anos em que ensinei.

Quando chegou a época de eu renovar meus votos, a provincial aconselhou-me a partir. As tensões haviam prejudicado minha saúde, tornando-me irritável e de difícil convívio. Ela chegou à conclusão de que eu precisava de apoio e do companheirismo de uma pessoa, um homem. Não ter permissão de professar votos me deu a sensação de algo *déjà vu*. Eu já tinha passado por isso há cinco anos. O sentimento de rejeição que se instalara em mim abandonou-me temporariamente, no dia em que meu votos chegaram ao fim. Parte da tensão que se acumulara nos últimos cinco anos se dissolveu.

Ao recordar esses anos de vida religiosa, devo esclarecer um ponto. Jamais observei ou ouvi falar de qualquer atividade sexual declarada entre as freiras. Seu voto de castidade era cumprido com seriedade. Minhas obsessões foram confirmadas por minha professora de história, que tinha vivido em comunidade por mais de 25 anos. É claro que as famosas amizades particulares floresciam e eram comentadas, não sem humor, aliás. A maior parte das freiras parecia aceitar aquele fenômeno com calma, seja em suas vidas, seja nas vidas das demais. Talvez o exemplo mais notável dessa sanidade tão sólida foi a observação de uma provincial de certa idade, que se dirigia a um grupo de professoras, todas na casa dos 20 anos. Em relação às amizades particulares, ela exclamou: “Deixem-nas fazer o que quiserem! Graças a Deus alguém ama alguém!”

Vivi um ano desastroso na Costa Oeste com minha mãe, dedicando-me ao mestrado em história. A pouca confiança que me restava foi solapada por ela, que sentia vergonha de mim,

achando que eu fizera algo terrível para ser expulsa da comunidade. Afinal de contas, ela não me acusou de ser “sapatão” pouco antes de eu ingressar na ordem religiosa? As superiores — e que Deus as abençoe — garantiram-lhe que eu fui uma freira conscienciosa, mas que aquela vida rigorosa era demais para minha saúde.

Senti-me física e mentalmente exausta após terminar o mestrado. Aceitei ensinar num grande ginásio estadual durante dois anos, enquanto me tornava cada vez mais solitária e deprimida. Minhas amigas da comunidade me faziam muita falta e não tinha meios de extravasar o que mais me interessava, que era a história da Igreja. Minha mãe reforçara meus sentimentos de desvalia. A depressão piorou e começou a manifestar-se por meio de distúrbios gastrintestinais. Meu médico insistiu para que recorresse à ajuda de um psiquiatra. Durante mais de um ano compareci ao consultório de um médico bondoso, que não se limitava a me encher de remédios. Conversávamos sobre história, religião e a possibilidade de que eu fosse lésbica. Ele se dispôs a certificar que eu era uma heterossexual confirmada. Quando mudei-me para o leste a fim de iniciar meu doutorado, procurei o setor de atendimento psicológico da universidade, a fim de que me ajudassem, em minha depressão. Um psiquiatra a quem me encaminharam garantiu-me que eu não era gay e mandou-me para casa, dizendo que não gostava de tratar de pessoas sadias.

Durante os verões, passados em casa, acabei conhecendo um grupo de orações, carismático e ecumênico, bem como uma casa de orações, dirigida por irmãs de minha antiga comunidade, com as quais conversei sobre minha solidão e depressão. Quando eu ainda não sentia nada, a não ser secura, uma delas sugeriu que o modo de me abrir para a ação de Deus em minha vida era agradecer-Lhe não só as coisas boas que me aconteciam, mas também as duras e ruins. Sua percepção permitiu a abertura de uma brecha profunda em minha vida emocional e espiritual. A casa de orações tornou-se um centro de esperanças.

Amava as liturgias de sexta-feira à noite, a oração comunitária e os diálogos com as irmãs, algumas das quais tinham sido minhas contemporâneas na vida religiosa.

Fiz amizade com Maura, uma freira a quem tinha conhecido antes de ingressar na vida religiosa. Estudamos juntas na mesma universidade. Finalmente lá estava alguém que parecia apreciar ficar a meu lado, tanto quanto eu desejava sua companhia. O fato de termos tido a mesma experiência comunitária criou um laço entre nós. Cada uma de nós sabia o que a outra iria dizer, antes mesmo de abrir a boca. Após uma visita particularmente amarga que fiz a minha mãe, voltei-me para Maura, à procura de reconforto, e ela me proporcionou generosidade e calor. Senti-me grata e, depois, assustada. Acaso teria eu despertado nela necessidades que ela não conseguia satisfazer na vida religiosa? Embora nada de sexual tivesse acontecido entre nós, comecei a recear que estivesse corrompendo uma freira. Felizmente tivemos condições de discutir meus escrúpulos e ela fez o possível para me tranquilizar, afirmando que eu não a estava conduzindo por caminhos proibidos.

Conversei com meu diretor espiritual sobre a possibilidade de reingressar na comunidade. Mesmo correndo o risco de parecer masoquista, devo dizer que meus antigos anseios pela vida religiosa começaram a se fazer sentir mais uma vez. Minha comunidade e eu havíamos passado por transformações radicais.

Exatamente na ocasião em que eu pensava em reingressar, Maura escreveu-me, contando que, na ordem, avisaram-na que deveria renovar seus votos ou então partir. Fiquei abalada. Para mim ela era a religiosa ideal: séria, inteligente, calorosa, devota, dedicada. Nos meses que se seguiram, procurei ajudá-la e apoiá-la, enquanto ela procurava um emprego ou um lugar para estudar. Em determinado momento pareceu que ela viria para a cidade na qual eu estudava, mas não se interessou em dividir um apartamento comigo, o que muito me surpreendeu. Meu desejo em relação à vida religiosa começava a amortecer. Vi-me forçada a encarar o fato de que era a presen-

ça de minha amiga que eu desejava e não a vida em comunidade.

Permaneci em contato íntimo com Maura por meio de prolongados telefonemas interurbanos e viagens de 700 quilômetros de ida e volta, duas vezes de carro e três vezes de avião. Durante essas visitas, conversávamos sobre a possibilidade de eu ser lésbica. Sua aceitação e o apoio de um amigo jesuíta ajudaram-me a reconhecer finalmente, aos trinta e cinco anos de idade, que eu era gay. Naquele momento Maura disse-me com ternura, mas também com firmeza, que preferia os homens. Seguiu-se um doloroso período de distanciamento, complicado pela minha percepção de certa ambigüidade nas atitudes dela para comigo.

Quando ela se mudou para uma distância de uns 200 quilômetros de mim, o que era irrisório, em comparação com o que eu percorri cada verão, em meu carro cada vez mais precário, ela ficou alarmada diante da perspectiva de me ter na soleira de sua porta todos os fins de semana, interferindo com seu trabalho e sua vida social. Disse que não se sentia pronta para compartilhar comigo uma parte tão grande de sua vida, como acontecera no passado, e que, na verdade, estava disposta a compartilhar apenas uma parte muito pequena.

Pela primeira vez na vida tornei-me verdadeiramente suicida em potencial. Sua rejeição quase conseguiu convencer-me de que ninguém queria ter um relacionamento comigo. Se aquilo que considerava o melhor relacionamento de toda minha vida terminara daquele jeito, então que tipo de pessoa eu era? Desesperei-me de encontrar alguém.

Eu ainda contava com amigas que se importavam comigo. Uma conselheira do Serviço Social Gay arranjou um encontro com uma conselheira voluntária de grupos. Encorajada por essa conselheira, fiquei conhecendo uma mulher que tinha os mesmos interesses que eu e combinamos ir esquiar. Ao saber que ela era casada, embora seu relacionamento com o marido fosse platônico, senti muitas apreensões. O que eu não sabia era que minha companheira de esqui, assim que soube que eu tinha si-

do freira e recordando suas infelizes experiências em escolas de conventos, decidiu não voltar a sair comigo.

Umaseis semanas depois tornamo-nos amantes e nesses seis últimos anos vivo em situação de concessões mútuas. Como amiga da família, participo dos encontros e comemorações e, de vez em quando, atendo às necessidades deles. Louise agora vê muito mais seu marido do que antes de me conhecer. Seu estilo de vida tornou-se mais tranqüilo, mais reflexivo. Sua presença me proporciona estabilidade, confiança renovada, calor e é uma dádiva de Deus.

Examinando em retrospecto minha jornada em direção à auto-aceitação, surpreendo-me demais com a facilidade com que meus conselheiros procuraram tranqüilizar-me, garantindo que eu não era gay. Não conseguiram descobrir minha vida interior. Meus pensamentos e minha afetividade eram dirigidos para as mulheres, muito antes de me assumir. Já na idade de 11 anos eu sabia que jamais me casaria com um homem. Se o padre jesuíta e Maura não tivessem encarado meus sentimentos com seriedade, provavelmente eu seria enrustida até hoje.

Pouco depois de me assumir comecei a participar do núcleo local do grupo Dignidade. Decorridos alguns meses, o presidente, assoberbado de trabalho, confiou-me a presidência, até que um ex-seminarista me substituiu, para que eu pudesse prosseguir com meu doutorado.

Minha experiência com o grupo Dignidade convenceu-me de que necessitamos de uma organização que reúna as lésbicas católicas ou cristãs. As mulheres não estão lutando apenas contra uma sociedade hostil, mas contra uma Igreja que discrimina as mulheres, com certa consistência, há dois mil anos. Algumas de nós foram tão oprimidas que perderam a fé em todos os homens. Acredito que é a experiência com os homens, enquanto opressores, e não a escassez de lésbicas católicas, a responsável pelo número relativamente baixo de mulheres no grupo Dignidade.

Precisamos de uma teologia que lide com a liberdade huma-

na e respeite nossa capacidade de escolhermos com responsabilidade os objetos de nosso amor. Enquanto lésbica, recuso a aceitar aquela teologia que nos priva de nossa liberdade, a fim de nos absolver de nossa "culpa". Somos chamadas para amar. Como ousaríamos não o fazer?

Estabeleci meu lar no leste do Canadá, onde ensino história, geografia e inglês num ginásio particular. Tenho doutorado em estudos medievais e, no momento, faço um mestrado em teologia pastoral. Meus passatempos incluem o esqui, a jardinagem e cuidar de minhas coelhinhas de estimação, Vita Sackville-West e Virginia Woolf.



Irmã Robert Mary, 1966



Betsy Snider, 1979

Começar de novo

Betsy Snider

(1964 a 1967)

A decisão por mim tomada em 1964, de entrar para o convento, foi um gesto de desespero e rebelião. Sabia que jamais me casaria e não queria ir para o *college* católico feminino no qual minha mãe e minha irmã tinham estudado. Desejava servir a Deus e seguir os passos da irmã Redempta, minha professora de civismo no ginásio, por quem estava apaixonada. Eu finalmente gozaria daquela extremada liberdade dos que são desprovidos de escolha.

A ordem que escolhi incluía-se entre as mais progressistas de Cleveland, mas ainda estava ligada a certas tradições. Usávamos hábitos (dois anos após minha partida, o hábito foi substituído por um *tailleur* e então todas as restrições desapareceram); as únicas carreiras que poderíamos escolher eram a enfermagem e o ensino (decorridos cinco anos de minha retirada, foi permitida escolha total de carreira); estávamos submetidas diariamente a horas de silêncio, ao silêncio sagrado e a encontros semanais do Capítulo; assistíamos a missa todos os dias, bem como as completas, à noite. A atmosfera consistia de um misto de vago progressismo (podíamos ir visitar nossas famílias, quando ainda noviças) e de tradicionalismo (não havia mistura

entre freiras e noviças professoras ou entre noviças e postulantes).

Acredito que, para mim, eram duas as satisfações primordiais proporcionadas pela vida religiosa: ela preenchia minha necessidade de solidão e introspecção e me propiciava uma profunda sensação de proximidade e de ser parte de algo. Eu fazia parte de uma comunidade e estava envolvida com irmãs que tinham uma grande missão na vida.

Embora, no convento, não percebesse conscientemente meu lesbianismo, preveniam-me o tempo todo para não manter amizades particulares com as postulantes e noviças, minhas companheiras. Não sabia que essa expressão se aplicasse a relacionamentos lésbicos. Embora me tivessem admoestado sobre minha amizade com outra postulante, só quando tomei o hábito é que me entreguei a uma verdadeira amizade particular.

Gina era um ano mais velha do que eu. Durante meu ano de postulante ela me assustava e eu a evitava o mais que podia. No entanto, quando me tornei noviça, fomos encarregadas de cuidar de um grupo de crianças, num acampamento de verão, durante o dia. Passamos a maior parte daquele verão juntas. Começamos a fazer massagens uma na outra. Durante o período em que fui postulante, fazia com frequência massagens nas demais postulantes. Era tudo bastante inocente. Gina, porém, gostava de desnudar minhas costas para massageá-las, usando óleo e talco. Eu achava excitante e incrivelmente perturbador. Durante o inverno continuamos a nos encontrar a sós, dávamos passeios prolongados, comíamos juntas e passávamos a maior parte do tempo livre na companhia uma da outra.

Durante todo esse tempo senti-me invadida por emoções confusas. Olhando para trás, ficou claro para mim que estava apaixonada por Gina. Sentia ciúmes quando ela começava a ficar junto com uma postulante. Sentia-me culpada quando conseguíamos roubar alguns minutos só para nós. Pensava nela quando não estávamos juntas. Dividida entre meu desejo por ela, que eu não admitia, e minha necessidade de ser uma boa freira, prometia continuamente a mim mesma que não a veria a

sós e vivia quebrando essa promessa. Finalmente, na primavera, a diretora das noviças (era meu ideal) convocou-me a sua sala e disse que eu devia parar de ficar tanto tempo com Gina. Senti-me infeliz e, ainda assim, aliviada. Prometi-lhe que enquanto ela estivesse fora, durante o verão, eu não veria Gina a sós. Esta, porém, não participou do acordo e ficou indignada, ao se ver tratada como uma criança. Visto que era nosso último verão juntas, pois Gina professaria e mudaria para outra cidade, no outono, todas as promessas foram esquecidas rapidamente e passamos um tempo ainda maior na companhia uma da outra. Estando ausente nossa diretora, nos tornamos mais abertas, no sentido de ignorar todas as restrições. Lembrome de que aquele verão foi idílico, embora carregado de tensão e apreensões.

Na véspera do retorno da diretora das noviças, a diretora das postulantes convocou-me a sua sala e leu para mim a regra da ordem que falava sobre a rebeldia. Disse que comunicaria à diretora das noviças que eu passara o verão inteiro descumprindo minha promessa. Saí daquele encontro arrasada. A decepção que a diretora das noviças demonstrou em relação a mim, no dia seguinte, magoou mais do que qualquer acusação verbal. Como aconteceu durante a primavera, ela falou apenas comigo e não com Gina.

Encontramo-nos no cemitério, onde lhe transmiti as más notícias. Gina ficou furiosa. Disse-lhe que já não suportava mais desobedecer as regras. Duas semanas antes de sua partida, interrompi todo e qualquer contato. Sentia como se uma parte de mim tivesse sido amputada. O que tornava a situação tão difícil era nossa incapacidade de reconhecermos a verdade de nosso relacionamento. As palavras lésbica ou homossexual jamais foram mencionadas por alguém durante todo esse período.

A ruptura final aconteceu seis meses mais tarde, cinco meses antes de eu professar meus votos. Sentia-me vazia por dentro. Após intensa reflexão, decidi deixar o convento, sem saber exatamente por quê, certa apenas de que não poderia ficar.

Desde aquela época envolvi-me com o catolicismo tradicional, que já não consigo mais tolerar, e com o Movimento Pentecostal Católico, que acabou matando os meus impulsos religiosos tradicionais. Não senti a menor necessidade de substituir Deus pela Deusa, embora ainda acredite firmemente em nossas raízes espirituais e, vagamente, em alguma força universal (divina?). Os rituais matriarcais e as comemorações dos ciclos do sol e da lua deixam-me pouco à vontade. Minhas inclinações espirituais são remotamente panteístas e o misticismo continua a deixar-me intrigada.

Minhas experiências no convento deixaram marcas indeléveis: a recusa em aceitar o status quo e um profundo isolamento em relação à classe média afluente. A combinação de espiritualidade e feminilidade coletiva permitiram-me prosseguir com meu próprio estilo de vida, nada tradicional, e que já não é mais limitado por expectativas relativas à sociedade. Aqueles três anos passados no convento proporcionaram-me a oportunidade de distanciar-me de minha família e de meu futuro, o suficiente para que eu passasse a compreender que, na vida, sempre é possível começar de novo.

Sou advogada de uma firma e moro numa casa muito antiga, em Hartford, Connecticut, com dois cachorros e dois gatos. Gosto de esquiar, de ciclismo, de percorrer os campos a pé e, sobretudo, de correr em maratonas.

Encontrei comigo mesma no Harlem

Marie
(1952 a 1970)

Embora tivesse deixado minha ordem religiosa há doze anos e sobrevivido à ruptura de um relacionamento enrustido, ou, melhor dizendo, trancado numa sepultura, até um período bem recente eu ainda não me sentia bem. Você sabe o que significa procurar durante tanto tempo algo que eu nem sequer sabia que procurava e, finalmente, encontrá-lo? Sabe o que significa sentir-me bem quanto ao fato de amar uma mulher? E permitir que paixões reprimidas, que eu mantivera sob controle a maior parte da minha vida, me alimentassem, em vez de me sufocar?

Nasci em 1938, num povoado de 800 habitantes, em Wisconsin. Fui a terceira, dos dez filhos de uma boa família católica, de origem germano-americana. Desde a infância senti grande empatia por aqueles que “não conseguiram ir muito longe”. Ficava profundamente emocionada ao ouvir histórias de missionários na China e em relação a criaturas tão espiritualizadas e dedicadas quanto Santa Teresa de Lisieux, Tom Dooley, Anne Morrow Lindbergh e Francis Liberman. Sentia a compaixão de minha mãe em relação aos outros, enquanto a via ajudar suas vizinhas necessitadas. Embora mamãe não fizesse objeções a que minha irmã mais velha e eu entrássemos para o

convento, ela agora culpa as freiras por meu lesbianismo. Acredita que o sexo só deve servir à procriação e que não fomos postos neste mundo para sermos felizes.

Na realidade meus primeiros sentimentos gay remontam à idade de 6 anos, quando apaixonei-me pela freira que foi minha professora no 1º, 2º e 4º anos do primário. Era uma mulher extraordinária, que sabia como tornar o ensino algo divertido. Ela disse a minha mãe que eu era dona de uma personalidade maravilhosa e feliz. Confiava-lhe os segredos mais íntimos de minha família, para grande pesar de minha mãe e de minha irmã. Ela nos ensinou não só a rezar para Deus, mas a ouvir o que Ele tinha a nos dizer. Quinze anos mais tarde, quando um machucado nas costas levou a ordem a me afastar da enfermagem, ela disse: “Sei que você vai ficar zangada, mas que bom que a retiraram da enfermagem! Você é uma professora nata”. Ela tinha toda razão, mas, naquele momento, não me alegrei com seu comentário.

Ingressei numa ordem dedicada à enfermagem e ao ensino, quando tinha quatorze anos, e travei contato com algumas jovens excelentes. Quando cursava o ginásio e era aspirante, tinha como modelos “as veteranas” (garotas de quinze e dezesseis anos). Gostava de Edna devido a sua gentileza, senso de humor e dedicação. Jean, muito compenetrada, indicou-me em que lugar da mesa deveria sentar-me, onde eu deveria ficar, durante as orações, mostrou-me como chegar até as salas de aula e avisou que eu deveria vestir-me em quinze minutos. Senti profundamente quando Edna teve de partir, a fim de cuidar de seus irmãos e irmãs mais novos, depois que sua mãe teve uma depressão nervosa. Jean mostrou-se muito bondosa, na noite em que disseram a Lee e a mim que nosso pai estava doente. Segundo ela, “era a vontade de Deus que fôssemos para casa e ajudássemos”. Que comprida e solitária viagem de trem, à meia-noite!

Quando papai melhorou, Lee e eu voltamos para o convento e nos tornamos “veteranas”, designadas para ajudar as “no-

vatas''. Darlene, menina de 14 anos, com seus cabelos negros, covinhas e que dançava com alegria e graça a jiga irlandesa, atraiu-me imediatamente. Ficávamos de mãos dadas debaixo da mesa, até que a mestra das aspirantes nos separou. Não aceitamos a derrota e nossos pés se tocavam debaixo da mesa, até notarem as marcas nas bainhas de nossas saias negras.

Na idade de 17 anos fui submetida ao regime da mestra das postulantes, uma das freiras mais neuróticas que já conheci. Seus gritos me aterrorizavam de tal modo que eu costumava sair correndo e me escondia num quarto ou no lavabo, ao ouvir o barulho das contas de seu rosário. Era tão cruel com aquelas de quem não gostava que forçou minha irmã a comer aveia, berlando-lhe que comesse mais depressa, diante de oitenta postulantes, por ocasião do café da manhã, durante o silêncio profundo.

Outra postulante, Sharon, e eu fomos punidas por ficarmos muito juntas da mesa da professora de geometria. A mestra das postulantes disse que havíamos passado por cima da autoridade da professora. Depois que ela nos ameaçava com o fogo dos infernos, eu ia até a capela e dizia: Deus, não sois assim, não é mesmo? A resposta era um não e então eu observava: Eu sabia...

Sendo noviça sênior, na idade de 19 anos, fiquei conhecendo a irmã Francis Ann, noviça júnior, que tinha um pai bêbado. Os relatos de como ele espancava sua mãe, durante as bebedeiras, de como destruía a mobília e da morte de seu irmão Ted num desastre de automóvel serviram para nos aproximar. De vez em quando ficávamos de mãos dadas, sem passar daí. Eu sabia que pensava nela um bocado e quando nos encontrávamos no hall, onde era mantido silêncio, fazíamos um breve gesto de cabeça e sorríamos com todo o amor e compreensão de que éramos capazes.

Também gostava muito da irmã Nathan. Não sei o que fiz de errado, ao interrogá-la sobre a morte de sua mãe, mas passei maus momentos com a mestra das noviças, que disse, irada: "Você é tão insistente como um filhote de cachorro. Jamais de-

siste. Sabe o quanto deixou a irmã Nathan magoada?" A surpresa e a mágoa reduziram-me ao silêncio. Decorridos 23 anos, dei-me conta de que a irmã Nathan provavelmente era a queridinha da mestra das noviças. Eu deveria "tirar as mãos" dela, no sentido figurado, é claro, já que nada existia entre nós. Como eu tomava a mestra das noviças como modelo, sua acusação intensificou meus sentimentos de culpa e contribuiu para que minha auto-estima se tornasse ainda mais negativa.

Eu examinava minha consciência sem cessar, em relação ao tema das amizades particulares. Sempre quis ser abraçada, amparada e descansar minha cabeça no peito de uma mulher, mas sublimava esses sentimentos, imaginando uma figura muito maternal de Deus. Diziam-nos que as tentações sexuais deviam ser detidas imediatamente, pois provinham de uma natureza perversa e decaída. Permitir que essa tentação se prolongasse, após tomar consciência dela, era um pecado. Diziam também que devíamos lavar a região genital com duchas frias ou então limpá-la com uma toalha embebida em água fria. Como não suportava o frio, aquilo era para mim uma verdadeira tortura. Os "sonhos sexuais" não eram pecaminosos contanto que, "ao tomar consciência deles, você procurasse deixá-los de lado". Quanto a mim, esperava tê-los e não me conscientizar muito rapidamente, ao despertar.

Meu primeiro ano, como irmã professora e estudante de enfermagem, na idade de 21 anos, foi o mais feliz de todos. Eu amava minha instrutora de enfermagem clínica, a irmã Olga. Encontrei nela uma mulher dedicada e calorosa, que se preocupava com os outros, debaixo de seus modos frios. Infelizmente sua melancolia mais do que rigorosa e sua consciência carregada de sentimentos de culpa, que não lhe davam trégua, provavelmente foram a causa de seu suicídio, com a idade de 53 anos. Durante um período em que me formava como enfermeira, conversei com ela sobre minha família e meus sentimentos. Sei que ela se preocupava de verdade comigo. No Natal deu-me seu relógio de presente e o conservo até hoje. Seguindo as instruções que ela me

deu, jamais toquei neste assunto e só vim a fazê-lo quatro anos depois de deixar o convento e, assim mesmo, apenas com minha amante. Sempre julguei que ela fosse lésbica, tendo em vista o modo como se relacionava com outra freira, mas ela jamais pediu o que quer que fosse de mim. Quando me retiraram da enfermagem, devido a meu problema nas costas, ela ficou furiosa ao saber como fui tratada. Não é de admirar que eu jamais tenha me esquecido de sua lealdade e senso de justiça.

Machuquei as costas quando estudava enfermagem e tinha 21 anos. Senti-me arrasada, pois a enfermagem fora o sonho de minha vida. Obediente, terminei o *college* e tornei-me professora, mas fiquei indignada com a irmã James, que disse: “Esse machucado nas costas está apenas em sua cabeça. As chapas de raio X não mostram nada. Talvez seja melhor você partir para algo diferente, como, por exemplo, o ensino”. Ela foi responsável pelas dores atrozes que senti nas costas, durante seis anos. Mais tarde, acidentes de automóvel e a deterioração das condições de saúde transformaram-na em dor permanente e diária. Aprendi muito com a irmã James, em relação à pessoa que eu não deveria ser.

Durante os seis anos em que lecionei, com dores terríveis nas costas, fui amparada pela preocupação e pela percepção da medicina que tinha a irmã Bertha. Ela me disse: “Você não pode se amargurar”. Durante aquela época a madre superiora vivia ameaçando de me mandar para casa ou para um psiquiatra. Eu não queria saber dessas alternativas e acabei vencendo.

Foi nesse período que conheci a irmã Annunciata num curso de verão. Ela tornou-se rapidamente uma amiga fiel. Não conseguia entender como minha ordem se recusava a tratar o problema de minhas costas. Certa vez pediu-me que a beijasse. Disse-lhe: “Não, quero manter nossa amizade e ofertá-la a Deus”. Ela concordou. Permanecemos amigas por mais de catorze anos.

Agora que assumi meu lesbianismo, ela retirou sua amizade. No entanto a lealdade, o amor e o apoio que me deu são inesquecíveis. Eu recorria freqüentemente a ela, através da cor-

responidência, embora minha superiora, desconfiando de uma amizade particular, censurasse minhas cartas e até mesmo revisasse minhas gavetas. Escrevia uma espécie de diário e o entregava à irmã Annunciata quando nos visitávamos. Anos mais tarde ela me revelou que havia feito uma grande faxina em seus guardados. Movida pelo espírito de desprendimento, livrou-se de meus escritos e eu tive a sensação de que uma parte de meu ser foi jogada fora. O tal espírito de desprendimento me pareceu tão cruel!

Fiz muitos questionamentos durante aqueles anos de renovação — a década de 60 — em relação à Igreja, à vida religiosa e à sociedade. Minhas costas me forçaram a percorrer um caminho pouco proveitoso, do ponto de vista monetário. A menos que uma pessoa produza e trabalhe constantemente, ela não tem o menor valor. Sofri demais com isso durante toda minha vida. Quanta culpa desnecessária...

Resolvi não permitir que o ódio da irmã James e de algumas outras religiosas me levasse a abandonar uma vida que eu amava. Fiz votos perpétuos, sabendo que talvez eu jamais pudesse voltar a andar, devido a minhas costas. Essa possibilidade foi confirmada por um ortopedista, durante meu primeiro ano no Harlem.

Os próximos seis anos de ensino e trabalho naquele setor da cidade foram repletos de lutas, dor e satisfação. A ação junto àqueles “que não conseguiram ir muito longe” era absorvente, compensadora e sempre dolorosa. Durante aquela época, tive várias amigas íntimas e correspondia-me com a irmã Annunciata. Meus fortes impulsos sexuais eu os denominava solidão. Sofria, ou pelo menos assim julgava, por se bombardeada por culturas tão diferentes, em Nova York, e por estar distante de minhas raízes. Assoberbava-me de trabalho. Ensinava na escola paroquial e também dava instruções religiosas à noite e aos sábados.

Certo verão uma adolescente porto-riquenha e eu visitamos duzentas famílias. Subíamos e descíamos as escadarias de casas

de cômodos quentes, abafadas, malcheirosas, a fim de encontrar o coração, a alma, o sofrimento e a beleza do gueto. Quando explodiram os motins em 1967, depois de ver gente morrer desnecessariamente, fundei uma associação de quarteirão, sabendo que iniciava “um apostolado que não era sancionado pela madre superiora”. O sofrimento, o desespero e a solidão daquela gente eram tremendos. Mais tarde, quando minha superiora anunciou que eu seria transferida para Michigan, a fim de pôr um ponto final a minha “desobediência” e “apostolado pecaminoso” entre os pobres, tive receios de sofrer um colapso mental. Eu presenciara as necessidades dos pobres. Aceitar uma transferência que me levaria para longe de meu trabalho faria com que me tornasse tão desumana e fechada como algumas freiras que conhecia. Deixei a ordem aos 32 anos de idade.

Várias amigas freiras me escreveram, dizendo o quanto eu estava errada. Embora não lhes respondesse, senti falta delas. Era mais uma porta que eu fechava e isso me doía. Desde a idade de 12 anos eu queria ser freira. Encontrara muita paz no convento. Os momentos em que estava na capela, além de caminhar sozinha, fazer leituras espirituais, entoar cânticos, dizer o ofício, comparecer à missa e meditar com frequência, reconfortaram-me e proporcionaram-me incríveis percepções sobre a vida. Dei-me inteira, durante aqueles doze anos de freira professa, inicialmente como estudante de enfermagem e, depois, como professora no Meio-Oeste e em Nova York.

Ao partir, foi muito bom não ter uma superiora e outras criaturas julgando tudo o que eu fazia. Tornei-me muito íntima de Ruby, que organizava grupos comunitários e de pais. Durante os dez anos que durou nosso relacionamento enrustido, eu (branca, no Meio-Oeste) aprendi muito com Ruby (negra, criada no Harlem). Apoiei-me mais nela do que em qualquer outra pessoa, em toda minha vida. Ruby ajudou-me a superar a vergonha e o senso de fracasso que eu experimentava, ao revelar aos outros que tinha sido freira. Não sentia a menor culpa por amá-la. Embora as experiências místicas com Deus tenham sido a

verdadeira força vital que me sustentou, dentro e fora do convento, nunca conheci um sentimento tão profundo e especial até amar Ruby. Não levou muito tempo, porém, para que mergulhássemos numa relação sadomasoquista. A masoquista era eu. Minha baixa auto-estima e a falta de experiência levaram-me a sucumbir e a submeter-me a suas solicitações, que provocavam confusão em mim. Ela vivia me dizendo para sair com homens, mas, quando isso acontecia, ficava zangada. Como eu me sentia pouco à vontade na companhia dos homens, achei que havia algo de errado comigo. Ela até mesmo me afastou de três lésbicas que conhecíamos. “É você que eu amo!”, eu vivia dizendo.

Dez anos mais tarde, após submeter-me a novas cirurgias na espinha, Ruby foi embora, dizendo: “Não quero te ver mais”. Fiquei aniquilada. Depois de sua partida, permaneci muito só por mais de um ano, tentando curar-me e descobrir quem eu era. Certo dia andava pelo parque e pensei: “Acho que sou bissexual; tentei os homens e não deu certo. Amei Ruby. Acho que posso encontrar uma mulher”.

O grupo Dignidade e o dos Professores Gays foram os dois primeiros lugares que me acolheram. Nos três meses que se seguiram eu tinha sentimentos confusos quanto ao fato de ser lésbica. Um dia sentia-me muito bem, mas, no dia seguinte, experimentava sentimentos de vergonha e medo de ser descoberta. No início tinha problemas, ao denominar-me lésbica. Durante um retiro de lésbicas católicas, nos momentos de maior recolhimento, cheguei a dizer: “Como gostaria de acordar um dia e sentir que isso (a homossexualidade) tinha ido embora”. Finalmente caí em mim e compreendi que minha sexualidade vem de Deus. É minha tarefa aceitar-me como sou.

Entrar para o convento significou renunciar a tudo e seguir Cristo. Assumir-me enquanto lésbica representou para mim seguir Deus de modo muito mais honesto. Ao lado de outras pessoas gays, reivindico meu mundo perdido e sinto uma paz e uma realização inefáveis. Lutar por aquilo que acredito que é certo

resume a procura de minha vida. Ser quem sou — uma lésbica — faz parte integral de minha jornada.

Tenho 45 anos e vivo só. Tenho um mestrado em educação e o equivalente a um doutorado, em crédito de matérias seguidas. Um acidente na escola impediu que eu prosseguisse no magistério e outras lesões na espinha inibiram permanentemente minhas atividades diárias.

Durante as muitas horas em que fico deitada, fazendo tração nas costas, recorro às mensagens transmitidas por telefone. Posso também orar.



Irmã Theresa Stephen, 1969



Sonja Meidell, 1983

Minha arte e meu espírito

Sonja Meidell
(1965 a 1970)

Quando era estudante do sétimo ano do ginásio, anunciei a mamãe que havia decidido entrar para o convento. Ela ficou desnorreada. “Mas então não terei netos! Como você é capaz de fazer uma coisa destas comigo? Você não me ama. Está apenas procurando fugir.” Papai observou que quem sabia de minha vida era eu, mas não se mostrou entusiasmado com a vida conventual. É verdade que meus pais também não se entusiasmavam com a Força Aérea, por exemplo... Além do mais, não tinham condições de me mandar para o *college*, a fim de que me tornasse professora de educação física, embora, mais tarde, mandassem meu irmão. Era assim mesmo: as meninas estudavam datilografia, os garotos iam para o *college*. Se eu entrasse para o convento, pelo menos teria a oportunidade de frequentar o *college*.

Ingressei em 1965 e para toda a vida. Só que essa vida se encerrou cinco anos depois, quando meus ideais já não eram os mesmos de minha comunidade. Eu estava ansiosa para ir para a África, trabalhar com os pobres e ser como Cristo. Escolhi as Bernardinas, Ordem Terceira de São Francisco, porque o hábito que elas usavam era prático e devido a minha admiração

por São Francisco. Trabalhei para valer e gostei dos dois primeiros anos. Assim que deixei o noviciado, dei-me conta de que aquilo que a ordem me ensinava e o que ela praticava nem sempre coincidia. Meus ideais de irmãs que se amavam foram abalados por mulheres amarguradas e ciumentas, que brigavam e mentiam. Quanta mesquinharia! Minha paciência chegou ao limite quando minha mãe morreu de câncer e meu pai não teve permissão de me ver ou de me levar para casa.

Enquanto estava no convento, superei a necessidade de masturbar-me. Foi mais difícil lutar contra as amizades particulares. Não sabia que elas significavam ser “sapatão”. Se soubesse naquele momento o que sei agora, provavelmente não teria ficado sequer um ano no convento.

Depois que o deixei, levei três anos para me desprogramar. Mudei-me para Connecticut e juntei minhas forças à de outra ex-bernardina, a fim de iniciarmos nossa própria comunidade. Maria e eu éramos muito íntimas. Eu tinha imensa confiança nela, mas ela casou-se depois de estarmos juntas por cinco anos. Para mim foi duro perceber que ela, no fundo, não queria uma comunidade.

Durante mais dois anos permaneci envolvida com a Igreja. Fazia homilias, incentivei a celebração de missas, usando elementos do folclore, criei apresentações visuais por meio de slides e envolvi os padres da paróquia com a comunidade. Casei-me, também, e durou nove meses. Não deu certo. Tive um aborto e quase morri. Desisti do casamento e da Igreja. As mudanças na Igreja eram excessivamente lentas. As mulheres eram deixadas à margem. O grupo Dignidade era como a Igreja — ótimo para os homens, mas ainda deixava de lado as mulheres, que recorriam a truques a fim de poder participar. Minha luta havia chegado ao fim. Abandonei a Igreja. Senti falta dos cânticos, mas não da hipocrisia.

Foi depois do meu desastroso casamento e de minha desilusão com a Igreja que comecei a explorar meus próprios impulsos sexuais. Minha amiga Dolores confidenciou-me que era gay,

mas receava que eu ficasse incomodada em freqüentar as amigas dela. Achei aquilo uma loucura. Afinal de contas, cada um devia viver como bem entendia.

Como, até então, não tinha visto gente gay (ou pelo menos presumia), fui até Provincetown com Dolores. E daí?, pensei. Bem, devo confessar que fiquei de queixo caído o tempo todo. Para dizer a verdade, Dolores deixou-me sozinha durante alguns momentos e fui abordada. E agora? Como é que fica? Como é que fica o quê? Em breve já estava freqüentando os bares gays sozinha, ingênua demais, usando roupas mais do que comportadas. Bastaram alguns drinques e algumas mulheres interessantes (adoro dançar) e caí em mim. Ainda desejo ajudar a criar um mundo melhor para as mulheres. Toco a mim mesma e aos outros com minha arte e meu espírito.

Trabalho na Festa do Leitor, uma livraria de Hartford, Connecticut. Ponho toda minha energia nos meus vitrais, nas minhas aquarelas, na música que componho, na poesia que escrevo. Meu último cartaz é sobre a igualdade de direitos para as operárias grávidas. Acabo de associar-me à Liga Americana de Beisebol.

Dissolvendo meu alter ego masculino

Jane E. McLarson

(1964 a 1970)

Cresci num lar de uma família de classe média, de origem ítalo-irlandesa, logo após a Segunda Grande Guerra. Minha mãe desempenhava o papel de dona-de-casa, enquanto meu pai tinha três empregos, a fim de nos sustentar, bem como pagar seus estudos de quiropraxia. Meu irmão, nascido quando eu tinha 10 anos, foi a resposta à novena que fiz durante seis anos para Nossa Senhora.

Era uma garotinha muito ativa, com um jeito de molecona, conforme se dizia na década de 40, e não me contentava nem um pouco com a posição secundária que as mulheres e as meninas ocupavam na Igreja Católica. Sabia de cor todas as orações que os coroinhas rezavam em latim, no altar, e conhecia os devidos rituais de preparação para o dia em que as meninas subissem até o altar, na companhia do padre. Embora gostasse de representar o papel de freira, era muito mais excitante brincar de padre. À guisa de comunhão, dava hóstia de mentira para amigos protestantes curiosos e para meus parentes, que muito se divertiam quando iam nos visitar e eu lhes solicitava que “assistissem a missa”. Também gostava de brincar de recolher os dízimos e sempre conseguia alguns dólares, postos na cesti-

nha de vime que eu fazia circular. Com o produto adquiria ingressos para jogos de beisebol ou então comprava uma boneca, mais uma criaturazinha pagã.

Na idade de 9 anos meu maior desejo era ser frentista de posto de gasolina. Ia muito bem nos esportes, na escola, mas ser a garota mais craque nunca me pareceu algo totalmente *kosher*... Criei, assim, um mundo de fantasias, no qual *michael*, meu alter ego, corria riscos e amava as mulheres, em meio a aventuras audazes. Era um modo criativo de sobreviver, embora eu soubesse instintivamente que não era como as garotinhas de minha idade. Meus sentimentos por elas assemelhava-se mais ao que entendia que deveriam ser os sentimentos de um garoto por sua namorada. Rezava para que Santa Bernardette aparecesse diante de mim com uma garrafa cheia de água milagrosa de Lourdes e a derramasse em cima de minha cabeça, fazendo assim com que minha loucura desaparecesse para sempre. Prometi levantar uma estátua em sua honra se ela intercedesse por mim.

A felicidade, a alegria, o contentamento e a segurança não eram estados emocionais ligados a Deus. Sofrer era o modo mais importante de se adquirir o mérito, conforme aprendi, e isso conferia significado a muitas de minhas mais antigas experiências. No entanto a dor meritória, a solidão e a confusão não faziam sentido para mim, enquanto criança. Ansiava por sentimentos normais de amor e proteção. Temia ser abandonada por papai e mamãe, caso procedesse mal. Minha recordação mais vívida era despertar subitamente no meio da noite, ouvir o barulho tão familiar da indignação vir do quarto de meus pais e aterrorizar-me diante da perspectiva de acabar ficando só. Lembro-me de cerrar os olhos com toda força e estender a mão para um Deus que eu acreditava estar lá para reconfortar-me a cuidar de mim. Foi meu primeiro Ato de Fé. Ela transcendeu as estrelas douradas ou as bênçãos advindas da conformidade ao ritual. Foi um pacto pessoal com Deus.

Durante a adolescência eu apreciava muitas brincadeiras, in-

cluindo aquelas que implicavam em tocar em outras meninas. Minha melhor amiga e eu passávamos alguns momentos ensaiando como abraçaríamos e beijaríamos os meninos. Eu amava apaixonadamente tais ensaios, mais do que a coisa em si. Nos meus tempos de ginásio, em classe só de meninas, alcancei rapidamente os postos de presidente da turma, melhor aluna, estrela, a mais capacitada a vencer. Naqueles dias felizes eu aceitava os agarra-agarras das meninas mais novas com grande prazer, mas odiava aquelas horrendas festinhas e bailes de formatura, sentindo-me distante de tudo aquilo, embora fingisse apreciar. Meu alter ego *michael* vivia todos os sentimentos que eu não conseguia reconciliar dentro de mim. Sua existência, porém, era aterrorizadora e inexprimível.

Os modelos reconhecidos de dedicação e aventura, entre as mulheres, eram raros, naquela época. As irmãs pareciam exemplificar melhor o que eu queria fazer. Eu tinha uma vaga percepção de que entrar para o convento significava enfrentar a inevitável questão de minha sexualidade, de prosseguir naquela boa vida do ginásio e de conferir algum sentido a minha vida. Ao acreditar que o serviço e a dedicação a Deus eliminariam o desejo apaixonado que eu sentia pelas mulheres, mergulhei na vida religiosa aos dezoito anos, com setenta criaturas de minha idade, mas minha crescente alienação gerava dores e temores mais profundos. Sentia-me dividida em relação àquela pessoa que eu realmente era.

Detestava especialmente os dias de visita; não que houvesse nada de desagradável, mas achava que os outros esperavam que eu me sentisse de determinada maneira. Mantive minha aversão em segredo das demais jovens, que pareciam contar os dias que faltavam para as visitas. Embora minha família me desse todo apoio e sentisse falta de mim, sempre me senti diferente daquilo que eu achava que se esperava de mim.

Durante minha vida religiosa sempre senti uma ligação com alguém, mas não demonstrava nada. Não queria parecer vulnerável ou possessiva, embora ansiasse pelo amor, calor e to-

ques de outra mulher. Somente prosseguindo com minha identidade de *michael*, algumas vezes em separado, outras vezes simbioticamente, é que eu conseguia lidar com minha homossexualidade, embora não conseguisse identificá-la enquanto tal. Ficava confusa com aquela pessoa masculina com quem eu me fundira. Acreditava que tivesse herdado algum tipo de doença mental de minha mãe.

No meu primeiro ano de vida religiosa procurei os conselhos de um padre, que me preveniu: "Você precisa modificar seus sentimentos agora, caso contrário terá problemas mais tarde". Ele, porém, não ofereceu sugestões de como alterar esses sentimentos. Tentei imitar as aflições emocionais de minhas companheiras: saudades de casa e crises por se terem separado de seus namorados. Quando convenci a mim mesma e à mestra das postulantes de que meu pesar se devia às saudades de um namorado, as cartas que recebia de casa passaram a ser censuradas, enquanto meu coração continuava a ser consumido por afetos por outras mulheres.

No meu segundo ano a mestra das noviças informou-me que duas noviças estavam perturbadas, pois tinham sentimentos muito fortes por mim. Aquela matriarca germânica deu-me instruções no sentido de parar com o que estava fazendo, fosse o que fosse. Eu não tinha consciência de ter feito nada, mas aterrorizei-me com a possibilidade de *michael* pôr as mangas de fora e de que meus sentimentos doentios estivessem voltando.

Logo após fizemos nossos primeiros votos. Como parte da cerimônia devíamos prostrar-nos debaixo de um pátio comprido e negro, professando celibato, pobreza e obediência. Prometi a Deus nunca mais ter aqueles sentimentos, jamais exibir-me e prosseguir na senda em direção à grandeza a que eu estava destinada, segundo todos me afirmavam. Sendo abençoada por todos aqueles votos, com toda certeza meus desejos perturbadores me abandonariam.

Entrei no terceiro ano do *college* e da vida conventual empenhada em ser bem-sucedida e em me tornar aquela pessoa que

fazia todo mundo sentir-se bem. Não me dediquei a ninguém em especial, embora sentisse uma ligação dolorosa em relação a uma das "sedutoras" professoras. Outra irmã, um ano mais velha do que eu, bela de corpo e de espírito, adorável, popular, de cuja pessoa emanava um amor inesquecível, tocou meu coração e dissolveu minhas reservas tão rígidas. Esta, para mim, até hoje é uma das experiências mais vívidas da conquista do medo pelo amor. Pela primeira vez senti alegria. Durante alguns meses comecei a sentir-me amada por mim mesma, tanto quanto podia perceber. Até então acreditara que amavam só o *michael* que existia em mim. A irmã Sarah e eu nunca falamos da intimidade que experimentávamos, e fomos suficientemente cautelosas para evitar comentários sobre uma amizade particular. Ambas éramos estrelas em ascensão. Eu gostava da fantasia de duas mulheres que se amavam e davam o melhor que podiam de si, devido àquele apoio. Amávamos a uma só e a muitas. Depois de alguns meses eu me afastei. Quando vieram a ocorrer outros relacionamentos, senti que voltava a me fechar. Evitava as mulheres que me atraíam, pois aquilo era doloroso para ambas as partes. Agora fico triste em saber que sentimentos tão positivos eram envolvidos pela confusão e pelo medo.

Não me lembro de ter lidado com minha dor e meus sentimentos de culpa naquele momento. Confessei, sim, minhas inclinações sexuais pela irmã Sarah. Meu confessor disse-me que modificasse esses sentimentos e que não pecasse mais. Agora acho que teria sido muito bom conversar com uma mulher sensata, naquela época. Minha vida espiritual parece que não se desenvolveu muito durante aqueles anos em que eu me apoiava na mesma fé simples em Deus, que experimentara na noite em que estendi as mãos no escuro, quando criança.

No final do meu quarto ano enviaram-me para me treinar no magistério. Fiquei aterrorizada, em pânico. Era como deixar minha casa pela primeira vez. Dominei imediatamente as técnicas do ensino, mas sentia-me chocantemente alienada, naquela comunidade heterossexual a minha volta. Terminei as úl-

timas semanas de formação com o terror dentro de mim. Fingi problemas estomacais, a fim de poder ver um médico, a quem confiei meu problema. Sentia-me vulnerável e desesperada. Deixei de lado o meu lado *michael*, mas falei a ele de meus sentimentos pelas mulheres. Ele apenas disse: “Irmã, a senhora será uma santa no céu”, mas não me deu nenhum conselho terreno.

No ano que se seguiu envolvi-me fisicamente com uma irmã um pouco mais velha. Foi minha primeira exploração sexual. Ela se limitou a expedições noturnas aos quartos uma da outra, a abraços e beijos. Dela estava ausente a alegria e a espontaneidade do amor não sexualizado, vivido nos primeiros tempos no noviciado. Agora, à minha alienação e confusão acrescentava-se a culpa, por quebrar os votos. Como uma alcoólatra, prometi a mim mesma que aquela seria a última vez. Embora eu fosse o membro mais jovem da comunidade eleita para uma posição oficial, meus sentimentos de fracasso persistiam. Ao longo do ano pensava cada vez mais em suicídio.

Procurei minha superiora e disse-lhe que precisava de ajuda. Ela afirmou que eu não era o tipo de pessoa que necessitasse ser ajudada, mas seu amor ajudou-me a ser bem-sucedida. Fui enviada a um médico, que sugeriu que me concedessem permissão especial de retirar-me durante dois anos, a fim de que me “endireitasse”, antes de reingressar no convento, onde faria um voto mais sólido de castidade. Na primeira sessão que tivemos, depois que saí do convento, ele sugeriu que eu entrasse para o exército, onde há muitos homens! Mas onde estavam aquelas boas mulheres de que eu necessitava?

Durante meus últimos dias de convento, enquanto comprava roupas e me preparava para a nova vida, apaixonei-me por uma irmã de minha idade, o que não poderia ser menos inoportuno. Sabendo que desobedecia as ordens do médico, continuei a ver Marcella durante anos. Ela acabou por deixar o convento e foi viver comigo.

Ao longo dos primeiros anos que se seguiram ao convento, *michael* ainda fazia parte de mim, embora comesse a desapa-

recer gradualmente. Eu comparecia à igreja com menos frequência e somente tendo em vista a Eucaristia. Durante aqueles períodos sombrios de meu desenvolvimento espiritual eu não tomava uma posição oficial contra a Igreja, mas necessitava cada vez menos das práticas religiosas. À medida que diminuía minha necessidade de *michael*, comecei a reconhecer meus sentimentos como pertencentes a mim. Na idade de 29 anos iniciei um intenso período de meditação, pedindo para ser libertada, curada e obter a paz de espírito.

Um ano mais tarde, caminhando numa praia do Havaí, durante um raro momento de iluminação, decidi explorar o mundo gay. Encontrei alguém que conhecia alguém e conversei com ela. A partir daquele momento eu me assumi. Assim que reivindiquei minha própria identidade gay, *michael* dissolveu-se. Senti alegria e controle sobre minha vida, até mesmo quando meu relacionamento com Marcella chegou ao fim.

Meu crescimento espiritual havia se ligado solidamente ao processo de eu me tornar eu mesma. Já não me alinho mais com a Igreja Católica, embora reconheça ter sido criada em suas tradições. Ela não me concede espaço para eu professar minha identidade profunda. Nunca mais me colocarei na posição de ser julgada. Passei por muitas angústias para chegar onde me encontro. Esta dor formou minha filosofia, que cresce, muda e se simplifica. Sinto-me atraída por um pensamento que combina as filosofias orientais com os ensinamentos de Jesus. Sou cristã, pois acredito que Jesus fez o que todos devemos fazer: sobrepujar os medos que nos impedem de amar a nós mesmos e aos outros, unificando-nos com aquele Deus-Cristo que está dentro de nós. Caminho pelo planeta e pelo universo e toda a criação faz parte de um único ser.

Sinto-me feliz em afirmar que sou uma cristã lésbica, mas acima de tudo fico contente em dizer que sou um todo. Alegro-me por ter tido uma experiência com a vida religiosa. Não há a menor dúvida de que me sinto à vontade com outras lésbicas que foram freiras. Em meu idealismo, espero que a comunida-

de lésbica se assemelhe ao que encontrei nos primeiros tempos do noviciado: mulheres que se amem e que se preocupem umas com as outras, criando seus destinos sozinhas e juntas. Tenho sentido profunda tristeza ao ver meus ideais se dissolverem. Ainda assim nenhuma decepção, nenhuma mágoa provocada por relacionamentos iniciados e acabados poderão igualar-se com a dor de não ser eu mesma, de acreditar que era doente e culpada, de sentir-me tão apartada de mim mesma.

Devido a meu envolvimento com a comunidade de educadores, enquanto professora e consultora, desde que abandonei a vida religiosa, recorro a um pseudônimo. Moro no Meio-Oeste e dedico-me a uma vida ativa de viagens, passatempos e crescimento profissional.

Quarta Parte

**Não seja rígida demais em sua
compreensão da castidade**

Pode-se ser uma lésbica celibatária? É possível ser membro ativo de uma comunidade religiosa e lésbica ativa? Qual é o propósito do voto de castidade? Cinco freiras analisam as ligações e contradições entre amor e celibato, sexualidade e voto de castidade.

Não seja rígida demais em sua compreensão da castidade

Irmã Agatha
(1957 até o presente)

Estou na casa dos 50 anos e, durante 25 anos, faço parte de uma comunidade pequena, unida, tradicional e, ainda assim, aberta à mudança e à renovação. Durante meus primeiros dez anos de comunidade, as questões relativas a sexo não se colocaram. Eu não tinha relacionamentos íntimos e eles não eram encorajados naquela época.

Meu primeiro relacionamento, uma amizade com uma irmã por quem tinha profunda admiração, jamais foi explicitamente sexual, embora mais tarde eu viesse a entender a presença de componentes sexuais. Meu segundo relacionamento, que durou mais de cinco anos, abrangeu o reconhecimento de sentimentos sexuais, da parte de nós duas, além de alguma expressão física, limitadas pelas inibições e pelo sentido do que era apropriado a pessoas celibatárias. Foi um bom relacionamento, que conduziu ao crescimento pessoal para ambas. Chegou ao fim porque minha amiga tornou-se cada vez mais infeliz na comunidade e acabou indo embora. À medida que ela se afastava de mim, tornando-se cada vez mais preocupada com as próprias dificuldades, eu me recolhi psicologicamente, em relação a ela. Naquele momento eu não estava preparada para enfrentar um

conflito entre a vocação e um relacionamento amoroso, que poderia levar-me para fora da comunidade.

Os anos que se seguiram foram a época de construir minha identidade gay. Lutei com a culpa, a auto-aceitação e a dúvida religiosa. Percebi que absorvera os juízos negativos da Igreja e da sociedade e finalmente, quando acabei por aceitar minha orientação sexual como algo bom e potencialmente criativo, comecei a desenvolver uma fé mais real e pessoal. Tomei conhecimento da comunidade gay e de suas aspirações; li tudo o que pude; conversei com pessoas que conheciam o assunto; tentei influenciar o pensamento de outras pessoas e até mesmo me assumi perante alguns amigos de confiança. Comecei a encarar alguma forma de ministério junto à comunidade gay. Aos poucos estabeleci contatos e, finalmente, liguei-me a uma rede de padres e religiosos gays.

Tentei também entender minha vocação para o celibato à luz da conscientização sexual tão recente. Àquela altura não esperava ter outro relacionamento, embora não me fechasse para essa possibilidade. Achava que tinha conseguido lidar com a solidão e a inquietação, encarando-as como algo que teria de suportar durante toda minha vida.

No entanto iniciei no ano passado um terceiro relacionamento. Eu tinha consciência de que outra irmã e eu tínhamos uma mútua inclinação e finalmente declaramos nosso amor. Nosso relacionamento aprofundou-se rapidamente e, durante cerca de um mês, gozamos amplamente dele, sem nos preocupar em saber como ele se encaixava em nossas vidas como um todo. Foi um período glorioso, gratificante e inesquecível.

Não demorou muito tempo, porém, para que nascesse um grave conflito, à medida que o desejo de ter uma casa só nossa aumentava dia após dia. Era uma experiência angustiante, pois meu sentido de compromisso com a comunidade era sólido e eu tinha grande consciência do amor e do respeito de minhas irmãs. Para mim a partida significaria um dilaceramento interior e seria trair a confiança de minhas irmãs. Era um dilema

cruel, uma situação impossível, para a qual eu não via saída.

Permanecemos nessa situação de conflito agudo durante quatro meses, sabendo unicamente que devíamos testar nossa vocação religiosa. Nenhuma das duas se sentia chamada para fora da comunidade. Ainda assim, continuamos a vivenciar a necessidade de expressar nosso amor através de modos que pareciam ser impossíveis de reconciliar com o celibato, tal como o entendíamos. Era como andar na corda bamba. Como encontrar um caminho que faria justiça ao nosso amor e também à nossa vocação? Permanecíamos numa região moralmente ambígua, na qual só podíamos agir de boa fé e assumir responsabilidade por nossas decisões a cada momento, aprendendo a viver com a incerteza e a dúvida que parecem inevitáveis em áreas tão cinzentas.

Finalmente os dois pratos da balança começaram a se equilibrar. Nosso senso de vocação havia persistido e, finalmente, tornou-se suficientemente forte para formar a base de uma decisão. Após muita luta, erros e tentativas, decidimos que deveríamos evitar as expressões de nosso amor, pois elas intensificavam tanto o desejo de ter um lar que o conflito tornava-se intolerável. Tal decisão proporcionou a paz, embora ainda existissem muitos conflitos e arrependimentos em relação “ao caminho que não seguíramos”. Além disso, só quando aprendemos a necessidade de invocar a graça dada com nossa vocação é que conseguimos pôr em prática nossa decisão.

Finalmente acabamos aceitando, de todo coração, um estilo de vida celibatário como o único caminho possível para nós, o que significou uma medida da força da atração que havia entre nós. Com isso não quero negar, de modo algum, a excelência e o potencial criativo das alternativas. Com efeito, para mim o celibato adquire significado precisamente no contexto da comunidade religiosa. Parece-me que, da mesma forma que a intimidade genital tece laços vigorosos entre dois indivíduos, o celibato possibilita e exprime uma ligação igualmente real entre mulheres que se entregaram a Deus e uma à outra, por meio de votos comuns.

Minha compreensão do celibato também se modificou. Embora eu costumasse pensar que ele significava manter a panela tampada e não sentir nada, hoje, para mim, ele significa experimentar os sentimentos e emoções sexuais que o amor evoca, expressando-o, porém, de modos compatíveis com minha vocação. Encaro nossa sexualidade como uma corrente forte e profunda, que flui de Deus através de nossas vidas, renovando nossos poderes criativos, revigorando nosso ministério e acrescentando calor e realidade a nossos relacionamentos humanos, no interior de nossa comunidade e para além dela. Cabe a nós não fazer nada que, em nossa opinião, possa bloquear ou desviar esse fluxo. Tal fato é particularmente verdadeiro, no que diz respeito a mim e a minha amiga. Nosso amor tornou-se ainda mais profundo e seguro do que antes, e, ao mesmo tempo, aprendemos o quanto é importante para nós proporcionar à outra o espaço para ser e crescer.

Não há a menor dúvida, em minha mente, de que nosso relacionamento foi uma bênção e um meio de obter a graça. Dar amor e saber que se é amado acrescentou uma nova dimensão a minha vida. Recebi minha feminilidade, num sentido concreto. Tenho consciência de que o desejo de Deus, que inicialmente me trouxe para a vida religiosa, persistiu, e que a dor e o conflito que conheci durante o último ano de algum modo me abriu para Deus, num nível mais profundo do que o anterior, tornando-me talvez mais suave e mais compassiva em relação a meus semelhantes.

Ao longo de todo esse processo e, na verdade, desde que me abri para a questão de minha orientação sexual, há uns 12 anos, minha superiora me deu o maior apoio. Recordo-me que, certa vez, quando me batia com a culpa, ela disse: "Não seja rígida demais em sua compreensão da castidade". Minha amiga e eu conseguimos ser completamente francas com ela. Sem sua orientação sábia, que implicou em aceitação, não me parece que conseguiríamos sobreviver na comunidade. Conclamo qualquer superiora que possa ler este depoimento a adotar a mesma atitude

de confiança, apoio e ausência de julgamento para com uma irmã que se encontre nessas circunstâncias. Ela é absolutamente essencial, no que se refere a salvar ou perder uma vocação. Estou convencida de que uma irmã que é ajudada a viver criativamente esse tipo de experiência acabará se tornando uma pessoa mais feliz e humana e terá muito mais a dar a sua comunidade.

Também recebi apoio (explícito, da parte de minha superiora, e tácito, da parte de muitas outras pessoas), no que se refere a meu ministério relacionado com a vivência gay, e que se assumiu como tal durante os últimos meses. Talvez ele não pudesse ter-se desenvolvido até eu encarar plenamente minha própria sexualidade, aceitando-a com alegria, e iniciar o processo de integrá-la à minha vocação.

Recordando o ano que passou, seguramente um dos mais significativos de minha vida, senti-me guiada por uma sabedoria maior do que a minha. Como nunca, tive de viver pela fé. Perdi parte de minha auto-suficiência, minha necessidade de compreender, categorizar e controlar. Da mesma forma que refleti como nossa vocação e nosso amor, ambos dádivas de Deus, podem harmonizar-se, passei a encará-los não tanto como um problema a ser resolvido, mas como um mistério a ser vivido.

Minha experiência com a comunidade incluiu trabalho pastoral, administrativo e literário. Durante vários anos engajei-me no ministério relacionado com a vivência gay de modo discreto. Minha própria identidade lésbica é do conhecimento de apenas algumas pessoas de confiança.

Gay e celibatária aos 65 anos de idade

Irmã Marla **(1935 até o presente)**

(Por ocasião desta entrevista com Nancy Manahan em dezembro de 1982, a irmã Marla tinha 65 anos e era aposentada.)

Nancy: Você se considera lésbica?

Irmã Marla: Sei que sou gay. Amo as mulheres, adoro-as, dentro e fora do convento. Ao mesmo tempo, sou celibatária.

Nancy: Você é feliz?

Irmã Marla: Sou extremamente feliz. Meu trabalho como professora e administradora foi gratificante. Minha vida pessoal é igualmente compensadora. Tenho amigas queridas e vivi com outra irmã, a quem amo, durante 20 anos. Jamais tivemos intimidade física. Bem, eu a beijei certa vez, há muitos anos, quando a despertei, a fim de irmos jogar boliche. Naqueles dias tínhamos de jogar boliche bem cedo, a fim de que ninguém nos surpreendesse de saias levantadas, divertindo-nos. Sim, eu a beijei na boca e ela parece ter ficado surpreendida.

Nancy: O que você sente em relação aos homens?

Irmã Marla: Olhe, não gosto dos homens, de jeito nenhum. Existem alguns que até são bonzinhos, não me incomodo se eles passarem o braço em torno do meu ombro, mas só de brincadeira.

Nancy: Como foi que você descobriu que era gay?

Irmã Marla: Sempre amei as mulheres. Cresci rodeada de mulheres fortes e maravilhosas. Minha avó ensinou-me metade do que sei. Eu polia o latão e carregava minha própria arma quando tinha 11 anos de idade. Aprendi a caçar, pescar e guiar automóvel ainda muito jovem.

Nancy: Teve algum relacionamento lésbico no convento?

Irmã Marla: As amizades particulares eram proibidas no noviciado. Ninguém jamais nos disse por quê. Mais forte do que tudo, aparte o fato de que estávamos nos divertindo tanto, era o receio de que pudéssemos ser mandadas para casa. Se elas não queriam que tivéssemos amizades particulares, nós nos conformávamos, mas isso doía um pouco. Eu tinha meus altos e baixos, devido a minha natureza volátil. Fui castigada certa vez, devido a uma amizade particular, mas os relacionamentos amorosos para valer não ocorriam em qualquer grau, no noviciado.

Nancy: E depois do noviciado?

Irmã Marla: Ah, depois, sim. Minha primeira missão foi a de professora do segundo ano. Senti imediatamente que um laço me ligava à irmã que ensinava no sexto ano e começamos a ter uma pequena amizade particular, que prosseguiu por quatro anos. Surgiram então outras irmãs, por quem me senti atraída. Uma delas julguei ser a pessoa mais estupenda deste mundo. Não quero dizer que fosse feia, mas era a pessoa menos bonita que já conheci. Era, porém, um gênio universal. Sabia tudo a respeito de tudo. Era isso o que me atraía nela. Amo realmente esta criatura. Ela tinha terríveis enxaquecas e eu costumava massagear-lhe a cabeça, o pescoço e as costas. Apareceu então uma irmãzinha que me trouxe problemas. Ela queria ser a única pessoa de minha vida. Tínhamos sido colegas de ginásio e eu a achava muito acomodada, sem muita personalidade. Ela ingressou no convento, recebeu o véu e imediatamente tornou-se uma pessoa encantadora, com um belíssimo par de olhos castanhos. De repente irradiava uma personalidade que deixava todas nós apaixonadas. Eu não tinha tanto interesse assim por ela, mas ela

se interessava por mim. Foi um tanto constrangedor, durante aqueles cinco anos em que vivemos na mesma casa.

Em 1965 fui designada para ser a diretora de uma escola em Nevada. Imediatamente pus os olhos numa mulher que tinha sido superiora provincial. Naquele momento eu tinha 38 anos de idade e comecei a adorar aquela criatura de todo coração. Além de dirigir a escola, pensava continuamente o que poderia fazer para torná-la feliz. O que poderia fazer para beneficiar a comunidade, e, com isso, ajudá-la.

Quando penso numa dívida total de mim mesma, física e emocionalmente, reporto-me àquela pessoa. Quando me transferiram para Minneapolis e já não podia mais viver cada fração de minha existência por ela, nunca me senti tão infeliz em toda minha vida. Foi terrível. Espero nunca mais viver essa situação de descer ao fundo do abismo.

Nancy: Seu relacionamento foi sexual?

Irmã Marla: Nunca houve nada de físico. Se eu segurava a mão dela, quando descia o meio-fio da calçada, já era maravilhoso. Gostaria que ela me beijasse e me abraçasse, mas isso simplesmente não acontecia, e eu não queria comprometer tudo mostrando-me ousada.

Nancy: Você se sentia culpada com o fato de experimentar atração pelas mulheres?

Irmã Marla: De modo algum! Fiquei contente por conseguir tudo o que consegui.

Nancy: Não se sentia perturbada, devido a sua amizade particular?

Irmã Marla: Não. Sabe, nunca pensei em beijar de modo romântico ou abraçar de um jeito sexual. Não queria forçar a barra... bem, é claro que, de vez em quando, eu ansiava por uma intimidade física maior, mas não era necessária. Todas nós éramos tão disciplinadas...

Nancy: O que aconteceu quando você foi transferida para Minneapolis?

Irmã Marla: Eu era a superiora e diretora de uma escola. Era

uma situação difícil. Foi então que chegou a irmã Mary Ellen. Tinha 32 anos e eu, 40. Era uma pessoa solidária, calorosa, boa e imediatamente comecei a pensar: “Que posso fazer para ajudar a irmã Marla?” Quanto a mim, comecei a delegar-lhe tarefas e a sentir por ela muita ternura e gratidão.

Amo a irmã Mary Ellen há 25 anos e sou correspondida. Ela se diz heterossexual e tenho certeza de que é mesmo, até certo ponto. As pessoas são gay até certo ponto: dez por cento, cinquenta por cento ou (apontando para si mesma) cem por cento.

Nancy: Como você encara a homossexualidade na Igreja?

Irmã Marla: Os homossexuais pertencem à alma da Igreja. As mulheres homossexuais, a comunidade lésbica, são parte vital da Igreja. São mais amorosas, bondosas, se dão mais e, segundo acredito, são muito mais amadas por Deus. Não entendo gente que queira marginalizá-las do corpo místico de Cristo. Como religiosa que se envolveu com as obras da Igreja por várias décadas, apóio e identifico-me totalmente com o povo gay e lésbico.

Nancy: Se o seu depoimento for incluído no livro, você poderá usar seu próprio nome?

Irmã Marla: Pelo bem de Mary Ellen e pelo bem de algumas de minhas amigas, não quero que meu nome seja mencionado. Estou certa de que você fará o que estiver a seu alcance para tornar este depoimento tão honesto quanto procurei ser com você. Devido, porém, a meus compromissos com amigos, em minha comunidade, a quem amo e que me amam, mas que nem sequer sabem o que significa homossexualidade, prefiro que você não use meu nome.

Nancy: Quer dizer então que você não se assumiu perante sua comunidade enquanto irmã gay e celibatária?

Irmã Marla: Não me assumi, não.

A dádiva da sexualidade no espírito do celibato

Irmã Hana Zarinah
(1963 até o presente)

Há três anos, ao me descobrir lésbica, tive a sensação de que voltava para casa. Havia encontrado aquilo que me permitiria juntar todas as peças do quebra-cabeças que era minha vida.

Mesmo quando criança, sempre senti-me próxima à Fonte. Em minhas lembranças mais recuadas, sempre confiei numa Presença maior do que eu e que faria minha vida dar certo. Ingressei na vida religiosa aos 18 anos de idade. Não queria me casar e, naqueles dias, a única opção era a vida religiosa. Escolhi minha ordem porque me sentia chamada para estar com os pobres e aquele grupo de irmãs foi fundado especialmente para ensinar os pobres. Ao olhar para trás, percebo agora que eu tinha uma profunda espiritualidade, que precisava ser canalizada, mas penso também que necessitava de um nível consciente ou inconsciente, no qual pudesse viver minha vida com um grupo de mulheres.

Em 1963, em nossa comunidade européia, anterior ao Concílio Vaticano II, semi-enclausurada, recebíamos um treinamento duro, rigoroso. Mesmo com suas deficiências, ele me ajudou a crescer. Embora, durante o período de noviciado, não tivesse consciência de minhas necessidades sexuais, em minha primei-

ra missão apaixonei-me por minha diretora. Ela também me amava, embora não houvesse envolvimento sexual. Ela me ajudou a me conscientizar de que não havia nada demais em amar e que todos nós somos uma mistura de sentimentos heterossexuais e homossexuais. Através dela, o conceito de “homossexual” começou a penetrar em minha consciência como algo mais do que uma palavra vaga, ligada a pessoas doentes. Agora tenho um relacionamento maravilhoso com esta mulher; é uma das poucas criaturas perante quem me assumi. Sou-lhe muito grata.

Mais tarde tornei-me interessada no padre da paróquia. Começamos como amigos e com um ligeiro envolvimento sexual. Durante um ano eu estava preocupada com o sexo. Rezava para obter a continência, uma dádiva do Espírito Santo para poder controlar os sentimentos sexuais. Ao aproximar-se o fim do ano eu tinha recebido essa dádiva e, para meu grande alívio, conseguira me controlar. Minhas necessidades emocionais foram, até certo ponto, preenchidas durante essa época por grandes amigos e amores desprovidos de sexo. Eu estava sempre envolvida com alguém, no plano emocional, mas, mesmo na companhia de amigas íntimas, sentia que algo faltava. Não se permitia que tivéssemos amizades particulares, mas acho que isso acontecia de qualquer maneira. Hoje percebo que o que nos faltava era o toque, a proximidade física, a intimidade.

Há cerca de cinco anos apaixonei-me por outra irmã. Gradualmente, graças à firmeza de suas atitudes, nosso relacionamento tornou-se sexual. Para mim foi uma bela relação, pois eu sabia que era bom amar alguém. Agora eu estava decidida a me tornar mais aberta, no que dizia respeito a expressar aquele amor. Eu podia tocar, ser afetuosa, entregar-me e amar. Senti que me abria, que me tornava um ser humano mais amoroso, em relação a todo mundo.

Embora não sentisse nenhuma culpa, sabia que os outros pensariam que o que fazíamos era errado. Quando confessei nosso relacionamento a um padre amigo, disse-lhe que não achava que fosse pecado, mas que me confessava “por via das dúvidas”.

Essa expressão vinha dos “deveres” implantados em minha consciência pelo código da Igreja, os tabus da sociedade e meu voto de castidade. O padre mostrou-se muito compreensivo e positivo. Senti-me aliviada, como se alguém do alto tivesse me sancionado. Embora me sentisse bem quanto a nosso relacionamento, foi uma verdadeira luta para a irmã que eu amava. Ela decidiu que, entre nós, não haveria envolvimento sexual. Concordei, pois queria sua amizade. Permanecemos íntimas, nos termos que ela propunha, durante um ano. Ela, porém, não conseguia ficar junto a mim e não entregar-se ao sexo, a tal ponto que, finalmente, rompeu comigo completamente. Fiquei muito magoada.

Eu ainda não me considerava uma lésbica, apenas tinha exprimido meu amor por uma determinada mulher. Devido a nossa dolorosa separação e a minha necessidade de me auto-conscien-tizar, procurei a ajuda de uma analista junguiana feminista. Foi aí que entrei em contato com muitos aspectos de mim mesma, incluindo minha sexualidade. Paralelamente fiz um curso de autodefesa com muitas lésbicas. Sentia-me ao mesmo tempo à vontade com elas e como uma estranha em seu meio. Eu me identificava com as mulheres, mas não conseguia identificar-me com a cultura e os rótulos daquelas criaturas.

Finalmente conheci Rachel. Sentimos atração uma pela outra, embora ela fosse lésbica e eu, freira. Ela conseguiu enxergar meu lado lésbico melhor do que eu mesma e aceitou igualmente minha identidade de freira. Fui assistir a um concerto de Meg Christian na companhia de Rachel e de algumas de suas amigas lésbicas. Foi lá que percebi que não precisaria mudar, a fim de me encaixar na cultura lésbica. Eu era lésbica e essa cultura tinha de abrir espaço para mim, com toda minha condição de freira! A partir daí começou a crescer meu amor por Rachel e minha identidade enquanto irmã lésbica. Rachel e eu nos tornamos amigas e agora somos também amantes. Mudamos para um apartamento. Minha ordem, respeitando minha escolha de viver fora do convento, aprovou também que eu dividisse com ela um apartamento.

Hoje sou uma freira católica zen praticante, lésbica e feminista. Prefiro que não existam rótulos, mas escolhi identificar-me com muitos deles. Ouvi com atenção minhas vozes mais interiores. Tive de desenvolver minha própria filosofia, baseada na mensagem evangélica do amor e da aceitação de todos, embora ainda sendo quem sou. Sou uma lésbica e amo ser lésbica. Sou freira e amo ser freira.

Posso pertencer a meu grupo porque mudamos com os tempos. Não usamos hábitos. Somos mulheres de pensamento aberto, nos preocupamos com a política, trabalhamos demais e somos poderosas. Quando leio nossas declarações e elas dizem que colaboraremos com aqueles que se empenham em criar um mundo no qual o amor, a justiça e a paz prevalecerão, e que combateremos o mal sob todas suas formas: injustiça, guerra, discriminação, opressão dos povos e exploração da terra; quando nos vejo trabalhando em nosso ministério religioso, combatendo o racismo, o sexismo e a guerra; quando vejo nossas mulheres ariscando suas vidas, nas comoções políticas da América Central e do Sul; quando nos vejo nos guetos e bairros dos Estados Unidos; quando me dirijo àquelas minhas irmãs que são ativistas políticas e àquelas que foram presas por participarem de demonstrações pacíficas pela justiça; quando ouço as mulheres que trabalham com mulheres espancadas, mulheres sem lar, crianças violentadas, retardados mentais, idosos e moribundos; quando vejo todas essas coisas, sinto-me profundamente ligada a minhas irmãs religiosas.

Minha dor é que não posso compartilhar o fato de ser lésbica com a maior parte dessas mulheres. Como meu lesbianismo faz parte de mim, elas, na verdade, não me conhecem. No entanto, se soubessem que sou lésbica, talvez me conhecessem ainda menos, devido à homofobia, aos estereótipos e às projeções que possam cultivar. Outra fonte de dor é minha Igreja. Não tenho certeza quanto ao tipo de católica que sou. Gosto das tradições católicas e de minha história pessoal, mas não consigo reconciliar-me com o clericalismo e o sexismo da Igreja.

Sou feminista. Estou me conscientizando da espiritualidade das mulheres e da Antiga Religião. Procuro a verdade universal, a Fonte de Tudo, o Espírito que aí habita. Um lugar onde encontro a verdade universal é no Novo Testamento, nas palavras de Jesus. Infelizmente, de vez em quando jogamos fora toda nossa herança cristã, devido ao modo como os homens que a pregam a interpretaram para nós. Sou católica. Nenhum homem pode me privar daquilo que me é caro. Ouço meu coração, a fim de me dirigir, ao mesmo tempo que respondo por minhas ações. Mantenho o espírito da lei, mais do que sua letra.

É ouvindo meu coração que escolhi permanecer religiosa. Quero ser uma irmã para todos, sobretudo para as irmãs de meu grupo e para minhas irmãs lésbicas. Minha luta nasce do desejo de ser aceita por ambas. Minhas irmãs freiras poderão não aceitar minha parte lésbica, e minhas irmãs lésbicas podem não aceitar minha parte freira. Eu, porém, não sou feita de partes, sou um todo.

Sou irmã há vinte anos. Apenas nos últimos quatro anos descobri que sou lésbica. Não sinto necessidade de deixar de ser freira. Amo os votos que tomei e acredito em seu espírito. Esses votos têm a finalidade de nos liberar e não de nos acorrentar. Meus votos de pobreza, castidade e obediência me libertaram de ligações indevidas a bens materiais, a pessoas e ao poder. Fiz meus votos com toda liberdade, para amar, para dar, para ouvir.

O voto de castidade ou celibato representa um bloqueio e um obstáculo para muita gente. Lembro-me de ter ouvido um velho padre dizer, há alguns anos, que o celibato começa na mente. Podemos ser completamente desligados do físico e, ainda assim, tão exaltados e prisioneiros que deixamos de ser celibatários. Ou então podemos estar ligados ao físico e sermos livres e continuarmos celibatários. Isso revelou-se uma verdade, no que me diz respeito. Durante os períodos de minha vida em que estive muito envolvida com uma mulher, no plano emocional, desisti de toda liberdade. Eu tinha uma ligação total e queria

ser possuída ou possuir. Como não tinha liberdade de ser eu mesma ou de amar os outros, eu, naquele período, costumava dizer que não estava ligada ao celibato. Agora, nos momentos em que exprimo meu amor sexualmente, sinto-me livre. Não possuo e nem me sinto possuída. Vivo meu voto de celibato, que é meu voto de amar a todos. Estou comprometida com meu grupo de irmãs, bem como com minha amiga-e-amante especial.

Meu relacionamento com Rachel é uma dádiva. Ela me ajudou a aprender a espiritualidade da sexualidade. No amor de Rachel sinto-me junto a Deus e a meus amigos. Ela não faz exigências, no sentido de que eu escolha entre meu grupo e ela. Ambas somos convictas de que podemos ser tudo aquilo que quisermos. Não se trata de ou isso/ou aquilo, mas de ambos/e. Sou muito feliz. Estou levando ao equilíbrio minha vida comunitária e minha amante. De vez em quando é uma luta, mas que vale a pena.

Não sei para onde a vida me levará. Preciso apenas ser verdadeira comigo mesma e o resto virá por si. Ouvi meu coração, o espírito que nele habita e vivo minha vida em seus limites máximos.

Nasci em 1945, numa família operária de origem italo-americana. No momento vivo com minha amante e ensino em San Diego. Sou freira há 25 anos.

Ô despertar

Irmã Maria Nuscera
(1976 até o presente)

Em minha grande família italiana, tocar, abraçar, segurar, beijar pessoas do mesmo sexo ou do sexo oposto era algo que todos tinham o hábito de apreciar e encorajar. As atitudes em relação à sexualidade eram abertas e honestas. Meus avós exprimiam, sem a menor inibição, um humor irreverente diante de nós, crianças. Como nossos quartos (dez pessoas moravam numa mesma casa) eram muito próximos, nós, crianças, concluimos, a partir do que ouvíamos, que nossos pais e avós tinham vidas sexuais ativas. Devido a isso, aprendemos que o sexo e os sentimentos sexuais são bons. Embora as relações sexuais fora do casamento merecessem censura, sabíamos que nossos erros seriam perdoados. Sempre senti um amor incondicional por minha família.

No ginásio e no curso colegial senti atração por algumas amigas. Queria estar com elas, acompanhá-las até suas casas, carregar seus livros, sair com elas, dançar com elas, telefonar-lhes, dar-lhes presentes. Elas pensavam nos namorados do mesmo modo que eu pensava nelas. Embora eu sáísse com homens, no tempo do *college*, meu verdadeiro interesse continuava a ser pelas mulheres.

Somente quando comecei a ensinar música, após o *college*, é que me entreguei à minha atração pelas mulheres, no plano físico e emocional. Tornei-me amiga de uma irmã a quem conheci na igreja que freqüentávamos. Começamos a compartilhar nossos momentos e a nos procurar. Tocávamo-nos, finalmente nos beijamos e fizemos planos de nos encontrar, ficar a sós e juntas. Embora não “fizéssemos amor”, éramos íntimas, muito ternas e passamos tardes e noites juntas. Finalmente a comunidade dela deu-lhe um ultimatum: ou a comunidade religiosa ou sua amizade por mim. Ela escolheu a comunidade e rompeu abruptamente nosso relacionamento. Fiquei deprimida por vários meses.

Na idade de 24 anos ingressei numa comunidade religiosa. Desde os 12 anos sentia uma atração romântica pelas irmãs e pela vida do convento. Quando passava em frente ao convento situado a três quarteirões da casa de meus pais, costumava imaginar: “Onde estão as freiras? Será que estão rezando? Como será que elas ficam sem hábito?” Mais tarde encarei a vida religiosa com menos romantismo e passei a enxergar as mulheres religiosas dedicadas a Cristo como o poder feminino, visível e oficial, em prol da Igreja. Entrar numa comunidade religiosa era fazer a escolha de me descobrir, bem como meu relacionamento com Deus.

Escolhi as irmãs de São José de Carandolet por me sentir atraída por seu sentido de liberdade e respeito pela diversidade. Minha comunidade é um grupo de criaturas enérgicas, que batalham pela unidade entre si e com Deus. Sinto uma satisfação especial por ter-me ligado a essas mulheres, que sentem uma profunda paixão pelo ministério na Igreja, nos dias de hoje. Sinto que somos herdeiras daquelas mulheres que se uniram na França, em 1650. Através dos anos muitas irmãs se tornaram minhas boas amigas.

Caso tivessem me perguntado, aos 24 anos, se eu era lésbica, teria respondido que não. Agora, aos 30, afirmo: “Sim, sem a menor dúvida”. Nos dois últimos anos tornei-me mais cons-

ciente de minhas necessidades emocionais e sexuais. Sinto necessidade de ser tocada, abraçada, beijada, segurada. Preciso de ternura e de novas amigas que me amem incondicionalmente.

Há quatro anos tive uma ligação sexual com uma mulher casada uns oito anos mais velha do que eu. Após meses de íntima amizade, certo fim de semana, quando o marido dela estava fora da cidade, dormimos na mesma cama. Ela me ensinou a beijar, com ternura, lentamente, apaixonadamente. Seus lábios, língua e dedos exploraram meu corpo. Enquanto tirava minhas roupas, com muita ternura, ensinou-me como fazer amor com uma mulher. Mais tarde conversamos a esse respeito.

Elizabeth iniciou nossa amizade e nossos contatos sexuais, encerrando-os daí a um ano. Depois de pedir divórcio, empregou-se numa grande loja e começou a sair com um jovem negro. Telefonou-me menos, não se preocupou em retribuir meus telefonemas e evitou contato físico, toda vez que me via. Eu lhe pedi mais de uma vez que falasse sobre o que estava acontecendo com ela. Acaso queria romper? Finalmente ela me disse que não queria mais contatos entre nós. Quando o relacionamento terminou, ainda assim não me reconheci como lésbica.

Conversei sobre esse relacionamento com minha melhor amiga, Judy, que também era irmã de São José. Ela sabia que eu estava magoada e que me entregava a uma espécie de recolhimento. Deu-me muito apoio, reconfortou-me e mostrou-se terna para comigo. Eu podia telefonar-lhe a qualquer hora do dia ou da noite, aos prantos ou simplesmente quando sentia necessidade de conversar com uma pessoa compreensiva. Meu diretor espiritual também se mostrou excepcionalmente compreensivo.

Meses mais tarde uma amiga lésbica assumida visitou-me inesperadamente. Conversamos sobre a sexualidade e o lesbianismo. Ela me deu muitos livros, que li com sofreguidão, sentindo que estava me descobrindo. Num final de semana, quando terminava o mês de outubro, fizemos amor. Depois disso tive plena certeza de que era lésbica.

No fim de semana seguinte participei da Conferência das Lés-

bicas Católicas em Kirkwood, Pennsylvania. Foi empolgante e confirmou muita coisa para mim. Ao me encontrar com mulheres tão positivas, tão profundamente espiritualizadas, senti-me orgulhosa e com muita sorte de ser uma lésbica entre mulheres de tamanho valor.

Quando afirmo que minha espiritualidade é uma encarnação, quero dizer com isso que procuro encontrar Deus em todas as coisas, sobretudo nas pessoas. As crenças religiosas passadas afetam meus valores, no que tange à sexualidade. Não tenho o menor problema em reconciliar meus votos com minha identidade lésbica, enquanto permaneço celibatária. Quando não me encontro em estado de celibato, não consigo reconciliar minhas ações com meu voto. Embora questione profundamente o celibato por toda a vida, acabo de tomar meus votos finais, pois sinto que Deus me chamou para ser uma irmã e que esse estilo de vida é o melhor que existe para mim.

Meus relacionamentos sexuais/emocionais trouxeram-me para junto de Deus e ajudaram-me a crescer. Mesmo nos momentos de grande angústia, o Espírito me ensina lições valiosas. Experimento o amor do Espírito através do amor íntimo pelas pessoas. Minha espiritualidade revelou-me possibilidades mais profundas de amizade do que eu poderia ter conhecido através de outros meios. Alguns de meus momentos mais gratificantes ocorreram na intimidade do silêncio com alguém a quem amo.

Durante os últimos cinco anos colaboro na pastoral de uma grande paróquia dos subúrbios. Antes disso fui liturgista e professora. Sou também musicista e tomo parte ativa em muitos grupos de mulheres e organizações lésbicas. Realizo estudos teológicos, a nível de graduação, e espero prosseguirlos até doutorar-me em teologia feminista. Além de ler, gosto de ioga, da cozinha italiana e de viajar.

Amo esta música lésbica

Irmã Sara
(1958 até o presente)

(A irmã Sara, 42 anos, sexualmente ativa, é freira há 24 anos. No momento acha-se licenciada de sua comunidade. Esta entrevista concedida a Nancy Manahan foi realizada no apartamento da irmã Sara, em San Francisco, no dia 31 de outubro de 1982.)

Nancy: Como concilia o voto de castidade com a atividade sexual?

Irmã Sara: Não me preocupo em reconciliá-los. Desde a idade de 22 anos nunca consegui entender por que o sexo provoca tamanho rebuliço. Ser sexual é algo tão normalmente humano... Jamais aderi ao ideal da castidade. Existe um lugar para o celibato, mas não o defino como a abstinência de sexo durante toda a vida.

Nancy: E como define o celibato?

Sara: Celibato para mim é ficar sozinha, não ser casada ou envolver-me com um relacionamento exclusivo. O bom do celibato é que ele libera as pessoas para que possam concentrar-se no que desejam fazer de suas vidas. Casar e criar uma família exige muito tempo e responsabilidade.

Nancy: E um relacionamento sexual íntimo não demanda muito tempo?

Sara: De vez em quando, mas não tanto quanto o casamento ou uma família. Tive relacionamentos sexuais íntimos durante três, quatro ou cinco anos, quando minha amante e eu morávamos em cidades separadas e nos víamos duas vezes por mês ou menos. Isso não nos requer tanto tempo assim.

Nancy: Como é que vivenciou a sexualidade no convento pela primeira vez?

Sara: Quando tinha 22 anos e morava numa comunidade com 25 irmãs — era a primeira vez que ensinava —, a irmã superiora, que tinha 48 anos, gostou de mim e senti-me atraída por ela. Certo dia eu não estava passando bem. Ela me perguntou: “O que há, querida?”, e levou-me para sua sala, onde me abri com ela. Ao me levantar para sair, ela me deu um abraço maravilhoso, consolador. Eu simplesmente derreti em seus braços e chorei. De repente, quando menos percebi, a mão dela estava em meus seios! Pensei: “E daí?” Ficamos abraçadas por algum tempo. Foi absolutamente maravilhoso!

Nancy: Como foi que você se sentiu quanto ao fato de ela ter feito um avanço sexual, num momento em que você se encontrava vulnerável e necessitada de consolo?

Sara: Aquilo me preocupou. Não achei que fosse um comportamento adequado, mas não acredito que me tenha feito mal *naquele momento*. Não sei, porém, que implicações essa experiência exerceu sobre meus relacionamentos subseqüentes.

A partir daquele momento, a maior parte de nossas trocas se deram num nível emocional. Também tínhamos contatos físicos periódicos. Acostumei-me a eles e sentia-me como um peixe dentro da água. De vez em quando ela se assustava. Quando começávamos a nos beijar, ela ficava nervosa e dizia: “Meu bem, tanto tempo assim, não!” ou então “Não, com a língua, não, meu bem”. Aos poucos ela começou a sentir-se mais à vontade. Vivemos dois anos e meio juntas, mas nossos compromissos não nos proporcionavam muitas oportunidades de intimidade física. Nosso relacionamento físico desenvolvia-se acima da cintura.

Nancy: Nunca dormiram juntas?

Sara: Naquela casa, não. Era arriscado demais. De vez em quando íamos ao quarto uma da outra, a fim de conversarmos e nos beijar. Se por acaso alguém tivesse batido na porta, morreríamos, só de sermos surpreendidas juntas no quarto. Quando fui designada para ensinar numa localidade situada a uns 250 quilômetros de distância, ficamos sem nos ver durante meses. Quando nos visitávamos, dormíamos juntas. Não chegou a dez, em toda nossa vida, o número de vezes que isso aconteceu.

Nancy: Você quer dizer dormir literalmente ou fazer amor?

Sara: É claro que sempre fizemos amor nessas ocasiões.

Nancy: Quer dizer então que tinham contato genital?

Sara: Não. Fazíamos amor da cintura para cima. Existe muitos modos de se fazer amor e não há dúvida de que o fazíamos. Todas nós temos nossos princípios sobre o que se deve ou não fazer. Não havia problemas com o contato pélvico, o que já não era o caso do contato genital direto.

Nancy: Você se sentia culpada?

Sara: Sentia que o que fazíamos era bom. Dada nossa natural capacidade de determinar o que é bom e o que não é, não sei por que as pessoas criam tantos problemas em relação ao sexo. Eu só me preocupava com o que poderia acontecer se ficassem sabendo. Alguém poderia querer me prejudicar, ao levar isso adiante.

No meu próximo relacionamento com uma mulher senti mais medo e culpa. Foi em 1973, vários anos depois que meu relacionamento com a irmã superiora evoluiu para uma relação íntima, mas desprovida de sexo. Vivi com uma irmã e ficamos muito unidas. À noite permanecíamos despertas, tomando vinho e conversando durante horas. Decorridos dois anos, terminei meus estudos de graduação e tive de ir embora. Certa noite Lucy e eu estávamos nos braços uma da outra, chorando por causa de nossa separação iminente. Então paramos de chorar e começamos a nos beijar. Foi a primeira vez que “fui em frente”. Eu morria de medo, simplesmente morria de medo.

Nem sei de que tinha medo, mas no dia seguinte disse a Lucy que não queria que aquilo voltasse a acontecer. Não queria ser amante dela.

Nancy: Qual foi sua resposta?

Sara: Ela é mulher de poucas palavras. Disse simplesmente: "Está bem". Mais tarde Lucy me revelou que ela também sentia medo. Tivera várias experiências sexuais com mulheres de nossa comunidade e jamais conseguira manter o que denominava "um relacionamento positivo", pois o sexo estragava tudo. Agora, decorridos dez anos, ela me diz que sou a única pessoa com quem se relacionou sexualmente e de quem ainda é amiga íntima. Durante os dois primeiros anos de separação nos víamos com muita frequência. Uma distância de 80 quilômetros nos separava. Visitávamo-nos nos fins de semana e quase sempre dormíamos juntas, toda vez que conseguíamos.

Nancy: O que aconteceu com sua decisão anterior de não sexualizar seu relacionamento com ela?

Sara: Bem, nossos sentimentos eram mais fortes do que nossos medos, mas, pelo visto, esse fato não causou mal algum. Eu continuava sendo irmã. Sabe, isso me preocupou. Receava que tivéssemos de deixar de ser irmãs, devido ao que sentíamos uma pela outra. Na realidade tudo estava dando muito certo, mas, como aconteceu com meu primeiro relacionamento, Lucy e eu não refletimos juntas sobre o que estava sucedendo. Era algo que não nos podíamos permitir. Aos poucos fomos partindo para um relacionamento sexual. Alguns meses depois tive um relacionamento sexual/emocional/social com uma mulher de meu time de softbol. Dot era divorciada e mãe de duas crianças. Nunca tivemos muita coisa em comum, a não ser o esporte. Conhecemo-nos num momento em que ambas tinham mútua necessidade de reconforto e intimidade.

Há cinco anos conheci uma mulher que foi irmã da Ordem do Imaculado Coração de Maria durante nove anos. Ann e eu nos tornamos amantes. Pela primeira vez podíamos fazer reflexões sobre nossas experiências. Minhas outras amantes eram

amedrontadas demais para falar. Ann já não era mais freira e não era a mãe “heterossexual” de duas crianças. Não tinha de mentir a si mesma ou se esconder.

Finalmente consegui dizer: “Puxa vida, devo ser lésbica!” Não me pergunte o que eu pensava até então. Não pensava; apenas era. Meu relacionamento com Ann me pôs em contato com outras mulheres que se identificavam livremente como lésbicas. Tornou-se algo sobre o qual eu podia pensar e conversar. Ann e eu éramos amantes havia vários meses quando decidi sair de minha comunidade e ir morar num apartamento. Ann tinha vendido seu apartamento e comprado uma casa, mas só receberia as chaves daí a duas semanas. Convidei-a para ficar comigo durante aquele período. Pois bem, as duas semanas se transformaram em dois meses.

As irmãs de minha comunidade não tinham condições de falar diretamente comigo sobre o fato de eu estar vivendo com Ann. Se desaprovavam, por considerá-lo pecaminoso, tinham de deixar isso a cargo de um confessor. Uma de minhas amigas, administradora provincial, perguntou se eu não encararia a possibilidade de ser designada para ir para o Havaí. Respondi-lhe que, por mim, não escolheria viver a 1 600 quilômetros de distância de Ann e, assim sendo, não concordaria. Ela disse que compreendia. Jamais declarei que Ann e eu éramos amantes, mas minha amiga aceitou nosso relacionamento.

Nancy: Por que você está licenciada?

Sara: Isso me dá tempo para levar um outro estilo de vida. Foi a decisão mais difícil de minha vida: ser irmã ou não. Antigamente, quando as irmãs retiravam-se do convento a fim de iniciar vida nova, havia uma nítida distinção entre estar “dentro” e estar “fora”. Hoje um número cada vez maior de irmãs vivem sozinhas ou com gente que não pertence à comunidade religiosa. Na minha comunidade ser irmã significa viver e trabalhar em torno de certos objetivos compartilhados, tais como lutar contra o racismo e a discriminação em relação às mulheres ou então trabalhar pela paz e pelo desarmamento. Quem

poderia pedir mais? Sinto orgulho de minha comunidade e é excitante fazer parte deste grupo de mulheres. Não desejo, porém, ficar entre elas pelo resto da vida. Tenho necessidade de autonomia e independência. Receio que parte de minha motivação quanto ao fato de ter sido irmã durante todos estes anos se deve a minha falta de segurança. Agora desejo ser uma pessoa segura, sem ter uma comunidade em que me apoiar. Todavia, não me sinto preparada para dizer: "Pois é, não quero mais saber de ser irmã". Não me sinto pronta para retirar meu nome da lista, enquanto não achar que posso encarar esse processo com tranquilidade.

Nancy: Quando você der esse passo, como sua vida mudará?

Sara: Minha vida exterior não mudará em absoluto. Continuarei a viver sozinha neste apartamento. Continuarei a trabalhar onde trabalho. Financeiramente nada mudará. Desde que estou licenciada, continuo recebendo todos meus salários. Habitualmente cada irmã estabelece um orçamento para si mesma. Qualquer salário abaixo ou acima disso são doados ao tesouro provincial para o fundo de aposentadoria, o de viagens, o de educação e outras necessidades comunitárias.

Conseguirei, porém, ser mais aberta em relação a minha atividade sexual. Quando tenho uma amante, não quero fazer segredo a respeito. Não quero ter de lidar com a desaprovação da comunidade. Imagino poder agir assim, sem desaprovação, caso já não esteja mais inscrita na lista da comunidade.

Nancy: Como acha que as pessoas reagirão a este livro?

Sara: As freiras lésbicas que conheço irão dançar! Este livro circulará intensamente nos conventos, exatamente como aconteceu com o *Relatório Hite* em minha comunidade. Estamos fazendo fila para ter esse livro. Todo mundo o lerá. As freiras lésbicas ficarão mais conscientes de si mesmas, no que diz respeito a este livro. Posso vê-las morrendo de vontade de conseguir, mas tentando não demonstrar muito interesse... Elas também ouvirão a reação dos demais membros da comunidade e rezarão a Deus para que seja positiva.

Este livro será também uma ocasião para um confronto com a dor. As irmãs lésbicas que não se assumiram em suas comunidades (e não conheço ninguém que tenha assumido) precisarão ouvir reações homofóbicas. Será, porém, um catalisador. Vai ser uma reviravolta. As comunidades religiosas terão de discutir o livro. Terão de reagir à realidade, coisa que nunca precisaram fazer.

As comunidades religiosas progrediram, a partir daqueles dias em que preveniam a respeito das amizades particulares. Agora dizem que não faz mal ter relacionamentos bons, sadios, íntimos. A homofobia, porém, é violenta e os relacionamentos lésbicos ainda não são aceitos.

Preparei recentemente a liturgia para a assembléia de nossa ordem. A canção de abertura e de encerramento foi "Irmãs", de Cris Williamson. Após a liturgia uma de nossas administradoras internacionais convocou-me e murmurou muito dramaticamente: "Irmã (já não nos chamamos mais de "irmã"), irmã, como pôde tocar aquela música lésbica durante a liturgia?" Respondi: "Irmã, acontece que eu *amo* esta música lésbica". Nós duas exibimos um enorme sorriso...

Quinta Parte

Surpresas e contradições

Para nossa surpresa, uma moça, ex-freira lésbica, escreve sobre sua mãe, também ex-freira lésbica. Duas participantes de um sindicato de professores católicos se apaixonam, deixam o convento, casam-se na Igreja e têm um filho. Outras surpresas confundem as tentativas de circunscrever nossas vidas e realidades.



Irmã Peter Marie, 1964



Mary Alice Scully, 1981

Segunda geração

Mary Alice Scully
(1961 a 1979)

Na primavera de 1965 eu já era irmã de caridade havia quatro anos quando fui convidada para o quinquagésimo aniversário do ingresso de uma freira numa ordem semi-enclausurada. Não conhecia a madre Katherine, mas durante toda minha vida ouvi falar dela. Nem consigo mais me lembrar há quanto tempo ela era uma das amigas mais íntimas de minha mãe. Como ela havia falecido no ano anterior, resolvi representá-la no jubileu de ouro da madre Katherine. Levei quase vinte anos para me dar conta de que minha ida significava o último episódio do que provavelmente fora a principal relação amorosa de minha mãe, e que cobria quase cinquenta anos de sua vida.

Mamãe tornou-se amiga da madre Katherine na década de 20, durante um retiro espiritual. Contaram-me que sua família sempre se ressentiu da “influência” que a jovem freira exercia sobre ela, sobretudo quando mamãe decidiu ingressar no convento. Desconfio que ela passou por momentos difíceis, enquanto freira enclausurada. A mulher que conheci como minha mãe era um espírito livre, capaz de imprevisíveis explosões, quando menos se esperava. Tenho certeza de que ela foi censurada, por ser uma criatura singular, exatamente como ocorreu comigo,

muitos anos depois, e por suas travessuras, como, por exemplo, escorregar pelo corrimão da escada. Os retratos que tenho dela mostram uma noviça sorridente, com os braços enfiados nas mangas amplas. Desconfio que ela deixou a vida religiosa devido a um grande pesar, embora nunca falasse muito a respeito. Mencionava vagamente uma doença e, recentemente, uma tia deu a entender que se tratou de uma depressão nervosa.

Começando tudo de novo aos 32 anos de idade, ela aceitou um posto de secretária em bazares beneficentes católicos, sem receber quase nada, no ano de 1931. Trabalhou num grupo da Ação Católica, integrado por atores semiprofissionais, e dividia sua casa com jovens solteiras e destituídas, marginalizadas devido à gravidez. Desconfio que, durante aqueles anos, era ela ativa, sociável e gay. Tinha muitas amigas e seu amor pela madre Katherine prosseguiu, por meio de contatos freqüentes.

Ao aproximar-se dos 40 anos, sabendo que não iria se casar por razões sobre as quais apenas posso conjecturar — o que, aliás, não deixo de fazer — ela acolheu um menino de um ano de idade para criá-lo como seu filho adotivo. Quando tinha 44 anos, adotou uma menina recém-nascida.

Ser criada como filha adotiva de uma ex-freira lésbica tinha seus aspectos especiais. O fato de que ela era uma criatura fora do comum e audaz ficou claro para mim, ainda quando eu era criança. Sem ser casada, ela apresentava seus filhos a todo mundo com grande júbilo e caçoava da consternação que isso eventualmente pudesse provocar. Pobre, tinha dois e, de vez em quando, três empregos, ao mesmo tempo em que continuava a participar ativamente do grupo de teatro. Alma e animadora de muitas festas, brindava seus amigos com poemas e contos. Entre suas muitas amigas, destaca-se a figura de Mary, que tinha voz profunda, andava a passos largos e era muito sorridente. Era ela quem tomava conta de nós, quando mamãe dava duro no trabalho e atuava no teatro. Desconfio vagamente que, de vez em quando, Mary passava a noite lá em casa. Minha mãe amava, mas também sabia magoar muito, o que não era raro. Não

há nada a dizer quanto aos momentos de alegria; são as lágrimas que me trazem mais recordações. Ela sempre me falava da madre Katherine e de seu irmão alcoólatra, que morava no Bowerly, o bairro dos marginalizados de Nova York. Houve épocas em que permanecíamos numa esquina fria, batida pelos ventos, à espera de que ele aparecesse, para lhe darmos os últimos cinco dólares de mamãe. “Ele tem menos do que nós”, ela dizia.

Como é possível uma lésbica enrustida, católica praticante, criar duas crianças sem dispor de dinheiro? Num internato católico, é claro. Para mim era uma prisão, na qual as freiras francesas acreditavam que espancar crianças era um substituto para a disciplina. Aquilo fazia muito mal para a alma de uma pequena criatura e eu já começava a me tornar dura.

Durante a adolescência eu estava ocupada demais em crescer, mostrar-me ativa na escola e brincar para valer nas ruas. Tinha apenas uma vaga percepção daquela outra pessoa que existia dentro de minha mãe. Em casa ela se mostrava cansada e séria. Agora havia menos movimentação em torno dela. Ela via suas amigas com menos frequência e jamais em casa. Eu achava a maior parte delas um tanto esquisitas; tratava-se de solteironas muito empertigadas ou muito solitárias. O que minha mãe quis, esperou, sonhou para seus filhos? O que éramos para ela? Eu era excessivamente jovem, ocupada e centrada demais em mim mesma para lhe perguntar. Ela, por sua vez, era por demais cansada, solitária e fechada para dizer a verdade. Sua espiritualidade era profunda, mas íntima. Ia à igreja sozinha e raramente comungava. Seu lesbianismo poderia ter-lhe trazido alegria, mas desconfio que era também um fardo que lhe pesava cada vez mais.

Aos 19 anos eu também entrei para o convento. Mamãe morreu dois anos depois. Levei anos para entender que mal conhecia a mulher que era minha mãe. Dizem-me que lacunas e vazios são encontrados com frequência, quando se tenta recompor a vida de uma lésbica de um outro tempo, trancada em sua verdade. A partir de minhas recordações e das lembranças dos

outros, vejo a companheira alegre e a pessoa profundamente recolhida em si mesma, algumas vezes intrigante.

Sim, tornei-me uma freira da década de 60, ativa não apenas numa Igreja que mudava, mas também participante dos movimentos contra a guerra e em favor das reformas nas prisões. A teologia da libertação e o fato de me reconhecer como lésbica me libertaram, mesmo quando eu continuava a ser freira. A vida religiosa representou para mim uma experiência de libertação, sob vários aspectos. Permaneci nela durante dezoito anos.

Acho que, subliminarmente, soube a vida inteira que eu era lésbica e o mesmo acontecia com mamãe. Foi preciso, porém, o desafio de uma criatura de fora, minha amiga, para retirar-me do enrustimento, de que ninguém desconfiava.

Como eu era freira, tinha liberdade de percorrer os corredores da casa de detenção de mulheres, em Riker's Island, em Nova York. Isso fazia parte do programa de voluntárias do clero. Meu hábito religioso era o uniforme pacifista da década de 70: camiseteta e jeans.

— Hei, sapatão! — gritou uma detenta para mim.

— Está falando comigo? — Olhei a minha volta, para ter certeza de que ela se dirigia a mim.

— É você mesma... É assistente social?

— Bem, não... sou freira.

— Você não é freira coisa nenhuma, com essa roupa.

Expliquei-lhe que era de fato freira, apesar de meu traje, e que ela, pelo visto, tinha noções tão estereotipadas sobre as freiras quanto as que as pessoas têm sobre as mulheres numa prisão. Nesse momento, porém, iniciou-se o processo de me aceitar como lésbica.

Quando me tornei consciente de que era época de experimentar os riscos, as solicitações, a insegurança e os fracassos que a maior parte dos adultos enfrenta diariamente — a vida da selva, no lugar de um zoológico quente e bem protegido —, deixei a vida religiosa. Minha mãe e eu continuamos a ser uma história que se encadeia.

Agora que saí de casa pela segunda vez, passei pela experiência de enfrentar os rótulos de sapatão, fanchona e lésbica.

Sim, já tenho 40 anos, mas não pretendo adotar nenhuma criança. Afinal de contas, uma vez basta.

Moro, trabalho, amo e procuro em Nova York.

Ativistas* sindicais, amantes e pais

Christine e Sheila
(1971 a 1972 e 1960 a 1981)

Sheila: Eu era a mais velha dos quatro filhos de uma família extremamente unida. Cresci me sentindo muito bem comigo e com minha religião. O amor e a sensibilidade de meus pais também me influenciaram, bem como a minha decisão de ingressar na vida religiosa. A atração em relação a várias freiras dedicadas, no colegial, me levaram a pensar seriamente na vida religiosa.

Chris: Quatro anos passados num *college* católico feminino do Meio-Oeste estimularam minha conversão e meu desejo de entrar para o convento. O mistério, o drama e o romantismo de ouvir o coro das noviças na igreja renascentista italiana do século 18 me deixavam toda arrepiada. Necessitava da estrutura e da segurança da vida conventual. De 1968 a 1972, quando eu estava no *college* e no convento, a ordem passava pela “grande modificação”. No ano letivo de 1971-72 eu era a única postulante da ordem, imatura e um tanto rebelde, mas comprometida com a vida religiosa. Quando minhas superiores me pediram que deixasse o convento no final de meu primeiro ano, quase perdi minha sanidade mental. Talvez eu não fosse mesmo a postulante ideal, mas o convento era minha vida. Foi como entrar num verdadeiro parafuso emocional.

Depois de sair, fui ensinar no sétimo e no oitavo grau de uma escola de nível médio no centro de Los Angeles. Gostava demais das professoras e das administradoras. Podia errar, recompor-me e começar tudo de novo. Aprendi realmente como ensinar.

Sheila: Durante o colegial senti-me muito próxima de minhas amigas. Sem perceber, parece que eu, em relação às garotas, estava experimentando aqueles típicos sentimentos adolescentes que a maior parte das meninas tem em relação aos rapazes. Eu nada sabia a respeito do lesbianismo.

Chris: Enquanto ensinava na escola, comecei a sair com dois dos professores. Um deles era ex-seminarista. Sabia que o outro era e é gay. Embora ambos fossem bons amigos, eu me sentia pouco à vontade saindo com eles e não conseguia em absoluto lidar com a sexualidade. Sentia-me infeliz, pois não conseguia entender o que havia de errado comigo. Encarei esse fato como um sinal de que eu pertencia verdadeiramente ao convento e solicitei minha readmissão. Embora tivesse amadurecido e me tornado uma boa professora, meu pedido foi recusado. Senti-me aniquilada. Por que não me queriam? O que havia de errado comigo? Talvez se tivesse ingressado numa organização feminista, em breve descobriria que comigo estava tudo bem.

Sheila: Quando estava no noviciado, “envolvi-me” umas duas vezes, mas isso foi cortado pela raiz por aquelas que nos dirigiam. As amizades particulares eram muito malvistas, mas, na realidade, ninguém oferecia explicações. Agora me dou conta de que até depois da profissão final eu ia em busca de freiras de quem me sentia próxima, mas não houve reciprocidade da parte de ninguém, até eu me encontrar com Chris.

Chris: Quando eu estava no meu terceiro ano de ensino formou-se um Sindicato de Professores Católicos. Trabalhar nesse sindicato modificou minha vida. Cresci juntamente com ele. Depois de começar a ensinar no curso colegial, lutei pelos direitos dos professores e dos estudantes, tendo em vista uma educação de melhor qualidade. Tinha encontrado minha comunidade, era uma sindicalista convicta. Trabalhar sete dias por se-

mana era algo que consumia minha vida inteira. Em 1976 entramos em greve. Fizemos piquete a noite inteira na chancelaria do bispado, num esforço final de demonstrar à diocese que nossa greve era séria e com o intuito de obter publicidade para nossa causa. Foi assustador. Nenhum de nós se sentia revolucionário. Depois do encontro dos organizadores da greve no primeiro andar da chancelaria, subi às escondidas a fim de juntar-me àqueles que dormiam no chão forrado de mármore. Por toda parte havia corpos enfiados em sacos de dormir e eu não trouxera absolutamente nada em que pudesse me abrigar. Dormir em cima do mármore duro e frio estava fora de questão.

Enquanto eu estava parada lá, uma das grevistas, uma freira chamada irmã Sheila, ofereceu-me uma parte de seu saco de dormir. Como não queria acordar ninguém com minha recusa e meus protestos, acabei deitando ao lado dela e experimentei os sentimentos mais calorosos e maravilhosos de toda minha vida. Não preguei o olho a noite inteira e senti-me ótima no dia seguinte. Na noite seguinte estendemos um saco no chão e o outro em cima de um colchão. Ficamos de mãos dadas a noite inteira. Lembro-me de ter pensado: "Mas o que está acontecendo?" Só consegui dar uma resposta: "Não sei, mas estou achando fantástico!"

Depois que a greve chegou ao fim, nos procuramos constantemente, embora o fato de ver Sheila interferia em meu trabalho no sindicato. De repente passeios, praias, montanhas e tomar vinho com minha nova amiga era mais importante do que subscrever envelopes e ajudar a organizar piquetes para os sindicalizados. Nenhuma das duas entendia em absoluto o que estava acontecendo; apenas sabíamos que queríamos permanecer juntas.

Então consegui um emprego na escola de Sheila, no ano seguinte. Decidi que a melhor maneira de estar perto dela era entrar para sua ordem religiosa. Justamente quando eu pensava que tudo estava perfeito, fui informada de que não seria aceita. Não me apresentaram a menor razão para essa recusa. Tinham

entrado em contato com minha antiga superiora. Perguntei mais uma vez o que havia de errado comigo. Sentia-me furiosa e atingida por dúvidas em relação a mim mesma. Não acredito que tenham recusado minha entrada na ordem de Sheila pelo fato de ser lésbica. Até então jamais ouvira aquela palavra e nunca tivera uma experiência lésbica. O sindicato era um lugar de inocência, que me proporcionava refúgio. Éramos todos tão ingênuos...

Sheila: Quando Chris e eu nos conhecemos e houve reciprocidade de sentimentos, senti medo. Minha existência estável sofria um abalo e os votos que eu aprendera a valorizar agora estavam de cabeça para baixo. A pobreza e a obediência não me colocavam a menor dificuldade. Ainda tinha um estilo de vida muito simples e as pessoas eram mais importantes do que os bens terrenos. No entanto meu relacionamento com Chris era um desafio direto a meu voto de castidade, que exigia celibato. Embora eu a quisesse, achava difícil desistir de algo que tivera durante quase vinte anos. Quando finalmente admiti quem eu era, para uma boa amiga, ela, com muita sensatez, observou: "As coisas não acontecem simplesmente. As pessoas vivem se colocando na mesma posição, até se verem forçadas a tomar uma decisão".

Chris: Por causa da escola e do trabalho no sindicato, Sheila e eu estávamos constantemente juntas. Chegamos até mesmo a viajar, a fim de visitar sua família. Havíamos, porém, disfarçado nossas vidas tão bem que quando finalmente nos "assumimos" perante nossos amigos e nossa família, todos ficaram atônitos. Nós escondêramos e negáramos os fatos a todo mundo, inclusive a nós mesmas.

Depois que me recusaram entrada na comunidade de Sheila, procurei examinar meus sentimentos e descobri que não havia nada de errado com eles. Simplesmente amava Sheila e queria viver e compartilhar minha vida com ela. Embora começássemos a passar os fins de semana juntas, ainda não tivéramos uma experiência sexual. A tensão começava a provocar ansiedade e ataques de choro. Como Sheila ainda era freira e os votos lhe

importavam, empreendia uma batalha constante consigo mesma. Eu compreendia, mas não podia negar meus desejos. Queria o amor físico, pois havia esperado um tempo demasiado. Sabia que era lésbica, mas ainda não estava disposta a admitir. Comecei a participar de sessões de terapia de grupo destinadas a lésbicas. Renunciei a meu cargo no sindicato e mudei de escola. Sentia um medo muito grande para poder freqüentar bares de lésbicas, mas minhas amigas lésbicas, a quem acabara de conhecer, me acolheram. Que revelação! Não apreciei a atmosfera do bar, mas senti que, finalmente, conseguia ser eu mesma. Foi algo que me deixou exaltada, eufórica! Mudei-me para mais perto do convento de Sheila e nos víamos o tempo todo. Finalmente naquele verão dormimos juntas. Para mim foi maravilhoso, mas, no dia seguinte, Sheila teve uma indisposição estomacal. Àquela altura eu já sabia o que queria. Não desejava, porém, que Sheila deixasse o convento por minha causa e mais tarde pusesse a culpa em mim por ter arruinado sua vida religiosa. A decisão teria de partir dela.

Sheila: Tentei viver essas duas vidas durante quatro anos, até enfrentar o fato de que estava sendo desonesta para com minha comunidade, para comigo mesma e injusta em relação a Chris. Expliquei minha situação à representante de minha comunidade religiosa. Ela e minhas outras superiores apoiaram minha decisão. Durante vinte anos sempre tivera orgulho de ser membro de minha comunidade e foi difícil tomar a decisão de partir. Compreendi finalmente que a verdade, para mim, era meu amor por Chris.

Chris: Na noite em que Sheila assinou os documentos da dispensa e recebeu seu dote de volta, estreitei-a em meus braços. Meu coração doía por causa de nossas perdas. Desde então nossas vidas cresceram e se modificaram. Passamos por alguns momentos ruins e um deles foi muito sério. Comecei a sair com outra pessoa, até perceber o quanto Sheila me era importante. Foi uma experiência de maturidade para nós duas, pois, sem este teste, não poderíamos ter confiança em nosso amor.

Sheila: Desde que saí do convento eu não me envolvia ativamente com a Igreja, até conhecer Chris. Resolvemos dedicar nossas vidas uma à outra. Ao conversarmos com o padre Paul, ambas nos demos conta do quanto a Igreja era importante para nós e voltamos a participar dela.

Chris: No dia 14 de maio de 1982 o padre Paul realizou nossa cerimônia de "entrega mútua". Nossos amigos mais chegados compareceram. Recorrendo a passagens do Velho Testamento e à poesia contemporânea, usamos o Livro de Ruth como tema: "Onde quer que tu fores, irei contigo". Durante pelo menos dois anos Sheila e eu quisemos ter um filho. Em abril de 1982 fiquei grávida, através da inseminação artificial. No dia 11 de fevereiro de 1983 Patrick nasceu. No dia 26 de março ele foi batizado pelo padre Paul, que mencionou nós duas como seus pais.

Não tem sido nada fácil para nós. Perdemos alguns de nossos antigos amigos. Sofremos a experiência da discriminação. Quando fiquei grávida, a diretora do colégio onde lecionava me chamou de pecadora. Retirei-me de seu escritório e do colégio naquele mesmo dia. Muita coisa me aconteceu, desde que me tornei postulante em 1971. Acredito que modificações relativas à homossexualidade se fazem necessárias na Igreja. Ela nem sempre esteve presente quando necessitávamos de ajuda. Sheila e eu, porém, vivemos nossas vidas como achamos que deveríamos.

Sheila: Somos muito felizes juntas. Tivemos nossas crises e nos sentimos mais fortes, graças a elas. Amadurecemos demais, nesses últimos anos, e pretendemos fazê-lo muito mais.

Vivemos muito felizes em Los Angeles. Christine está com 35 anos e Sheila, com 43.

Desse jeito é mais aconchegante

Terry
(1969 a 1971)

Que lésbica de sangue quente não teria gostado do ginásio onde eu estudava? Dezenas de adolescentes e dúzias de freiras aninhavam-se, muito aconchegadas, nos arredores de Los Angeles. Quando eu era caloura, disse a mim mesma que, ao me tornar veterana, comunicaria à irmã Charlene que gostaria de ser exatamente como ela. Imaginava nós duas numa sala de aula vazia e tranqüila. As demais alunas já tinham ido para casa. Ela, porém, deixou o ginásio quando eu começava o segundo ciclo e agora acho que ela tinha um caso com uma aluna mais adiantada.

Não demorou muito para eu encontrar uma freirinha bem jovem, com quem passei a sonhar. A irmã Terese não chegava a ser seis anos mais velha do que eu. Desde meus tempos de caloura e até me tornar veterana jogava voleibol e basquete-bol. Ela jamais perdeu uma partida sequer. Era minha maior fã e foi quem patrocinou minha solicitação de ingresso no convento. Deu-me meu primeiro beijo de verdade, quando eu era postulante.

A irmã Terese, bem como algumas outras freiras, tinham vindo ao noviciado fazer um retiro, mas nós, postulantes, não

devíamos conversar com as “santas irmãs”. Lembro-me que descia as escadas, vinda da sala de estudo. Dobrei um canto e notei um hábito, mas, sendo uma iniciante muito conscienciosa, mantive os olhos modestamente abaixados, fitando o assoalho. O hábito parou a meu lado e senti que tocavam de leve no meu braço.

— Oh, eu não sabia... — murmurei. Ela levou o dedo aos lábios: “Psiiu...” Ela tomou meu queixo entre suas mãos, sem dizer uma palavra, mas com uma expressão no olhar que me deixou literalmente pregada de encontro à parede. Beijou meus lábios com tamanha suavidade... Lembro-me especificamente desse sentimento: suavidade.

Como eu era tola! Pensei: “E agora, o que faço? O que quer dizer isso?”

Ela murmurou: “Boa noite, Terry” e fez uma cruz em minha fronte. Não consegui dormir muito bem aquela noite, mesmo depois de rezar um rosário a mais.

Quando comuniquei a meus pais, em 1969, que queria entrar para o Convento do Sagrado Coração, eles concordaram inicialmente. Eu era a filha mais velha e eles queriam que eu fosse para o *college* e me tornasse professora. Recorri ao jargão religioso: “vocação, chamada, vontade de Deus”. O que eu não sabia é que queria seguir as mulheres a quem amava e essas mulheres eram freiras.

Passei aquele verão de 1969 fazendo tudo o que deveria pela última vez. Dei uma batida com meu velho Chevrolet, do ano de 1956, e, sem nenhum arrependimento, entrei para o convento em setembro, com mais três outras garotas do curso colegial. Três anos depois descobri que uma delas estava tendo um caso com uma colega de classe, quando iniciou o noviciado, e as outras duas se entregaram a uma “amizade particular”. Eu era a ignorante e a ingênua.

Por volta de junho de 1970 eu já conseguia perceber um boçado de hipocrisia à minha volta. Em novembro deixei o convento do Sagrado Coração. Aquilo se assemelhava a ser man-

dada embora pela porta dos fundos, para que ninguém me visse partir. “Uma maçã ruim estraga a cesta inteira.” E daí, se eu não podia me despedir de umas poucas amigas? De qualquer modo elas também partiram, decorridos alguns meses. Eu então comecei a procurar minha comunidade religiosa perfeita.

Durante o ano que se seguiu participei de 25 retiros, meditações e descobri fins de semana realizados sob os auspícios de diferentes comunidades. Uma amiga que tinha estado comigo no convento do Sagrado Coração tentou ingressar nas Filhas da Caridade. Após lhe aplicarem um teste psicológico, disseram-lhe que não a queriam, pois ela mostrava tendências homossexuais. Esta amiga estava tendo um caso com uma Filha da Caridade, que terminou subitamente, com a transferência da boa irmã para outra cidade. Foi assim que minha amiga recebeu uma carta de recusa das Filhas da Caridade.

Éramos jovens, concedo. De qualquer modo esta não é a comunidade certa. Ainda éramos muito religiosas, sem, porém, sermos gay, mas não imaginávamos como elas eram capazes de dizer semelhantes coisas! Se elas afirmassem que éramos gay, então precisaríamos verificar, dar alguns passos nesse sentido. Primeiro você! Não, você primeiro. Vamos nós duas ver como é que é. Minha companheira de quarto, no *college*, me dá algumas lições lésbicas — tudo é apenas físico, sem nenhuma emoção amorosa. Passo por um período de profundo remorso e arrependimento: Meu Deus, perdão! Não devia ter feito isso e nunca mais voltarei a fazer.

Então, no verão de 1973, estou trabalhando num acampamento de verão, na Floresta Nacional, com algumas irmãs de São José nos ajudando. Que beleza! Bem, estou entregue a minhas tarefas, procurando ser uma boa conselheira no acampamento, quando a irmã Beth se aproxima de mim como uma fanchona motoqueira num bar de pegação. Durante os dois próximos anos e meio peço carona desde o sul da Califórnia a fim de visitá-la em seu convento do Meio-Oeste, sempre que posso. É meu primeiro caso sério. Minha cabeça está mudando. Estou

pronta a dizer que sou lésbica. Ela, porém, é uma freira, pronta para prestar seus votos finais. Quer que eu participe da cerimônia e leia a homilia. Espere um momento! Que espécie de mentira é essa? Ela está se preparando para fazer uma promessa de celibato diante de todo mundo e, no entanto, ainda me deseja, sempre que consegue chegar perto de mim? Vamos, deixe disso!

Já é tempo de admitir algumas coisas para mim mesma: 1) não existe isso de comunidade religiosa perfeita; 2) a Igreja não é, de modo algum, o que se espera que ela seja; 3) sou gay. Durante algum tempo tentei preservar a religião, participando do grupo Dignidade, da Igreja Metropolitana, do Corpo dos Voluntários Jesuítas, dos Pentecostais, dos Centros do Homem Novo, do Ministério Cristão. Cheguei finalmente à conclusão que tudo aquilo não passava de conversa fiada.

Agora sou feliz. Guiei minha motocicleta, no desfile gay do ano passado, e ganho um salário decente como oficial de polícia. Há três anos, na academia de polícia, conheci uma cadete que esteve no convento do Sagrado Coração cerca de três anos após minha partida e agora sai com uma de minhas ex-amantes. Que mundo tão pequeno! Tudo bem... Desse jeito é mais aconchegante.

Devo estar ficando velha. As noviças que vejo por aí têm todas cara de criança e recentemente, num bar só de mulheres, dei de cara com uma das garotas que participaram de um acampamento de verão, do qual eu tomava conta. Sinto muito disfarçar os nomes das pessoas e dos lugares, em meu depoimento. Digamos que se trata de discrição profissional... Seria bem engraçado ver as irmãs Charlene e Terese hoje, passados quinze anos. Será que elas ainda me deixariam toda arrepiada?



Irmă John Ellen, 1954



Charlotte Doclar, 1984

Duas portas trancadas

Charlotte A. Doclar
(1952 a 1981)

As religiosas que são lésbicas vivem por trás de duas portas fechadas. Aquela que recebe o nome de vida religiosa nos mantém protegidas do mundo, entidade pecaminosa, no qual nos ensinam que devemos estar, embora a ele não devamos pertencer. A outra porta oculta nossa orientação sexual. Através de uma experiência amarga, aprendemos a manter aquela porta hermeticamente fechada, caso contrário “todas nos tornaremos suspeitas”.

Vivi e amei por trás dessas duas portas durante 29 anos. Não tive consciência da segunda porta até se passarem 22 anos. Percebi finalmente que o único modo de me mostrar verdadeira como a pessoa que Deus me designou para ser consistiria em abrir ambas as portas e sair, livre.

Escrevo minha história não porque ela seja especial, mas porque sei justamente que ela *não* é especial. Compartilho minha história com vocês porque existe força na unidade. Enquanto a sociedade conseguir nos manter isoladas e invisíveis, ela será bem-sucedida, privando-nos do poder.

À medida que crescia, não tinha consciência de que era diferente. Eu era uma verdadeira moleca e evitava os meninos sem-

pre que podia. Agora que tenho um sério problema na vista, imagino o que minha família e meus amigos pensavam de mim, mas, naquela época, achava que meus amores eram normais. Tive paixões dilacerantes por várias meninas mais velhas, uma professora e a diretora de meu conjunto musical. Meus amores me pareciam normais. Jamais associei tais sentimentos a algo que fosse sexual. Não tinha consciência das necessidades sexuais antes de entrar para o convento, em 1952. Aos 18 anos de idade, sexualmente ingênua e terrivelmente ligada a minha mãe, ingressei num mundo de mulheres. Aos 18 anos tive meu primeiro caso, com uma freira mais velha. Embora eu não quisesse qualificar aquilo durante muitos anos, foi nessa época que iniciei minha vida de relacionamentos lésbicos de curta duração.

No início, os relacionamentos consistiam basicamente no que se conhecia como amizades particulares. A cada relacionamento o aspecto sexual tornou-se mais definido. Não me lembro de ter de lutar com as autoridades por causa de um determinado amor; não era aquela situação romântica de "nós contra o mundo". Tive muitos casos no convento. Não tenho certeza se isso faz com que eu possa ser considerada promíscua ou se foi devido às minhas várias transferências.

A vida religiosa pode ser uma experiência traumatizante para alguém que se apaixone com facilidade e seja incuravelmente romântica. Eu me ligava emocionalmente a alguém e então me via forçada a ter de enfrentar o trauma de ver uma de nós transferida para outro convento. Meu mundo acabava, toda vez que tinha de me despedir. Recordando o que se passou, não posso imaginar como consegui sobreviver. Posso apenas concluir que devia ter vivido momentos incríveis, entre os adeuses.

Triângulos amorosos eram muito comuns nas décadas de 50 e 60. Os casais só começaram a florescer quando fomos residir fora dos conventos e tínhamos mais condições de determinar onde e com quem queríamos morar. Nos dias que antecederam o Concílio Vaticano II, transferências freqüentes e indiscriminadas criavam um roteiro muito conhecido: a irmã Charlotte e a irmã Anne

amam-se com ternura. Certo dia a irmã Joan ingressa na comunidade; a irmã Anne apaixonou-se pela irmã Joan e a irmã Charlotte começa a chorar, à noite!

E onde estava minha vida espiritual durante todos esses anos? Inicialmente, quando eu era jovem e dedicada, minha consciência levava a melhor. Ia então à capela, ajoelhava-me, chorava e prometia que nunca mais erraria. Era tudo muito dramático. Minhas resoluções, porém, não duravam muito tempo. Acabei deixando de comparecer à capela. Nada aconteceu. Não fui acometida de nenhuma doença incurável. Não fui atingida por um raio. Comecei a sentir que Deus realmente me amava. Fui fiel, na observância das regras (pelo menos a maior parte delas). Eu era um bom membro da comunidade, sabia ouvir e era uma amiga incrivelmente segura. Era intensa, em meu desejo de permanecer para sempre uma boa religiosa. Não era exemplar em nenhum sentido, mas sentiam-se segura e tinha um propósito na vida.

À medida que os anos passavam, meus assuntos pessoais tornaram-se mais físicos e, portanto, mais forte se tornou a solicitação. Surpreendi-me querendo mais e mais. Finalmente desejei que alguém me amasse e unicamente a mim, para sempre. Meu voto de celibato tornou meu desejo de um amor pessoal algo ilícito e ilegal. Eu sabia que algumas escolhas teriam de ser feitas.

Em 1978 admiti perante mim mesma ser lésbica e então começou minha luta contra a hipocrisia. Logo que entrei para o convento, senti que fui designada para ser alguém especial, uma religiosa. Depois experimentei um chamado tão forte quanto esse, no sentido de reivindicar minha identidade enquanto lésbica. (Os heterossexuais podem encontrar dificuldades em entender esse desejo de dizermos nosso nome, pois jamais se viram forçados a disfarçar.) Senti que, enquanto permanecesse num determinado mundo, jamais poderia ser autêntica e verdadeira em relação ao outro. Minhas irmãs lésbicas que estavam “no mundo” lutavam com a identidade e o enrustimento, enquanto eu

vivia por detrás da fachada de um convento, bem protegida. A coisa desceu ao nível da integridade pessoal e daquele velho clichê de acordar todas as manhãs e gostar da imagem que se refletia no espelho.

Não deixei o convento imediatamente. Lutei com minha decisão durante vários anos. Procurei aconselhar-me, fiz um retiro de trinta dias, passei quatro meses num programa de renovação e permaneci um ano em Washington, D.C., no Ministério dos Novos Caminhos. Procurei solucionar a questão dentro da estrutura do convênio, mas não consegui. Na superfície tudo parecia ser tão simples, mas eu imaginava como é que aquilo podia ter acontecido comigo. O que foi que fiz? O que foi que deixei de fazer? A culpa era minha? Deveria ser censurada?

Não estou afirmando que é impossível ser uma religiosa gay. Digo apenas que, para mim, era impossível. Eu não conseguia manter os dois mundos separados. Queria ser parte daquela comunidade lésbica e também desejava gozar da reverência e do respeito que a palavra “irmã” evoca na comunidade católica. Não ser verdadeira em relação a nenhum desses dois mundos provocava uma devastação dentro de mim. O celibato, para mim, era uma questão da mais extrema importância. Embora hoje seja mais celibatária do que no convento, sou livre para escolher e é nisso que está toda a diferença.

Já faz três anos que estou vivendo “no mundo”. Minha liberdade não tem sido uma sucessão de momentos divertidos. De vez em quando sinto-me muito só. Descobri, porém, que a solidão é um mal-estar muito espalhado, nos dias de hoje. Voltei a ensinar. Ao deixar o convento, achei que tinha deixado isso de lado para sempre, mas acontece que é a única profissão que exerço suficientemente bem, a fim de ganhar o dinheiro com que sobrevivo. Depois de 29 anos de vida religiosa, sinto dificuldade em me ajustar ao fato de que, formalmente, já não exerço mais o ministério (imagino que o complexo de Messias morre lentamente...). Sinto a necessidade de exercer o ministério de modo muito especial, junto à comunidade gay, mas agora que

posso contar apenas comigo não disponho nem de tempo nem de recursos para agir.

Considero-me uma pessoa de muita sorte, pois recebi cooperação e apoio de minha congregação, desde o início de minha luta. Conversei com muitas criaturas que passaram por experiências terríveis, devido a sua honestidade e franqueza. Sei também que minha experiência foi uma exceção à regra.

Minha vida espiritual encontra-se em estado de choque. Afastei-me da Igreja patriarcal e heterossexual de minha juventude. Não consigo cultuar Deus enquanto macho e a Igreja, dominada por homens, não é minha Igreja. Não sinto falta do ritual legalista. O que procuro e o que me faz falta é uma comunidade que me dê apoio. Se, porém, aprendi algo com minha vida, é o fato de que jamais chegamos verdadeiramente a algum lugar. É a luta que me faz levantar todas as manhãs.

Aos 50 anos de idade vejo-me, mais uma vez, no limiar de algo. Não me esqueço que nem todo mundo tem a oportunidade de começar de novo, na minha idade. Considero isso um desafio e uma bênção. Fui abençoada de muitos modos. Meu único desejo é que todos aqueles a quem toquei, durante todos esses anos, se sintam um pouco melhores, por ter-me conhecido. Se o céu significa algo, ele então se revela através da jornada que realizamos juntos, de mãos dadas.

Nasci em New Orleans em 1934. Fiquei na Escola das Irmãs de Notre Dame de 1952 a 1981. Agora moro em Houston, onde, aos 50 anos de idade, começo tudo de novo, lentamente, mas com segurança.



Irmā Mary Benjamin, 1963



Coriander, 1983

Portas giratórias

Coriander
(1962 a 1968)

Algumas pessoas pensam que sou alta, até chegarem perto. Meço apenas 1,62 m, mas tenho o porte ereto e mantenho a cabeça erguida. Sou compacta, musculosa. Caminho com passos decididos. Meus olhos são claros, profundos e refletem o que se passa em torno de mim.

Nasci em Leo durante a Segunda Guerra Mundial, neta de imigrantes poloneses e irlandeses. Deixaram-me um legado de sonhos e a vontade de batalhar por eles. Com meu pai aprendi a trabalhar com as mãos. Minha mãe ensinou-me a rir.

Quando eu era criança amava o sol, me enfurecia com facilidade e era muito corada. Seguia meu irmão pelo mundo afora e mais nove crianças nasceram depois de mim. Crescemos em Hollywood. Na minha infância desejava ser estrela de cinema ou freira. Fui uma menina obediente. Aterrorizada com as visões do inferno e da condenação eterna, eu era ao mesmo tempo uma ensolarada e aventureira filha do dia e uma solitária e ensimesmada filha da escuridão. Tinha Deus e meu pai. Desejava, porém, ter nascido pagã, com a liberdade de viver de acordo com meus próprios instintos. Alimentava o desejo secreto de me livrar do batismo e de minhas origens.

A maior parte do tempo eu era vista de jeans e camiseta, com algum instrumento na mão. Quer se tratasse de tesouras, martelos ou pincéis, gostava de usar as mãos, jamais imaginando que os ofícios que estava aprendendo me possibilitariam ganhar a vida quando me tornasse adulta. Na nossa grande família, onde todo mundo tinha trabalho para executar, assumi, sem questionar, o papel de auxiliar de minha mãe. Quando, porém, pensava na possibilidade de assumir de verdade as tarefas dela, o futuro parecia oferecer apenas trabalho árduo, sem repouso. Isso me pareceu tão intolerável que, aos 12 anos de idade, decidi que não cresceria.

Aos 15 anos o fato tornou-se inevitável. Meu corpo mudava. Eu era repleta de anseios e de excesso de energia. Meu pobre coraçãozinho enlouquecia por causa de duas freiras e de algumas garotas do time principal do colégio. Tivera um namorado no sexto grau, mas só porque ele me pagava o cinema. Minha lealdade e meu afeto eram reservados para minhas amigas. Durante o curso colegial, a pressão agia no sentido de que nossa feminilidade “florescesse”, sob a forma de sutiãs, ligas e maquiagem. Meu pai, que resmungava contra meus bíceps ainda há alguns anos, agora ficava de olho não só em meus braços, mas em algo mais e de um modo que me deixava pouco à vontade. Minhas amigas começaram a me ver menos. Quando minha querida amiga Katie escreveu-me, dizendo que precisávamos parar de nos ver tanto e passar mais tempo com os rapazes, senti-me traída.

Durante o último ano do curso colegial iniciei os preparativos da entrada no *college* e no mundo adulto, mas sentia-me tomada de pânico. Tendo de enfrentar os estudos de graduação, refugiei-me no terreno sagrado e mais familiar da vida religiosa. As mulheres a quem havia amado como professoras acolheram-me como se eu fosse uma das suas. Claro que era uma vida de sacrifício, mas eu não tinha aprendido a querer aquilo a que estava renunciando.

Num dia ensolarado de setembro de 1962, minha família le-

vou-me para o noviciado das Irmãs do Imaculado Coração de Maria. Quando saímos do trem parecíamos uma equipe de beisebol. O padre que acolhia as famílias olhou para nós e perguntou: “Qual delas vai entrar?” Dei um passo à frente e iniciei minha vida de freira.

As primeiras semanas foram como uma lua-de-mel. Eram festejadas com comida, cânticos e comemorações pelo grupo que estava mais adiantado do que nós. Ensinaaram-nos todas as regras da vida em comunidade e deram-nos as boas-vindas como novos membros da família. Era como ir dormir na casa de minha amiguinha, sem precisar voltar nunca mais para casa. Mal conseguia acreditar na minha sorte, pois aquela família só de mulheres poderia ser minha para o resto da vida.

Eu amava as matinas e os momentos em que íamos para a capela, atravessando um pomar de limões, sob a luz das estrelas que se apagavam. Reuníamos-nos em silêncio e, com suavidade, começávamos a entoar salmos. Quando criança eu fora intensamente religiosa. Agora mostrava-me ansiosa para aprender os segredos da vida mística.

É claro que havia mais do que sementes do misticismo germinando. Éramos jovens, apaixonadas. Inclinações românticas brotavam como o mato que se alastra. Eu mesma tinha várias. A lembrança que guardo de nosso primeiro passeio à praia não foi a cantoria em torno da fogueira, mas do brilho no olhar de Betty, enquanto ficávamos de mãos dadas e olhávamos para as estrelas. Os padres da Igreja, porém, estavam um passo adiante de nós. As regras eram claras: nada de amizades particulares. Amar todo mundo, mas a ninguém em particular. Nossas superiores faziam o possível para manter-nos sozinhas ou em grupos, prevenindo-nos de que não devíamos formar pares.

No meu segundo ano de noviciado fui designada diretora do coro das noviças e postulantes. Meu grupo era notado por sua incapacidade de cantar com afinação. Os ensaios eram horríveis, até que finalmente conseguimos alcançar uma certa homogeneidade. Recebemos algumas visitas de uma das freiras pro-

fessas que ensinava no *college*. Trata-se de uma compositora e regente de valor. Não se limitava a ficar parada, toda séria, com um hinário numa mão, enquanto a outra marcava o ritmo com rigidez. Ao contrário, as duas mãos se agitavam no ar. Gostava do estilo dela e comecei a memorizar os hinos. Certo dia, durante a missa, compareci sem trazer nada nas mãos e regi o coro como se estivesse dirigindo o Exército da Salvação em pleno Central Park, em Nova York. Eu devia estar parecendo uma andorinha, com minhas compridas mangas se agitando e as pontas de meu véu branco balançando ao vento de minha exuberância. Naquela primavera chegamos a cantar um Magnificat. No ano seguinte fiquei sabendo que reger com as duas mãos tinha sido proibido no noviciado.

Na aparência eu me adaptava bem à vida conventual. Às cartas que escrevia à família pareciam livros de teologia e eu lhes afirmava constantemente que era feliz. A verdade, porém, é que não passava de uma jovem solitária, sem ninguém para me dizer o que deveria fazer de minha necessidade de ser tocada e de amar. Meu diário estava repleto de admoestação que fazia a mim mesma, no sentido de superar a covardia e a susceptibilidade. Enxergava minhas paixões unicamente como sinal de imaturidade e infantilidade.

Pouco depois do Natal de 1964 fui designada para ensinar no quarto grau, em San Fernando Valley. Senti-me receosa, pois havia feito apenas um ano de *college* e seguido três cursos sobre educação. Além do mais, vivia doente. Inicialmente sentia um incômodo na base da espinha, um enjôo que se apoderava de minhas entranhas, até que minha cabeça se punha a latejar e eu vomitava. Quando a coisa chegava ao auge, me sentia completamente impotente. O fato de eu ter tão pouco preparo para ensinar já era bastante negativo, e, como se não bastasse, ainda tinha de padecer daquela dolorosa doença! Quando solicitei a minha superiora que adiasse minha designação, ela se recusou a me dar ouvidos. A doença era culpa minha. Eu estava agindo como uma criança. A responsabilidade de ensinar me modifi-

caria para melhor, fazendo com que eu abandonasse minha imaturidade. Mal podia acreditar no que estava ouvindo, mas não tinha escolha. Afinal de contas, fizera voto de obediência.

Jamais me esquecerei o primeiro dia em que ensinei. Fiquei parada diante de uma classe enorme, com vontade de que a terra me tragasse, enquanto cinquenta crianças de 9 anos de idade desfilaram diante de mim e mantiveram-se de pé, ao lado de suas carteiras, esperando que aquela desconhecida, vestida de negro, estimulasse suas mentes dispersas. Após o almoço mais cinquenta crianças surgiram diante de mim. Pelo visto, a responsabilidade se apresentava em números excessivos.

Minha doença começou a manifestar-se através de ciclos semanais. A dor aumentava diariamente, até eu vomitar bÍlis e sentir que minha cabeça explodiria, se me mexesse. Depois que meu corpo se exauria, eu mergulhava num sono profundo. Após um dia de trégua, o ciclo recomeçava. Sem saber mais o que fazer, minha superiora queria que eu ficasse em casa nos dias em que piorava, mas não era possível. Não havia ninguém para me substituir. Então eu ia para a escola e tentava trabalhar da melhor maneira possível. Geralmente conseguia me controlar, até os alunos saírem para o recreio. Saía então correndo para o banheiro, onde vomitava. Certa vez cheguei a vomitar na gaveta de minha mesa. Durante aquele período doloroso imaginava com freqüência que poderia escapar de meu corpo. Queria ir embora para bem longe e deixar a mim mesma para trás. Soterrei a tal ponto meus sentimentos que vivia amortecida para tudo que não fosse minha dor e meu isolamento.

Decorridos três meses de ensino, sem conseguir superar minha doença, enviaram-me ao hospital, a fim de passar por exames. Senti-me aliviada com o fato de que minhas superiores considerassem minha enfermidade um fato real. Nada se revelou de positivo e o médico mandou-me para a sede provincial da ordem, ordenando-me que tomasse tranqüilizantes e soníferos. Recusei a opção de freqüentar cursos no *college*. Simplesmente morava na sede provincial e executava pequenas tarefas.

Com tempo e espaço para me curar, aquela escuridão estonteante que tinha sido minha vida perdeu sua força e eu me vi novamente pisando terra firme. A crise, porém, me levava a um ponto crucial. A vida inteira eu agira movida pela culpa e pelo medo, encaixando-me num molde talhado por meus pais, professores e superiores. Receava a autoridade e jamais questionava suas exigências. Agora descobria que aqueles que ditavam minha vida não tinham poder de destruir ou de curar. Eram fracos e impotentes diante de meu sofrimento. Somente eu tinha o poder de me curar e a sensatez que me permitiria viver minha própria vida. Uma paz como nunca conhecera apoderou-se de minha alma. Cientifiquei-me então que a culpa e o medo jamais voltariam a me possuir.

Minha recuperação foi rápida. A doença retornou algumas vezes, a intervalos mais espaçados, mas aos poucos desaparecia. Comecei a trabalhar como voluntária num projeto para alojamento de pessoas necessitadas, no marginalizado bairro de Watts, e gostei muito do modo pelo qual as pessoas reagiram a mim. Meus sentimentos começavam a aflorar e, embora eu ainda me sentisse confusa, percebi que era alimentada por uma nova força interior e pelo amor por mim mesma.

No verão de 1966 comecei a participar de um treinamento de sensibilidade. Era a primeira incursão de minha ordem no movimento pelo potencial humano. Foi lá que conheci Eva, uma mulher negra, corpulenta, de olhos castanhos e cabelos pretos. Havia nela suavidade, uma força tranqüila e ela exprimia com facilidade o que lhe ia no coração. As lágrimas lhe vinham facilmente quando falava a respeito de sua família e dos acontecimentos dolorosos que vivera em seu convento e na escola. Senti por ela um calor e uma proximidade que me surpreenderam. No fim do terceiro dia todo mundo tinha falado, menos eu. Hesitante, narrei parte dos acontecimentos dos últimos anos e falei de minha solidão. Não houve lágrimas. Falei como se tudo já tivesse sido resolvido e liquidado. No entanto, quando olhei em volta, vi minha dor refletida no olhar de outras pessoas, sobretudo no de Eva.

Uma semana mais tarde, no estacionamento do *college*, uma freira aproximou-se correndo e me deu um abraço muito caloroso. Era Eva. Seus olhos estavam repletos de ternura, enquanto ela me acolhia como se eu fosse uma velha amiga. Como ambas estávamos seguindo cursos no *college*, víamo-nos com frequência. Eu falava, ela chorava, nós ríamos. Disse-lhe que estava preocupada, pois sentia por ela uma enorme inclinação. “Ótimo! Aproveite!”, foi o que ela disse. Aproveitar? Depois de todos aqueles anos, alguém me dizia para me entregar a meus sentimentos.

Em agosto todas nós recebemos nossas designações para o verão. Eva e eu deveríamos ensinar na mesma escola, em San Diego. Mal podia me conter! Eu andava pelo convento com um sorriso tão largo que meu rosto corria o risco de se rasgar. Estava disposta a sacrificar qualquer coisa (excetuando Eva, é claro), em agradecimento por esse favor.

Viajamos juntas e fomos as primeiras a chegar ao convento. Naquela noite dançamos, iluminadas pela luz de um lampião de querosene, que punha manchas coloridas de luz no quarto. À guisa de ritual de início do novo ano, ensinei a Eva minhas danças folclóricas preferidas. Seus olhos brilhavam como o lampião, enquanto dançávamos.

Aquele ano ensinei as classes do sexto grau e Eva ficou com as do primeiro. Ela tinha um relacionamento maravilhoso com suas alunas. Eu me considerava uma criatura de sorte, nos dias em que as meninas não brigavam a tapas, entre as fileiras de carteiras. A vida era dura, mas de modo algum se assemelhava com aquela que eu levava até então. Eu era amada e sabia disso. Toda noite eu atravessava o banheiro, que dava para o quarto de Eva, e ela lia para mim. Sentávamos bem juntinhas na cama, ela passava o braço em torno de mim e eu ouvia romances, como, por exemplo, *O Pequeno Príncipe* e *O Vento nos Salgueiros*. De vez em quando deitávamos durante alguns momentos, antes de eu voltar para minha cama. Não levou muito tempo para que aquele meu afeto inicial se transformasse em desejo. Na noite em que

Eva perguntou se podia pôr a mão sobre meu seio, eu estava mais do que pronta para consentir. A partir de então passamos a resistir muito pouco a nossos desejos e, finalmente, tive de admitir para mim mesma que aquilo que fazíamos era sexual.

Nunca, durante toda minha vida, eu me percebera tão desperta. Meu ânimo era extraordinário. Sentia-me forte, saudável e gozava de prazeres com os quais jamais sonhara. Ao lado, porém, do gozo pelos prazeres proporcionados por nossa intimidade, surgia o remorso e os sentimentos de culpa. Nós, sem a menor dúvida, tínhamos ido muito além da imaginação daquelas que nos diziam “nada de amizades particulares”. Será que eu ainda era celibatária? E, em caso contrário, o que estava fazendo no convento? Ninguém jamais dissera que o celibato significa não amar as mulheres. Acaso estaria eu fazendo algo terrível? Conversei com um padre, que se recusou a julgar minhas ações. Disse-me que cabia a mim decidir se elas eram certas ou erradas. Ele me abriu uma porta e eu passei por ela, conscientizando-me de que dependia de mim.

Proseguí meu relacionamento com Eva e o ano letivo chegou ao fim. A culpa persistia, porém, até que não consegui mais ignorar as contradições inerentes a meu relacionamento. Durante toda minha vida meus pais e professores haviam recorrido à culpa e ao medo para me obrigar a agir como eles queriam, até eu ficar tão doente que não tinha mais condições de fazer o que quer que fosse. Somente no final de minha doença é que pude ver minha vida como algo que me pertencia. Ao amar Eva, eu crescia numa direção que se opunha aos propósitos do convento, relativos à obediência e ao serviço da Igreja. Comecei a tomar decisões, ainda não desprovidas de culpa, mas de acordo com a voz de minha intuição e a sabedoria de meu corpo. Comecei a encarar a Igreja com maior objetividade. Eu era dirigida por homens, não por Deus. Minha submissão à Igreja não era mais uma questão de destino, mas de escolha.

Deixei o convento em 1968 porque suas paredes haviam-se transformado numa prisão. O temor que me conduziu até lá,

em busca de proteção, havia perdido todo seu poder. O convento nada podia fazer, a não ser me refrear. Meu espírito estava faminto pela vida da qual eu desistira quando criança. Era tempo de recuperá-la. Senti-me como uma atleta que vai começar a correr o primeiro quilômetro de sua maratona.

É doloroso recordar minhas asneiras, quando voltei para o mundo, aos tropeções. Eu não tinha a menor idéia de como me vestir. Minhas tentativas de namoro me levaram a situações esquisitas. Mais de uma vez foi um padre que se ofereceu para me livrar de minha virgindade. Depois de viver seis anos como freira, eu precisava disfarçar e passar por uma pessoa “normal”.

Julgava que uma mulher deveria desejar um homem e filhos, ou, pelo menos, seguir uma carreira “feminina”. Eu, porém, nadava contra a corrente, provida de nadadeiras brilhantes, de cor púrpura. No fundo do coração era uma sonhadora, uma amante, uma artista e não conseguia imaginar a vida sem Eva. Ela era aquela corda que se lança aos naufragos, enquanto eu hesitava entre o convento e o mundo secular. Eva continuava no convento e tenho certeza de que provoqueei mais de um olhar atravessado, devido a minhas freqüentes visitas, com um capacete na mão, montada na minha Honda 90. Nós nos envolvemos em atividades políticas radicais. Sem ter consciência, eu permitia que a esquerda se tornasse minha nova religião.

Tornei-me uma militante exaltada. Era fácil. Afinal de contas, eu estivera indignada durante anos. Na década de 60, a raiva era uma virtude. E eu acumulara tantas virtudes que agora me transformara num arsenal de indignação. Gritava com meus pais, com o governo, com a Igreja. Provocava a polícia e fugia dos cassetetes e das bombas de gás lacrimogêneo. Atirava pedras nas janelas, rolava pelas ruas latas de lixo incendiadas, aprendi a gritar: “Foda-se!” Durante um ano aprendi e me formei na política da rebelião e agarrei-me ao único amor que significava algo para mim. Justamente quando começava a me sentir suficientemente forte para me desprender um pouco, Eva rompeu comigo, zangada, e retirou-se de minha vida.

Na primavera de 1970 voei para Nova York com pouco dinheiro e uma mala cheia de roupas de segunda mão. Lá um paranormal viu minha vida como uma bola giratória de luz, que pulsava com cores, ficava cada vez mais colorida, desbotava, mas não deixava de girar. Para mim Nova York era daquele jeito. Estudei dança do ventre, comi pizza, enfrentei os perigos do metrô e vi um eclipse solar no Central Park. Tornei-me amante de um sujeito chamado Larry, que chupava o polegar, enquanto dormia, e, certo dia, saí de uma livraria com sete livros sobre sexo debaixo do braço. Peguei chato e tricomonas e li meu primeiro livro sobre alimentação natural. Fui despedida do emprego, numa editora, quando faltei ao trabalho para participar de um protesto contra a guerra.

De Nova York viajei para o Wisconsin, com um ônibus repleto de hippies e uma provisão de arroz integral. Vivi numa casa abandonada da Mifflin Street, o bairro hippie de Madison. Fiz amizades com mulheres da universidade e tomei conhecimento do movimento feminista. O ponto alto do ano foi fazer o papel principal de uma peça feminista. Gostei muito de atuar. Quando voltei para Los Angeles, naquele verão, trabalhei no teatro de guerrilha, em encenações que abordavam as questões femininas e a Guerra do Vietnã. Pairando, com muita hesitação, nos limites da comunidade lésbica, ainda pensava que precisava de um homem.

Quando Will surgiu, senti-me atraída por seus modos bondosos e gentis. Era um verdadeiro urso, peludo e com mais de 2 metros de altura, mas tão vulnerável! Nosso amor nasceu da necessidade mútua de curar as fundas feridas do passado. Nossa intimidade era doce e a vida começou a parecer diferente. Depois de anos em que parei nas nuvens do misticismo, consumida por um intenso amor ou indignada com a injustiça, aprendia com Will a apreciar as coisas comuns.

Will tinha uma opinião a respeito de tudo, desde a cadeira em que se sentava ao cabo da colher de chá. Rodeava-me de cores e de formas que o agradavam. Era um mestre da indolên-

cia; a vida era preciosa demais para ser desperdiçada com trabalho. O dinheiro, quando o tinha, escapava através de seus dedos. Ele, porém, o apreciava. Quando Will trabalhava, tínhamos bife e vinho ao jantar. Quando eu trabalhava, pagávamos as contas. Lutávamos para conseguir dinheiro, enquanto tentávamos equilibrar o trabalho com o divertimento. Quando não estávamos brigando, formávamos uma boa dupla. Desenvolvemos um certo estilo enquanto casal. Gostávamos de nos divertir e desdenhávamos o status quo. Estávamos sempre nos ensinando. Will me ensinou muita coisa sobre as ervas, a arquitetura e as torradas francesas. Eu lhe ensinei crochê e malabarismo. Estudamos juntos jardinagem e alimentação natural. Aprendemos a dançar. Eu aprendi fotografia. Deixei de guiar um ônibus escolar e comecei a ganhar dinheiro com carpintaria, um ofício que estivera vivo em minhas mãos desde o início.

Depois de três anos tornava-se claro para mim que éramos grandes amigos, irmãos espirituais, mas não amantes. Will me proporcionara o sentido de pertencer a algo, um lugar seguro onde tive condições de explorar minha criatividade e minhas habilidades. A despeito da crescente tensão sexual e dos problemas financeiros, eu sabia que ocupava um lugar especial em seu coração. Como eu queria o melhor para nós dois, incentivei Will a encontrar uma amante e comecei a desligar-me da imagem de "casal" que ambos tínhamos criado. Senti uma profunda inquietação. Ansiava por aqueles lugares no campo com que tinha sonhado e queria esclarecer de uma vez por todas a questão de minha identidade sexual. Surgiram lágrimas nos olhos de Will, quando subi na minha perua Volkswagen, a caminho do Colorado. Estávamos em 1978 e já haviam se passado dez anos desde que saíra do convento. Desta vez eu sabia o que queria: morar no campo, procurar minha espiritualidade e amar uma mulher. As mudanças nunca tinham sido fáceis para mim, mas elas são mais fáceis num lugar novo. Como um camaleão, posso mudar de cores e ninguém percebe.

Levei mais de um mês para encontrar a comunidade lésbica

de Boulder. Quando isso aconteceu, deixei-as imaginar que já tinha me assumido há dez anos. Fui rapidamente aceita e confiaram em mim. As poucas dúvidas que ainda me restavam foram postas de lado quando me apaixonei por uma mulher do Oregon que chamava a si mesma de Gnomo. A noite em que nos beijamos pela primeira vez era de lua cheia e foi no mês de setembro. De minha parte, não houve a menor reserva, na noite em que fizemos amor. Meu corpo reagiu com uma facilidade natural e, no fundo de meu coração, eu sabia que finalmente havia me encontrado. Depois disso, a música que vinha das mulheres nunca mais foi a mesma. De repente certas palavras diziam verdadeiramente respeito a mim. Eu tinha entrado para o clube e me assumido enquanto lésbica. Gnomo precisava me moderar em público. Voltava a ter 16 anos e estava apaixonada.

Gnomo e eu nos mudamos para a Nova Inglaterra. Passamos vários meses no Maine, combatendo o frio e o isolamento do inverno. Em seguida fomos para Vermont, onde alugamos a sede de uma pequena fazenda e compramos duas cabras leiteiras. Em um ano eu havia realizado dois de meus três objetivos. Minha busca da espiritualidade era uma procura mais difícil e misteriosa. O primeiro ano que passei na companhia de Gnomo não me conduziu à paz ou à solidão. Mergulhávamos numa crise atrás da outra, por causa de problemas de dinheiro, emprego, doença e o extremo frio do clima do noroeste.

No término do segundo inverno nossa iniciação tinha chegado ao fim. Havíamos passado pelo teste e sobrevivido às mudanças. Comecei a antecipar as estações do ano, a me preparar para elas, a comemorá-las. Tornei-me consciente do efeito que elas exerciam sobre todo meu ser. Deparava-me com uma nova santidade, com uma união consciente com os elementos, e com rituais que nasciam de uma harmonia natural com a terra.

Dois anos depois de conhecer Gnomo, decidimos nos separar. Foi uma decisão sensata, mas dolorosa. Eu estava novamente sozinha. Como era verão, resolvi comprar uma tenda e

morar num pequeno pasto, rodeado por uma floresta. Sem dispor de nada de sólido que afugentasse a noite, me enfiava bem no fundo de meu saco de dormir e procurava ignorar os ruídos pouco familiares que vinham da floresta. Naquela minha primeira noite, fui visitada em meus sonhos por um pequenino elfo, que me tranqüilizou, dizendo que tudo estaria bem comigo. Depois disso comecei a relaxar e a sentir a paz do lugar. A floresta e os prados tornaram-se um lugar de cura e, de vez em quando, o único lugar onde eu me sentia inteira. Conheci uma mulher chamada Tree (“Árvore”), que me introduziu no ritual dos índios americanos e no culto da deusa. Ela também me fez participar dos poderes curativos das cabanas dos índios, hermeticamente fechadas, onde a temperatura alcançava graus altíssimos, e onde se transpirava abundantemente. Trabalhamos juntas em comemorações rituais, com a participação das mulheres que moravam na região.

Deixei Vermont no outono de 1981, grata pelas dádivas recebidas: compreensão da terra e de seus mistérios, meios de me apoiar e um sentido mais profundo do eu. Amava aquele lugar e sabia que voltaria, mas não sentia que era um lar permanente. Precisava explorar e vivenciar outros lugares, além de encontrar outros membros espalhados da tribo de mulheres a que pertença.

No dia em que parti de Vermont, cheguei até Pennsylvania e procurei um lugar descampado onde pudesse passar a noite. Enquanto guiava por uma estrada toda esburacada, uma enorme corça saltou na estrada, bem na minha frente. Durante um breve instante ela ficou iluminada pelos faróis do carro. De repente já não estava mais lá. Quase nos tocamos e foi apenas um segundo. Lembrei-me de meus próprios saltos para fora da escuridão e sei que carregou o espírito daquela criatura comigo.

Quando as pessoas me perguntam quem sou ou o que faço, penso que, durante toda minha vida, fui uma palhaça e usei vários trajes e filosofias: freira, militante, hippie, criadora de cabras, cigana. Vejo todas as minhas identidades como um teatro

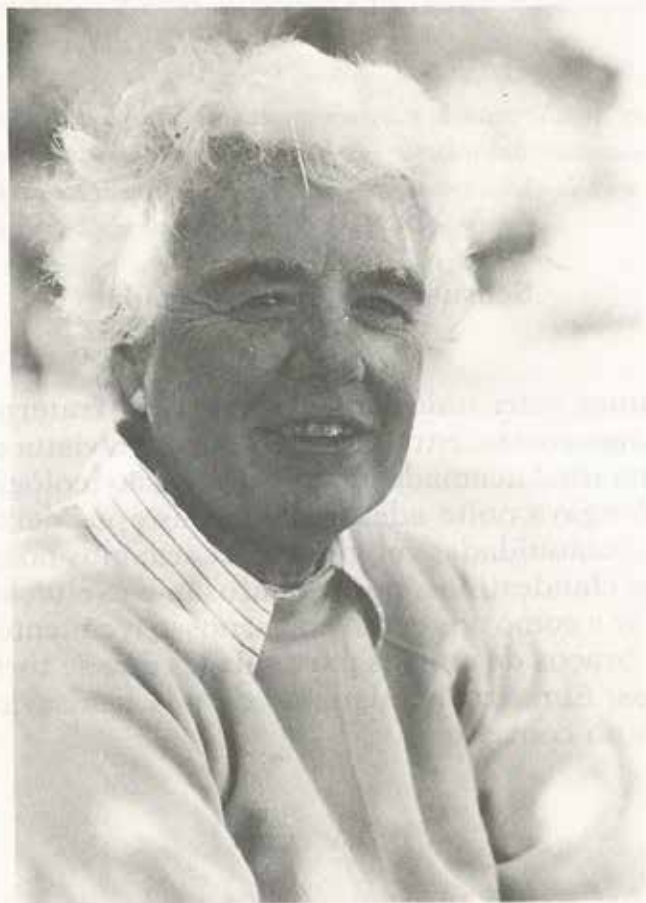
e como algo real. Quero interpretar todos os papéis que puder. Agora posso fazê-lo com maior liberdade, pois não preciso me tornar nenhum desses papéis (como fiz, quando era freira). Por detrás de minhas máscaras, tenho a mim mesma, e meu eu surge através dessas máscaras e minha interpretação é real. Enquanto puder continuar interpretando, terei coragem para continuar a viver.

Minhas perambulações trouxeram-me para Austin, Texas, onde trabalho como treinadora vocacional de adultos mentalmente retardados. Aqui espero levantar os fundos necessários para realizar o sonho de ter uma casa e uma marcenaria no campo.

Sexta Parte

Sensualidade enclausurada

Algumas vezes tudo começava por uma fraterna massagem nas costas, entre noviças, por uma visita caridosa a uma irmã acamada ou uma discussão teológica que se prolongava noite adentro. Décadas após deixarmos nossas comunidades religiosas, recordamos nossos encontros clandestinos, nossa confusão e excitação, nosso terror e como nos evitávamos, nosso freqüente retorno aos braços de amigas particulares que se tornavam amantes. Sim, irmãs, algumas de nós transavam, até mesmo no convento.



Susan Weaver, 1983

Reconhecendo-me como lésbica

Susan Weaver
(1948 a 1954)

Cresci numa família branca, de classe média, num bairro elegante nos arredores de Nova York e estudei no Barnard College. Minhas três irmãs e eu fomos criadas como católicas. Como meus pais tinham atitudes liberais e decididas, não recebemos uma educação rígida e estreita. Porém, até mesmo naquele lar tão pouco sufocante, só quando minha irmã e eu nos tornamos adultas é que nos demos conta de que nosso tio, professor da Universidade de Columbia, era gay. Um silêncio completo cercava o tema da homossexualidade.

Ingressei nas Carmelitas enclausuradas dois anos depois de terminar o *college*. Foi o primeiro dos três esforços, no sentido de encontrar uma vocação religiosa contemplativa. Estive brevemente nas Carmelitas, em seguida nas Trapistas e, mais tarde, numa comunidade francesa, as Irmãzinhas de Jesus, que tinham acabado de chegar aos Estados Unidos. Minhas tentativas de participar de uma vida comunitária contemplativa eram sinceras e deixei cada uma dessas comunidades carregada de sentimentos positivos e sentindo amizade por minhas superiores e irmãs.

Naquela época, não conseguia perceber que uma das razões

que contribuíssem para o fato de eu me sentir bem na vida religiosa era a forte atração por estar com mulheres, um sentimento lésbico. Embora eu me sentisse atraída por algumas criaturas da comunidade, nas Carmelitas e nas Trapistas, não fiz absolutamente nada para me entregar a essas atrações. Nos meus vinte e poucos anos não podia me denominar lésbica, pois mal conhecia essa palavra!

Minha iniciação à experiência sexual ocorreu nas Irmãzinhas de Jesus. A comunidade se estabelecera num gueto de Montreal. Eu havia escorregado e rolado pelos degraus de uma velha escada. Naquela noite uma das irmãzinhas, a irmã Huguette, aproximou-se da cama e me deu um beijo na testa. Essa atitude tão simples foi muito comovente e fez com que eu percebesse, pela primeira vez, o amor sexual por outra mulher.

A irmã Huguette e eu andávamos juntas até o trabalho e eu esperava por ela, no fim do dia. Huguette trabalhava numa fábrica de doces e eu desempenhava tarefas domésticas. Naquela época nos limitávamos a ficar de mãos dadas e raramente nos beijávamos, mas eu sentia por ela um profundo amor sexual.

Naquele mesmo ano Huguette e eu fomos enviadas para Vancouver, a uma nova comunidade das Irmãzinhas de Jesus. Viajamos três noites na cabine de um trem. Ficamos juntas o tempo todo e nos beijávamos à noite. Quando chegamos, senti que a comunidade de Vancouver tinha sido prevenida sobre nosso relacionamento e que iria nos vigiar. Eu já conhecia todas as participantes da comunidade, mas agora Huguette e eu fomos tratadas com suspeita cautela. Embora ninguém falasse diretamente no assunto conosco, sabíamos que precisávamos mudar nosso relacionamento.

Huguette e eu deixamos voluntariamente as Irmãzinhas. Olhando para trás, não sei dizer até que ponto o amor existente entre nós foi responsável por nossa partida da comunidade. Como um fato em si, eu sabia que seria mais feliz fora da vida comunitária religiosa. O mais surpreendente era que, naquele mo-

mento, eu ainda não tinha suficiente percepção para me denominar lésbica.

Huguette regressou à França e em breve fui ao seu encontro, num gracioso e pequenino apartamento, no sótão de uma casa, em Nice. Nenhuma das duas se sentia muito à vontade em relação ao nosso amor sexual. Eu me confessava e então, entregue a sentimentos de culpa e confusão, retornava ao nosso amor emocional e sensual. Decorrido um ano, decidimos não ter mais intimidade sexual ou fazer amor. A culpa nos levou a agir assim.

Voltamos para os Estados Unidos e começamos a trabalhar num instituto leigo no Mississípi, onde provocamos desconfiança pelo simples fato de estarmos juntas. Recordo-me vividamente de certa tarde, quando estávamos em meu quarto, rindo de alguma coisa que tinha acontecido e era bastante corriqueira. De repente a diretora do instituto abriu a porta a fim de saber o porquê de nossa risada. Percebi que estávamos sendo vigiadas o tempo todo. Depois de passarmos quase um ano naquele instituto, Huguette voltou para a França, pois seu pai estava doente. Quanto a mim, fui para casa. Embora voltasse a ver Huguette, nosso amor nunca mais reviveu.

Há alguns anos eu jamais teria acreditado ser possível experimentar um sentimento de paz e liberdade fora da instituição da Igreja. Devo muito a meus amigos, às amigas religiosas e às leituras religiosas. Minha autora preferida continua a ser a madre Janet E. Stuart. Suponho que ela era lésbica, embora não tivesse consciência desse fato.

Recentemente tive algumas experiências religiosas maravilhosas com duas paranormais. O fato de essas mulheres sabermos que sou lésbica de modo algum interferiu em nossa amizade. A comunicação clara e segura com pessoas em estado alterado de consciência proporcionou-me uma nova abordagem para a oração.

Agora estou sozinha, mas espero que nem sempre seja assim. Se alguma mulher quiser me escrever a respeito de seus próprios

pensamentos religiosos, eu ficaria muito contente em responder.
Paz, Alegria e Obrigada.

Tenho 59 anos. Vivo na zona rural, no norte do Vermont, onde escrevo e ilustro livros infantis.

Advogada sul-americana num claustro

Maria Cristina

(1963 a 1975)

Quando entrei para o convento já tinha um relacionamento com outra mulher. Ena era professora na faculdade de direito onde estudei. Embora fôssemos íntimas durante apenas três meses, nosso relacionamento amoroso, que durou um ano, foi muito gratificante, sob o ponto de vista físico. Durante o resto do tempo existiu entre nós uma ligação emocional igualmente intensa.

Ena morreu num desastre de avião e uma das razões que me levaram a entrar para o convento era o fato de que eu não enxergava nenhuma perspectiva de futuro em minha vida. Sabia que era lésbica. Jamais sentira a menor atração por um homem. Casar unicamente porque se esperava isso de mim seria trágico, não apenas para mim mesma, mas para o homem. Eu queria ser freira antes de conhecer Ena. Quando ela morreu senti-me culpada, como se estivesse sendo punida por algo que não era correto.

A única maneira de esquecer o que tinha acontecido era dedicar-me completamente aos estudos. Na América do Sul leva-se cinco anos para se conseguir um diploma na minha especialidade, mas eu o consegui em apenas quatro. Aquelles anos não

me ajudaram a esquecê-la, mas serviram para me fazer perceber que eu poderia encontrar a resposta no convento.

Quando minha família se mudou para os Estados Unidos, visitei um claustro beneditino em Connecticut. Gostei das freiras, do lugar e fui aceita. Sabia que iria viver muito próximo de mulheres, mas jamais pensei que gostaria de me relacionar com algumas delas. Talvez em minhas fantasias julgasse que poderia ter amizade e intimidade com uma mulher sem tocá-la, porém, mais tarde, eu desejava algo mais.

A comunidade do convento era pequena. Havia lá 33 freiras enclausuradas e seis freiras fora da clausura. Eu pertencia ao primeiro grupo. Dedicávamo-nos à contemplação, à recitação do Ofício Divino em latim e a executar trabalho manual, a fim de ajudar na economia do convento. Eu trabalhava a maior parte do tempo no escritório, datilografando a correspondência, ditada pela madre superiora. Encarregava-me igualmente da contabilidade do convento. Minha tarefa específica consistia em lidar com a revisão da Lei Canônica, a nós enviada pelas dioceses das diferentes regiões do país. Tratava-se de um trabalho meticuloso, mas fácil para mim, pois tinha uma formação na área de direito.

Foi muito difícil acostumar a despertar às duas da madrugada, para rezar as matinas. O hábito era pesado, negro e, de vez em quando, desconfortável. Nos dias quentes simplesmente derretíamos. Uma parte do véu era suficientemente comprida para cobrir nossos rostos inteiramente. Conseguíamos enxergar, mas não com detalhes. Quando recebíamos visitas, ficávamos separadas delas por uma rótula, pesadas cortinas e também pelo véu.

Toda tarde tínhamos uma hora de conversa, mas sempre dentro dos limites da regra. Jamais nos era possível falar a respeito dos problemas que tínhamos fora, mesmo quando acabávamos de chegar. Esperava-se de nós que abordássemos unicamente os assuntos prescritos pela regra. Devíamos nos dedicar a pensar em Deus e ao trabalho realizado numa clausura beneditina.

A hora do recreio, era, para mim, o momento mais difícil do dia, sobretudo durante o primeiro ano. Não podia trocar idéias abertamente e dizer: “Minha experiência foi assim”, como acontecia fora do convento. Os relacionamentos íntimos não eram permitidos. Deveríamos nos confessar, sempre que nos ligávamos a alguém.

Quando era noviça, senti uma grande atração por uma mulher e acredito que ela sentia o mesmo por mim. Seu nome era irmã Dolores e tratava-se de uma linda criatura. À mesa sentávamos bem perto uma da outra e então precisávamos confessar esse sentimento. Fomos separadas e proibidas de nos dirigirmos a palavra, durante o recreio.

Sabia que aquilo estava acontecendo pelo fato de eu ser lésbica. Como, porém, era uma freira que fizera livremente o voto de castidade, não podia sequer pensar em desobedecer esse voto. Era um compromisso muito sério e profundo. Para mim era muito doloroso sentir-me atraída por ela e foi igualmente doloroso romper esse relacionamento.

Nunca soube se a irmã Dolores tinha consciência do que estava acontecendo, pois jamais pudemos nos comunicar abertamente. Como devíamos ser desligadas fisicamente de tudo e de todos, jamais houve um toque íntimo entre nós. O único momento em que podíamos nos tocar era durante o recreio, quando tínhamos a oportunidade de falar e nos tocar nas mãos. De acordo com a regra, as irmãs deveriam tocar as palmas das mãos nas de outra freira. Tratava-se, porém, de um contato físico muito discreto e ligeiro. Não havia a menor possibilidade de se dizer: “Sinto isso e isso por você”.

O beijo que recebíamos em determinadas ocasiões — quando tomávamos o véu, quando fazíamos os votos finais — eram dados por toda a comunidade. Da mesma forma, era algo de muito breve, de muito especial, destinado a transmitir o sentimento de comunidade e nada mais. Numa comunidade enclausurada, nós, irmãs, tínhamos a sensação de sermos protegidas, de pertencer àquele lugar, mas era difícil dizer: “Tenho inti-

midade com uma das freiras''. É uma vida contra a natureza e eu simplesmente aceitava o fato de que não podia ser íntima de outra mulher.

A melhor parte do dia eram aquelas duas horas, durante a tarde, quando devíamos ajoelhar-nos na capela, com o Santíssimo Sacramento exposto. Era o momento em que eu entrava em maior contato com Deus. Dedicava-lhe minha vida num lugar belo e enclausurado. Quando estava com Ele naquele contato íntimo, tudo se tornava muito bonito, interiorizado, gratificante.

Tínhamos de ajoelhar de um jeito muito especial: eretas, sem nos apoiar em nada. Os joelhos diretos no chão e nem mesmo nossas saias deveriam protegê-los. Estendíamos os braços, formando uma cruz. A dor ajudava-nos a estar na presença de Deus e a participar da comunicação que deveríamos ter, ao rezar. Alguns dias orar era muito fácil e eu tinha uma experiência reconfortante. De vez em quando não conseguia alcançar nenhum tipo de comunicação e minha mente divagava. Lembra-me de coisas acontecidas durante o dia, ou há muitos anos e, de vez em quando, até mesmo no tempo em que vivi fora do convento.

A regra não permitia tais pensamentos. Durante o Capítulo das Culpas, tínhamos de confessar que, ao orarmos, pensávamos nisso ou naquilo. Precisávamos explicar esses pensamentos com detalhes, para toda a comunidade. Éramos obrigadas a confessar nossos pequenos pecados contra a regra, as coisas de que éramos culpadas durante o dia, tais como quebrar o silêncio ou balançar os braços, quando andávamos. Devíamos também acusar as outras irmãs, se as víssemos cometer qualquer infração. No início, essa regra era assustadora e eu sentia dificuldade em entendê-la. Na primeira vez em que fui acusada de fazer algo errado fiquei magoada e furiosa com o fato de que uma noviça, minha companheira, estivesse me espionando! Aprendi a acreditar que esse detalhe da regra era bom. Para fazer o melhor que podia a fim de me comunicar com Deus,

tive de me despojar de tudo que era exterior e comunicar-me unicamente com meu espírito.

Outra prática difícil consistia em flagelar-nos sozinhas em nossas celas, toda segunda, quarta e sexta. Os dois meios de flagelar-nos recebiam o nome de disciplinas menores e maiores. A disciplina menor doía, mas a pele não mostrava nada. A outra era mais dura e, de vez em quando, sangrávamos. As disciplinas eram aplicadas nas nádegas e nas pernas.

Quando eu era postulante ouvi falar da disciplina. Ao me tornar noviça, tive de usá-la. Da primeira vez foi um pouco assustador; não entendia seu objetivo, a não ser o de provocar dor. Mais tarde aprendi que era um modo excelente de tentar alcançar a perfeição.

O propósito da flagelação era de dominarmos nossa sexualidade, mas de vez em quando, ao me golpear, sentia que meus desejos carnavais despertavam. Quando nosso lado carnal ou sensual era despertado, tínhamos de explicar à madre superiora o que havia ocorrido. Para mim era difícil confiar-me a ela, pois sentia culpa e vergonha. Sabia que, enquanto mulher, havia momentos em que minha sexualidade se fazia presente. Na verdade a flagelação despertava meus sentidos e era difícil para mim os controlar. Em obediência à regra, tinha de recorrer àquilo toda segunda, quarta e sexta. Não havia como escapar.

Muitas vezes a masturbação, que era proibida pela regra, acontecia. Eu tinha de confessar diante da comunidade: "Ontem à noite tive pensamentos impuros e recorri a manipulações impuras". Sentia-me culpada, carregada de remorsos e requeria as penalidades mais severas, o que me era concedido. Elas consistiam na auto-flagelação, que, de vez em quando, voltavam a me excitar. Era um ciclo, sobretudo pouco antes, durante ou após minha menstruação. Tínhamos também cintos com pequeninas cruces, para usar em torno dos braços, coxas e cinturas. Essas cruces provocavam muita dor. Em certos dias submeter-me a essa penitência me ajudava demais e me prestava grande auxílio em meus esforços para alcançar a perfeição.

Nossas camas eram muito duras. Dormíamos com uma camisola de flanela branca e, como não tínhamos cabelo, usávamos uma touca para cobrir a cabeça. A regra prescrevia que nossas cabeças deveriam ser raspadas. O colchão era de tecido grosseiro. Não tínhamos travesseiros ou lençóis e os cobertores eram mudados apenas uma vez por ano. Só podíamos trocar de camisola a cada seis meses.

De acordo com a regra, deveríamos deitar de costas e dormir sem nos mexer. Deveríamos cruzar os braços sobre os seios, esticar as pernas e nos cobrir até o pescoço. Era difícil aprender a dormir a noite inteira sem se mexer. No início eu me mexia e tive de confessar esse fato para a comunidade no dia seguinte. Sentia-me muito culpada por não conseguir dormir sem me movimentar.

Não existiam relacionamentos lésbicos em meu convento porque vivíamos em completa separação de corpos. Cada uma de nós tinha uma cela e cada cela era fechada do lado de fora pela madre superiora, ou, melhor dizendo, ela passava uma tranca em nossas portas.

Resolvi deixar o claustro por causa das mudanças radicais introduzidas pelo movimento ecumênico e pelo Papa João 23. As regras, o hábito, tudo o que conhecera e aprendera a amar durante todos aqueles anos se modificava. Tais mudanças não eram feitas a partir de nossas solicitações ou com nosso conhecimento. Meu voto de obediência dizia que eu tinha de aceitar sem questionar tudo o que acontecia, mas eu não podia concordar com tais mudanças. Uma vez que havia conflito, tudo se tornava pesado, impossível de aceitar.

Meu lesbianismo atingia um ponto incontrollável. Eu queria ter uma relação física com uma mulher e não podia fazê-lo em respeito a meus votos. Confessei meus conflitos à madre superiora, que suplicou que eu reconsiderasse, orasse e analisasse meus pensamentos, penitenciando-me em seguida. Durante um ano orei de fato e entreguei-me a duras penitências, mas tornou-se difícil demais lidar com esses conflitos. Disse à madre supe-

riora que desejava partir e levou um ano para que todos os papéis fossem processados.

Minha última recordação refere-se à noite anterior à minha partida. Eu já estava excluída da comunidade. Aquele dia permaneci em minha cela e passei no jardim. A regra proibia as despedidas. Unicamente a madre superiora veio falar comigo e foi muito doloroso para ambas.

Não consegui chorar quando parti. E meu anel... meu anel... o que mais me doeu foi ter de devolver o anel à madre superiora (ainda guardo o crucifixo. O anel que uso agora se parece com o que tinha no claustro).

Durante os primeiros dois meses foi terrível para mim lidar com o mundo: barulho, dinheiro, confusão. Eu estava num verdadeiro limbo: não pertencia a nada, não me encaixava em nada. Sentia-me assustada e não sabia se conseguiria me sair bem.

Ao deixar o convento, lembrei-me de que sabia guiar, mas não consegui. A primeira vez que minha irmã me levou de Nova York para Washington, D.C., foi um verdadeiro pesadelo. O barulho do trânsito, a velocidade com que ela guiava... fiquei frenética. Há treze anos não entrava num automóvel. Durante todo esse tempo não assistira televisão, nem lera jornais ou revistas.

Tinha me esquecido de como usar o dinheiro. Havia lido com a moeda americana apenas por pouco tempo, antes de entrar para o convento. Não sabia qual a diferença entre as notas de dez e um dólar. Quando eu recebia troco, não conseguia contá-lo. Não sabia dizer se me davam o dinheiro certo ou não.

Logo que saí do convento o fato de não ter um véu cobrindo minha cabeça me fez sentir esquisita e nua. Comecei a usar um lenço e disse: "Fica bem em mim, é bonito. Me dá um certo ar de cigana".

Às vezes recordo-me de coisas pequenas. Neste exato momento consigo ver minha cela. Vejo também a capela. De vez em quando não consigo ver o jardim; perdeu-se. Eu passeava nele mui-

tas vezes, mas agora não o enxergo. Lembro-me de alguns rostos; outros rostos e nomes desapareceram.

Depois que parti minha espiritualidade estava apagada, vazia. Inicialmente eu não comparecia à missa. Então acabei indo, mas não sentia nada. Era como assistir teatro. Tentei até mesmo ir a outras igrejas que não eram católicas, mas elas não tinham o menor significado para mim. Ouvi então falar do grupo Dignidade. As duas ou três primeiras vezes que compareci a seus encontros também não senti nada, mas acabei conhecendo duas ou três mulheres admiráveis lá e, lentamente, adquiri o sentimento de que pertencia àquele grupo. Agora os ofícios significam muito para mim e sinto a presença de Deus naquela comunidade.

Tenho amigos no grupo Dignidade e, embora seja agradável conhecer pessoas de fora, o sentimento naquela igreja é muito especial. Muitas vezes vou do trabalho para a igreja e consigo falar com Deus; sempre saio de lá me sentindo plena. Chamo Deus "Meu Amado", "Mi Amor" em espanhol. Todo domingo tenho a renovação, que me dá a energia para continuar na próxima semana.

Neste momento sinto-me em condições de lidar com o mundo. Há nove anos estou fora do convento. Tenho um relacionamento com uma mulher linda e que me gratifica demais. Não sou promíscua. Dividimos um apartamento e esperamos ter uma casa no futuro.

Participo ativamente de organizações lésbicas e feministas. Sou membro do grupo Dignidade e da organização Católicos pela Dignidade Humana, derivada do primeiro. Ela tem caráter político e lança mão de processos democráticos a fim de exigir mudanças. Sou também membro do grupo Mulheres de Mais de Quarenta Anos, que é composto sobretudo de lésbicas.

Trabalho como secretária num escritório de advocacia. Não posso dizer onde fica nem usar meu sobrenome neste livro. Esperava poder me assumir totalmente e dizer "Sou lésbica", mas já perdi um emprego por causa disso. Sei, portanto, os riscos

que corro. Em San Francisco, embora sejamos aceitas de várias maneiras, ainda temos o problema de perdermos quase tudo pelo simples fato de sermos lésbicas.

Cresci e me formei na América do Sul. Depois de me bacharelar em direito, mudei-me para os Estados Unidos e entrei para um mosteiro beneditino em Connecticut. Treze anos depois abandonei a vida religiosa. Agora trabalho como secretária num escritório de advocacia, pois meu diploma de advogada não é reconhecido nos Estados Unidos. Tomo parte ativa do grupo Dignidade e moro com minha amante em San Francisco.

Este depoimento baseia-se numa entrevista com Nancy Manahan em janeiro de 1982.



Irmă Mary Gregory, 1949



H. M. Fairfield-Hickey, 1982

Lembranças do convento

H. M. Fairfield-Hickey
(1947 a 1953)

Durante esses 30 anos, desde que usei pela última vez o hábito de freira, submeti-me a uma auto-análise bastante profunda sobre os motivos que me levaram a entrar para o convento. Além de querer me realizar tanto quanto possível na vida religiosa, desejava escapar de uma vida familiar dominada por uma mãe que me sufocava. Queria fazê-lo de tal modo que ela aprovasse, sem começar mais uma guerra doméstica que iria entristecer meu querido pai. Minha mãe foi criada na religião batista e, portanto, ficou escandalizada com minha decisão, receosa de que eu fosse seduzida pelos padres e que meus nenês fossem assassinados. Ela, porém, ficou mais tranqüila, ao notar a reação de meus amigos, parentes e vizinhos.

Acima de tudo eu desejava estar com as mulheres, embora aos 18 anos de idade, sexualmente pouco desenvolvida, não soubesse que era lésbica. Envolta em minha ignorância, queria viver num ambiente dominado por mulheres, pois me sentia mais à vontade lá.

Lembro-me de minha primeira manhã no convento. A madre superiora convocou-me para ir a sua sala, para aquela palestra padronizada com as novas postulantes que tinham ficado

sem dormir, chorando, arrasadas pelas saudades de casa e pela timidez, a noite anterior. Surpreendi-a ao entrar na sala com muita vivacidade, toda sorridente, bem descansada e repleta de energia. A mestra das noviças encorajou meu entusiasmo natural e incentivou meu talento artístico. Mostrou-se extraordinariamente perceptiva em relação a como deveria ajudar aquela alma jubilosa, colocada sob sua responsabilidade, a percorrer o caminho em direção à maturidade moral e espiritual. Permanecemos amigas até o dia de sua morte, em 1980. Rezo para que essa amizade perdure.

Só quando fui uma noviça de véu branco é que tive minha primeira ligação romântica. Nosso caso foi tórrido, mas nunca passou do estágio das apalpadelas e das carícias desajeitadas. O relacionamento terminou um tanto abruptamente quando, para ganhar pontos junto à nova mestra das noviças (minha mentora fora eleita madre superiora), minha amiga contou tudo e não hesitou em revelar nomes. Como eu era uma irmã mais antiga, coube a mim carregar todo o peso da culpa.

Depois de trocar o véu branco pelo negro e fazer os votos temporários de três anos, despertei sexualmente. Surgiu então a irmã Claire. Apalpadelas e carícias desajeitadas já não serviam mais. Ambas sabíamos o que fazer, como fazê-lo e, em definitivo, não poderíamos deixar de agir. Nosso caso foi moderado, mas certamente ajudou-nos a passar nossos dias de modo bem interessante, até que, decorridos alguns meses, a consciência sensível da irmã Claire pediu que terminássemos com aquilo. Ela foi minha primeira amante de verdade.

Alguns meses antes de solicitar permissão de fazer os votos finais, reconheci que estava sendo hipócrita. Meus sentimentos para com as mulheres eram tão fortes que eu não podia fazer justiça ao voto de castidade. Decidi então partir. Ainda não pensava em mim como homossexual; saía bastante com homens, mas não conseguia deixar que esses encontros se tornassem íntimos.

Seis anos após deixar o convento olhei-me no espelho e disse em voz alta a palavra "homossexual". Naquele momento não

estava envolvida com ninguém e não tinha perspectivas nesse sentido. Foi apenas uma explosão súbita de conscientização. A partir de então, senti um alívio imenso. Desde esse dia sinto-me muito à vontade com meu eu lésbico.

Pouco depois disso encontrei a mulher com quem vivi muito feliz durante 16 anos. Ela é o primeiro amor maduro que tive, mas, como costuma acontecer, ela conheceu outra pessoa e minha vida tomou um rumo diferente. No decurso daqueles 16 anos acabei por perceber que a religião institucionalizada havia inibido meu crescimento espiritual. Assim que desisti dela e me tornei aquilo que denomino uma pietista, senti-me mais próxima e mais à vontade com Deus. Tive condições de me integrar aos fatos essenciais da espiritualidade, sem me prender àquela quantidade de minúcias que a religião institucionalizada necessita, a fim de poder manter sua estrutura.

Durante estes últimos 30 anos passados fora do convento, vivi uma vida lésbica ampla, com tudo o que isso implica. Nem sempre ela foi feita de amor e de orações. Muitos anos foram verdadeiramente infernais, até mesmo com uma ponta de insanidade. Se não fosse pelo treino recebido durante os anos passados no convento, jamais teria conseguido sobreviver até o presente com minha sanidade e minha vida intactas. Para mim isso se coloca como um fato absoluto.

A experiência do convento propiciou linhas de ação, no que diz respeito a meus padrões pessoais. Sem eles, eu provavelmente teria mudado de direção, a cada vez que a brisa de certas opiniões soprasse de meu lado. Tenho tendência a achar que tudo o que as pessoas dizem ou fazem está certo. A partir do convento, percebo por que as pessoas agem de determinadas maneiras, mas não me arredo de meus propósitos por causa delas. Com meu temperamento artístico também não preciso do caos! O tempo passado no convento foi essencial para meu desenvolvimento enquanto pessoa e enquanto cristã. Foi a experiência mais enriquecedora de minha vida. Nunca escapei dessas influências e espero jamais escapar. Minha vocação é para a vida inteira.

Nasci em Massachusetts em 1928 e moro lá desde então. Fui freira, vendi livros, fui professora particular, trabalhei numa creche, em vendas a varejo, fui artista, artesã, ensinei, pintei retratos, projetei bichinhos de pelúcia e massa para fazer escultura, fui conselheira de uma clínica veterinária só para aves e diretora de um hospital para aves selvagens. Sou brilhante, talentosa, dogmática, um tanto reclusa, tenho inclinações para o misticismo e nunca me sinto tão feliz como quando estou no meio de uma floresta, ouvindo ópera. Ainda estou procurando decidir o que fazer, quando crescer.

Sensualidade enclausurada

Monique DuBois
(1964 a 1976)

(Monique DuBois cresceu numa ilha das Índias Ocidentais e pertence a uma família negra, católica e de classe média. No momento vive tranqüilamente com sua amante de muitos anos no sul da Flórida. Rosemary Curb entrevistou-a em dezembro de 1982.)

Rosemary: Quando foi que você decidiu a se tornar freira?

Monique: Aos três anos de idade vi uma freira pela primeira vez na vida. Naquele momento resolvi que queria ser como ela, quando crescesse. À medida que ia ficando mais velha, essa atração se desenvolvia mais no sentido de querer uma vida de oração e solidão, ao contrário da vida ativa das irmãs a quem conhecia.

Rosemary: Você se refere às irmãs que ensinam e se dedicam à enfermagem?

Monique: Sim, mas como não sabia que existiam freiras enclausuradas, julgava que aquilo que eu queria era algo de único. Naturalmente fui levada a pensar que Deus desejava que eu iniciasse uma ordem dessas. Então minha irmã me revelou que tais ordens já existiam. Senti-me aliviada ao saber que não teria de passar pelo árduo processo de começar tudo.

Rosemary: O que a atraiu para aquela vida?

Monique: Creio que duas coisas. Primeiro, o desejo de estar a sós com Deus. Agora percebo que esse desejo nascia da desilusão com os relacionamentos que eu via a minha volta e a falta de amor que os caracterizava. Naquela época eu era muito tímida, fechada, e não queria me relacionar com as pessoas. Não queria ser magoada. Sentia-me segura num tipo de vida dedicada exclusivamente a Deus. Minha outra motivação era servir o mundo do modo mais amplo possível. Achei que, como irmã ativa, estaria limitada às pessoas específicas com quem me relacionaria, ao passo que uma vida de oração era mais universal, pois, através dela, eu poderia tocar o mundo inteiro.

Rosemary: Acha que sua atração pela vida monástica era parte do desejo de viver numa comunidade inteiramente feminina?

Monique: De modo algum. Eu não pensava em termos de sexualidade. Sempre soube que as mulheres me atraíam, mas não escolhi em absoluto a sexualidade para ser parte de minha vida. Quando tinha 12 anos de idade, consegui permissão do bispo para fazer um voto de virgindade. Estava apaixonada por Deus e isso me bastava. Sabia que estaria com mulheres no monastério, mas não concebia que poderia ter qualquer tipo de relacionamento pessoal com elas. Achava que passaríamos umas pelas outras, à noite ou de dia, no mais completo silêncio.

Rosemary: As Clarissas Descalças preencheram suas expectativas?

Monique: Por mais irônico que possa parecer, durante o período que passei com as Clarissas Descalças, desenvolvi um sentimento muito positivo de ser amada e de me afirmar como pessoa. Pela primeira vez na vida eu me sentia próxima das pessoas, mas quanto à espiritualidade... Censuraram-me por ser "santa" demais e fizeram-me sentir que aquilo não passava de uma fase inicial de fervor. Eu desejava a oração, a solidão e o jejum, mas disseram-me que eu era jovem demais para jejuar. Senti-me superprotegida! Ingressei na vida religiosa na década de 60, quando ocorriam as mudanças impostas pelo Concílio

Vaticano II. As velhas regras estavam sendo postas de lado.

Rosemary: Você achou o relaxamento excessivo?

Monique: Sim! Queria algum tipo de suporte para a verdadeira espiritualidade, não aquele que eu encontrara na mera observância da Sagrada Regra.

Rosemary: Você pensava na espiritualidade como algo comunitário ou seu objetivo era tornar-se uma mística solitária?

Monique: Quando entrei para o claustro, era meu objetivo tornar-me santa aos 21 anos e então morrer e ir para o céu! Eu, porém, me aproximava daquela idade e via que nada iria acontecer conforme havia planejado. Comecei então a me tornar mais realista.

Rosemary: Para você o que significa tornar-se santa?

Monique: Ser perfeita, jamais me encolerizar ou ter sentimentos negativos, aceitar tudo e perdoar sempre. Exibiria um perpétuo sorriso, seria repleta de amor, teria momentos de grande elevação e conseguiria rezar com os braços levantados, durante horas, à noite, exatamente como São Francisco de Assis. Viveria exclusivamente dedicada ao amor a Deus.

Rosemary: Viveria então fora do corpo?

Monique: Oh, não! Não chegava tão longe. Queria apenas ser uma santa, desejava a perfeição.

Rosemary: Eu também queria ser santa, mas pensava nisso em termos de misticismo, de ser transportada para fora de meu corpo, como Santa Teresa de Ávila. Desejava pairar acima das necessidades físicas. Gostava da idéia de me submeter a penitências, como, por exemplo, jejuar ou ficar ajoelhada durante horas, sem me mexer. Queria também algum signo visível de meu crescimento no ascetismo, como os estigmas, por exemplo.

Monique: Tive minha primeira experiência mística após uns dois anos e meio de entrada no convento. Estava andando no pátio e, de repente, sabia que tudo é uma coisa só e que Deus é a unidade que nos mantém ligados uns aos outros. Tudo se transformou. Uma folha já não era mais simplesmente uma folha. Era uma parte viva de uma Unidade infinita. Durante uns

seis meses fiquei fora do mundo. Transcendi tudo. Nem sequer precisava comer.

Rosemary: Mas você estava em sua mente ou em seu espírito?

Monique: Em meu espírito. Via tudo de modo diferente. Tudo o que acontecia, a chuva que caía ou o sol que brilhava, era Deus. Então acabei perdendo tudo isso e sucumbi à pressão que me levava a ser igual às outras: "Afinal de contas, você está pensando que é santa?" Só Deus sabe quanto tempo passei tentando recuperar esse sentimento. Fiquei deprimida durante vários anos, pois estava indignada com elas.

Rosemary: Indignada com sua comunidade de irmãs?

Monique: Sim. Odiava a pressão, no sentido de desistir daquele lado meu, tornar-me mais aceitável a elas e não me sobressair.

Rosemary: Não se preocupou em vir a sentir orgulho espiritual?

Monique: Não, por quê?

Rosemary: Já que você estava acima da comunidade...

Monique: Não, eu não me colocava acima dela. É meu espírito que pairava num outro plano. Naquele espaço não se olhava para ninguém com desdém, porque todo mundo é uno.

Rosemary: Como foi que sua sensualidade germinou e desenvolveu-se, enquanto você ainda estava no claustro?

Monique: Na medida em que me sentia amada e me tornei mais expansiva, comecei a me expressar por meio de afetos físicos, que eram retribuídos. Principiei então a desenvolver uma percepção mais consciente de minha sensualidade.

Rosemary: E alguma dessas amizades teve conotações sexuais?

Monique: Tive um relacionamento com uma freira, mais sensual do que sexual, o qual durou cerca de seis meses. Ele me proporcionou uma grande experiência em relação aos sentimentos, algo em que jamais havia parado para pensar, antes. Comecei então a me apaixonar muito facilmente pelas outras irmãs. Agora eu experimentava ciúmes, paixão e todos os outros tipos de sentimentos.

Rosemary: Como é que se modificaram os sentimentos relativos a seu corpo e ao prazer sensual?

Monique: Bem, eu me tornei mais consciente de meu corpo e de minha aparência. Os novos sentimentos que experimentava me proporcionavam grande prazer e eu os explorei mentalmente, por meio de muitas fantasias, e também fisicamente, através da masturbação. Finalmente senti que tudo isso não estava de acordo com meus votos e reafirmei minha opção pelo celibato.

Rosemary: Acha que o racismo levou suas irmãs brancas a considerarem-na mais sensual do que elas?

Monique: Isso jamais me ocorreu. Bem, pode ter ocorrido, porém com toda certeza não tive consciência do fato. Nunca passei pela experiência de qualquer tipo de racismo.

Rosemary: Quando foi que soube pela primeira vez da homossexualidade e do movimento de libertação gay?

Monique: No mosteiro, através de documentários na televisão e de artigos em revistas como *Time* e *Newsweek*. Finalmente acabei por qualificar a mim mesma e meus sentimentos por meio da palavra lésbica.

Rosemary: Como foi que isso afetou sua vida?

Monique: Fui ficando cada vez mais constrangida com os comentários disparatados que as freiras faziam sobre os homossexuais, os quais também não deixavam de me divertir. Naqueles momentos, eu sentia vontade de me assumir perante elas e conscientizá-las de que era possível ser igualmente lésbica e freira. Percebi que existiam outras como eu, no mosteiro, e que era possível viver uma vida de amor com uma mulher. Isso realmente me deixou confusa e, durante um certo tempo, não sabia como lidar com a questão. Mais uma vez prevaleceu meu amor primordial por Deus e voltei a afirmar minha opção pelo celibato.

Rosemary: A percepção de sua sexualidade levou-a a retirar-se da vida religiosa?

Monique: O que me levou a isso foi a decepção total, a rejeição da Igreja Católica e a necessidade de preservar minha sanidade psicológica e emocional!

Rosemary: Há quanto tempo deixou as Clarissas Descalças?

Monique: Há sete anos.

Rosemary: Após sua saída, procurou relacionamentos com lésbicas?

Monique: Sim. Depois de minha partida, senti que amar e se amada era importante e que só poderia saber o quanto meu amor por Deus era real no contexto da realidade de meu amor pelos outros. Procurei imediatamente as lésbicas, através de centros gay e da revista *Wishing Well*. Devo dizer que fui muito mal-sucedida! Finalmente acabei desistindo e então, para grande surpresa minha, descobri que estava conhecendo as mulheres a quem queria em meus empregos e nos grupos femininos.

Rosemary: Há quanto tempo você e sua atual amante vivem juntas?

Monique: Seis anos.

Rosemary: Descreva sua presente espiritualidade.

Monique: A essência de minha espiritualidade reside agora em meu empenho de estar constantemente consciente da presença de Deus, em saber que Deus está em tudo e em todos e de seguir com sinceridade as conseqüências de tal crença, conforme eu a vejo em todos os momentos. Para mim isso não tem nada a ver com observâncias formais, rituais, rezas aos domingos e orações de manhã e antes de dormir. É, porém, algo que precisa dominar minha vida inteira e influenciar todas minhas ações, de tal modo que eu possa caminhar constantemente com Deus, viver Seu amor e saber que cada dia e cada ato representa um sacramento.



Irmã Jean Marie O'Leary, 1968



Jean O'Leary, 1984

Steve Stewart

Deus foi um espectador inocente

Jean O'Leary (com Jan Holden)
(1966 a 1971)

Em Ohio, no ano de 1966, não existia um movimento contra a guerra, nem o movimento feminino e muito menos o movimento gay. Eu desejava fazer algo especial, exercer um impacto sobre o mundo. Estava nos últimos anos do curso colegial quando decidi entrar para um convento. Uma vez tomada essa resolução, não arredei pé nem olhei para trás.

Meus pais eram bons católicos. Íamos à missa e à confissão e rezávamos o terço juntos. Quando eu estava no segundo ano, meu pai prometeu mandar todos nós para uma escola católica, se minha mãe se recuperasse de uma doença séria. Frequentei, portanto, uma escola católica até o terceiro ano. Quando, porém, comuniquei a meus familiares que iria ser freira, isso lhes pareceu muito pouco próprio da Jean que conheciam. Sempre fui independente e rebelde. Durante o colegial fui suspensa duas ou três vezes por organizar bandos que marchavam dentro do restaurante ou por enfiar peixes dourados na pia de água benta. Todo mundo gostava de mim e ser popular me era muito importante.

Eu tocava bateria num conjunto. Apresentávamo-nos nos bailes da escola e em bares de adolescentes. Bobby, o solista e uma

espécie de namorado, queria casar comigo, mas eu sabia que não era esse meu desejo e, além do mais, não queria cair na estrada com o conjunto. Um conjunto profissional só de mulheres, de Chicago, me convidou para tocar. Embora eu gostasse demais da bateria, não queria começar a entrar na bebida e nas drogas, a exemplo delas.

As freiras me influenciaram demais. Tive uma queda pela irmã Mary Thomas, que inspirou meu interesse pela religião. Em apenas duas noites li os livros de teologia e filosofia que ela me emprestou e pedi outros. Tornei-me muito séria em relação à religião. Durante a assembléia dos alunos veteranos anunciei minha decisão de tornar-me freira. Meus amigos ficaram chocados, mas eu achava realmente que essa era minha vocação. Agora percebo que não passava de fuga. Achava que se dedicasse minha vida a Deus conseguiria me livrar de meus sentimentos pelas mulheres.

Quando estava no terceiro ano, em uma escola de meninas, sabia que amava as mulheres. Tinha fantasias de viver numa ilha com elas. Eu era uma verdadeira moleca e minhas amigas gostavam de meu jeito de ser. Durante o colegial namorava os garotos porque todo mundo agia assim, mas meus verdadeiros laços emocionais se referiam a minhas amigas. Iniciei um curso de secretária só para estar perto de Betty James. Deveria ficar-lhe agradecida por ter aprendido a datilografar.

A ordem em que ingressei contava apenas com seiscentas ou setecentas freiras, a maior parte delas enfermeiras e professoras. Tratava-se de uma ordem moderna e liberal, cuja sede principal era nos Estados Unidos e não na Europa. Quando entrei para o convento as irmãs ainda usavam hábito, mas eles foram modernizados durante meu primeiro ano. Meu convento na Pennsylvania localizava-se numa enorme propriedade, chamada Villa, com florestas e um lago. Era belo e maravilhosamente sereno.

Cheguei lá à noite, com meus tambores, porque não suportava a idéia de deixá-los em casa. A irmã Carrie ficou muito

contente, ao vê-los, pois tocava piano. Pusemos os tambores na sala de recreação. Arregacei as mangas, e, vestida de calça comprida, toquei para todas as noviças. Quando comecei meu solo de bateria, elas ficaram enlouquecidas. A irmã Carrie amou. Ela tocava piano e começamos a fazer improvisos. Todo mundo se divertia demais, quando, de repente, as mestras das postulantes e das noviças entraram. Elas simplesmente nos olharam. O carrilhão bateu as nove horas, anunciando o início do silêncio completo. Elas fizeram o sinal da cruz e rezamos uma oração. Não se ouvia o menor murmúrio e lá estava eu, parada, com as baquetas na mão.

Os relacionamentos no convento eram mais intensos do que quaisquer outros que conheci fora. Estávamos constantemente juntas, conversávamos sem parar e em profundidade sobre o amor, a esperança e a filosofia, durante os grupos de encontro. Estudávamos os grandes pensadores e a psicologia moderna. Até um certo ponto tudo aquilo era intensamente emocional, pois a ordem dava ênfase ao crescimento pessoal. Inevitavelmente sentimentos lésbicos naturais surgiram, mas jamais pronunciávamos as palavras lésbicas, gay ou homossexual.

A irmã Jackie e eu fomos postulantes na mesma época. Seguíamos os mesmos cursos, trabalhávamos juntas na Villa e nossos dormitórios eram no mesmo andar. Conversando, conversando sempre, explorávamos nossos sentimentos mais íntimos. A energia que existia entre nós era surpreendente. Ela era o contrário de mim, calada e introspectiva. Foi meu primeiro amor.

Depois de meses de esboço, nosso caso começou finalmente com uma massagem nas costas. Estávamos na sala de aula quando os sinos do convento tocaram, anunciando as Vésperas. O prédio estava silencioso e vazio. Todo mundo se encontrava na capela, rezando. Nós também deveríamos ir correndo para lá. Jackie e eu nos olhamos, enquanto ouvíamos os sinos. Nenhuma das duas se mexeu. Ela falou em voz baixa, respondendo à pergunta que eu fizera antes de os sinos começarem a tocar. Sua voz dava a impressão de encher toda a sala. Ela terminou

uma frase e nossa conversa parou por ali. Contemplei seu rosto, tão forte e inteligente, seus olhos, misteriosos e apaixonados. Ela finalmente pôs-se de pé e tocou em meu ombro. Olhei em frente, enquanto Jackie massageava meu pescoço. Havia naquele instante uma imensa atração entre nós e mantínhamo-nos juntas pela emoção que nos ligava. Quando ela fez uma pausa, voltei-me e, com um gesto suave, fiz com que se sentasse a meu lado. Conseguia ouvir sua breve respiração e senti sua veia latejar, quando lhe toquei o pescoço. Ampliada pelo silêncio das Vésperas, a tensão existente entre nós explodiu em nosso primeiro beijo.

Nunca demos a conhecer nosso relacionamento a quem quer que fosse. Jackie escrevia poesia para mim. Dormíamos juntas, aproveitando o mínimo de privacidade que os lençóis, pendurados entre nossas camas, no dormitório, podiam nos oferecer. Fazíamos amor muito silenciosamente, enquanto as outras dormiam. Era assustador, arriscado, excitante, maravilhoso. Jamais nos dissemos que éramos amantes. A poesia de Jackie era romântica, idealista e trágica. Tínhamos longas conversas sobre a comunidade e o amor. Jamais pronunciávamos a palavra lésbica.

O ambiente em que vivíamos era fechado, isolado. Negávamos o elemento sexual. Preveniam-nos contra as amizades particulares. Jackie sentia muita culpa, por causa de nosso relacionamento. Eu queria redefinir o celibato, a fim de que passasse a significar um amor compartilhado, um amor abrangente pelas pessoas, a eliminação da possessividade e do ciúme. Não havia, porém, apoio para isso. Quando decidi sair do convento, contei para a mestra das juniores que era lésbica. Sua resposta foi: "Não acha que todas nós temos sentimentos como esse?" Beijou-me em seguida na boca e disse: "O que lhe cabe fazer é permanecer aqui e tentar ser celibatária". Tratava-se de um conflito inerente, isto é, o reconhecimento do desejo sexual, mas a negação de sua expressão. Recusei-me a negar meus sentimentos, embora decorressem anos antes que eu pudesse afirmar abertamente meu lesbianismo.

Jackie e eu encontramos lugares onde poderíamos ficar a sós, depois que tiraram do dormitório as divisórias de lençóis. Elas achavam que estavam sendo liberais pelo fato de removerem os lençóis e deixar que todas se vestissem juntas. Fiquei arrasada. Fomos para a sala de recreação, para um lugar que encontramos por detrás do palco, no refeitório, ou então para a floresta, sob o pretexto de fumar.

Não era permitido fumar, mas tratava-se de algo bastante comum. Deixei o cigarro de lado seis meses antes de entrar para o convento, mas recomecei, na primeira semana em que estava lá. Esse hábito fornecia uma boa desculpa para irmos à floresta sozinhas. A fim de conseguir mais cigarros, eu mudava de roupa no refeitório, pegava a bicicleta que deixávamos atrás do palco e pedalava até o posto de gasolina, à beira da estrada. Como não podíamos fumar abertamente, um maço durava um mês.

Assim que iniciei meu caso com Jackie, tive uma consciência maior de ser atraída por outras mulheres. Eu era idealista. Acreditava que a energia do amor não tinha limites, que eu poderia amar muitas pessoas. Não queria parar meu relacionamento com Jackie, mas percebi que também me sentia inclinada pela irmã Carrie, de uma classe mais adiantada do que a nossa. Era a melhor amiga de Jackie, antes de ela entrar para o convento. Carrie era como eu, expansiva e de cabeça fresca. Era ela quem tinha tocado piano, na noite em que cheguei ao convento. Quando reconheci essa atração, empenhei-me. Mande-i-lhe recados escritos nos santinhos e fazia tudo para vê-la sempre que possível. Fiquei atrás dela durante meses.

Certa tarde irmã Carrie e eu fomos dar um passeio no campo. Estava um dia lindo e as folhas das árvores brilhavam ao sol. Nós só podíamos ir para fora, num dia como aquele. Empurrávamos uma à outra no balanço, que ia cada vez mais alto. Brincamos de esconde-esconde e lutamos, caindo no chão. Carrie correu para dentro da floresta, ocultando-se atrás de uma árvore, fingindo que fugia. Rindo, sem fôlego, peguei-a e caímos na relva. Eu conseguia sentir seu calor e sua vitalidade. Pus a

mão em cima de seu ombro, puxando-a para junto de mim, e beijei-a ligeiramente. Foi como uma faísca elétrica. Carrie não correspondeu. Ficou gelada. Encarou-me, com os olhos arregalados, e então saiu correndo. Alcancei-a perto dos balanços.

— Está tudo bem. Não foi nada. Por favor, ouça-me — eu disse. Queria que ela entendesse. Eu a amava e não desejava que ela se assustasse. Não queria perdê-la. Conversamos durante muito tempo sobre o amor, a amizade, o ato de compartilhar. Carrie mostrou-se honesta para consigo mesma e para comigo. Reconheceu a intensidade de nossos sentimentos. Não sentia receios de explorar seu significado verbalmente ou intelectualmente. Era desprovida de preconceitos contra o amor. Aquele dia apenas falamos, à procura de clareza. Era inevitável que nos amássemos, inevitável que acabássemos fazendo amor.

Jackie ficou tomada pelos ciúmes. Tenho certeza de que ela amava nós duas. Escreveu-me cartas e poemas, dizendo o quanto se sentia deprimida. De vez em quando chorava a noite inteira. Eu não queria lhe provocar essa dor. Tentei tranquilizá-la, mas não podia negar meu amor por Carrie. Era uma comemoração, uma afirmação de amor pela comunidade inteira.

Certa tarde, após a aula de teologia, pedi para compartilhar com todas um trabalho que eu escrevera, analisando a Esperança. Era um estudo bem independente e eu me senti muito animada. Expliquei um determinado aspecto, relativo às emoções, que Jackie insistia em dizer que não entendia. Eu, porém, me explicava com toda clareza. Jackie saiu impetuosamente da sala de aula e foi para a floresta. Houve uma tempestade tremenda e todas fomos procurá-la. Ninguém conseguiu achá-la. Ela apareceu mais tarde, encharcada. O padre, um psicólogo que tinha sido trazido para o convento a fim de dirigir grupos de encontro e sensibilização, pediu para conversar com Jackie e comigo. Aconselhou-nos e nos ajudou a passar por aquilo que, em sua essência, constituía uma ruptura, embora o fato não fosse declarado abertamente.

Carrie também começou a ver o padre, a fim de se conse-

lhar. Revelou, com a mais completa inocência, tudo o que fazíamos. Levei seis meses para reunir coragem, a fim de me abrir com o padre. Deixei escapar que achava que era homossexual. Simplesmente não conseguia pronunciar a palavra *lésbica*! Foi a primeira vez que a disse, depois de passar tantos anos sabendo e negando. Conversamos sobre minha atração pelas mulheres, mas, quando ele começou a me fazer perguntas, dei-lhe as respostas “corretas” e não a verdade. Finalmente ele me garantiu que eu não deveria me preocupar, pois não era homossexual. Saí de nosso encontro pensando “Oh, meu Deus, ele não ouviu nada do que eu lhe disse”, mas acho que, na realidade, eu não lhe disse nada. Existia na Villa um enorme silo vazio, de dois ou três andares. Entrei nele e sentei-me. Olhando aquele grande espaço desocupado senti-me profundamente só. Era a primeira vez na vida em que revelava a alguém como me sentia e ele negou meus sentimentos, simplesmente porque não queria ouvir.

Todo mundo os negava, aliás. Certa vez Carrie e eu passeávamos na beira do lago, de mãos dadas, e nos beijamos debaixo de um poste iluminado, ao lado da ponte. A mestra das noviças convocou-nos a sua sala. Disse que não deveríamos andar perto do lago, pois estávamos desrespeitando as regras. Nada mais. Sabíamos que ela sabia, mas ela não disse nada.

Uma noite a mestra das postulantes, irmã Martha, nos surpreendeu. Todo mundo se encontrava na sala de recreação e a irmã Martha trabalhava num mosaico. Pediu-me que fosse até a lavanderia, buscar mais pastilhas. Solicitei permissão de levar Carrie comigo. Inicialmente irmã Martha não concordou, mas, quando disse que gostaria de companhia porque lá era muito escuro, ela acabou consentindo. Sempre que ficávamos a sós, Carrie e eu nos tornávamos muito apaixonadas. Estávamos sempre planejando aqueles momentos de intimidade. Pegar as pastilhas era uma tarefa que não deveria demorar muito tempo, mas, quando entramos na lavanderia, havia a mais completa escuridão e tudo estava em silêncio. Encontrávamo-nos sozinhas,

perdidas no mundo uma da outra. De repente a lavanderia iluminou-se. A irmã Martha estava parada na porta e não tirava os olhos de nós. Havíamos retirado as toucas e não havia a menor dúvida sobre o que fazíamos.

Fiquei angustiada a noite inteira. Sabia que seria expulsa e que seria meu último dia no convento. Nós três andamos em torno da Villa sem dizer nada e fomos para a cama sem pronunciar sequer uma palavra. Eu não queria deixar o convento, pois não me sentia preparada para enfrentar o mundo.

A irmã Martha chamou-me a sua sala na manhã seguinte. Eu mal conseguia encará-la. Queria estar em qualquer lugar, menos naquela sala, pois sabia que ela iria me dispensar. Ela simplesmente disse: "O mínimo que você deveria ter feito era falar comigo". Fiquei atônita. Ela não estava zangada. Não iria me expulsar. Simplesmente sentia ciúme! Saí de sua sala flutuando.

No dia seguinte a irmã Martha pediu que a levasse até o armazém. Ao voltarmos, estacionei a perua na garagem, desliguei o motor, passei o braço em torno da irmã Martha e beijei-a. Mais simples não poderia ser...

Irmã Martha estava no convento há 20 anos. Seguia as regras meticulosamente e estabelecia regras para todas nós: apagar as luzes às dez, não ouvir rádio, não fumar, andar com correção, manter uma atitude de dignidade. Ela não encorajava qualquer demonstração de familiaridade.

Depois de começarmos nosso caso, Martha passou por uma mudança notável. Começou a expressar seu maravilhoso senso de humor. Emergiu então uma pessoa espontânea, calorosa e criativa. É claro que o convento também mudou. Tornamo-nos uma família, uma comunidade feita de intimidade e de amor. Isso não quer dizer que nos mostrávamos abertas ou diretas em relação a nosso amor, mas a atmosfera passou a ser de total apoio e afeição.

Todas as minhas amigas acabaram sendo transferidas para outros lugares. Eu também deixei a Villa e fui para um *college*

no Meio-Oeste. Fiquei mais consciente em relação ao que acontecia no mundo. Queria participar da grande demonstração contra a guerra do Vietnã, em Washington, mas não me deram permissão.

A maior parte das mulheres que conhecia e amava, com exceção de Jackie e Claire, saíram do convento. Claire, meu último caso, era, como Jackie, intensa e carregada de sentimentos de culpa. Claire foi a primeira mulher a encerrar a comunicação comigo. Estava se encontrando com outra freira e eu jamais soube qual era a natureza exata daquele relacionamento. Todo mundo tinha ido embora e eu me sentia muito só.

Estava pronta para partir. Queria participar do mundo e, subconscientemente, estava pronta para reconhecer meu lesbianismo. O convento me proporcionara um ambiente protegido, abrigado, no qual explorei meus sentimentos pelas mulheres. Mesmo a negação e as restrições não podiam suprimir meu instinto. Martha afirma que eu modifiquei o ambiente para que ele se ajustasse às minhas necessidades, mas todas as mulheres que conheci lá causaram uma profunda impressão em mim. Plasmamos nossas vidas. Levei cinco ou seis anos para deixar de pensar nelas diariamente. Até hoje elas povoam com frequência meus pensamentos. A única culpa que já senti foi a de cooperar com a hipocrisia da negação de meus sentimentos e não o fato de amar as mulheres.

A despeito de minha experiência, não afirmaria que o convento é um viveiro de lesbianismo. Acho que muitas mulheres ingressaram nos conventos a fim de fugir da sexualidade, fossem elas lésbicas ou heterossexuais. O desejo de obediência e dedicação a Deus muitas vezes é secundário diante da necessidade de celibato e autonegação. O convento surge como um porto seguro, um mundo situado além das pressões e dos riscos deste mundo. Este abrigo, porém, exige um preço, no sentido da renúncia a si mesmo, e eu não estava disposta a pagá-lo. Queria agir sobre este mundo, afetá-lo e não me remover dele.

Há 14 anos venho trabalhando a favor dos direitos dos gays. Sou diretora executiva dos Advogados dos Direitos dos Gays, organização pública de advocacia, que trata de casos que abram precedentes e digam respeito à discriminação contra o povo gay, e ex-co-diretora executiva da National Gay Task Force. Fui presidente da Associação Nacional dos Conselhos de Comércio, organização empresarial gay. No momento trabalho no comitê executivo do Lobby Nacional dos Direitos dos Gays, cuja sede é em Washington. Fui a primeira pessoa assumidamente gay a participar de uma comissão presidencial. Organizei com Midge Costanza o primeiro encontro do povo gay na Casa Branca, em 1976. Nos últimos quatro anos trabalho como corretora de imóveis na comunidade de Los Angeles.

Sétima Parte

Curando no escuro

Crescer no sentido da independência e da força tem sido muito difícil para muitas freiras e ex-freiras lésbicas. Durante e após a vida religiosa algumas de nós sofreram doenças físicas e emocionais. Algumas amorteceram a dor e a confusão por meio do álcool, de tranqüilizantes ou de maconha. Aos poucos fomos nos recuperando, através da meditação, trabalho espiritual, terapia e, o que é mais importante, rompendo com os silêncios internos e externos, o que permitiu nos denominarmos lésbicas.

O amor de Deus não tem preço

Ann Campbell
(1955 a 1971)

O fato de viajar sozinha pela Escócia, cumprindo uma promessa de infância, serviu para abrir a porta que dá para o aposento no qual me encontro agora. Vejo minha vida como uma passagem através de uma série de quartos, cada qual com sua própria porta e chave. Na Escócia, num momento notável de clareza, liberei-me de um fardo de culpas fatigante e que levava há muito tempo. Percebi que minha vida e meus conflitos eram únicos, mas não tão singulares, conforme meu ego me convencerá há anos, que eu não pudesse me encaixar nos planos harmoniosos de Deus.

Desde minha infância e através da adolescência interpretei os ensinamentos de meus pais e professores, relativos a Deus, no sentido de que eu tinha uma grande dívida para com Ele. Nasci na única Igreja verdadeira. Minha família estava muito bem situada no plano financeiro e emocional. Eu era uma aluna bem-dotada. Certamente Deus exigiria Seu preço de alguém que recebera tanto. Desde o catecismo, ensinado no primeiro ano do primário, até a teologia, lecionada no *college*, eu queria saber todas as verdades e todas as nuances sobre Deus e a religião, como se o fato de as conhecer me permitisse evitar minha

dívida. Tornei-me perita nas sutis distinções entre o que era venial e mortal, perfeito e imperfeito, dulia e hiperdulia, próximo e remoto, Petrino e Paulino, e até mesmo entre a Imaculada Conceição e a virgindade de Maria antes, durante e depois do parto. Flertava com as transgressões veniais, mas nunca cheguei perto do pecado mortal. Nunca brincava com o sexo, em pensamentos, palavras ou ações, pois sabia que não existem pecados veniais, no que diz respeito ao sexto e ao nono mandamentos. Eu sobressaía, escolástica e religiosamente. Até mesmo cheguei a coroar Nossa Senhora duas vezes: na procissão de maio, quando estava no oitavo grau, e por ocasião de um baile da amizade, no primeiro ano do colegial. No colegial meus heróis eram os santos, as freiras e figuras religiosas contemporâneas como Thomas Merton, Dorothy Day e os padres operários franceses. Em busca de uma vida espiritual, intelectual e repleta de mulheres (o que só ocorreu depois), fiz as malas, deixei um mundo que mal conhecia e ingressei no convento em 1955. Aos 17 anos acreditava ter encontrado o preço que recompensaria Deus por todas as coisas boas que Ele me proporcionara. Lá estaria segura e salva por toda a eternidade.

No noviciado minha religião de raciocínios tão perfeitos, teológica e cuidadosamente definida, era menos valorizada do que as habilidades domésticas, a boa conduta e uma adesão inescapável à tradição e à regra. Desde o início não me mostrei positiva em relação à vida conventual. Desenvolvi um modo de me relacionar um tanto desdenhoso e destruidor, cínico, o qual persistiu durante os seis anos em que tentei mantê-lo. Tornei-me ainda mais intelectual, na minha abordagem de Deus, e incrivelmente arrogante, para uma criatura tão jovem e ingênua. Espiritualmente não cheguei sequer a aprender as regras básicas da oração e da meditação. Achei que as prédicas que nos faziam eram infantis, que as máximas eram óbvias demais e que as regras e tradições não fugiam do arcaico. Por mais estranho que pareça, jamais pensei seriamente em deixar o convento. Apenas procurava meios de sobreviver e de manter mi-

nhas superiores razoavelmente ignorantes de meu desprezo por tudo aquilo.

Como eu me entediava, era natural que procurasse e encontrasse distrações. Uma das mais antigas foi uma noviça do primeiro ano, mais adiantada do que eu. Era atraente, graciosa e perita em costurar, cozinhar e limpar. Eu era desprovida de todos esses talentos, tão desejáveis no noviciado. Naturalmente ela atraiu minha atenção. Eu também devo ter atraído a dela, pois passávamos muito tempo trocando olhares furtivos no refeitório. Naquelas raras ocasiões em que as postulantes e noviças se reuniam, conversávamos. Certa vez, num recital de piano, quando as luzes diminuíram de intensidade, ela estendeu a mão e pegou na minha. Aquele gesto inocente até hoje significa muito para mim, pois foi uma experiência momentânea de comunhão. Minha culpa subsequente foi expressão de minha incapacidade de escapar à obsessão do preço que eu achava que deveria pagar por todas as coisas boas “não espirituais”, até mesmo os momentos de felicidade. Nosso relacionamento tão tímido terminou de repente, quando nossas respectivas mestras perceberam o que estava acontecendo. Fui prevenida quanto ao perigo das amizades particulares. Fiz outras amigas, mas me mantinha afastada de qualquer enredo sentimental no noviciado. Meus pecadilhos eram mais infantis e declarados: infração a algumas regras, comer em excesso, fazer fuxicos.

Fiz meus primeiros votos em 1958, a tempo de me beneficiar do movimento de preparação escolástica e espiritual mais moderna para as freiras. Consegui terminar o *college*, em vez de começar a ensinar, como aconteceu com a maior parte de meu grupo. Embora me recomendassem que me bacharelasse em latim, aventurei-me nos domínios da ciência e da matemática e esse campo me pôs em contato com uma professora freira brilhante e perspicaz. Eu praticamente a idolatrei durante os dez anos subsequentes.

Durante aqueles anos de *college* todas as minhas energias emocionais estavam canalizadas para ela e eu seguia todos os seus

passos, dentro e fora da sala de aula e do laboratório. Não conseguia pensar em mais ninguém. Até hoje, quando passo por um laboratório de química, com seus odores acres tão familiares e os barulhos dos vidros e provetas que se chocam, percebo em mim uma enorme nostalgia. Acaso meu sentimento tinha um fundo sexual? Num certo nível, sim. Eu, sem a menor hesitação, tocava nela sempre que podia, mas só de brincadeira. Consegui esconder este lado de minha vida para quase todo mundo. Ia bem nos estudos, comparecia à capela, continuava a ser ligeiramente excêntrica e chamava muito pouca atenção, no sentido negativo. Finalmente me formei e fui ensinar, acreditando que superaria meu enamoramento. Ela, ao contrário do que aconteceu comigo, tornou-se cada vez mais arredia, o que foi bem sensato de sua parte. Percebi o que acontecia, visitei o *college* com frequência cada vez menor e decidi, trancada dentro de mim, que a dor era mais um preço que eu tinha a pagar.

Meus anos de ensino — três na escola primária e oito no ginásio — passaram rapidamente. Na metade deles fiz um retiro de trinta dias e os votos finais. Passei um ano ou pouco mais ligeiramente envolvida com uma freira com quem vivia. A maior parte do tempo eu estava ocupada em ensinar, organizar atividades e passar o tempo com minhas alunas. Estava decidida a não me envolver seriamente com ninguém. Considerava essa tendência uma fraqueza e ela me assustava.

Após o Concílio Vaticano II tornei-me uma radical moderada. Gostava dos debates, das discussões e do desafio de pertencer a uma minoria. Pela primeira vez senti-me envolvida com a vida religiosa. Aconteceram então os movimentos pela paz, pelos direitos civis e pelas reformas sociais. Eu estava apaixonada com o fato de ser uma rebelde e não com a renovação religiosa.

Durante os verões, no final da década de sessenta, ganhei uma bolsa da Fundação Nacional da Ciência, a fim de completar minha graduação. Lá encontrei homens e mulheres do país inteiro, com quem compartilhei refeições, liturgia e fabulosas con-

versas à noite. Enterrei meus antigos ideais relativos ao preço a ser pago a Deus e aderi à nova teologia do mundo secular.

No meio dessa transformação pessoal, de repente envolvi-me seriamente com uma freira que conhecia há anos. Morando no mesmo convento, descobrimos novas emoções mútuas. Em 1969, aos trinta anos de idade, tive minha primeira experiência sexual. Continuei a ensinar, a ser ativista, a viajar durante o verão e a flertar com os homens que estudavam comigo, sem que houvesse nisso nada de sério. Nunca admiti a mim mesma ou a quem quer que fosse que poderia ser lésbica, mesmo me entregando ao sexo com uma mulher, em bases permanentes.

Aos poucos fui me afastando da missa e dos sacramentos. Acontece, porém, que havia tamanha flexibilidade em se estabelecer uma agenda que ninguém notou. De vez em quando eu me confessava e fazia alusões a minhas transgressões; às vezes comungava, cheia de sentimentos de culpa, e pedia a Deus que me perdoasse. Isso durou dois anos e meio, aliás inacreditáveis.

Finalmente deixei o convento, em 1971. Aleguei que minhas convicções sobre justiça social, igualdade racial, paz e liberdade intelectual estavam na base de minha decisão. Embora ainda acredite que elas fossem parte de meu motivo, finalmente reconheci que o amor que eu sentia por aquela mulher era inconsistente com meus votos. Como eu julgava esse amor incompatível com o plano divino, preparei-me também para pagar o preço da culpa e da infelicidade interior, até que eu conseguisse me livrar dessa carga. Minha teologia da liberdade me desertara.

Minha amante deixou o convento comigo e vivi com ela durante um ano. Quando saí de sua companhia e voltei para a escola, mergulhei nos estudos, na família, no trabalho e no ensino do catecismo. E afoguei minha angústia no álcool.

Aquele ano o meu grande amigo era gay. Num momento de intimidade, induzida pelo álcool, confessei que achava que eu também era gay. Ele tentou me convencer a desistir da Igreja e de minha família, a fim de resolver a questão de meu senti-

mento de culpa. Era exatamente o que ele havia feito. Num certo sentido esse encontro significou a abertura de uma comporta: eu tinha finalmente verbalizado meu pior temor. A colocação dele simplesmente confirmou minha apreensão de que eu estava me encaminhando para uma existência desconhecida, sórdida, privada de Deus. A sensação de que perdera o controle sobre a direção que minha vida poderia tomar era muito assustadora.

Depois daquele ano voltei a morar com minha amante. Trabalhei para valer, frequentei a igreja, fiz uns poucos amigos, bebi cada vez mais e levei minha amiga a compartilhar daquele isolamento que eu infligira a mim mesma. Viajávamos, íamos ao teatro e levávamos uma vida muito fechada. Finalmente as idas à igreja pararam. Eu já não conseguia mais lidar com a questão de saber para onde ia minha vida e muito menos procurar as respostas. Beber a fim de suprimir meus sentimentos tornou-se um ritual noturno.

Voltei a estudar, o que sempre era um porto seguro, a fim de terminar o doutorado. Enquanto eu procurava ir adiante de minha vida, a fim de superá-la, minha amante ficou seriamente enferma. Aterrorizada, enxerguei em sua doença o preço pago por nosso relacionamento. O sentimento de culpa, que voltou a se manifestar, e minha antiga abordagem esquizofrênica em relação à religião e à oração impeliram-me de volta à Igreja. O fato de ela sobreviver foi um milagre para mim e eu me senti repleta de gratidão por Deus. Ao mesmo tempo acreditava que Ele havia abençoado nossa união.

Durante sua recuperação, lenta e carregada de ansiedade, poucos eram meus momentos de lucidez. Consegui trabalhar, assistir às aulas e cuidar dela. Os momentos em que ficava sozinha eram quase todos passados numa espécie de torpor provocado pelo álcool. Após uma série de incidentes desagradáveis, provocados pela bebida, achei que tinha de tomar uma atitude a esse respeito. Senti que o fato de beber estava intimamente ligado a meus conflitos sexuais e religiosos. Finalmente, no verão de 1979, telefonei para um centro de gays e lésbicas e per-

guntei se eles tinham núcleos de aconselhamento para alcoólatras. Fui encaminhada para um grupo de Alcoólatras Anônimos, que congregava unicamente lésbicas. Lá eu tive condições de falar de Deus e, ao mesmo tempo, manifestar-me enquanto gay. Deus ainda constituía uma possibilidade para mim, afinal de contas.

Depois de freqüentar um ano os Alcoólatras Anônimos, consegui rezar um pouco, conhecia muitas lésbicas felizes e fui liberada da bebida. Não conseguia lidar com o fato de ser gay em todas as áreas de minha vida, mas, em definitivo, havia dobrado uma esquina. A fim de comemorar o término de meu doutoramento, fui passar três semanas na Escócia. Desde a infância, ao ouvir histórias sobre a terra natal de minha mãe, eu sonhava com essa viagem.

Minha visita, na companhia de uma prima bem mais velha, marcou o início de meu despertar espiritual. Conversamos sobre a Igreja, a família, o convento e nossas vidas. Ela me contou que vivera com uma mulher durante 60 anos e que ela já tinha morrido. Assistira-a durante toda sua doença e isso fazia 7 anos. Sempre apreciara mais a companhia das mulheres do que a dos homens, e imaginava que eu sentisse o mesmo. Embora eu presumisse que aquela devota católica não tivesse tido a mesma experiência sexual que eu, senti-me legitimada por aquela carinhosa criatura de 90 anos de idade. Ela tinha razão, quanto ao fato de eu gostar da companhia de mulheres.

Mais tarde, numa colina da qual se avistava o campo repleto de castelos e o mar cheio de ilhas, fiquei petrificada com a sensação da presença e do poder de Deus. Sua ausência de limites e de temporalidade, que eu tanto procurara medir e definir, inundaram-me e eu sabia que era preciso gozar daquele abraço divino. Permaneci lá durante algum tempo e, quando parti, estava repleta de um sentimento de liberdade e alívio.

Decorridos três anos daquela viagem, gostaria de poder dizer que todas minhas atitudes negativas foram postas de lado. Não é verdade. Como ainda sou um pouco paranóica em rela-

ção a minha identidade gay, uso um pseudônimo para este depoimento e ainda não me sinto à vontade com a Igreja. Sou supercomprometida com meu trabalho e outras atividades, mas já não padeço mais tanto de sentimentos de culpa. Sei que não existe nenhum preço terrível a pagar pela felicidade. O melhor de tudo é que vivencio diariamente Deus em minha vida, de um modo que ainda me é novo, assombroso e repleto de alegria.

O que me aguarda? Gostaria de saber. Meu prolongado relacionamento, que se iniciou no convento, chegou ao fim. Minha nova amante, mais esquiva, exige mais de mim, no que se refere à maturidade e a pensamentos positivos, mas não me promete nada. Ela ama a Deus com abertura e liberdade. Rezo para que me seja dada a chave do espaço que eu quero compartilhar com ela.

Após terminar meu doutoramento em 1980, trabalho como administradora de pessoal e orçamentos, num grande setor de bibliotecas de uma universidade. Embora a maior parte de meu tempo seja dedicada a atividades profissionais e a escrever, gosto de ler, de ir ao teatro e ao cinema.



Teresa O'Herlihy, 1982

Agorafobia

Teresa O'Herlihy
(1972 a 1978)

Querida Nancy Manahan:

Me é muito difícil escrever esta carta. Creio que ninguém tem o direito de perguntar quais são minhas desculpas pelo fato de viver como vivo. Depois de ler aquela lista tão razoável de perguntas feitas a uma freira lésbica, elaborada por você e Rosemary, rugi, irada: "É uma confissão! Elas querem que eu confesse!" Se eu não tivesse me trancado no quarto a fim de me acalmar, sem dúvida amassaria sua carta e a jogaria fora.

Vejamos o que lhes posso dizer. No momento sou musicista e especializo-me em obras pré-barrocas para o teclado. Acho fácil dizer "Sim, mamãe" a tudo e então retiro-me para ensaiar durante horas. Ensaiar, para mim, sempre representou algo em que eu poderia me esconder e uma desculpa excelente e fundamentada para não ter de enfrentar questões emocionais ou tomar decisões que me levariam a um envolvimento, em quase todas as áreas da vida humana. Durante a adolescência eu chorava demais, por razões não muito claras, evitava fazer amigos, implicava com meu rosto e aprendia muita coisa sobre as obras do antigo músico italiano Palestrina. Introduzir uma formação musical na vida de um pessoa pode exigir um tempo e

uma energia extraordinários. Ela tende a tornar uma criança solitária e implica na dependência em relação àqueles que a providenciam: os pais, que pagam os professores, e os professores, que proporcionam instrução musical e elogios. Isso acabou fazendo de mim uma menina gorducha, tímida e afetada.

Por volta dos 10 anos de idade sabia que seria freira, pois minha professora de música, uma freira, dissera que eu deveria. "Sim, irmã", afirmei, e continuei a tocar.

As únicas escolhas que eu conseguia divisar, após o curso colegial, eram o casamento, um emprego numa grande loja ou me tornar freira. Na verdade o que mais queria era ser deixada em paz. Presumi que a vida de convento com toda certeza me proporcionaria solidão, após um período de provas, durante o qual esperava-se que eu respondesse perguntas difíceis sobre o que pensava. Embora não tivesse nenhuma desenvoltura verbal ou social, sentia-me preparada para fazer um bom relato a respeito de mim mesma. Em troca de ser deixada em paz numa bela biblioteca repleta de livros sobre música, eu me dispunha a tocar o órgão oito horas ou mais, por dia, durante o resto da vida.

A coisa quase funcionou desse jeito. Minha mestra das noviças achava que, de todas as criaturas que conhecera até então, eu era a que estava mais próxima de ser um gênio e, em consequência, disse: "Prossiga com a leitura de seus livros sobre musicologia, querida, e tornaremos você uma boa freirinha". Eu era aquela noviça pálida, descorada, que ficava encolhida no canto, sem levantar os olhos do livro de orações e fazia tudo o que lhe diziam, aquela que todos julgavam uma boboca, mas que tinha de se confessar, devido à satisfação e ao orgulho que sentia por sua genialidade, secreta e desconhecida de todos, enfim, um bebezão um tanto fora do comum, com ilusões de grandeza.

Durante seis anos não demonstrei nenhum desenvolvimento perceptível de autoconsciência. No final apenas sentia tédio e raiva. Era uma boa freira. Fazia tudo que se esperava de mim

e me sobrava tempo para pesquisar a vida de Orlando di Lasso. Eu, provavelmente, era a criatura mais reprimida e totalmente passiva que se poderia encontrar.

Acredito que os músicos se desenvolvem como brotos de cogumelo no escuro. Nem sempre sabemos como agimos, o que fazemos ou por quê, porém mais cedo ou mais tarde, em nossas mentes preocupadas, registra-se uma mudança, inicialmente de modo um tanto fugaz. Acredito ter deixado finalmente a vida religiosa por ser perfeita demais, tão mortalmente enfadonha quanto uma boa música que é tocada com excessiva frequência. Duvido que minhas explicações fossem coerentes ou satisfatórias, mas a pura insistência, mais do que um raciocínio adequado, levou-me a agir. Diante de todo aquele emocionalismo friamente lógico que se opunha a mim, as razões que motivavam minha partida não teriam sido admitidas. Todo mundo sentiu-se brutalizado diante de minha retirada calada e infeliz.

Em vez de voltar para a casa de meus pais, de origem irlandesa e pertencentes à classe operária — moravam em Ohio —, fui para a Califórnia ficar na companhia de minha irmã, seu marido e três filhos. Não dispunha de muito dinheiro, jamais tivera um emprego e era meu hábito soltar uns resmungos, quando me dirigiam a palavra.

Quando achei um emprego num escritório, onde preenchia fichas, mudei-me para um motel, na região oeste de Los Angeles, comprei roupas num bazar de caridade e comi sopa enlatada e iogurte. O fato de não dispor de um piano era terrível, pois eu tinha de pensar um bocado. Incapaz de dormir, também chorava um bocado. Emagreci 25 quilos, de puro terror. O piscapisco do luminoso da porta ao lado me assustava com excessiva frequência. Um dia peguei minha mala, cheia de roupas do tal bazar de caridade, e o dinheiro que guardava com tanto cuidado, e tomei o ônibus para San Francisco, onde respondi um anúncio de alguém que queria dividir um apartamento. Foi lá que conheci as primeiras lésbicas de verdade.

Eu tinha 25 anos e até então não fizera sexo com ninguém.

Quando perguntaram se eu era lésbica, disse “Claro!”, pois eu queria ficar naquele apartamento, onde tinha acabado de ver um piano. De repente senti-me despojada de todas as minhas gordurinhas de criança. Sem saber em que direção olhar, disse: “Não, sou freira”. Elas riram e eu chorei. Quase imediatamente perceberam que eu estava falando a verdade e não me deixaram aproximar do piano enquanto não lhes contasse o que queriam saber. Passamos a noite inteira puxando fumo e comendo espaguete com almôndegas. Consegui a vaga no apartamento e um emprego, além de aprender sozinha como datilografar os originais de um livro. Resolvi que se era lésbica, muito embora não tivesse amante, não podia mais continuar sendo católica. Para mim todo mundo parecia viver em duplas. Comprei um carro de segunda mão e acabei conseguindo um gato.

Caí então numa depressão prolongada, debilitadora, com alguns acessos de histeria, que só ocorriam quando eu estava sozinha. Durante seis meses tive vontade de me suicidar. Não podia descrever meu problema, mas meus sentimentos eram de sofrimento e se apossavam de mim. Naquela primavera fui para Santa Rosa, esperando que uma mudança me tirasse daquela situação. Acreditava que, ao me manter ocupada, conseguiria espantar meu senso de isolamento. Aluguei um apartamento de dois quartos e um piano, comprei roupas novas, consegui um emprego em turno parcial, estudei contabilidade à noite e dei aulas de piano. No entanto, continuava deprimida. Fui a um médico e me queixei do choro, dos temores irracionais e da insônia. Naturalmente ele me deu Vallium e, naturalmente, tomei a dose máxima. Eu pairava nas nuvens. Teresa sentia-se feliz da vida até que, certo fim de semana, o remédio acabou e eu só poderia comprar outro vidro na segunda-feira. Quando toquei órgão na igreja protestante, aquele domingo, Bach parecia que tinha pirado. Sabia que estava viciada.

Comecei a participar de um grupo de meditação, só de mulheres, e foi lá que conheci aquela que se tornou minha amante. Ela, como musicista, é um tanto insuficiente, mas trata-se

de uma pessoa de muitíssimo bom senso. Quando descobriu que eu me viciara em Vallium, mudou-se para meu apartamento, a fim de me dar apoio, caso eu tivesse de procurar socorros médicos ou se minha força de vontade falhasse. Deu muito certo e até hoje ela não saiu de lá.

Depois de superar a questão do Vallium, percebi que ainda tinha problemas. Não gostava de atender ao telefone ou de sair do apartamento. Comprava minhas roupas através do reembolso postal, descobri uma mercearia que fazia entregas a domicílio, parei de fazer exercícios ao ar livre e de guiar o carro. No trabalho, entrava em pânico ao ter de tomar o elevador. De repente eu ficava parada diante da porta aberta de um elevador, hesitando durante vinte minutos, até entrar. Tinha medo de olhar para tetos altos, em edificações públicas, tais como bancos e a igreja onde eu tocava. Acabei deixando os empregos que me obrigavam a trabalhar fora de casa, aceitei mais alunos particulares de piano e praticava sem cessar, para ter sólidas desculpas a fim de jamais pôr os pés na rua.

Finalmente acabei procurando uma clínica, onde um jovem muito inteligente diagnosticou que eu padecia de agorafobia, recomendando-me que procurasse especialistas de San Francisco, cujos honorários estavam acima de minha disponibilidade financeira. Em vez disso, minha amante e eu decidimos nos mudar para um centro menor, situado numa área quase rural. Uma mulher que viveu uma vida de reclusão, escondida atrás do teclado de um piano desde os oito anos de idade e enclausurada há seis, pode muito bem ter problemas em relacionar-se com um ambiente urbano, o que, aliás, é de se esperar.

Já não sinto mais medo de sair ou de ir fazer compras. Gosto de andar, aprecio até mesmo acampar e não receio ataques de hiperventilação em ambientes naturais. Ir para o trabalho é difícil, mas conheço outras pessoas que sentem alguma relutância em aceitar um emprego num escritório. Evito elevadores, multidões e grandes espaços fechados, sempre que posso. Devido a isso perco concertos que gostaria de ouvir, mas estabeleci um

grande número de ligações musicais e adquiri muito mais confiança em lidar com as pessoas.

Sinto falta de minha religião, mas isso levou-me a aperfeiçoar minha formação, através da leitura sobre as religiões do mundo, no passado e no presente. Já não posso mais me permitir a submissão, emocionalmente paralisante, que outrora tomei por religião. A primeira vez que entrei numa igreja católica, tive de sair e vomitar. Não sei se foi a agorafobia ou uma rejeição pela igreja, sentida em minha alma, que provocou a náusea. Um dia espero conseguir estruturar os princípios emocionais, intelectuais, visionários e prudentes da Igreja num todo coerente.

Minha amante, uma artista que pinta ícones, descreve-se como uma pagã matriarcal. Declara-se satisfeita com sua fé, mas, a mim, o paganismo parece anacrônico e exótico. Ela diz que sou oprimida. Não há a menor dúvida de que fui reprimida. Acho frustrante, perturbador e uma verdadeira ofensa contra o orgulho pessoal ter de aprender, na idade em que me encontro, fatos sobre meu corpo e minhas emoções, bem como os de minha amante.

Espero que, de modo um tanto desordenado, tenha respondido algumas de suas perguntas. Vinha planejando escrever tudo isso um dia. Sua carta apenas me incentivou a fazê-lo mais cedo.

Sinceramente,
Teresa O'Herlihy

Tenho vinte e oito anos e moro no norte da Califórnia. Dos 18 aos 24 anos fui freira beneditina. Trabalho uma parte do dia, exercito-me no piano, acampo em regiões isoladas e leio. No momento estou lendo os treze volumes de A Rama Dourada, de Frazer.



Irmã Helen Horigan, 1967



Helen Horigan, 1983

Eu sempre soube que isso aconteceria

Helen Horigan
(1963 a 1968)

Periodicamente, durante todo o curso primário, um padre ou uma freira, em visita, são apresentados a minha classe. Ao todo somos cinquenta alunos e nos levantamos: “Bom dia, irmã Mary Lucille. Bom dia, padre Burns”, dizemos em uníssono, com nossa voz cantante. Nossa professora, a irmã Mary Estacia, começa a apontar para os alunos que têm parentes na vida religiosa. “Monica, de pé, por favor. Ela é sobrinha do padre Rafferty. Obrigada, Monica. John Flynn. É primo da irmã Catherine. Crianças, alguns de vocês terão uma vocação e ficarão sabendo. Deus, de algum modo, lhes anunciará.”

Sinto medo e uma contração no estômago. “Sou eu. Sei que sou eu.” E não gosto nem um pouco. Mas quais são minhas escolhas? “Seja professora, Helen. É um bom salário para uma moça e terá férias durante todo o verão.” Ou então seja enfermeira, secretária...

No curso colegial assisto cursos preparatórios para o *college*. Não acredito que casarei e terei filhos, mas também não quero ser uma solteirona solitária. Não posso deixar ninguém saber que ando pensando em ser freira, caso contrário ficarei isolada: “Minha Nossa Senhora! Você está brincando! Agora a gente não pode mais braguejar na frente dela”.

E, no entanto, as freiras me fascinam. Tento olhar para dentro daqueles hábitos apertados, rígidos, e ver se consigo divisar um indício de seio ou um fiozinho de cabelo. Meu irmão Eddie me choca, ao dizer que elas vão ao banheiro, quando deixam a sala, no meio de uma aula. Muitas freiras parecem tão severas e frias... Elas não têm permissão de tomar decisões por si mesmas ou possuir um carro, como os padres. As regras às quais elas obedecem são, porém, muito claras e os limites, definidos e seguros. As freiras são mulheres inteligentes, educadas. Sabem qual é seu objetivo na vida. Trata-se de um grande objetivo.

Minha irmã e meus irmãos escolheram instituições seguras, com propósitos concretos. Minha irmã está numa escola de enfermagem, dois irmãos são militares e um deles é sacerdote. Faço a única escolha que posso.

É meu primeiro ano no Ginásio St. Claire. Meu irmão Dick, que acaba de ser ordenado padre, vai comigo até a Casa Provincial das Freiras Cinzas, em Lexington. A mestra das novícias, dinâmica e animada, fala a respeito de valorizar a individualidade e a integridade de cada irmã. Embora boa parte de sua fala sobre o envolvimento da comunidade com questões políticas e sociais se dirija para o padre bonito, recentemente ordenado, eu espio, ouço e me sinto atraída.

Mas como é que vou contar para mamãe? Estou parada no hall, quando ela sai do quarto. Pela primeira vez na vida me assumo diante dela. "Sabe, mamãe, vou entrar para o convento."

Ela se aproxima de mim, chorando e um pouco zangada. "Sempre soube que isso acabaria acontecendo, a partir do dia em que lhe demos o nome de Helen."

Sentamos no último degrau da escada estreita. "Que história é essa?", pergunto, surpreendida.

— Todas as pessoas de nossa família que têm o nome de Helen são freiras.

— Mas que pessoas são essas? — Eu jamais ouvira falar dessa horda. Uma delas é uma prima de mamãe, a quem fiquei conhecendo recentemente, e outra é uma parente distante, de

quem eu nunca tinha ouvido falar. Por que será que ela nunca me disse?

Os últimos momentos passados em casa e a viagem de uma hora até o noviciado são dolorosos. Distribuí os bens que mais estimava, joguei fora meus álbuns de recortes. Quero começar tudo de novo. Todos choramos durante o trajeto: minha cunhada, meu irmão mais novo, mamãe e até mesmo papai. Sinto-me, porém, aliviada e excitada quando vejo o grande prédio de tijolos vermelhos, que se reflete placidamente nas águas de um pequeno lago cercado de salgueiros. Cá estou. Chega de tristeza. Chega de ser compreendida por minha família ou de atender suas exigências mudas, chega de lutar para me ajustar a meus amigos.

Sinto-me segura dentro do noviciado e acabo de completar 18 anos. Estudamos a nova encíclica do Concílio Vaticano II, que significa "abrir as janelas da Igreja". Participamos do movimento ecumênico e, junto com os grupos protestantes locais, realizamos serviços religiosos. Juntamo-nos ao clero e aos paroquianos, nas marchas pelos direitos civis e nas demonstrações pela liberdade. Assistimos ao noticiário da televisão e poderemos votar, se tivermos idade para tanto.

Pela primeira vez em minha vida a sexualidade é admitida pelos adultos. Minhas superiores religiosas dizem: "Sim, você é uma pessoa sexual, Helen. Pode ter certos sentimentos. Escolha não encorajá-los. Tome cuidado para não usar um absorvente íntimo apertado demais, pois isso pode provocar certas sensações. Você pode e deve ter amigas. Todas elas são amigas 'particulares' ". A mestra das noviças nos diz que, no passado, a comunidade prevenia contra as amizades particulares, receando que pudessem se transformar em relacionamentos homossexuais. "É possível, minhas queridas irmãzinhas. Já houve casos, mas não é preciso que isso se repita e vocês podem muito bem ter amigas. Basta tomar cuidado." Recebemos até mesmo a visita de seminaristas, o que nos permite desenvolver relacionamentos não sexuais com homens.

Devemos nos apresentar periodicamente para aconselhamentos emocionais estruturados, denominados "sessões de orientação". No decorrer delas choro quase todo o tempo. Por quê? Talvez devido à solidão, aos relacionamentos tão vigiados. "A verdadeira Helen Horigan está começando a surgir", diz a mestra. "Quem será essa verdadeira Helen Horigan?", pergunto-me.

Podemos também conversar com o confessor, que vem uma vez por semana. Revelo-lhe as fortes atrações que ando sentindo por duas freiras que conheci no *college*, bem como por uma de minhas irmãs noviças. Quero conscientizar-me desses sentimentos, explorá-los. "São os sentimentos normais de uma novata. Você simplesmente não sabe onde se localizar, como se referenciar. Há de passar. Não se preocupe." Então ele me dá um grande abraço. Fico preocupada, pois alguém pode olhar pela janela, ver-nos e pensar que existe algo de sexual em nossa atitude.

Depois de dois anos e meio, faço votos temporários por um ano. Agora frequento o *college* em período integral. O útero seguro do noviciado, que abriga não mais do que doze postulantes e noviças, rompeu-se. Moro no setor principal da casa provincial, com pelo menos cinquenta irmãs. Vejo com mais clareza que nossa inovadora mestra de noviças, nossa brilhante professora de teologia mística e algumas outras irmãs professoras com quem estudamos constituem exceções. A maior parte das demais são dedicadas, trabalham demais e dispõem-se a aceitar tudo que lhes é transmitido. Não se mostram ativas em fazer com que as mudanças aconteçam.

Já não posso mais contar com uma supervisão muito chegada, repleta de ternura. Não me parece que minhas novas superiores tenham a capacidade e a intuição de que necessito. Confio cada vez mais em mim mesma e em minhas companheiras. No entanto ainda não disponho de liberdade para tomar decisões importantes. Espera-se de mim que deposite confiança nas autoridades e obedeça às regras. Em torno de mim, na Igreja e no mundo exterior, noto mudanças radicais. Teólogos famo-

sos questionam a autoridade da Igreja, deixam o sacerdócio e a vida religiosa, deixam até mesmo a própria Igreja.

Após renovar meus votos por um segundo ano, em 1967, sou designada para uma atividade de verão, no centro de Boston, com mulheres pertencentes a diferentes comunidades religiosas. Freiras, padres e os moradores trabalham juntos em agências de assistência social, centros de habitação e paróquias. Celebramos nossa vida como comunidade por meio de um ritual semanal, que inclui avaliação mútua a alimentação em conjunto. Nossa missa é uma refeição. Quebramos pão de verdade, compartilhamos vinho e cantamos música folclórica, acompanhados de violões. A música, a arte visual e a poesia mesclam-se ao trabalho religioso, social e político. Líderes locais dos movimentos contra a pobreza e a guerra cantam e conversam conosco. Sinto uma força que cresce cada vez mais, um laço vigoroso que me liga ao mundo.

De volta a minha comunidade, nossos estatutos (a Sagrada Regra) estão sendo discutidos, avaliados e reescritos. Agora as superiores são eleitas, de preferência a uma nomeação por uma autoridade superior. Os títulos hierárquicos são abolidos. Passamos a empregar a palavra “irmã”, no lugar de “madre”. Existem, porém, poucos membros de minha comunidade suficientemente radicais para aquilo que tenho em vista. Vejo poucas mulheres como líderes. Estou perdida! Procuo uma líder que seja informada sobre a teologia e a política radicais e que se inspire no fundo de seu coração a fim de eliminar regras superadas. A maior parte delas ainda se prende à casa-mãe em Montreal, à procura de orientação, apegando-se às velhas soluções. A própria estrutura é datada demais para conseguir modificar-se suficientemente. Anseio pela vida em comunidade, mas que não tenha nada a ver com irmãs sentadas em círculo na sala comunitária, remendando meias e camisetas. Começo a pensar em sair do convento.

No meio de meu primeiro ano de *college*, a superior provincial e sua assistente chamam-me: “Com sua personalidade, ir-

mã Horigan, achamos que precisa de mais vida comunitária. Vamos tirá-la da escola e mandá-la em missão a Worcester". Flagrantes daquele velho orfanato, onde as mulheres falam o tempo todo de crianças recalcitrantes e de filmes musicais passam diante de meus olhos. "Não!", grito em silêncio. "Vocês não podem fazer isso comigo. Sei que nunca mais me mandarão estudar. Ficarei bloqueada, como aquelas mulherinhas frustradas, pouco instruídas, que jamais tiveram uma oportunidade. Vocês não irão me isolar lá. Deixem-me ir embora!"

Alguns dias depois mamãe e eu estamos tomando chá na sala de visita do convento. Enquanto contemplamos uma cesta cheia de frutas de plástico, sobre a mesinha baixa onde é servido o café, mamãe me diz: "Helen, você sabe que fez certas escolhas quando era jovem e, de vez em quando, tudo fica muito difícil. Precisa pensar se é feliz aqui. Caso não o seja, poderá voltar para casa e morar comigo. Apoiarei qualquer decisão que você tomar".

Em vez de ir para Worcester ou depender só de mim e encontrar uma vida comunitária, vou para casa e me torno companheira de quarto de mamãe.

— Helen, fico tão contente em saber que você está fora daquela prisão...

— Oh, mamãe, por que você me diz isso só agora, depois de ter acontecido?

Em breve volto a me sentir bloqueada. Tenho 22 anos e exerço um trabalho social no Departamento de Bem-Estar. Entre meus colegas encontra-se o homem que acaba se tornando meu marido. Michael e eu sentimos desdém por aquele sistema em que vivemos e compaixão pelas pessoas a quem damos assistência, vítimas da injustiça econômica. Participamos da grande marcha contra a guerra do Vietnã e vamos até Washington. Rimos. Nossa amizade se aprofunda, no sentido de uma expressão sexual.

Certa noite, depois de conhecer Michael há um ano, tenho uma discussão acalorada com minha mãe e meu irmão padre

Dick, que acaba de voltar do Peru, onde trabalhou como missionário.

— O casamento é desnecessário — insisto. — Por que o Estado e a Igreja devem opinar sobre um compromisso tão pessoal entre duas criaturas?

— Mas as coisas funcionam desse jeito — diz Dick. — Não se pode simplesmente viver com alguém. É imoral.

— Indecente — declara mamãe.

Uma parte de mim sabe que a única maneira de sair da casa de minha mãe é através do casamento.

Ao longo de nosso casamento, que durou seis anos, consciencio-me de que na dança e em outras expressões criativas sinto mais a mim mesma. Abandono o trabalho de assistência social, mas ainda luto com a idéia de que uma carreira prática é necessária. Vou fazer um curso de graduação, a fim de estudar educação especializada, achando que integrarei as artes na sala de aula. Vejo-me, porém, ensinando em escolas de bairros elegantes dos arredores da cidade, onde conto com muito pouco apoio para minhas idéias.

À medida que cresce minha consciência feminista, sinto-me mais sexual. Vejo-me continuamente atraída por outras pessoas. Sei que algo não vai bem com o casamento e quero que o meu seja aberto. Não é o caso de Michael. Mais uma vez guardo meus sentimentos só para mim.

Após cinco anos de residência em Brighton, mudamos para o campo. Os confinamentos de uma relação íntima e os rigores institucionais do casamento tornam-se mais claros do que nunca. Sinto-me aprisionada, por detrás daqueles muros de pedra que rodeiam nossa bela casa de campo. Mais uma vez grito: “Quero sair!”

Sozinha em Cambridge, morro de medo, mas sinto-me atraída por mulheres independentes e criativas, que desafiam as convenções, os papéis tradicionais no que se refere ao trabalho e os estilos de vida. Essas mulheres têm espírito impetuoso e indômito. Amam música e adoram ouvir histórias. “Cante, He-

len. Conte-nos aquela história das crianças na escola. Diga uma piada. Dance.” Somos ao mesmo tempo platéia e intérpretes. Damos apoio umas às outras, em meio aos relacionamentos precários, aos empregos repressivos, aos lares que perdemos.

Enquanto comunidade, estudamos a sexualidade em nossos corpos. Fazemos bolos e doces, aos domingos. Excursionamos em Crane Beach ou nas Blue Hills, estamos sempre rindo, cantando, contando histórias. Nas sextas-feiras à noite, no apartamento de Fran, que para nós se tornou um verdadeiro acampamento, bebemos e puxamos fumo. Falamos de nossas frustrações, durante a semana, e sonhamos com nossas fantasias. Finalmente acabo me envolvendo com a primeira mulher de quem fui amante. Somos atraídas mutuamente, dentro do grupo, como amigas. Sei que as lésbicas existem, mas não tenho a menor idéia da amplitude da rede de mulheres ou do tamanho da comunidade lésbica.

Tee e eu lutamos com aquele relacionamento por mais de dois anos. Momentos de ternura alternam-se com explosões de raiva e boa parte dessa relação se vê ameaçada pela sombra do álcool.

— O que você quer de mim? — pergunta Tee. — Por que fica comigo?

— Quero uma companheira de jornada, alguém que torne tudo mais fácil.

— Como se fosse molas num jipe, a fim de poder enfrentar uma estrada esburacada? — ela pergunta.

— Sim.

— Mas eu não posso dar o afeto e o apoio que você quer. Você jamais se contenta com o que tem. Está sempre querendo mais. Por outro lado, nem sequer tenho certeza de que sou lésbica. A única coisa que não quero é ter problemas com controle de natalidade.

— Que babaquice! — replico.

Ao procurar a comunidade das mulheres e ao fazer novos conhecimentos, sozinha mais uma vez, percebo que posso romper com esse relacionamento que me vicia. Vejo que, ao abu-

sar do álcool, estou evitando assumir um controle mais direto sobre minha vida. À medida que descubro mais meu poder interior, já não quero ser absorvida pelos velhos padrões, pelo álcool e pelas drogas.

Deixo de lado a bebida. Assumo-me como lésbica. Essa identidade torna-se uma fonte cada vez maior de força e reconforto. À medida que cresce meu envolvimento com as mulheres e com a comunidade lésbica, aumenta minha compreensão do que seja a espiritualidade e de uma política não baseada na hierarquia. Agora procuro expressar minhas próprias fontes criativas e o fortalecimento de minha sexualidade.

Aos 37 anos ainda procuro uma tribo, uma comunidade de mulheres que criem novos modos de estar no mundo, por meio de rituais e comemorações enraizados na vida diária, e que nasçam de um espírito coletivo.

— Helen, qual foi o melhor tempo de sua vida? — pergunta uma amiga. Talvez os primeiros anos passados no convento. Então a vida me parecia simples e clara. Agora vejo que era o início de uma longa jornada.

Sou uma das poucas filhas de Cambridge que moram lá. Trabalho no Café Tempos Modernos, que tem uma vigorosa história feminista. No momento estudo astrologia, nado o quanto posso e espero ativamente que meu próximo passo se esclareça para mim. Faço parte do comitê editorial de Women of Poder: A Magazine of Feminism, Spirituality and Politics.*

* Nota da editora: Este restaurante, antigamente chamado "Pão e Rosas", foi fundado pela ex-freira lésbica Patrícia Hynes.



Elizabeth Malloy, 1983

Mito para uma véspera de inverno

Elizabeth Malloy
(1952 a 1967)

Nasci filha da lua. Uma mulher me gerou para a vida e então perdeu o gosto pela terra, desprendendo-se de mim e deixando-me órfã, doze anos depois. Sua morte criou um grande vazio interior, levando-me para um oco escavado dentro de mim mesma. Após sete anos de profunda dor, transportei aquele vazio para o espaço abobadado, onde se faziam os votos, e minha alma, aliviada, iniciou sua jornada.

Essa jornada me proporcionou espaço para aquela necessidade lunar que se acumulava em meu ser. Empreendi vôos solitários, de anseios por aquele universo de camadas superiores de ar, onde unicamente a alma respira. Ajoelhava-me à luz noturna da lua e, como ela, crescia, plena de seus reflexos prateados. Durante onze anos a luz enluarada de meu espírito conduziu-me numa jornada através dos hábitos negros e dos fortins solitários, de lugares onde os corpos assomavam às portas uns dos outros, mas jamais se tocavam. A fim de prosseguir, de me manter flutuando naquele tempo repleto de luar, curvei-me à regra delas: NÃO SE REFUGIAR NELA.

Refugiar-se nela era algo imensamente temido, nos ritos daquela jornada que ele realizava em pleno êxodo, após ser ex-

pulso do Jardim do Éden, que a Ela pertencia. Ela estava condenada com sua cobra e era a Eva daquele Adão. Desde o início de seus dias, ele receava a força que emanava do fato de Ela refugiar-se Nela. No novo mundo, que a ele pertencia, uniamos a ele e cantávamos. Éramos suas noivas, ocultas do mundo de nossos corpos por camadas flutuantes de negro, uniformizadas para aquela jornada que se dirigia para além do plano físico. Éramos almas irmãs, dispostas em pares silenciosos para aquela jornada noturna.

Antes de minha viagem através da noite, eu permanecera no Refúgio Dela, abandonando-me, amorosa, ao vigoroso abraço daquela força que me proporcionava vida. Renunciar a isso por uma cela de celibatária foi um preço alto, mas eu estava disposta a pagar a tarifa que me permitiria levar meu espaço vazio para um lugar santificado. Essa trajetória tão plena de ritos aliviou a dor que ainda pairava em torno da morte dela.

Por debaixo daqueles votos abobadados uma linda árvore, delgada e amistosa, crescia bem ao lado de meu muro. Seus galhos frondosos protegiam-me do calor do sol. Depois de muitos anos, um vento angustiante desenraizou a árvore, esfacelando a argamassa que revestia minha cela de celibatária. A perda dessa amiga fez jorrar dentro de mim aquele conhecimento que outra perda colocara lá dentro, havia alguns anos. Depois que suas raízes foram arrancadas, fiquei nua, exposta aos raios indementes do sol, que me cobriu de bolhas. Ele queimou minha pele, que os véus sonegaram à visão, durante tanto tempo. Um vórtice de dor brotou dentro de mim e, no momento em que abri meus lábios ressequidos para chorar, uma tempestade saiu com violência de minha boca, pondo a pique meu barco, que já não contava mais com o reconforto daquele céu calmo e abobadado.

De dentro de mim saiu uma onda de lágrimas, que se encaipelou, arqueou-se e me transportou para o Refúgio Nela. Aquela força, que se aninhava dentro de mim, já não suportava mais a negligência do corpo, tão segregado. Ela precipitou-se de dentro

de mim, murchando minhas velas espirituais e conduzindo-me para um Refúgio. Lá me abriguei, até a tempestade amainar. Então prossegui minha jornada para longe daquele Refúgio, mas aquela espiral tão conhecida agora se colocava adiante de mim e de meus momentos enlutarados. Senti-me segura, graças ao apoio daquele lugar de Refúgio. Já não podia mais resignar-me a me manter solitária numa cela de celibato.

Agora vivia em dois espaços. Os votos proferidos, que tanto me tocavam, permaneciam apartados do Refúgio Nela que também me tocava demais. Um muro de silêncio me separava daqueles dois canais por onde soprava o vento, o qual me atingia, em sua trajetória. A face daquele muro parece frágil, vista com os olhos de hoje, mas, naquela minha outra vida, o muro era uma sentinela postada, vigiando a transição de uma alma para o todo. Ela impediu que eu me dilacerasse. O muro era uma cova amiga, que permitiu à vida crescer dos dois lados. A capela abobadada permanecia murada, distante do Refúgio Nela. Cada uma delas crescia lado a lado, até que uma delas pressionou dolorosamente a outra. Seis anos de vidas separadas levaram-me a um grande desgaste.

Então, certo dia de outono, minha capela abobadada e o Refúgio Nela desmoronaram, enterrando-me bem no fundo de seus escombros. As paredes de ambos os lados dobraram-se, aprisionando-me, e lá fiquei, temerosa da morte, debaixo do entulho. Não tinha nenhuma outra vida que não fosse aquele véu, pelo qual fizera votos. Quando ele se rasgou e caiu, um ódio ululante marcou minha vida com ferro em brasa.

Não conseguia tomar pé nos meus temores, enquanto era levada para bem longe, no mar aberto, distante do lugar de meus votos e do Refúgio Nela. Um medo que me fazia encolher inteira apoderou-se de mim, enquanto era impelida sempre para diante, por aquele vento que soprava dentro de mim. Então flutuei solitária num mundo inexistente, e, cheia de receios, entreguei-me inteira ao trabalho. Um trabalho importante preenchia meu mundo desprovido de importância. Agarrei-me àquela

estrutura, sabendo, bem no íntimo do meu ser desgastado, que nenhuma estrutura conseguiria me salvar.

Assim que consegui emergir daquele círculo de desespero, agarrei-me àquilo que flutuava perto de mim. Um trabalho seguro, privado de sentido, e o Refúgio Nela deram solidez a minha vida durante sete anos, até que aquela noite começou a dar a luz ao dia. Essa alvorada continha segredos, que permitiriam unir minhas duas partes. Após ficar à deriva no mundo dele, nasceu dentro de mim o rito de passagem para meu próprio ser. Consegui designar-me: lésbica. Vacilante, tremendo de medo, ouvi o que isso significava: uma mulher que desafia o mundo dele, tão padronizado, uma mulher que desafia as regras estabelecidas por ele, as quais declaram que não deve existir Refúgio Nela, uma mulher que realiza sua jornada em plena noite do espírito e à luz do corpo. Bem no fundo de meu íntimo eu sabia que nascera sendo essa mulher. Esse conhecimento fez acumular em mim uma nova onda e a divisão começou a fundir-se em um único modo de ser, sem um muro separando tudo. Surgiu uma nova força. Meus votos agora era feitos dentro de mim, à custa da própria direção que eu seguia. Eu era uma mulher pesarosa que se transubstanciava num ventre, agora fincado na terra. Uma vida inteiramente nova flui agora, para dentro e para fora, e ela jorra de um ventre que recria este mundo, este lugar consagrado, este Refúgio Nela.

Deixei as Irmãs de Caridade no final da década de 60, depois de ficar lá durante 17 anos. Sou professora-assistente de história e interesse-me sobretudo pela história das mulheres. No momento escrevo um livro sobre as mulheres na Idade da Pedra, tema deixado de lado pelos pesquisadores. Foi iniciado na Irlanda, onde suas raízes começaram a crescer dentro de mim, e agora se encontra em pleno processo de gestação.



Irmã Ângela de St. Margaret Mary, 1963



Helga Dietzel, 1982

De luterana alemã a mística e ex-freira

Helga Dietzel

(1959 a 1966)

Para mim, ingressar no convento foi tão natural quanto respirar, pois em algumas de minhas vidas anteriores fui monge e mística. Tudo o que quis realizar, dentro daquele modo de vida, finalmente se completou, mas não sem tremenda angústia espiritual e psicológica. Hoje não existem arrependimentos. Sou uma pessoa muito mais rica e profunda, devido a minhas experiências como freira.

Meus pais eram da Alemanha e mudaram para a Califórnia na década de 20. Quando voltaram a seu país para uma visita, em 1938, estourou a guerra. Nasci portanto na Alemanha e vivi lá os dez primeiros anos de minha vida. Em 1948 minha família voltou para Los Angeles. Embora meus pais fossem luteranos não praticantes, mandaram-me estudar numa escola católica. Decorrido uma semana, eu sabia que tinha de me tornar católica e freira. Depois de alguns meses, entendia mais de catolicismo do que a maior parte de meus colegas, que tinham sido educados em escolas católicas. Mergulhei facilmente na vida espiritual, sentindo como se tivesse encontrado um lar. Em segredo, e opondo-me aos desejos de meus pais, fui batizada aos 16 anos de idade.

O sexo e os sentimentos em relação aos rapazes me deixaram muito confusa, durante aqueles anos de adolescência. Eu me masturbava, mas com um tremendo sentimento de culpa, acabando por me confessar duas ou três vezes por semana. Meus laços emocionais ocorriam sempre com as garotas e as freiras que me ensinavam. Sentia-me pouco à vontade com os garotos, porque eles queriam que me comportasse e me vestisse de um modo diferente daquele que eu sentia. Aparentar desamparo e usar vestidos com fitas e babados não combinava muito bem com o meu amor pela vida ao ar livre e pelos esportes.

Estava sempre apaixonada por uma ou outra das freiras que me ensinavam, mas meu primeiro envolvimento profundo foi com uma colega de estudos. Cecília e eu passávamos todos os momentos livres juntas, trocávamos cartas bem compridas e conversávamos durante horas ao telefone. Meu corpo sentia-se carregado de eletricidade, toda vez que estava perto dela. Nós nos abraçávamos, ficávamos de mãos dadas e certa vez nos beijamos. Como se supunha que os sentimentos sexuais só deveriam ter ligação com os rapazes, defini o que Cecília e eu fazíamos como expressões de uma profunda amizade platônica. Outras pessoas notaram nossa proximidade e finalmente uma de nossas cartas de amor caiu nas mãos de uma freira, que a entregou a meu confessor. Convencidos de que Cecília e eu tínhamos um envolvimento sexual, separaram-nos durante os dois últimos anos da escola. Senti-me como se tivéssemos feito algo muito vergonhoso.

Depois que me formei, em 1957, meus pais enviaram-me para um colégio luterano na Alemanha, esperando que eu retornasse ao luteranismo ou pelo menos tirasse da cabeça a idéia de me tornar freira. Foi, para mim, um época maravilhosa e feliz. Durante as férias viajava sozinha pela Europa, carregando apenas uma mochila nas costas. Minha fé católica aumentou ainda mais e me tornei cada vez mais impaciente por entrar para a vida religiosa.

Em 1959, aos 19 anos de idade, ingressei na Ordem das Ir-

mãzinhas dos Pobres, comunidade austera, medicante e estruturada monasticamente, cujo trabalho primordial consistia em cuidar dos pobres idosos, ao mesmo tempo em que mantinha uma vida de orações e austeridade monástica. No entanto algumas irmãs, como era meu caso, ensinavam alunas do curso colegial que aspirassem entrar para a ordem.

As irmãs não tinham permissão de escrever ou receber visitas, com exceção dos pais. Como os meus me repudiaram, fiquei completamente privada de contatos com quem quer que conhecesse. A despeito disso, jamais estava sozinha, pois minha nova vida me absorveu inteira. O ascetismo ajustava-se perfeitamente a meu sistema de crenças místico/espiritual: quanto mais eu me apagasse e deixasse de lado as satisfações terrenas, mais forte se tornava a presença de Deus dentro de mim. Com frequência padecia de intensas dores mentais e emocionais. No entanto gozava de uma grande proximidade com Deus, que me proporcionava uma profunda alegria interior, paz e êxtase. De vez em quando sentia-me tão fascinada pela beleza e pela unicidade do universo que esquecia meu próprio corpo ou o que deveria estar fazendo.

No nível psicológico eu me punia com severidade. Naquele momento tinha um objetivo na vida: estar em perfeita sintonia com Deus. Para alcançar essa finalidade, privava-me de todos os laços emocionais, aceitava de bom grado as humilhações e me empenhava constantemente em purificar minha consciência de tudo que pudesse ofender a Deus. Sendo por natureza uma pessoa apaixonada e profundamente emotiva, eu me negava os alimentos mais necessários para meu bem-estar emocional: intimidade, amizade profunda e auto-estima.

Várias vezes apaixonei-me por irmãs pertencentes ao mesmo convento. Com cada mulher eu mantinha comunicações em um nível estritamente intelectual e espiritual. Evitava vê-la ou ser vista com ela e jamais a tocava. Durante aqueles breves momentos em que eu me permitia estar a sós com ela, meu corpo e minha alma se inflamavam, tão intensos eram os meus senti-

mentos. Quando uma dessas criaturas era transferida para outro convento, como sempre acontecia, eu sabia que nunca mais voltaria a vê-la. Não me permitia, porém, sentir aquela dor que lavrava no fundo de meu ser, pronta para explodir. Eu queria experimentar apenas o amor universal.

Submetida a semelhante autotortura, algo tinha de acontecer. Durante o quarto ano na ordem, minha vida espiritual ressecou. Subitamente aquela área a qual eu dedicara todo meu ser estava vazia. Como vivia me privando das alegrias emocionais e psicológicas da vida, senti uma solidão torturante, um buraco negro, um vácuo.

Nos dois anos seguintes submeti-me aos rituais da missa, comunhão, meditação, ofício, penitências e às muitas regras diárias que constituíam a vida monástica. Nenhuma delas fazia sentido sem Deus. Como meus votos significavam um compromisso por toda a vida, jamais me passou pela cabeça deixar as Irmãzinhas. Além do mais, a Igreja ensinava que aqueles que tinham deixado a vida religiosa fracassaram. A eles foi concedida a mais "alta" vocação, mas em algum ponto do caminho que levava à perfeição eles se desviaram da rota. Finalmente em meu sexto ano de freira, atormentada por um tremendo sentimento de culpa, decidi deixar o convento. Minhas superiores me transferiram para outro Estado. Decidiram que eu estava emocionalmente perturbada. Quem, em sã consciência, gostaria de deixar a vida religiosa e — horror dos horrores! — duvidar da existência de Deus?

Depois que minhas superiores perceberam que eu não mudaria de idéia, fui transferida para outro convento, a fim de aguardar a dispensa de meus votos. Lá fui tratada como uma pária pela superiora, que tinha conhecimento de meus planos de partir, e também pelas irmãs, que receberam ordens de se manterem afastadas de mim, pois eu era "mentalmente perturbada". Senti-me totalmente só, acreditando piamente que nem Deus nem as pessoas me queriam. Aderi à crença de minha superiora, de que estava emocionalmente abalada. Cheguei até

mesmo a me rejeitar, achando-me feia interiormente e desprovida de valor. Depois de três meses de isolamento, chegou minha dispensa e recebi finalmente a permissão de partir, em janeiro de 1966.

Durante várias semanas, após a partida, fiquei num profundo estado de choque cultural e emocional. Aos poucos fui me condicionando a apagar qualquer recordação ligada à vida conventual. Voltei para o *college* e trabalhava parte do tempo como professora. Durante aqueles anos de *college* eu vivia a tal ponto deprimida que acabei por questionar os motivos que me levaram a deixar o convento. Tinha posto duzentos por cento de mim na vida religiosa e agora ela não existia mais. Vi-me sozinha em minha luta de quase cinco anos contra a depressão, o ressentimento, a frustração e a confusão sobre o significado da vida. Espiritualmente estava morta.

Em 1968, aos 30 anos de idade, tive minha primeira experiência sexual. Era heterossexual e no decorrer dos dois próximos anos tive um estilo de vida muito ativo no plano da heterossexualidade. O sexo era algo fácil para mim, me divertia muito e o considerava muito natural, mas nenhum de meus envolvimento com homens teve qualquer profundidade emocional. Em 1971 tomei finalmente consciência do desejo de me relacionar fisicamente com uma mulher a quem amasse. Quando isso aconteceu, uma vida inteira de envolvimento emocionais com mulheres passou a fazer sentido. Não tive o menor problema em admitir que era lésbica; sentia-me livre, inteira.

Meu primeiro relacionamento lésbico para valer começou por volta de 1972, quando ainda não tinha deixado de lado minha necessidade de proporcionar afeto. Minha amante queria uma mãe e eu tinha necessidade de ser solicitada. Permaneci entregue àquele relacionamento durante oito anos, embora ele começasse a desmoronar no terceiro ano. O conceito patriarcal/heterossexual de casamento (“até que a morte nos separe”) era a idéia que eu tinha de um compromisso e a razão que me levou a prolongar esse relacionamento durante tanto tempo.

Por volta de 1971 tomei consciência do movimento das mulheres. Li tudo o que pude encontrar sobre o tema e me envolvi com grupos feministas. Inicialmente senti-me rebelde em relação aos homens e à opressão que a sociedade exercia sobre as mulheres. Agora podia perceber que minha vida como católica e freira tinha me submergido no sistema de crenças patriarcal, que é tão oposto ao fato de alguém ser plenamente uma mulher. Percebi que aderira aos conceitos de uma igreja católica, dominada pelos homens, e que definiam o que uma mulher deveria ser: não sexualizada e, sob todos os aspectos, muito abaixo ao homem, sem poder ter controle sobre sua vida e seu corpo, sempre pronta para dispensar afeto e apoio, financeiramente dependente, jamais firme em suas opiniões ou sem poder ocupar um posto de liderança. Acreditava na ênfase que a Bíblia coloca na natureza má da mulher. Enxergar meu passado à luz dessa nova consciência ajudou-me a enfrentar a opressão e superar o ódio e a frustração. Sentia como uma freira. Foram necessários dez anos de luta comigo mesma para me sentir bem em relação a mim mesma e para entrar em contato com minha totalidade, incluindo o lado espiritual. Talvez fosse possível evitar aqueles anos de um crescimento tão doloroso se não tivesse aderido aos sistemas de crença da Igreja, mas duvido que, sem essa luta, fosse uma mulher tão livre e íntegra quanto sou hoje.

Depois de me formar no *college* em 1971, ganhei a vida como professora. Em 1975 acabei me dando conta de que, acreditando demais nos méritos de uma carreira, estava fazendo tudo que uma sociedade dominada pelos homens espera de uma mulher, sem levar em consideração outras escolhas. Trabalhei como agente de seguros de vida durante dois anos, sonhando com grandes negócios e montes de dinheiro. Embora fosse muito bem-sucedida, aquilo não me satisfazia. A partir de 1977 passo meus dias martelando, feliz, num ofício ocupado inteiramente por homens: a marcenaria. Há quatro anos tornei-me a primeira mulher a trabalhar em período integral nessa indústria.

Desde 1979 e até bem recentemente saía com mulheres e tinha

casos de curta duração. No momento estou comprometida num relacionamento. No plano social, meus amigos são basicamente mulheres, a maior parte das quais lésbicas. Politicamente, considero-me uma lésbica/feminista e me sinto muito bem assim.

Espiritualmente estou viva e voltei a ficar bem. Não pertenço a nenhuma igreja institucional e rejeito completamente a estrutura patriarcal da sociedade. Meus conceitos do Criador e do universo mudaram drasticamente. Acredito que crio e sou totalmente responsável por todos os aspectos de minha vida. A palavra mística provavelmente descreve melhor o que é minha vida interior. Sinto-me em contato com o universo, vivencio e vejo sua imensa beleza e unidade. Hoje sou verdadeiramente feliz dentro e fora de mim, sinto grande prazer em estar viva e encontrei a paz.

Embora no momento esteja empregada no setor da marcenaria, concentro minha energia e minhas capacidades na área da metafísica. Em breve dedicarei todo meu tempo a esse campo. Percorri todas as gradações, que vão de uma austera vida monástica a uma experiência muito mundana, aparentemente privada de espiritualidade. Ao vivenciar tais extremos, integrei o melhor que eles têm a oferecer, criando com isso um todo equilibrado.



Irmã Mary Ethna, 1958



Mab Mahler, 1984

Curando no escuro

Mab Maher
(1956 a 1974)

Quando deixei o convento, há oito anos, tentei, embora com dificuldade, dizer a verdade sobre a divisão entre minha espiritualidade e minha sexualidade. Minha espiritualidade enveredara por uma trajetória que nem minha sexualidade nem minha criatividade podiam seguir. Queria alguém que me ajudasse, pois meu inconsciente fervia de ansiedade e raiva.

Um sonho que tive, logo após deixar o convento, tornou-se um grande amigo em minha jornada: *Chego a uma igreja muito grande com meus três gatos. Seguimos pela nave lateral, olhamos à nossa volta e não vemos ninguém, a não ser os bancos, pesados, másculos. A igreja está vazia. Quando chegamos em frente ao altar uma voz diz: "Escolha um de seus gatos, para que ele faça um sermão". Peço a Buber, meu gato cinzento, que suba até o púlpito. Ele pula no atril e começa a arrancar os bigodes. Fico com medo de que não haja ninguém lá e de que ele esteja fazendo papel de bobo. Olho em torno e os bancos estão repletos de gente bem vestida, ouvindo com muita atenção. Sinto-me orgulhosa.*

Este sonho significou para mim que o lado instintivo de minha espiritualidade, tão reprimido, assumia uma posição de grande importância. Antigamente a espiritualidade significava um sistema exterior a mim. Estava viciada em "baratos" religio-

so fora de mim, embora ensinasse teologia como um caminho para a autodescoberta. Estava empenhada em me enterrar fundo, de modo a não ouvir meu corpo e meu coração enquanto fontes de revelação. Deixar o catolicismo de lado foi algo que aconteceu rapidamente. Parei de ir à igreja. Deixar de lado uma mente que se escorava no catolicismo foi muito mais difícil. Acreditava que uma revelação que viesse de fora para dentro faria de mim uma pessoa plena. Assim, continuei a acreditar em coisas exteriores a mim: status profissional, segurança financeira, prestígio social, belas roupas e até mesmo um peso específico. Tais valores me proporcionavam uma identidade e me seguravam na soleira da porta da escuridão, em direção à qual eu devia empreender minha jornada. Sabia que precisava mudar, mas só muito lentamente aprendi quão caótica, libertadora e dolorosa é a verdadeira mudança. Quando vi outras amigas abandonarem o convento e ajustarem-se rapidamente, sofrendo muito pouco, pelo visto, procurei imaginar o que havia de errado comigo. Comecei então a perceber que as estruturas que possibilitam às comunidades religiosas se manterem não são muito diferentes das estruturas do governo, da IBM ou do sistema universitário. Comecei a sentir terror diante dessas percepções. Vi que jamais conseguiria voltar a me ajustar a uma organização tão convencional.

Em algum ponto daquele caso estonteante, que foram os primeiros anos fora do convento, comecei a dar uma guinada na vida e na direção que minha mente seguia. Iniciei uma terapia transpessoal. Aos poucos fui me percebendo como o centro da revelação. Para mim foi um salto enorme, muito mais radical do que deixar o convento.

Com muita indecisão e dor, comecei a ver que as escolhas sexuais que correspondiam às minhas necessidades mais profundas envolviam as mulheres. Todos os fantasmas esfomeados de meu tempo de noviciado surgiram e vieram morder as áreas vulneráveis de minha alma. Tais fantasmas consistiam no fato de que eu fora condicionada para acreditar na perversidade das

amizades particulares, no meu sentimento de vergonha por sequer pensar em amar outra mulher e nos padrões de manipulação internos que eu ensinara a mim mesma, a fim de conseguir sobreviver no convento.

No noviciado gostava de me ajoelhar perto de uma colega de classe. Em geral designavam-se os lugares que deveríamos ocupar na capela, mas não durante a noite, quando a passávamos velando o corpo de uma irmã morta. O propósito dessa observância assemelhava-se ao do budismo tibetano: ao ver a morte claramente, nos conscientizávamos da transitoriedade de todas as coisas. Eu, porém, nunca me senti tão viva quanto naquelas noites em que podia ajoelhar-me junto de minha amiga. Tinha a sensação de que iria viver para sempre.

Em nossa enorme casa-mãe existiam doze ou mais câmaras de refrigeração, onde se guardavam alimentos. Certo dia minha amiga e eu fomos trancadas por acaso naquela em que se deixava o leite. No momento em que a porta se fechou, a angústia apoderou-se de mim. Agora todo mundo iria perceber que éramos amigas particulares (na realidade, não tenho certeza de que minha amiga sabia que havia entre nós uma amizade desse tipo). Encolhi-me num canto, ao lado das latas de creme de leite. Muito mais pragmática, ela esmurrou a porta. Após várias horas de frio físico e calor psíquico, a irmã que cuidava da cozinha nos encontrou. Quando ela puxou a tranca, falei precipitadamente: “Não fizemos nada”. Rindo, ela sacudiu o saco de maçãs que carregava e disse: “Que pena! Que pena!”

Ao me tornar irmã professa, a percepção de meu lesbianismo cresceu lentamente. No ano do Concílio Vaticano II fui à Europa. Um grupo de irmãs de minha comunidade passou a noite em Lourdes, na gruta onde se supõe que a Mãe de Cristo apareceu para Bernardette. Aquelas que eram espiritualmente mais intrépidas permaneceram ajoelhadas quase a noite inteira. Eu, de hora em hora, fazia pausas e ia comer chocolate francês e tomar água de Lourdes. No momento em que o sol se levantou, acima da gruta, senti que um milagre tentava penetrar lá.

Ficamos ajoelhadas a noite inteira, venerando uma mulher cuja estátua estava entronizada acima da terra. Na terra havia dez mulheres de carne e osso e, em absoluto, não tocávamos ou honrávamos umas às outras. Mais tarde pude perceber que, embora a vida religiosa se assemelhasse a um matriarcado, na verdade consistia em um patriarcado recortado, que usava as mulheres a fim de manter certas aparências. Naquele dia eu me limitei a comer mais chocolate, a fim de disfarçar essa descoberta.

Aos 28 anos de idade, quando seguia cursos de graduação em Washington, D.C., tive minha primeira experiência de amor triangular. Uma bonita e jovem freira de Detroit e eu nos tornamos muito íntimas enquanto estudávamos na biblioteca. Comíamos juntas e dávamos passeios prolongados e diários. Eu amava Ann. Dispunha de tanta energia que tinha para dar e vender. Ann era amiga muito chegada de um padre da Irlanda, cujos anos de estudo e aprendizado haviam provocado nele uma cegueira. Quando nós três saíamos, em geral era eu quem guiava. Certo dia fomos até o mar, em Delaware. Após terminarmos o piquenique, caminhei três quilômetros pelas dunas, a fim de pegar o carro e ir buscar Ann e seu amigo. Quando voltei, eles estavam deitados debaixo de vários cobertores. Percebi que ele chupava os seios dela e que seu hábito estava aberto. Esmagada por meus anseios sexuais, perdida, sentei-me na areia e comecei a soluçar. Jamais revelei que os vira. Certo dia Ann me disse: "Sei que você se sente feliz com o fato de Dennis e eu termos nos encontrado, pois é minha melhor amiga e quero compartilhar esse fato com você". Eu agradei e achei melhor acalmar-me, embora sentisse uma grande vontade de dizer muita coisa.

Antes de iniciar minha dissertação de mestrado, deixei a faculdade e voltei para o *college* pertencente a minha comunidade. Fiquei ensinando lá, durante aqueles anos em que diminuía cada vez mais o ingresso e a permanência de novas candidatas à vida religiosa. A maior parte de minhas amigas retirou-se. Eu participava freqüentemente de comitês de liderança, procuran-

do implementar da melhor maneira possível a nova política do Concílio Vaticano II. Isso, porém, não foi o que fiz de mais importante. A diretora daquele *college* só de mulheres era homofóbica e fazia coisas terríveis com as estudantes que demonstrassem interesse por outras mulheres. Muitas estudantes me procuravam, a fim de me confiar sua confusão e seu desamparo. Talvez soubessem que eu era lésbica. Evidentemente eu não deixava escapar nada, nesse sentido, mas apoiava o direito de viver como quisessem. No fundo, sabia que me solidarizava com a própria raiz de suas existências; corria perigo não somente o que elas faziam, mas também quem elas eram.

Certo ano morei numa casa do campus do *college* com três outras freiras. Dividia um quarto com uma delas; as outras eram amigas íntimas. À medida que o tempo passava, percebi que nosso quarto não apresentava a mesma atividade que o delas. Senti-me posta de lado, mas ao mesmo tempo apoiei o amor que as ligava. Alguns anos mais tarde uma das criaturas do quarto ao lado anunciou à comunidade que deixava o convento por ser lésbica.

Um ano antes de sair do convento, licenciiei-me a fim de realizar um trabalho de pesquisa no leste do país. Foi ao mesmo tempo gratificante e assustador viver longe de minha comunidade e poder contar só comigo. Meu cartão de crédito assumiu proporções que ultrapassavam seu valor pragmático. Participei do cenário social com plena intenção de me fazer amar pelos homens. Estava cansada de ser diferente. Ansiava pelo anonimato que me permitiria ser como qualquer outra pessoa. Felizmente minha amiga Sarah me ensinou a encarar com muito cuidado as expectativas da sociedade. Exortou-me a confiar em meu coração. Durante aqueles meses certifiquei-me do interesse ambíguo que as pessoas manifestam em relação à vida das freiras. Sarah me ensinou também a encarar as perguntas que me faziam apenas como projeções e a me divertir com elas.

Algumas semanas mais tarde um homem com quem eu trabalhava perguntou-me, durante o almoço, se era verdade que

existiam túneis entre sacristias e conventos, a fim de facilitar o acesso ao sexo. Respondi: "Claro que existem".

— Mas não é perigoso demais? Afinal de contas, as pessoas correm o risco de serem descobertas.

— Pois é, isso já aconteceu.

Duas semanas depois ele me telefonou para confidenciar que estava tendo um caso com a mulher do vizinho. No pequeno pomar ao lado de sua casa havia uma trilha secreta, mas ele fora surpreendido!

Quando uma mulher me perguntou se as freiras se masturbavam, eu disse que sim. Ela ficou chocada, mas interessada.

— Imagino que isso alivia as tensões.

— Sem dúvida.

Dáí a algumas semanas, na piscina, sem querer ouvi-a confidenciar a alguém que ela e seu marido tinham voltado a fazer sexo. Atribuía essa maravilha à alegria, recentemente descoberta, que a masturbação lhe proporcionava.

Talvez não fosse exatamente isso o que Ghandi tinha em mente, quando falou em vivenciar a verdade, mas eu estava aprendendo ser quem eu não era e como é fácil ser colhida nas teias da projeção.

Recorri a Roma, solicitando dispensa final de meus votos. Cinco meses depois, numa fria manhã de inverno, parti para Minnesota, a fim de assinar os papéis de desligamento da ordem. Era meu aniversário. Naquela última noite não consegui conciliar o sono, na casa-mãe, e então levantei-me e fui para o pátio enclausurado, onde uma estátua de São Francisco aos poucos era soterrada pela neve. Caí no choro e liberei-me de todas as minhas recordações.

Quando a manhã chegou e eu me esquentava em nosso "bar" com uma xícara de café, minha amiga mais velha e mais querida aproximou-se de mim. "Vejo que você não conseguiu dormir esta noite, exatamente como eu", disse. "Eu a vi lá de minha janela. Deve estar gelada. Que falta de juízo!" Eu amei aquela criatura. Encurvada, aos 75 anos de idade, aquela freira

tinha o rosto mais feliz que eu jamais vira. Ela cuidara bem de minha mente e de minha vida profissional, planejando uma educação muito cuidadosa para mim.

Enquanto tomávamos o café, ela me aconselhou, por meio de compridas citações de Dante, a deixar de lado tudo aquilo que não nos conduzia em direção à vida. Parei de tremer. Ela me examinou de alto a baixo e então sentenciou: "Sim, você estará bem. Será difícil, mas vai dar certo. Fico contente por você; quanto a mim, sinto-me triste".

Quando ia pegar um táxi encontrei-me com duas freiras jovens que me garantiram que em breve eu me casaria. Senti vontade de gritar, dizer-lhes que o casamento não era a única justificativa para se deixar um convento. Como gostaria de ter podido recorrer a uma substanciosa citação de Dante e deixá-las confusas!

No Natal seguinte tomei um avião para a Irlanda. Sentia necessidade de enxergar com maior clareza minhas raízes. Aluguei um carro e comecei uma viagem até a península de Dingle, situada no extremo oeste do país. Experimentava um sentimento de liberdade total e de unidade comigo mesma, enquanto guiava. As estradas tornavam-se estreitas e percorriam colinas ondulantes. Quase sem perceber fundi-me com aquelas colinas arredondadas e suaves, que se curvavam umas nas outras, em todas as direções. Enxergava formas de mulheres se amando. Jamais experimentei uma sensação tão intensa de me encontrar em casa. Naquele momento a terra inteira dizia *sim* a minha identidade lésbica. Saí do carro e abri os braços para as colinas irlandesas; corri para cima e para baixo, chamando-as de minhas amantes e minhas irmãs. Quando o sol começou a se pôr, deixei-as com muita relutância e procurei um albergue onde havia uma cama com colchão de plumas. Lá dormi até o final da manhã seguinte.

Algumas vezes lamento o tempo perdido no convento. Fui apartada de minha feminilidade, durante os prolongados anos de cristianismo. Vivia com uma lógica alheia a meu próprio ritmo interior. Agora retorno a minha face original, a que me pertenc-

cia antes de padecer da cegueira provocada por um excesso de luz. O mito sumério de Inanna foi o espelho de minha jornada. A exemplo de Inanna, a deusa da luz, vou ao encontro de minha irmã das sombras, a deusa Ereshkigal, que é minha força de mulher.

O enrustimento mais profundo que tive de superar estava em meu próprio coração. "Lésbica" é um termo que se aplica à alma, bem como um modo comportamental de estar no mundo. É tanto um mistério e uma dádiva quanto o fato de como e por que respiro. É meu lar espiritual, mas profissional e socialmente é mais fácil se eu simplesmente ficar afastada de minha unicidade espiritual e sexual.

A maior parte das pessoas podem aceitar-me como uma desviante comportamental. No entanto, se eu afirmar que ser lésbica não constitui um desvio do padrão normal da vida, mas minha dádiva para o Padrão maior que nos une a todos, isso, muitas vezes, é tomado como uma ofensa. Posso ser aceita, se minha identidade sexual for lésbica, mas não se essa for também minha identidade espiritual. Como Inanna, transformada por meio de sua troca com Ereshkigal, eu também fui transformada, graças a minha jornada no mundo subterrâneo do meu eu. Talvez nunca me "adapte". Agora sei, porém, que, ao curar minha divisão, ao viver minhas verdades, estou caminhando em direção ao Todo. Pertencço ao Padrão e sinto-me em casa vivendo com minha grande amante, a Terra.

Sou escritora, terapeuta e moro na Bay Area. Recentemente terminei um doutoramento sobre o humor e a transformação e, semanalmente, reúno um salão feminista.

Oitava Parte

Nos limites

As lésbicas que permanecem na vida religiosa, após décadas de mudanças pessoais e institucionais, vivem nos limites, entre grupos que a cultura masculina considera mutuamente exclusivos. Estamos aprendendo a definir nossos próprios valores, a reivindicar nossas heranças étnicas, a criar nossos próprios engajamentos políticos, espirituais e emocionais, bem como nossas vidas. Reivindicamos ambas as identidades: a de lésbicas e a de freiras.

Deixar cair o véu do anonimato

Irmã Esperanza Fuerte (1967 até o presente)

Um encontro de freiras e ex-freiras lésbicas, de que participei recentemente, tornou-se para mim um lugar de “desenrustimento”, de me assumir, mas em termos. De volta ao enrustimento do anonimato, tenho de usar um pseudônimo: Esperanza Fuerte, que quer dizer “Esperança Forte”. Uma de minhas maiores esperanças é que um dia possa usar meu próprio nome publicamente, enquanto freira lésbica hispânica.¹ Outra forte esperança é que possa continuar sendo irmã, caso seja essa minha escolha, e que seja aceita enquanto lésbica.

Minha história se traduz por uma percepção cada vez mais aguda de ser duplamente enrustida, num mundo onde o racismo e a homofobia dividiram, no interior de um convento, espaços que ninguém comenta. Ao ingressar no convento há quase duas décadas, eu era uma jovem apagada, calada, passiva. Minhas origens hispânicas eram negadas pelos valores que a sociedade lhe atribui e por minha necessidade de ser aceita por

¹ (N. do T.) O termo hispânico, numa sociedade multi-racial como a dos Estados Unidos, mas nem por isso menos racista, aplica-se sobretudo ao forte contingente migratório originário de Porto Rico e México.

um mundo branco. Eu, porém, movimentava-me naquele mundo como uma estrangeira, em terra alheia, com apreensão e ignorância. Conheci pessoas que afirmavam, com grande ênfase, aceitar-me, por meio de comentários veladamente racistas: "...mas você não parece hispânica" ou então "Seu sotaque não é hispânico" e "Que bom que você não fica muito escura quando toma sol".

Orar, viver e trabalhar num ambiente de convento que não questionava e nem desafiava minha etnicidade (o primeiro enrustimento) manteve-me letárgica e despreocupada. Acrescenta-se a isso que, após quase uma década enquanto freira, eu continuava não tendo consciência de meu lesbianismo (segundo enrustimento). Houve um período de seis meses, no noviciado, quando outra irmã e eu chegamos a contatos físicos, num relacionamento por ela iniciado. Não foi nada de sério. Não passávamos de duas criaturas oprimidas pelas tensões de um estilo de vida que não compreendíamos. Naquele momento não pensei no quanto aquele relacionamento era enternecedor, pois desloquei essa experiência para os recessos mais íntimos de minha mente. Queria ser uma boa irmã e tinha necessidade de ser aceita.

Por volta do final de meu décimo ano no convento, senti como se estivesse perdendo contato com a realidade. Não percebi que minha depressão, era, na verdade, a raiva que me consumia por dentro, por todos os pensamentos que jamais tivera, por todas as ações que não executara, por todos os riscos que nunca correria — em resumo, por uma vida que não vivera. Ao tentar lidar com minha raiva, ela começou a se dirigir para fora, para as pessoas com quem vivia e trabalhava. Minha sensação de que enlouquecia levavam-me a agir no sentido de me salvar. Inicialmente comecei por fazer agressões irracionais, sempre que ousava. Mais tarde, a raiva assumiu formas mais saudáveis, quando eu falava nos encontros, comitês, grupos de oração, oficinas e assembléias. Suplicava a Deus: "Senhor, não me faça sentir louca a vida inteira!" Comecei a ler com voracidade

livros de psicologia, sobre o racismo, as questões femininas, bem-estar social, lutas do espírito humano. Enquanto isso acontecia, eu sentia uma ligação cada vez menor com minha comunidade. Agora consigo olhar para trás e perceber de onde surgiu o isolamento. Não havia ninguém na minha comunidade de mais de quinhentas irmãs que compartilhasse comigo a experiência de ser uma hispânica.

A primeira pessoa a emergir foi uma porto-riquenha, seguida pela mulher e, então, pela lésbica. A mulher porto-riquenha compreendeu que sentia falta de comer a comida de seu país, de falar “espanglês” (mistura de espanhol e inglês), das congas, com seu ritmo latino-americano tão envolvente, da alegria, do barulho e das festividades de uma cultura tão alheia às culturas festejadas no convento. Eu havia mudado, a fim de ser aceita por uma sociedade dominante; tornara-me uma pessoa cerebral e esmagara a pessoa que tinha um coração. Agora a pessoa que sentia começava a despontar.

À medida que minha identidade porto-riquenha se fortalecia, o mesmo sucedia com meu mundo de identificação com a mulher. Tornei-me consciente da prisão de minha cultura hispânica e dos papéis estruturados que nossas mulheres tinham de exercer. Percebi que minha própria mãe jamais se afirmara como indivíduo realizado e completo e sabia que me identificaria mais com as lutas de minhas irmãs hispânicas oprimidas. Sua “lucha” tornou-se minha luta e seus “sueños” tornaram-se meus sonhos. Comecei a estudar a congregação religiosa na qual ingressara para ver como estávamos “capacitando” os pobres que alardeávamos assistir. Comecei a sentir a dor que nasce da percepção de que aquilo que havíamos professado e o que vivíamos na realidade eram coisas diferentes.

Por que o número de pessoas negras e de pele escura, a quem servíamos, não refletia nas fileiras de nossa congregação?

Por que não providenciávamos um currículo educacional que ampliaria a auto-estima daqueles a quem ensinávamos? Por que ainda lidávamos com aqueles a quem assistíamos do mesmo mo-

do como o fazíamos ao ser fundada nossa congregação? Eu queria respostas! Percebi então que já não receava mais a críticas que partiam de minha comunidade de brancas; agora eu passava a criticá-la! Uma vez que meus olhos se abriram para enxergar a verdade, tive condições de focalizar minha identidade enquanto lésbica. A opressão sofrida por meus irmãos e irmãs porto-riquenhos assemelha-se à opressão de que são vítimas irmãs lésbicas.

O medo que sinto, como lésbica pertencente a uma comunidade religiosa, de vez em quando torna-se paralisante. Sei que toda a dor, lutas, morte e renascimento que vivenciei ao longo dos anos poderiam ser ignorados e desprezados num instante se minha comunidade tomasse conhecimento de minha identidade sexual. Foi por isso que me abri unicamente com duas amigas íntimas. Elas e duas criaturas que se desligaram de minha congregação continuam a me proporcionar amor, compreensão e amparo. Elas me encorajam a acreditar que existem outras religiosas lésbicas que compartilham minha luta. De vez em quando sinto vontade de levantar-me e dizer a coisa “como ela é”, diante de minha congregação, mas o receio de perder a credibilidade e de ser rejeitada me reduz ao silêncio.

Há vários anos tive, pela primeira vez, uma ligação amorosa com uma mulher, mas durou menos de um ano. Ela pertencia a outra congregação. Ajudou-me a entrar em contato com meus sentimentos e a questionar quem sou de verdade. Tornei-me uma pessoa mais forte, devido a esse relacionamento.

Desde então não amei outra mulher. O relacionamento não poderia ser aberto e não estou pronta para isso. Não quero prosseguir meu trabalho, sendo lésbica e estando envolvida com outra pessoa, e não me sinto preparada para lidar com as implicações decorrentes do fato de ter feito um voto de celibato e, ao mesmo tempo, me entregar a um relacionamento íntimo. Não elimino, porém, a possibilidade de correr o risco, caso me apaixonar no futuro.

Não devo ser totalmente crítica em relação a minha congre-

gação. Sei que as oportunidades que me foram proporcionadas, enquanto membro da comunidade, me conduziram à posição em que me encontro atualmente. O que sou hoje — uma porto-riquenha que também é freira e lésbica — deve-se ao mesmo tempo a minha comunidade e a despeito dela.

Sou Esperanza Fuerte. Minha esperança é forte: espero pelo futuro, espero que um dia possa compartilhar com o mundo minha identidade de lésbica, espero que minha congregação possa um dia saber quem sou e dizer “ótimo” ou “ficamos contentes” e “vamos comemorar essa dádiva que lhe pertence”. Continuarei sendo membro de minha congregação com a esperança de que, enquanto estiver repleta de vida e amor, continuarei sendo uma porto-riquenha que também é freira e também é lésbica.

Nasci nos Estados Unidos, em uma grande cidade de costa leste. Há quase vinte anos sou membro da ordem das Dominicanas. Prossegue meu envolvimento enquanto simpatizante das questões que dizem respeito ao feminismo, ao lesbianismo e à oposição ao racismo.



Irmă Rosita, 1965



Irmă Pat O'Donnell, 1983

Nos sonhos, a jornada em direção a mim mesma

Irmã Pat O'Donnell, O.P.
(1955 até o presente)

Sou freira lésbica. Se pudesse escolher, seria exatamente quem sou. Levei 45 anos para chegar à aceitação de meu lesbianismo.

No *college*, antes de ingressar no convento, amei várias mulheres. Determinado relacionamento, um tanto expansivo, me assustou. Confessei ao padre que havia trocado carícias com alguém, mas não revelei que meus afetos se dirigiam a uma mulher. A rejeição da homossexualidade pela sociedade e, portanto, minha auto-rejeição já estavam solidamente plantadas em mim.

No noviciado dominicano senti-me atraída por outra novica. Minha excitação despertou ao sentir a perna de Susan junto a minha, enquanto nos sentávamos à mesa. Isso me deixou a tal ponto perturbada que procurei a madre superiora e tentei explicar minha aflição. Não dispunha de vocabulário para aquilo que tentava transmitir e ainda não tinha percepção de que era lésbica. Solicitei nunca ser designada para a mesma casa que Sue. A madre superiora riu de minha agitação.

Embora ela afirmasse que minha reação era excessiva, a formação que recebíamos no noviciado proibia as amizades particulares. Para mim isso significava a ausência total de amigas íntimas. Em mim, a amizade era ligada a uma inclinação má.

Esse mal precisava ficar encerrado. Se ele escapasse, se eu o deixasse aflorar, seria mandada embora.

Após a profissão final empreendi estudos de graduação em teologia pastoral. Meu tapete foi puxado quando compreendi que não é possível amar a Deus se não se pode amar outra pessoa. Para meu grande horror, a conclusão a que cheguei é que não amava a Deus! Minhas barreiras, tão rígidas, caíram e deixei vir à tona meus sentimentos por outra irmã. Em breve Donna e eu nos tornamos amantes. A culpa, no entanto, me paralisava e, decorridos três meses, eu não conseguia mais me levantar da cama e entrar na sala de aula a fim de ensinar. Sentia-me como que encaixotada num quarto de 30 x 30 cm, sem portas e janelas. Solicitei ajuda e fui mandada a um psiquiatra, que medicou-me com oito valiums por dia. Depois de seguir essa receita durante quatro anos, desisti do valium e do psiquiatra. Enquanto isso, Donna havia deixado a congregação.

Tornei-me viciada em trabalho, a fim de suprimir meus sentimentos. Minhas superiores apreciavam demais o trabalho que eu realizava, mas era um robô, uma máquina eficiente, desprovida de calor, sem nenhuma sensibilidade para as necessidades alheias e sem vontade de viver. Então, há dois anos, solicitei às minhas superiores uma licença prolongada. Consegui verbalizar que minha necessidade era questão de vida ou morte. Felizmente elas acreditaram em mim, embora eu não pudesse entrar em detalhes.

Procurei uma casa de oração no deserto. Lá, com a ajuda de uma orientadora experiente, de orações intensas, da mulher a quem acabei amando e de uma série de sonhos transformadores, finalmente consegui me definir e reivindicar quem sou. Foi o ano mais difícil de toda minha vida.

Como ponto de partida, minha orientadora, durante os retiros, sugeriu que eu desenhasse o pesadelo recorrente, que me acompanhava na infância: uma enorme boca escancarada, a ponto de me engolir. Embora já não tivesse mais esse pesadelo, algo me aterrorizava e esse medo estava me comendo viva. Tive

então um sonho que iniciou minha transformação interior: um ladrão estava à minha porta, tentando entrar! Despertei tão assustada que me levantei da cama, para ver se a porta estava trancada. Meu coração disparou e senti-me paralisada. Foi o primeiro passo que dei na jornada em direção àquelas partes de mim que estavam trancadas.

Ao longo dos oito meses seguintes tive quatro sonhos que envolviam uma jornada. O primeiro conjunto de sonhos me levou a confrontar o temor de algo desconhecido, a encarar aquelas partes de mim que me aterrorizavam. Terminou com o sonho de um rosto alongado, que se parecia com o meu. Eu pregava desenhos dos sonhos nas paredes do quarto e, embora não gostasse daquela imagem, fiz com ela o mesmo que fizera com as demais. Decorridos alguns dias consegui encará-la com menos tensão. Ela passou a ser conhecida como A Voz. Dialogava frequentemente com A Voz, minha essência mais profunda, pois ela conhecia a verdade a respeito de mim mesma.

No segundo conjunto de sonhos senti um medo e um ódio torturantes. Quando desperta, continuava a pensar na possibilidade de suicídio. Já estava a ponto de desistir da luta, quando, em sonhos, me vi numa trilha com Rose, a mulher por quem estava apaixonada. No momento em que chegamos à beira de um lago repleto de detritos, uma imensa baleia emerge da água, abre sua boca cavernosa e suga esses detritos. Não consigo arredar pé de onde estou, aterrorizada, com medo de que Rose e eu sejamos devoradas. A boca, porém, não toca em nós. É um milagre. Estou salva com a mulher a quem amo. Ela, evidentemente, é uma parte de mim, que finalmente consigo explorar. Amar Rose é bom. Deus removerá os detritos e me manterá em segurança. Pelo menos assim espero. Talvez valha a pena viver minha vida.

A terceira série de sonhos aterrorizou-me, pois designou minha sexualidade lésbica. Estou na casa-mãe e encontro-me na cama com uma colega do curso colegial. Surpreende-me demais o fato de ela estar nua a meu lado, naquela situação. Seu corpo

é tão quente, agradável e acho maravilhoso ela se preocupar comigo. Ao acordar, luto para não dizer aquela palavra. Não, não, não sou uma... Acabo finalmente pronunciando a tal palavra, mas é apenas um murmúrio.

A série termina por meio de uma seqüência apavorante de sonhos, que se prolonga por oito dias. Estou subindo pelos lados de um grande buraco negro e espiralado. Quando a escada se torna abrupta demais, sento-me. Dois motociclistas me oferecem uma carona, mas eu recuso, pois preciso prosseguir. Eles partem, mas não consigo continuar. Finalmente ouço a mim mesma dizer: "Estou pronta", e pulo para dentro do buraco. Caio durante vários dias, bato nas laterais do buraco e sou jogada de um lado para outro. Mesmo acordada, sinto como se estivesse caindo. Estou paralisada. Não consigo respirar. Desprendi-me de tudo.

Na oitava noite, chego ao fim do buraco espiralado e caio na palma de uma mão enorme. Ela me segura com tamanho amor e tantos cuidados que não tenho mais nada a recear. Ao me sentir amparada, percebo que aquilo que tanto me aterrorizava era reivindicar minha identidade de lésbica. Pela primeira vez na vida posso dizer em voz alta: "Sou lésbica". Escrevo para o Ministério dos Novos Caminhos, pedindo informações sobre a homossexualidade e a Igreja. Leio livros da biblioteca. Começo a me assumir perante alguns membros escolhidos da comunidade. Nos sonhos, e quando desperta, assumo riscos que jamais me passaram pela cabeça. Ouso ser eu mesma!

Na quarta série de sonhos, cambaleio dentro de um enorme barco a velas, parecido com um dos que faziam parte da frota de Cristóvão Colombo. Agarro-me com unhas e dentes, enquanto uma tempestade violenta se abate sobre o barco, jogando-o em todas as direções. Quero viver! Acabo dando na costa, a salvo, e vejo-me caminhando com Rose no deserto. Somos completamente envoltas por uma luz dourada e radiante. Louvo a Deus e Lhe agradeço. Nesta seqüência a boca temível e o ladrão ameaçador voltam a surgir, mas como amigos.

O sonho culminante, nesta longa jornada, é de êxtase e de imensa paz. Estou dentro de um grande jarro, flutuando no oceano. Sinto-me una com o oceano e com o universo. Transbordo de alegria. Encarei meus piores temores, desci às profundezas dos pesadelos e emergi com meu Eu, viva e inteira.

Minha vida, ao despertar, e minha vida nos sonhos fizeram-me saber que já não posso mais separar a espiritualidade da sexualidade. Não posso confiar em Deus e estar ao mesmo tempo aterrorizada com meu Eu. Deus convocou-me para ser aquela que sou: uma irmã lésbica. Negar o lesbianismo que existe em mim é viver com o medo da boca, do ladrão, de meu próprio rosto e da voz interior, do buraco espiralado de meu inconsciente e do oceano de meu ser.

Vou para o deserto a fim de enfrentar a verdade ou então morrer. Lá encontro outra mulher, o Eu que eu tinha trancafiado durante tanto tempo. Decorridos dois anos, sinto-me à vontade com esse Eu, e viva em meu amor pelos outros. É claro que ainda tenho medos. Receio compartilhar meu depoimento neste livro. Mais importante do que meu medo, porém, é possuir aquela que sou. Ladrão algum poderá me roubar novamente este poder.

Nasci no Texas em 1936. Durante 25 anos entreguei-me à educação religiosa e ao ministério pastoral. Minha formação teológica e minha própria jornada interior conduziram-me ao trabalho que exerço no momento: oriento retiros particulares e proporciono orientação espiritual num centro de retiros, situado no deserto, nas proximidades de Tucson, Arizona.

Comunidade alternativa

Irmã Anne
(1965 até o presente)

(A irmã Anne foi sempre considerada uma radical em sua comunidade. O enfoque de seu trabalho tem sido a justiça social e a espiritualidade e, mais recentemente, a espiritualidade feminista. Nancy Manahan entrevistou-a em setembro de 1982.)

Nancy: Você está morando com sua comunidade religiosa?

Irmã Anne: Não. Mudei-me para uma casa com minha amante, Marie.

Nancy: Há quanto tempo estão juntas?

Irmã Anne: Há seis anos. De vez em quando, ao pensar no que conseguimos realizar... mas não é sempre que penso a esse respeito. Alguns membros de minha comunidade têm conhecimento de nosso relacionamento. Creio que elas acham que se trata apenas de um estágio pelo qual estou passando. Elas me querem bem de verdade e não desejam que eu vá embora.

Nancy: Você se assumiu em sua comunidade?

Irmã Anne: Não diria que me assumi. As pessoas simplesmente sabem.

Nancy: As pessoas sabem. Qual é a diferença?

Irmã Anne: Algumas pessoas sabem e outras não. Marie e

eu recebemos em casa a visita de algumas das irmãs o tempo todo. Deve ser algo aparente.

Nancy: Marie também é irmã?

Irmã Anne: Não é, não, mas está envolvida com o ministério.

Nancy: É sua primeira amante?

Irmã Anne: Não é bem assim. Durante esses anos todos tive relacionamentos com várias mulheres e homens.

Nancy: Você se sentia atraída pelas mulheres antes de entrar para o convento?

Irmã Anne: Não. Na realidade eu estava noiva, ao decidir ingressar no convento. Só quando tinha uns 25 anos é que me conscientizei da possibilidade de amar as mulheres. Estava trabalhando em Nova York e conheci uma jovem do grupo de adolescentes da paróquia. Ela marcou hora para me ver e compareceu aos retiros dirigidos por mim. Disse que me amava, mas eu estava ocupada demais para amar quem quer que fosse.

Nancy: Acho que isso faz parte da programação: manter-nos a tal ponto ocupadas que não temos tempo de sentir muita coisa.

Irmã Anne: Sim, e, quando somos transferidas, todo um conjunto de pessoas acaba para nós. Só nos restam os cartões de Natal... Virgínia, porém, manteve-se em contato comigo através dos anos.

Nancy: Ela tornou-se freira?

Irmã Anne: Ingressou em nossa ordem.

Nancy: É claro. Seguiu-a.

Irmã Anne: Eu não sabia. Ela vive dizendo que entrou para poder ficar comigo.

Nancy: É uma das práticas de recrutamento mais eficazes entre as comunidades religiosas. As mulheres apaixonam-se pelas freiras e ingressam nos conventos; então as mulheres mais jovens apaixonam-se por elas e também entram. É assim que a cadeia prossegue.

Irmã Anne: Bem, só alguns anos depois é que fiquei sabendo ter sido esse o motivo da entrada de Virgínia. Ela acabou deixando a ordem e passou a viver com outras mulheres. Con-

tinuou me procurando e suas visitas eram quase anuais. Tive então alguns relacionamentos na comunidade.

Nancy: Como amante?

Irmã Anne: Sim. Àquela altura eu já tinha condições de perceber que as pessoas que se relacionavam com outras do mesmo sexo não eram doentes.

Nancy: E o que me diz de seus votos?

Irmã Anne: Estudei teologia na década de 60. Questionávamos a estrutura hierárquica da Igreja e verificamos que essa estrutura não é expressão da vontade de Deus. Começamos então a redefinir aos três votos que fizemos. Meditei sobre minha sexualidade e achei que dispunha de uma base teológica para me entregar a relacionamentos. Naquela época estava tendo problemas com uma úlcera e procurei a ajuda de um médico católico. Depois de uns dois encontros percebi que, no fundo, eu queria era uma orientação. Ele me disse para tomar nota de todas as mulheres frustradas e emocionalmente estéreis existentes em minha comunidade. Disse também que se eu continuasse a negligenciar minha vida emocional e pessoal poderia facilmente me tornar igual a elas. Fez-me então notar os homens com quem eu tinha uma ligação calorosa e sugeriu que lhes perguntasse o que estava acontecendo. Um deles estava completamente apaixonado por mim e eu não tinha a menor idéia do que se passava. O outro sentia-se muito competitivo em relação ao primeiro e também sentia atração por mim. Entreguei-me então a um relacionamento com um deles. O médico afirmou que eu prestaria um serviço maior ao mundo se eu mantivesse um relacionamento. Disse que Deus não se importava com o fato de eu ser virgem ou não. Foi minha abertura para uma vivência física.

Nancy: Então você começou a ter relações sexuais?

Irmã Anne: Sim. Prossegui o relacionamento com esse homem, um padre, até a comunidade me transferir. Disseram que minha teologia não era sólida. Eu tinha parado de usar o véu e questionava a teologia da obediência. Minha obediência era para com Deus e não para com os caprichos daquela que, no

momento, era minha madre superior. A fim de me “recuperar”, elas me designaram para um convento ultraconservador. Apaixonei-me rapidamente por uma daquelas boas irmãs e ficamos juntas durante mais de um ano. Creio que foi sua primeira e última experiência sexual.

Nancy: Foi ela que a terminou?

Irmã Anne: Sim, começou a sentir-se culpada. Uma parte de mim também se sentia assim, mas eu tinha de viver minha vida. Queria a aprovação das pessoas. É duro viver sem isso, mas para mim também é difícil viver sem viver.

Nancy: E então, o que aconteceu?

Irmã Anne: Durante os dez anos subseqüentes saí com vários homens, a maior parte pertencentes ao ministério religioso, embora tivesse um caso intenso com outra criatura de minha comunidade. Já tinha quase 40 anos quando conheci Laura, estudante da universidade onde eu era capelã. Ficamos loucamente apaixonadas. Eu costumava entrar furtivamente pela janela de seu dormitório, a fim de dormir com ela, e muitas vezes voltava para o convento de manhãzinha, com a esperança de que ninguém tivesse dado falta de mim. De vez em quando ela passava a noite em meu quarto. Mantínhamos a porta fechada por meio de uma cadeira, pois não havia fechadura. Éramos atrevidas: fazíamos amor no chão da cozinha e ficávamos de mãos dadas debaixo da mesa, durante o jantar comunitário. Nós nos juramos segredo. Ninguém sabia de nada. Foi muito intenso, durante dois anos. Então o isolamento e o temor constante de ser descoberta apoderaram-se dela e levaram a melhor.

Nancy: Sim, é difícil manter um relacionamento nessas condições. E daí?

Irmã Anne: Daí conheci Marie. Ela veio fazer parte de um grupo que Laura e eu formávamos a fim de explorar a possibilidade de comunidades religiosas alternativas. Sabíamos muito pouco a esse respeito.

Nancy: Ah! Com que então vocês criaram sua própria comunidade alternativa?

Irmã Anne: Sim! Acredite se quiser, mas Laura agora vive conosco! Ela e Marie são as melhores amigas, mas foi um processo demorado. Quando eu estava com Laura, não me considerava lésbica. Na realidade, ao conhecer Marie disse-lhe que eu a amaria, mesmo se ela fosse homem. Ela não gostou nem um pouco disso. Ao contrário de Laura, tinha uma forte identificação com a mulher e mostrava-se muito à vontade com o fato de ser lésbica. Lembro-me que, quando Marie conheceu Laura, disse: “Quer dizer que é ela que foi sua amante?” Eu simplesmente neguei. Percebi então que ela, de fato, tinha sido minha amante. Eu tivera outras amantes, mas não estava disposta a dar um nome a isso. Desse modo não teria de lidar com o que minhas ações significavam política ou socialmente. Todos os meus relacionamentos eram altamente secretos. Assemelhavam-se mais a sonhos do que a fatos concretos, reais. Era algo irracional, mas eu não achava que tinha feito amor. Com Marie, reivindiquei minha afinidade básica com as mulheres, minha sexualidade lésbica.

Nancy: Como descreveria sua vida com Marie?

Irmã Anne: Bem, eu colocava minhas outras amantes num plano secundário, no que dizia respeito a meu trabalho. Meu enfoque agora modificou-se e minha vida pessoal com ela é primordial. Estamos comprometidas mutuamente e pretendemos passar nossas vidas juntas. Ainda me sinto um pouco constrangida com o lado sexual. É difícil abandonar-se. Faço disso uma brincadeira, o que, em determinada época, funcionou demais. Agora porém padronizou-se e é um modo de evitar a intimidade.

Nancy: Durante muitos anos somos condicionadas a pensar que o celibato é o caminho mais sublime que existe e que o sexo é algo indecente.

Irmã Anne: Com efeito. Leva tempo demais, me desvia do caminho, exige muita concentração e, num certo sentido, é ridículo. Não sou dotada de grande apetite sexual, mas sou uma pessoa muito sensual. A ternura e o afeto constituem parte importante de nossa vida diária e sentimos profunda paixão uma pela outra.

Nancy: Como Marie encara o fato de você permanecer na comunidade?

Irmã Anne: Ela quer que eu a deixe. Quando comecei a viver com ela, achava que poderia ficar na comunidade e levar esse relacionamento adiante. Agora, porém, tornou-se evidente que tenho de caminhar numa ou noutra direção. Precisamos fazer algumas escolhas. Não se trata do receio de sermos descobertas. Temos muitos amigos e amigas que sabem que somos amantes; nós nos assumimos, em nosso trabalho, e temos nossa própria vida. Existem, porém, questões emocionais e econômicas que nos impedem de darmos o próximo passo juntas. Eu, por exemplo, não tenho a menor condição de me mudar para uma casa ou de a comprar. Do ponto de vista técnico, não posso possuir o que quer que seja; nem sequer disponho de uma conta de poupança. Isso acaba por exercer uma pressão sobre nosso relacionamento. Marie dispõe de mais liberdade do que eu, mas tenho um senso de segurança financeira, bem como um senso mais profundo de segurança emocional.

Sou freira há 26 anos. É tudo o que sei. Ignoro como estar de outro jeito no mundo. Tenho laços emocionais e minhas irmãs são muito importantes para mim. A idéia de deixar a ordem me assusta. Creio, porém, que estou avançando os limites, em termos de fazer com que a comunidade tome conhecimento de nosso relacionamento. As estruturas para isso ainda não existem e talvez só surgirão dentro de quinze anos, ou, quem sabe, até antes. Recentemente Marie teve um sonho visionário: as irmãs que ocupam a liderança descobrem que somos amantes. Somos levadas a uma sala onde todas estão chorando. Elas amam nós duas e, embora aflitas, sentem que é essa a direção que a comunidade tem de seguir.

Nancy: Você acha que existe uma porcentagem mais alta de lésbicas nas comunidades religiosas do que na sociedade como um todo?

Irmã Anne: Lésbicas em espírito, sim, muito embora acredite que a maior parte das freiras são assexuadas. Não conce-

bem que se possa ter qualquer outro tipo de relacionamento que não o heterossexual, porém são mais adequadas a relacionamentos com o mesmo sexo. Não conseguem entregar-se a isso e tornam-se assexuadas. Outras são verdadeiras místicas. Certa irmã que conheço é decididamente mística. Ela extrai tanta coisa da experiência mística! Aproxima-se dos 40 anos de idade e ainda é uma pessoa íntegra e feliz.

Nancy: O que me diz do relacionamento entre sua sexualidade e sua espiritualidade?

Irmã Anne: Minha espiritualidade modificou-se ao longo dos anos. O cristianismo institucionalizado tende a separar o espírito do corpo. Minha experiência com a espiritualidade feminista e com a Deusa confirmou minha intuição de que o espírito e o corpo são inseparáveis. Percebo que, no passado, quando eu me mostrava sexual, sentia-me inibida e degradada. Não era totalmente espiritualizada. Agora minha intimidade com Marie engloba todo meu eu espiritual e sexual.



Irmã Eileen Brady, 1983

Freira lésbica: nos limites

Eileen Brady

(1969 até o presente)

Muitos dos grupos de mulheres em que me encontro referem-se à condição de estarem nos confins, nas bordas, nos limites, como algo necessário, que propicia vida, que é rico em idéias. Nominar-se é importante, assumir a identidade de um nome é devastador. Como posso chamar-me de freira? Talvez eu esteja beirando o fato de ser freira. Como posso identificar-me como lésbica? Talvez eu esteja nos limites de ser lésbica.

“Freira” e “lésbica” são palavras que mais se aproximam da descrição daquilo que sou. No entanto, o termo “freira” é diferente, na percepção de católicos conservadores ou espectadores da Broadway, padres liberais ou então mulheres que são minhas amigas. O termo “lésbica” é diferente, na percepção de psicólogos ou freqüentadores de cinema, ou membros da comunidade de mulheres que poderiam difundir os dogmas da Igreja Católica ou das mulheres que são minhas amigas.

Identifico-me com a sensibilidade e a sensualidade lésbicas; amo as mulheres. A intimidade e a ternura física me são importantes. Não sei, porém, se poderia me encaixar nessa categoria, se acaso “lésbica” significar um comportamento físico específico ou estar associada a grupos políticos ou outros sinais

de autenticidade. Prefiro permanecer nos limites das comunidades de mulheres e de lésbicas, pois me preocupa a padronização das roupas, o ritual e a doutrina, que podem transformar uma comunidade numa instituição mais empenhada na realização dos objetivos comunitários, do que com a liberdade e a realização pessoal.

Segundo a letra de uma canção de Cathy Winter, “não tenho tanta certeza assim se quero encontrar apenas uma alma para fundir-se com a minha, por isso estou procurando alguns amigos que durem muito tempo”. Vivenciei a fusão de muitos espíritos, enquanto membro das Irmãs da Misericórdia. Minhas amizades na comunidade abrangem vários níveis, são diversificadas e duradouras. Amo as mulheres que permaneceram comigo e com as demais através das depressões, do conflito com as autoridades, nas ocasiões em que foram despedidas de seus empregos, na cadeia, nas orações, nas comemorações, na procura da justiça e no crescimento, com todos os riscos que ele implica.

As Irmãs da Misericórdia de New Hampshire, com quem vivo nestes últimos treze anos, são contraditórias. Dizemos que somos engajadas na luta contra as estruturas injustas e os sistemas que oprimem as pessoas e, no entanto, fechamos com a Igreja Católica. Isso significa estar no ventre da besta ou simplesmente mais próxima de uma das várias bestas do patriarcado do que de outras? Acho que, em vez de seguirmos o modelo masculino do profeta que morre para redimir a estrutura, estamos vivendo num outro nível de existência, que, para nós, não é inteiramente claro, mas que é repleto de vida e precioso.

No entanto, com todo meu idealismo em relação ao grupo, foram as mulheres enquanto indivíduos que constituíram, para mim, a base da esperança. Apaixonei-me repetidas vezes e isso me provocou arrepios e implicou buscas espirituais. Essa experiência confunde a mente e, ao mesmo tempo, a esclarece. “Como isso é possível?” passa a ser substituído por “Como isso não é possível?”. Esta última torna-se a melhor pergunta a ser feita.

Existe uma multiplicidade de respostas para o fato de que alguns membros da comunidade identificam-se enquanto lésbicas. Algumas freiras ficam repugnadas. Algumas ficam muito felizes. A maior parte se mantém em silêncio. Algumas (incluindo a mim, no passado) proclamam-se muito heterossexuais. As religiosas avançadas da década de 70 envolviam-se em “relacionamentos significativos” com homens, achando que valia a pena romper as barreiras do claustro, do hábito, da regra e promover “o fato de ser humano”. Lembro do alívio que experimentei quando, finalmente, surgiu um homem que me despertou sentimentos de ternura. E o que esse mesmo alívio teria a dizer a respeito dos profundos sentimentos de ternura que as mulheres haviam despertado em mim até aquele momento?

Em meio a um número cada vez menor de religiosas e a desafios que parecem infinitos, as freiras modernas acham perigoso ser chamadas de lésbicas ou de se ligarem a questões lésbicas, como sucedeu com as feministas que emergiam em todas as eras, o que foi também muito energizante. A imagem da freira tem sido a da mulher que sacrifica a verdadeira felicidade (sexo com o marido e realização pessoal através dos filhos), em prol de uma existência com um grupo de mulheres medrosas e frígidas. Algumas estão tentando modificar esse estereótipo. Queremos expressar a grande experiência positiva que é sermos identificadas como lésbicas e como freiras. Somos mulheres fortes, desveladas, poderosas, que vivem com outras mulheres e as amam. Compartilhamos uma história comum e uma busca constante.

Nasci em 1947 em Manchester, New Hampshire, cidade operária e ultraconservadora. Depois de bacharelar-me em biologia, ingressei na ordem das Irmãs da Misericórdia de New Hampshire, onde tomei parte de um programa experimental de formação, no qual escolhi meu próprio programa de estudos de graduação, meu trabalho e o lugar em que iria morar. Jamais usei hábito nem sofri qualquer tipo de restrição em meus movimentos. Ensinei em escolas públicas e católicas e realizei um trabalho na paró-

quia, participei da educação religiosa de adultos, entreguei-me ao ativismo político, incluindo uma detenção na Usina de Energia Nuclear de Sea-brook, além de integrar-me a um projeto de moradias populares, organizado comunitariamente. Nos últimos dois anos exerci uma grande variedade de tarefas, incluindo dois anos como compositora gráfica para Persephone Press, uma editora lésbico-feminista. Durante os últimos dez anos minha ligação com as estruturas institucionais da Igreja, que não as das Irmãs da Misericórdia, declinou rapidamente. Moro com outra irmã de Misericórdia num apartamento na região norte de New Hampshire e participo do movimento existente em minha comunidade que tem por objetivo estabelecer ligações com mulheres de dentro e de fora das comunidades religiosas, preocupadas com uma ação comum a favor da justiça.

Nona Parte

Valores de convento e ética lésbica

Embora a Igreja Católica criasse a estrutura das comunidades religiosas, a realidade cotidiana no interior dos conventos sempre foi e é a irmandade. Em nossas comunidades lésbicas/feministas, tentamos criar fronteiras elásticas, que abranjam nosso senso de compromisso moral para com as mulheres e que se encontra em pleno desenvolvimento. Embora muitas de nós, ao deixar os conventos, negassem qualquer valor a nossa vida religiosa, aparentemente reprimida, agora estamos aprendendo a reivindicar muitos valores conventuais como um código de ética para nossas comunidades lésbicas.



Virginia Apuzzo, 1984

A graça de conscientizar

Virginia Apuzzo
(1966 a 1969)

Quando comuniquei a meu pai que iria entrar para o convento, ele perguntou: “Para quê?” Ser a filha e a neta mais velha de uma família operária italiana me impelia para o convento e, ao mesmo tempo, me fazia recuar. Minha mãe já passara por uma depressão nervosa. Eu sabia que não queria me casar, enlouquecer, entrar para o exército ou ir para a prisão. Precisava de tempo para meditar no que iria fazer de minha vida.

Nas culturas orientais existe um período para contemplação, no final da vida de uma pessoa. Achei que era uma pena esperar até lá. A vida religiosa me proporcionaria a oportunidade de estudar e trabalhar produtivamente. Eu, em troca, beneficiaria a comunidade com minha capacidade de administradora e reservaria um tempo para pensar. O que mais uma mulher de minha geração poderia fazer, a fim de evitar as opções medíocres que lhe apresentavam? Em 1966 não havia um movimento gay ou um movimento de mulheres com que pudéssemos nos identificar.

Quando ingressei no convento, aos 26 anos de idade, era uma mulher inteiramente profissionalizada, diretora do Departamento de Estudos Sociais em uma escola ao norte de Nova York. Ti-

nha um bacharelado em história e educação, com alguns créditos em cursos universitários de graduação. Tinha plena consciência de minha identidade homossexual ao entrar para a ordem das Irmãs de Caridade e permaneci lá durante três anos, procurando as respostas a perguntas fundamentais.

Encarei a vida religiosa como algo temporário. Não sabia se levaria um ou vinte anos a fim de explorar a moralidade de minha identidade homossexual. Queria saber se o fato de ser gay significava que iria para o inferno ou poderia ser uma boa pessoa. O conceito dos pecados da carne me aprisionara, durante toda a vida, mas sabia que ele não tinha absolutamente nada a ver com relacionamentos. Ao examinar minha vida em retrospecto, percebo que cometi poucos pecados da carne. Parece-me agora que o pecado retira das pessoas a capacidade de ser quem são e ele nos constrange por meio de preocupações irrelevantes, como a culpa. Sim, a igreja institucional é culpada do pecado de impedir as pessoas de ser.

Quando era postulante, às voltas com essa questão do pecado e da sexualidade, um dos incidentes mais melancólicos de que me recordo deu-se com uma freira de meia-idade, que foi até meu quarto e disse: “Irmã, amarro minhas mãos na cabeceira da cama, à noite, de medo de cometer o pecado da impureza”. Olhei para o rosto daquela mulher e ela, em sua inocência, parecia uma garota de 14 anos de idade. Ocorreu-me que nenhuma das irmãs com quem vivia era capaz de cometer o pecado mortal da carne. Jamais poderiam pecar em relação à sexualidade, pois nunca tinham vivenciado de verdade a própria sexualidade.

Certa noite uma freira veio até minha cama e tentou deitar-se ao meu lado. Impedi-a, dizendo: “Irmã, você, no fundo, não está querendo fazer nada disso”.

— Quero, sim! — ela afirmou.

— Não quer, não — insisti. — Quando chegar amanhã se sentirá magoada e ressentida consigo mesma.

Era a mesma freira que dizia que amarrava as mãos na cabe-

ceira da cama. Se a dor que aquela mulher sentia em relação ao fato de se masturbar era tão profunda quanto eu imagino, jamais poderia ter cedido a seus impulsos. Além do mais, não tinha a menor intenção de violar meu próprio voto de castidade. Certo dia a mestra das postulantes, que agora é madre geral da congregação, perguntou o que eu achava de usarmos escarpins como parte de nosso hábito.

— Não lhe parece que os escarpins facilitam um contato com nossa feminilidade? — perguntou-me.

Pensei nas várias ocasiões em que minha mãe me chamara de moleca e queria que eu usasse roupas diferentes, que me fizessem parecer a garota mimosa que ela queria que eu fosse. Disse então à mestra das postulantes: “Irmã, se eu tiver de me identificar com um sapato de couro para entrar em contato com minha feminilidade, isso quer dizer que estou numa situação muito difícil”.

Mesmo com toda aquela confusão em relação à sexualidade, senti-me feliz por estar na Igreja, durante aqueles anos dinâmicos, quando o conflito entre Marta e Maria parecia ser deixado de lado, em favor de um engajamento no sentido de trabalhar pelas pessoas oprimidas. Quero usar todos os talentos e capacidades de que disponho, tendo em vista esse trabalho.

Ser freira foi doloroso, mas produtivo. Não poderia ter feito o trabalho que agora realizo a favor do movimento de libertação gay, se não tivesse aprendido a canalizar minha energia. A isso denomino graça. Os discursos que escrevo não têm essa graça, mas toda vez que estou diante de um grupo a fim de falar, algo se apodera de mim, cobrindo a distância que nos separa e caminhando em direção àquilo que poderemos fazer juntos e com alegria. É isso a graça. Não se trata de Deus, de Maria e nem mesmo de mim. É o poder que o grupo tem, a fim de realizar mudanças.

O orgulho gay não deve ser *presunção* gay. Devemos nos engajar em eliminar toda opressão. Acredito em fortalecer as pessoas, em torná-las conscientes da grandeza do poder de que elas

dispõem. A ausência dessa consciência é que é sinônimo de corrupção. Quando exigimos que o sistema mude, que a homofobia e o heterossexismo sejam eliminados, trazemos uma lufada de ar novo. Abrimos as janelas e respiramos a vida nova juntos.

Este depoimento é baseado numa entrevista realizada no escritório de Ginny Apuzzo, diretora executiva da National Gay Task Force, concedida a Rosemary Curb em Nova York, em janeiro de 1983.



Irmā Mary Mendola, 1968



Irmā Mary Mendola, 1980

Amantes por toda a vida

Mary Mendola
(1967 a 1970)

Prefiro o termo “homófilo” ao termo “homossexual”, ao me referir a relacionamentos amorosos na vida religiosa, que podem prolongar-se e efetivamente se prolongam por vinte ou trinta anos, mas que, de modo algum, incluem uma dimensão sexual. Com isso não quero afirmar que aqueles relacionamentos amorosos que incluem uma dimensão sexual não existam na vida religiosa. Neste momento, porém, falamos de relacionamentos homófilos no contexto de um compromisso com o celibato.

Quando recordo meus três anos passados na Ordem de Maryknoll, evoco vários desses relacionamentos, entre mulheres cujas idades iam dos quarenta até os sessenta e tantos anos. Naquele momento, eu estava tão fora de contato com minha própria vida emocional, que jamais os poderia ter identificado como relacionamentos homófilos. Agora, decorridos alguns anos, consigo reconhecer a riqueza e o amor que vi exprimidos em algumas dessas “amizades particulares”, que as comunidades religiosas tanto temem. A profundidade desses relacionamentos amorosos foi o que sustentou muitas dessas mulheres quando, juntas, compartilharam dez ou quinze anos de vida nas selvas da África ou da América do Sul. Viveram suas vidas reli-

giasas juntas, algumas até mesmo se aposentaram juntas e envelheceram juntas, como amantes que foram durante toda a existência. Eu jamais presumiria que houvesse algo de sexual nesses relacionamentos. Toda a orientação dessas mulheres consistia numa abordagem tradicional do celibato. Engraçado, não é mesmo? No entanto nossa sociedade, orientada para o sexo, poderia aprender muita coisa sobre o amor, com esses relacionamentos homófilos.

Não estou preconizando o celibato, nem posso fazer juízos de valor relativos às mulheres religiosas que levam vidas sexualmente ativas. O que estou querendo dizer é que não podemos invalidar mulheres que escolhem viver suas vidas religiosas comprometidas com outra criatura que muito significa para elas, no contexto de celibato.

Posso descobrir que minhas necessidades crescem e se modificam, à medida que eu cresço e mudo. O que permanece constante são minhas necessidades emocionais, no que diz respeito à proximidade, ao amor, a compartilhar uma vida. Não sou celibatária, mas sei que o que quero é uma amizade particular e a presença de outra criatura, que signifique muito para mim, nas selvas de Manhattan. Talvez nos percamos em nossas definições rígidas, esquecendo-nos que entre o celibato e a sexualidade encontra-se todo um mundo de intimidade.

Moro em Manhattan, na região norte do West Side. Gosto de minha profissão de escritora e produtora de vídeo, num canal de televisão alternativo. Sou autora de O Relatório Mendola: Observando os Casais Gays, publicado por Crown em 1980. Trabalho com a imprensa gay e falei sobre questões gay em conferências, rádio e televisão. Tenho 40 anos, estou ficando grisalha e sinto-me feliz por me situar onde me encontro.

Este depoimento é baseado numa entrevista com Nancy Manahan em novembro de 1982.

Sonhos de freira: uma alegoria de transformação espiritual

Joanne Marrow
(1964 a 1966)

Ingressei no convento com a finalidade de levar uma “existência perfeita”, de viver entre as mulheres, de evitar o casamento, de fazer meus estudos médicos, de viver aventurosamente como missionária na África, Coréia ou América do Sul, de dedicar minha vida ao serviço das mulheres e crianças. Vivi durante dois anos e meio no noviciado enclausurado da Ordem de Maryknoll, em Valley Park, Missouri, até a mestra de novicas me comunicar que era a vontade de Deus que me retirasse. Tinha 21 anos quando voltei para a casa de minha família em Chicago, no dia 21 de julho de 1966.

Embora a espiritualidade, tal como ela é definida pelo catolicismo romano, provoque um aleijão na alma, a Igreja proporciona uma riqueza de simbolismo e de ritual que pode alimentar a mente intuitiva. Durante meu tempo de católica e freira enclausurada, os rituais e os símbolos enraizaram-se profundamente em minha psique e definiram em meu inconsciente um espaço que a sociedade secular não preenche.

Em 1974 comecei a gravar meus sonhos. Em 1976 esses sonhos começaram a empregar a simbologia ligada ao convento e à figura da freira. Sair do convento foi uma experiência tão

dolorosa que minha mente inconsciente levou dez anos para usar essas imagens, a fim de dialogar comigo. Os sonhos relativos ao convento têm, para mim, uma profundidade e um vigor particulares, pois representam a mudança de um senso ingênuo de espiritualidade, encorajado pela religião patriarcal, e que resulta na minha atual espiritualidade, baseada na intuição e na experiência.

Primeiro sonho: 15 de fevereiro de 1976 (O julgamento)

Vou reingressar no convento. Estou atrasada. A caminho do convento, espero que o elevador desça. Fico impaciente, pois há muita gente querendo tomá-lo. Finalmente me empurram para dentro do elevador. Ao deixá-lo, sinto-me confusa. Encontro-me numa grande cidade e não sei se devo tomar o metrô ou um ônibus. Prefiro o metrô.

Estou sentada a uma mesa de jantar com seis postulantes. A refeição, tomada em silêncio, chega ao fim. A mestra das noviças e a madre superiora se aproximam de mim. Uma delas diz: “Como você se atrasou, deverá submeter-se a um julgamento especial”.

Um ser que poderia pertencer ao sexo masculino ou feminino (Mercúrio, talvez?) leva eu e outra postulante a um parque. Volta-se para mim e diz: “Você tem que ser uma prostituta”. É a última coisa que eu esperava, mas não há como me enganar. Percebo que estou usando uma roupa de prostituta.

É noite. Minha companheira e eu descemos do carro, mas ela não age como uma prostituta. Simplesmente me acompanha. Caminhamos e eu procuro decidir como poderia enfrentar esta situação. Encontramos com um professor, que dá uma aula de sexualidade a seus alunos. Chego até ele, aperto seu queixo com força e pergunto: “Hei, garotão, vamos foder?” Ele fica muito assustado e o incidente provoca uma cena e tanto, na frente de seus alunos. Prosseguimos nossa caminhada. Volto-me para minha companheira e pergunto se minha atitude foi suficientemente parecida com a de uma prostituta. Ainda assim, não fodo com ninguém.

Regressamos ao convento, para saber se fui absolvida no julgamento. Encontramos com a madre superiora. Ela não nos dá nenhuma resposta. Em vez disso, abre a porta e começa a falar com os numerosos pássaros tropicais que estão na sala. Minha mãe surge de meu lado e diz: “Vamos entrar”. Nós quatro entramos na sala. A madre superiora mostra os pássaros para minha mãe. Tenho a sensação de que aquele quarto me pertencia, antes de passar por uma reforma. Agora está muito mais bonito do que quando eu o ocupava. Digo: “Oh, a senhora o transformou num viveiro de pássaros”. É uma bela idéia, só que os pássaros cobrem tudo de titica. Voam em plena liberdade e o assoalho está uma lástima. Não gosto disso. Elas batem papo o tempo todo sobre os pássaros e eu espero para ver se fui absolvida no julgamento. Não consigo resposta alguma. Acordo.

Segundo sonho: 18 de abril de 1976 (Mudança no convento)

Retorno ao convento. A irmã Anne, mestra das postulantes, entrega-me o véu negro das irmãs professoras. Acho que ela está querendo me pôr à prova, pois sei que, como postulante, não devo usar um véu negro. Olho para dentro da gaveta dela, repleta de cobras de borracha, esqueletos de cobra e cobras guardadas em vidros de formol.

O convento agora se localiza numa encruzilhada muito movimentada e muitas construções se levantam à sua volta. São arranha-céus. Um homem, ao berros, dirige a remoção de um grande andaime, da altura de muitos andares. A Irmã Anne me dá vinho para beber e começo a me embriagar. Um homem diz qualquer coisa sobre decantar o vinho, quando ele se torna turvo. Meu copo ficou turvo e quero derramar o vinho. A irmã Anne já está me convidando para experimentar um novo vinho de laranja. Entra um praticante de ioga, calvo, e vem se despedir. Toca em minha mãe e me abençoa.

Terceiro sonho: 5 de agosto de 1977 (O cinto cor-de-rosa)

Reingresso no convento. Dão-me o hábito negro das postulantes, mas não tenho cinto. É hora de ir para a capela e estou

atrasada. Finalmente ponho um cinto cor-de-rosa, que trouxe comigo. É melhor do que nada. Uma postulante amável sorri e me acompanha em direção à capela. A mestra das noviças, ao me ver, solta uma exclamação, horrorizada, como se fosse dizer: "Oh, não, tenho que lidar com você de novo!" Percebo que estou sonhando. Vou até ela e murmuro: "A senhora não terá de lidar comigo durante muito tempo. Preciso só de três dias para conseguir a informação que quero". Percebo que me encontro aqui para descobrir o verdadeiro significado de minha experiência no convento. Vou para a cama, no dormitório, mas não suporto estar novamente no convento. Viro-me de um lado para outro, durante o sono, e esse movimento acaba fazendo com que eu desperte.

Quarto sonho: 22 de março de 1980 (Perfeitamente ridículo)

Sou freira de novo, mas gostaria de não ser, pois o sexo me agrada. Dizem-me que sou freira apenas nos fins de semana e isso me deixa relaxada. Um fim de semana dá para suportar. Estamos vestidas de negro. Como uso sapatos roxos, uma freira me diz: "Você está perfeitamente ridícula". Começo a rir e a pular: "Sou PERFEITA! Sou PERFEITAMENTE RIDÍCULA!", grito, festejando a situação por meio de uma dança cósmica.

Quinto sonho: 24 de maio de 1980 (Deixar o convento para vender a casa)

Sou freira e vivo em Chicago, onde morei durante 24 anos com minha família. Percebo que meus pais não venderão a casa porque estou morando aqui. Decido deixar o convento, para que eles possam vender a casa.

Sexto sonho: 24 de outubro de 1980 (Preciso deixar o convento)

Sou noviça e lavo o assoalho de meu espaço, no dormitório. Sei que devo fazer o mínimo possível de barulho, pois as demais irmãs dormem. Penso: "Preciso ir embora". Quero, porém, ficar até o inverno acabar. Acredito que, na primavera, minhas opções serão melhores. Temo regressar a Chicago e procurar um emprego, com o frio rigoroso que faz lá. Dou-me con-

ta de que posso ir para a Flórida. “Não”, penso, “já morei na Flórida. Bacharelei-me na Universidade Estadual da Flórida. Eu preciso mais é encontrar um psicólogo com quem possa trabalhar, a fim de conseguir minha licença”. Então percebo quem sou.

Sétimo sonho: 17 de novembro de 1980 (Deixada unicamente com um véu)

Encontro-me no apartamento de meus pais, onde fui criada. Procuro ajeitar meu véu, que tem aparência bem desagradável. O resto de meu hábito estragou-se e agora uso roupas de todos os dias. “Preciso parar de ser freira”, penso. “É como estar na escola!” Estou muito envolvida com os detalhes dos alfinetes, capa, elástico, touca e véu, tento ajeitá-lo, de modo que as partes puídas não apareçam. Acordo, pensando como é esquisito eu conseguir lembrar os detalhes do véu com tanta exatidão.

Oitavo sonho: 28 de novembro de 1980 (Tento partir)

Estou no convento e tento economizar dinheiro suficiente que me permita partir. Vou para o setor reservado às irmãs professoras, através de passagens complicadas, que nunca vi. Tentarei dar um telefonema secreto.

Nono sonho: 16 de fevereiro de 1981 (Perdi minhas roupas)

Sou freira e sei que estou sonhando. Preciso recapitular o sonho com cuidado, pois quero usar a informação que ele me traz, quando despertar. Percorro todo o dormitório, de roupão negro, à procura de minhas roupas. Todo mundo está participando de uma reunião. Não posso ir sem minhas roupas. Devo permanecer calma. A irmã Anne diz que me ajudará a pôr meu véu em ordem. Fico surpreendida ao notar que o véu é cinzento e não negro. Sinto-me, porém, aliviada, devido à ajuda da irmã.

Décimo sonho: 15 de dezembro de 1981 (Pense seus próprios pensamentos!)

Sou freira professora e passo pela cerimônia de ser designada para minha primeira missão. É uma despedida e tanto de mi-

nha casa-mãe. Estou ajoelhada diante da porta e esta se abre para o hall. O hall encontra-se repleto de flores, os padres entram e saem. Fazem piadas com um jovem padre, dizendo que ele sairá do convento e que alguém irá transar com ele. Fico enojada com a hipocrisia daquela gente. Sei que terei de acabar saindo por aquela porta. Não quero meditar sobre Cristo. Decido que as virtudes são bons tópicos para uma meditação. Medito sobre a fé, a esperança e a caridade.

Algumas freiras me apresentam um cartão com uma charada: 3 2 - / 2 3 - - . Resolvo facilmente. A solução é 3 2 1 / 2 3 2 1. Resolvo que tenho de partir e começo a pensar meus próprios pensamentos.

Interpretações e conclusões:

Vários modelos emergem desta série de sonhos. Meus poderes pessoais crescem, à medida que passo de postulante a noviça e a irmã professa. Decido finalmente partir. Essa progressão indica não apenas um aumento de poder, mas também uma modificação, desde as restrições da espiritualidade patriarcal até alcançar minha percepção feminista do eu, enquanto ser espiritual em um mundo material.

Nos primeiros sonhos sinto-me num beco sem saída, confusa e angustiada. Em meu primeiro sonho como postulante, por exemplo, dou um passo em direção à transformação espiritual. Ao sair do elevador e tomar o metrô, mergulho profundamente em minha psique e viajo no subterrâneo da percepção. Forças que se situam além de mim empurram minha consciência no elevador, a fim de ser "elevada". A mestra das noviças e a madre superiora, matriarcas do noviciado, representam uma autoridade espiritual mais elevada em minha psique, estabelecem meu carma. Um mensageiro dos deuses me conduz ao meu julgamento, que ocorre à noite, pois não consigo "enxergar a luz", no que diz respeito a seu significado. Minha atual sexualidade é "posta à prova" pelo professor, na realidade meu colega na vida cotidiana, que me perseguiu sexualmente e depois tornou-se um inimigo temível, quando rejeitei suas propostas. Embora

ele me encare como “prostituta”, ou sexualmente fácil, isso não corresponde à verdade. O quarto redecorado, no convento, é minha espiritualidade renovada. Embora a madre superiora represente a espiritualidade conventual, minha mãe significa meus elementos intuitivos. A títica dos pássaros significa que libertar a percepção não é um processo limpo e ordenado, mas repleto de sujeira e confusão.

No segundo sonho a mestra das postulantes, em relação a quem me sinto próxima, representa a mim mesma como uma mulher espiritualmente evoluída. A gaveta das cobras significa que já possuo os segredos de uma consciência maior: a energia kundalini, simbolizada pelas cobras. Por meio do vinho espiritual, elixir dos deuses, passo pela experiência de alcançar um plano mais elevado. A encruzilhada movimentada e os arranha-céus que estão sendo construídos indicam que estou integrando elementos numa teia psíquica, que alcança o céu. O andaime indica que ainda estou usando parte de minha antiga estrutura espiritual, presente no convento, a fim de evoluir. Ela será desmontada e jogada fora, quando minha nova estrutura se completar. O vinho turvo da religião patriarcal azedou e deve ser derramado. A despedida do iogue é a força masculina reconhecendo que não tem mais nada a me ensinar. Agora sou eu a construtora e a professora.

Em vários sonhos, bem como na vida cotidiana, durante esse período, noto que me vêem como uma pessoa estranha, de fora, difícil. Sou mal interpretada e solitária. No terceiro sonho, meu cinto cor-de-rosa, que representa um amor apaixonado, destaca-se sobre meu traje negro e me permite ser rotulada de não conformista, em meio às demais postulantes. Porém, meu retorno ao convento, para o enterro, após o que me situo na ressurreição simbólica da realidade, ao despertar, integra minha consciência. As filosofias orientais enfatizam que todos sonhamos quando pensamos que estamos prosseguindo nossa vida, quando despertamos, e que alcançar a conscientização implica em “despertar” de nosso estado crônico de sonambulismo. De

um sonho, no qual me vejo dormindo, desperto para a realidade. Abro meus olhos, com um sentimento muito grande de realização e poder.

Meu quarto sonho me informa que a expressão sexual é compatível com minha vida espiritual, mas que eu também me sinto bem com períodos de celibato. Minha compreensão inconsciente (os sapatos) se exprime através do roxo, cor de transformação espiritual. Saber que sou PERFEITA me traz orgulho e alegria.

Progrido cada vez mais no sentido de fazer uma escolha racional, plena de autoconfiança e que me levará a deixar o convento. Trata-se de um grande passo, a fim de recompor a desintegração psíquica que sofri ao ser expulsa do noviciado. No quinto e no sétimo sonhos reconheço quais partes de minha consciência moral foram herdadas de meus pais e quais são remanescentes da espiritualidade conventual (o véu puído). Crio as circunstâncias de minha evolução, em vez de pedir que os outros me forcem a deixar o convento, como de fato aconteceu. Enquanto passo do papel de vítima para o de atriz consciente, meu sentido pessoal de poder cresce nos limites do convento.

No sexto sonho escolho o momento ideal de partir. Decido permanecer durante todo o inverno, a fim de hibernar e me recompor. O sonho integra minha necessidade de deixar o convento com minha atual preocupação relativa à obtenção da licença para praticar a psicologia, e contém a percepção transcendente de quem sou agora.

No oitavo sonho assumo meu próprio destino e economizo dinheiro, meu legado espiritual do convento, a fim de tornar a transição mais suave. O telefonema é um segredo, pois preciso proteger meu eu mais profundo e continuar a descobrir os caminhos complexos de minha mente inconsciente. Penso em algumas carreiras e tomo decisões sobre meu próximo paradeiro.

Finalmente percorro todo o processo de abandonar a estrutura patriarcal espiritual e de criar uma espiritualidade feminista original. Deixar o claustro para trabalhar no mundo é um aconte-

cimento jubiloso: a porta da frente está aberta e o caminho me acolhe com flores. Rejeito a hipocrisia dos padres e da espiritualidade patriarcal. Ao escolher meditar sobre virtudes que transcendem todas as religiões, no lugar de imagens masculinas, deixo para trás a culpa, as regras relativas a um determinado estilo de vida, as restrições sexuais e o desamparo. Matar a charada representa minha análise lógica do passado. Estou pensando meus próprios pensamentos e desenvolvendo um estilo de vida baseado em minha própria moralidade, valor e poder.

Sou professora de psicologia na Universidade Estadual da Califórnia, em Sacramento, e psicóloga clínica, dando atendimento particular. Vivo em paz com minha amante, três cachorros, três gatos e dois periquitos. Com a ajuda das amazonas, estou construindo uma casa na distante Sierra Nevada e futuramente ela será um retiro espiritual.



Irmã Mary Teresa, 1957



Tee Corinne

Hannah Blue Heron, 1981

Misticismo: amor ou sofrimento?

Hannah Blue Heron

(1950 a 1967)

Na minha infância as igrejas da Ciência Cristã eram muito ascéticas, construídas como templos gregos. Na parte da frente havia um atril suficientemente simples para o leitor da Bíblia e o leitor de *Ciência e Saúde*, o livro escrito por Mary Baker Eddy. A bandeira americana e a da igreja ladeavam o átrio, juntamente com grandes cestas de flores. Havia cadeiras encostadas nas paredes e, pintada de dourado, com simplicidade, a mensagem: DEUS É AMOR. Era tudo. Eu conhecia essas palavras muito antes de ir para a escola e aprender a ler.

Na escola dominical nos ensinavam, ainda muito jovens, que Deus era onisciente, onipotente e onipresente. Juntamente com a mensagem sobre o amor, o último desses atributos cativou minha imaginação e preencheu meu espírito. Lembro de me apoiar com a barriga no balanço de nosso quintal, balançar e cantar: “Deus é amor, Deus está em todos os lugares. Por mais alto que eu me balance, ele estará lá”. Eu então aumentava cada vez mais o impulso, sentindo Sua presença amorosa me atravessar. Deixava então que o movimento diminuísse muito lentamente, até ficar sem me mexer, ainda eufórica e perdida na presença de Seu amor.

Aos 19 anos, quando me converti ao catolicismo, descobri a presença difusa da luz e do amor por meio de um modo deliciosamente concreto, na Primeira Comunhão. Houve momentos místicos, em que senti minha essência imersa no amor, intimamente unida a cada pessoa que se ajoelhava a meu lado. Em seguida sentia esse amor se expandindo e ele abrangia todos que estavam neste mundo e o universo inteiro.

Enquanto freira, consagrei jubilosamente minha vida a essa presença, todas as manhãs, quando renovava meus votos. Uma vez por semana tinha de enfrentar o juízo onisciente do confessor, mas não permitia que isso me desviasse da mensagem da nova vida da Ressurreição, mais plena de alegrias e mais real, a qual germinou em mim no Batismo, cresceu e desenvolveu-se a cada dia de minha vida.

Uma pessoa que procura o caminho espiritual da Igreja é prevenida *ad nauseam* sobre o fato de se pensar santa, devido à euforia que, de vez em quando, sente durante a meditação ou a comunhão. Ela é rebaixada, como uma criança que precisa de um pedaço de açúcar, a fim de encorajá-la a seguir por um caminho estreito. Recebe essa admoestação já como postulante. É como se receassem que ela possa gozar de um pouco de êxtase, o que está aquém de seus merecimentos. De acordo com as superiores, ninguém pode ser mística ou santa sem primeiro experimentar muito sofrimento.

Ao longo dos anos formei minha própria opinião sobre essas experiências de euforia. Antes de tudo, nos recônditos mais íntimos de minha alma, sabia que elas eram semelhantes à euforia que experimentei ao fazer amor com minha primeira amante, a mulher que me trouxe para a Igreja Católica. Em segundo lugar, sabia que essas experiências haviam aberto meu espírito para a capacidade de amar e ser amada, o que eu não teria em outra situação. Finalmente, se euforia não era santidade, para mim tratava-se de um modo eficaz de me sentir próxima a meu Noivo, Jesus, e a receber energia, a fim de trabalhar longas horas por Ele. Ela não eliminou o sofrimento de minha vida, caso

o sofrimento fosse, de fato, o segredo para caminhar em direção à santidade. Assim, emulando a modificação prática do modo de pensar de Santa Teresa, recomecei a meditar de modo a experimentar aquela alegria eufórica que vivenciei em criança, e que tanto prezaria quando adulta.

Deixei a Ordem do Bom Pastor em 1967, a fim de iniciar a tarefa de reconhecer meu lesbianismo e integrá-lo em minha vida. Vivo atualmente no sul do Oregon. Componho uma fantasia musical, Do Outro Lado da Loucura, e trabalho numa autobiografia, Auto-Retratos Nus. Meu depoimento é um resumo de Essa Estranha Intimidade, publicado em 1983.



Irmã Mary Theresa, 1970



Joyce, 1983

Braços de mulher não podem formar um círculo banhado pelo luar

Joyce
(1967 a 1972)

Uma rede de fios que se entrelaçam, se trançam e se fiam aqui e ali me traz a este momento em que vivo. Converti-me ao catolicismo em 1966 e me aproximei da vida religiosa um ano e meio depois, tentando entretecer meu sentido de espiritualidade e meu propósito de vida, enquadrando-os numa moldura de referência religiosa. Hoje, enquanto lésbica e feiticeira, questiono se o fato de ingressar no noviciado franciscano, há anos, não teria sido um desvio equivocado ou uma trajetória pessoal necessária, em se tratando de minha consciência espiritual em pleno crescimento.

Vestir um hábito religioso significou uma transição entre um viver patriarcalmente controlado e minha visão de uma realidade ginecêntrica. Em *A Igreja e o Segundo Sexo*, Mary Daly escreve: "A freira sempre foi a imagem da velha e da nova mulher... envolvida no drama da transição, a partir de uma era que está desembocando na nova era". A vida religiosa iniciou meu rito de passagem da velha para a nova mulher.

Às mulheres católicas não se oferece outra escolha, a não ser a subserviência a um princípio masculino: tornar-se propriedade de um homem, através do casamento, ou tornar-se noiva de

Cristo. Ser a noiva virgem de Cristo, a Ele sacrificada, negava o existir físico e espiritual. O objetivo final era a união com o Outro celestial, uma espécie de cativo sagrado. Minha embriônica tomada de consciência de ser mulher encolhia-se diante dessa opção, da mesma forma que eu me encolhia, em se tratando da união física no casamento. Como seria possível o cativo trazer libertação espiritual e crescimento?

Quando ingressei no convento, as comunidades religiosas entregavam-se aos espasmos da renovação. Enquanto as freiras tentavam modificar sua imagem, seu estilo de vida e seus relacionamentos por meio de uma transformação radical, nascida da disposição de encarar as contradições e as confusões, a hierarquia ancorava-se firmemente na segurança das velhas trajetórias.

No final de quatro anos e meio de permanência nas franciscanas, aliei-me a um pequeno grupo de "radicais". Atualmente o termo parece um pouco deslocado. Elas foram as primeiras a reivindicar seus nomes de mulher, as que se chamavam de amigas, bem como de irmãs, as que questionavam com hesitação a tirania da Igreja. Excitada, esperançosa, uma "freirinha" ingênua que mal tinha 21 anos de idade, passei a pertencer ao grupo das radicais. Talvez essa mesma ingenuidade é que me possibilitou obter respostas a perguntas que nossas superiores não permitiam serem respondidas.

Em nossa luta cheguei a uma valorização de mim mesma, de minhas irmãs, e à força potencialmente criativa do relacionamento entre as mulheres. Tornei-me uma lésbica emocional sem o saber, revestindo-me disso com a mesma facilidade com que alguém veste uma roupa feita pelas mãos competentes de uma costureira. Estava apaixonada pela vida e pela recente descoberta da irmandade entre as mulheres. Criei rituais, a fim de comemorar novas visões. É claro que esbarrei com as restrições de um sistema religioso que tentava me separar de minhas irmãs, que assumiram sua condição de mulher, e de mim mesma.

Elas afirmavam que a mudança deve ser lenta e sólida. Novas descobertas precisam ser sancionadas e ajustar-se a valores

tradicionais (masculinos). O amor entre as irmãs, preveniam, sempre será denominado uma amizade particular, algo vergonhoso. A auto-expressão deve ser disciplinada e dirigida para o princípio masculino, Cristo e o gênero humano, a fim de evitar o pecado. Não deve haver agitações do espírito que não sejam reconhecidas pela Igreja, nem danças jubilosas, e braços de mulher não podem formar um círculo banhado pelo luar. Isto cheira a um ritual pagão!

Anos depois olho para trás e vejo os temores daquela gente. Percorrendo os campos da mudança, nós, radicais, atingimos a fronteira. Trata-se de um lugar estranho, cujos limites não são claros. O novo lugar era poderoso, pois derivava das raízes das energias criativas das mulheres. Misteriosas, assustadoras, sepultadas, sua liberação foi negada durante muito tempo. Aqueelas de nós que cruzaram a fronteira foram rotuladas de inadequadas à vida religiosa e acabaram por ser eliminadas das fileiras das noivas de Cristo. Porém nossos espíritos, agora transformados, podiam aprender a dançar e a elevar-se, acompanhando o ritmo da energia que repele a sujeição e está se recriando perenemente no tempo e no espaço.

Sou aquariana e nasci em 1948, na Louisiana. Converti-me ao catolicismo em 1966 e passei quatro anos num convento franciscano. Descobri a espiritualidade matriarcal em 1980. Bacharelei-me em psicologia na Universidade Estadual da Flórida. Exerço a profissão de psicóloga.

Valores conventuais e ética lésbica

Diálogo com Janice Raymond e Patrícia Hynes
(1960 a 1972 e 1965 a 1970)

(Em outubro de 1983 Rosemary Curb entrevistou Pat e Jan na casa que elas projetaram e construíram em Montague, Massachusetts. Jan, cujos trabalhos publicados incluem *O Império Transexual*, escreve no momento um livro sobre a amizade feminina e encarrega-se de estudos sobre a mulher na Universidade de Massachusetts, em Amherst. Pat, que fundou o restaurante Pão e Rosas em 1974, em Cambridge, é engenheira ambiental e supervisiona a limpeza de depósitos de lixo, criados ao acaso, para o Departamento de Proteção Ambiental.)

Rosemary: Muitas de nossas amigas lésbicas que não entraram para a vida religiosa imaginam que estar num convento foi uma experiência negativa. Se pensarmos em termos do poder da Igreja sobre nós, então foi uma experiência sem dúvida repressiva, mas, de alguma forma, essa comunidade autônoma de mulheres contornou a dominação direta do homem. Quais são os aspectos positivos resultantes do fato de ter estado num convento?

Pat: Sempre que Jan e eu falamos sobre nossos sentimentos em relação às freiras, quando crescíamos, numerosas mulheres afirmaram ter tido experiências terríveis. Acharam as freiras se-

cas, distantes, desamorosas. Fico surpreendida, pois tive uma experiência incrivelmente positiva com as freiras, quando criança. Foi por isso que me tornei uma delas. Era a atração por mulheres adultas, diferentes das demais que via em torno de mim. As mulheres profissionais solteiras a quem conhecia eram desprovidas da amizade e do sentido de família com outras mulheres, que as freiras tinham. Assim, não só gostava daquelas freiras que me ensinavam no primário, como amava — e Jan também disse isso — estar no convento e ver as freiras interagirem. Sentia o interesse e a animação de uma pela outra e via tudo em suas vidas se encaixando muito bem. No convento todo mundo tinha uma ocupação, ao contrário de minha casa, onde as garotas desempenhavam as tarefas domésticas e os meninos tinham permissão de fazer o que bem entendessem. Presenciei uma divisão de trabalho igualitária. Não havia lá papéis ou privilégios como os que meu pai e irmãos tinham em casa.

Rosemary: Você afirmou que a experiência de viver numa comunidade de irmãs foi tão maravilhosa que, desde então, tenta recuperá-la.

Pat: Sim. Acho que para muitas de nós, ex-freiras, algumas das melhores experiências de nossas vidas se deram no noviciado. Ao alcançarmos o noviciado, já havíamos nos ajustado aos aspectos que regulavam a vida conventual. Vivíamos com mulheres que compartilhavam a mesma atração por outras mulheres, um espírito comum de idealismo e uma soma enorme de boa vontade, altas expectativas e energia erótica. Aqueles dias permanecem como um dos momentos mais felizes e brilhantes de minha vida, quando os rememoro.

Jan: Vim de uma família de meninos e foi a experiência de irmandade entre mulheres que me atraiu inicialmente para a vida do convento. Estudei num curso colegial feminino, mas a experiência da amizade foi muito diferente no convento.

Pat: Tornei-me ativa no movimento das mulheres, logo após deixar o convento. Há nove anos, quando fundei o restaurante Pão e Rosas, destinado às mulheres e idealizado também como

centro cultural, estava tentando recriar o sentido de comunidade que havia vivenciado no noviciado. O espírito do Pão e Rosas era semelhante àquele que reinava no noviciado. Havia muito trabalho a fazer e ele era dividido com equidade entre as mulheres. Foi uma época de grande idealismo no feminismo, de uma atração mútua, sentida profundamente, por se criar uma comunidade. Eram essas coisas as que eu mais amei e de que mais me recordei, ao pensar no convento.

Hoje tenho anseios mais moderados e maduros, em se tratando de uma comunidade de mulheres. Não espero jamais voltar a viver naquela espécie de comunidade física de que participei um dia. Tento voltar a apreender o senso de mulheres umas *pe-las* outras, de mulheres como algo primordial, algo que ultrapassa nosso círculo de amizades pessoais, como acontecia numa comunidade religiosa. Mesmo com mulheres a quem eu não conhecia, sentia nossos ideais e nossa vida comum. Dediquei-me a algo maior do que nós todas. O feminismo parecia prometer essas coisas e espero continuamente que elas aconteçam. Conscientizei-me, porém, que elas só poderão acontecer se as criarmos. Originalmente minha expectativa era a de que o feminismo haveria de gerar a irmandade entre as mulheres. Eu faria parte dela, mas era algo que acabaria por acontecer, pois parecia inevitável. A esta altura, sinto-me muito mais responsável por fazer com que ela aconteça.

Rosemary: Ao trabalhar neste livro, lembrei-me daquela amorosa comunidade conventual que o feminismo parece prometer, mas que jamais conseguiu estabelecer. Isso tem algo a ver com o dogmatismo que é a espora da vida religiosa?

Jan: Acho que a realização de uma comunidade conventual teve muito a ver com um certo sentido de fronteiras básicas e de regras consensuais que auxiliaram a encorajar o respeito e a dedicação. A falência de uma comunidade conventual, para muitas mulheres, resultou do fato de que essas fronteiras e regras se tornaram restritivas e dogmáticas demais.

Pat: O convento oferecia a estrutura de uma comunidade.

Não era preciso criá-la nem sustentá-la. A comunidade era amparada financeiramente. A educação era assegurada a todas nós, pelo menos em minha comunidade. Você tinha um emprego, um lugar onde ser enterrada, mulheres mais velhas, que eram suas mentoras. Não era preciso inventar tudo, à medida que prosseguíamos. Com o feminismo, a estrutura não se apresenta. Muitas das primeiras instituições feministas, centros de mulheres e negócios empreendidos por mulheres tiveram curta duração devido à inexistência de princípios organizativos que as guiassem. Os desacordos desembocaram com frequência numa divisão, que desfez muitas tentativas pioneiras, no sentido de se criar instituições feministas.

Jan: A discordância existia nos conventos, mas a divisão ocorreu devido à estrutura de que estamos falando.

Rosemary: As regras básicas consensuais, existentes na vida religiosa, tornaram muito mais fácil a existência de uma comunidade. O que dizer de nossas experiências comuns mais profundas, vividas no convento? Por que ingressamos? O que encontramos lá de tão maravilhoso? Como é que esse laço compartilhado ainda existe na vida que levamos hoje, como lésbicas que não vivem em comunidade física e que, ainda assim, possuem o senso de uma comunidade ampla, como, por exemplo, a comunidade lésbica internacional e a comunidade aqui de nosso vale?

Jan: Aquilo que, na época, nos parecia uma regulamentação excessiva propiciou meios de comunicação muito profundos. Realizávamos o trabalho manual em silêncio, mas existia muita comunicação. Lembro-me de estar na lavanderia com as mulheres e trocar olhares carregados de significado. Eu sabia qual era a intenção desses olhares e eles vitalizavam meu dia. Algumas vezes representavam o que havia de mais importante nesse dia.

Pat: Lembro-me das mulheres inventarem modos engenhosos de se comunicarem. Jan e eu conversamos muito sobre a falta que faz uma certa consideração mútua entre as feministas.

No convento eu tinha uma mala cheia de presentes que eram provas de dedicação e recebia as cartas e os poemas mais ternos que se possa imaginar. E não era apenas uma conseqüência de sermos jovens e estarmos apaixonadas. Parece que, enfrentando o que poderia ser considerado condições muito difíceis e frustrantes, criávamos as maneiras mais diversas de termos consciência umas das outras.

Jan: Estava pensando por que a proibição das amizades particulares jamais deu certo. A amizade sempre sobreviveu. Lembro-me das admoestações padronizadas, feitas pela mestra das noviças. Embora jamais pronunciasse a palavra "lésbica", certa vez disse "homossexual". Afirmou que as mulheres de nossa idade normalmente estariam engajadas em relacionamentos com um homem, e que devíamos tomar cuidado com a intimidade entre nós, pois não era normal. Ao mesmo tempo que éramos admoestadas em relação às amizades particulares, éramos encorajadas a desenvolver amizades espirituais. Assim, poderíamos sempre racionalizar que uma amizade particular era, na verdade, espiritual, pois que investida de algo mais que sentimentos eróticos. Havia também um terceiro elemento presente: Deus.

Pat: Introduzimos um sentido de transcendência em nosso relacionamento. Havia nele algo de santificado, de sagrado. Eu sempre queria levar a amizade particular para o domínio do sagrado, para que ela não se tornasse algo reprovável e para que eu não me deixasse dominar pela paixão.

Jan: O lado negativo da amizade particular era a necessidade de justificá-la. O lado positivo é que ela apresentava uma dimensão de importância que ia além de si mesma.

Pat: Estudei num *college* só para moças católicas. Embora dormíssemos no mesmo quarto, existia uma proibição tácita em relação ao lesbianismo. Embora existisse nas amizades muito calor e dedicação, não havia comparação entre elas e as que tive no convento. Eu experimentava sentimentos muito mais profundos até mesmo por mulheres que não despertavam atra-

ção em mim. A profundidade de sentimentos que as mulheres tinham umas pelas outras, no convento, criou um mundo incomparável.

Jan: Uma das coisas lamentáveis que aconteceu, quando deixei o convento, foi o fato de perder contato com muitas das mulheres com quem tinha amizades intensas. A maior parte delas deixou o convento antes de mim e uma após outra se tornaram heterossexuais. Partiram quase que imediatamente para os envoltórios heterossexuais, acabaram se casando e permanecem casadas. Dado o fato de que os relacionamentos com as mulheres eram primordiais no convento, mas não constituíam a norma no mundo, imagino que elas estavam tentando normalizar-se. Talvez, em retrospecto, encarassem seus relacionamentos íntimos no convento como um estágio adolescente pelo qual haviam passado.

Rosemary: Quanto tempo você esteve no convento?

Jan: De 1960 a 1972, doze anos, portanto.

Rosemary: Entrou logo após o curso colegial?

Jan: Sim.

Rosemary: E você, Pat, entrou depois de se formar no *college*?

Pat: Na verdade entrei para o convento duas vezes. A primeira delas foi após o curso colegial e a segunda, após o *college*, durante cinco anos, de 1965 a 1970. Creio que a transição de Jan, de um mundo de mulheres, no convento, para um mundo feminista identificado com a mulher, foi bastante suave, em contraste com o que aconteceu a muitas mulheres.

Jan: Estive em ambos os mundos com um intervalo de três anos.

Pat: Algumas mulheres como eu deixaram o convento antes de Jan e não tiveram uma proximidade em relação ao pensamento lésbico e feminista, que lugares como as faculdades proporcionavam. Saí de uma existência centrada na mulher para "o mundo", como o denominávamos, como se o convento não fizesse parte do mundo. Eu não tinha apoio para prosseguir em relacionamentos intensos com as mulheres. Lembro-me de sentir

uma enorme solidão e ansiar por aquela comunidade de mulheres da qual quis me retirar. Senti que ninguém me compreenderia, se eu quisesse manter aqueles relacionamentos. Olhando para trás, dou-me conta de que sempre fui lésbica, pelo menos desde o curso colegial. Tive envolvimento duradouros com mulheres, durante anos, quando fazia o curso colegial e o *college*. Minhas primeiras experiências com os homens ocorreram depois que saí do convento. Sentia uma curiosidade intensa em relação à sexualidade e ao fato de ela ser tão proibida. Quando descobri que não conseguia suportar um relacionamento com um homem, parti para vários. Com isso quero me referir a dezenas de casos. Tentei todos os tipos de homens, de muitas raças e continentes, velhos, jovens, agnósticos, padres e casados. Em retrospecto, percebo que precisava de doze ou quinze homens, a fim de se igualarem a uma mulher. Compreendo melhor do que Jan o que levava ex-freiras a irem a bares, saírem com homens e casarem rapidamente. A heterossexualidade era a única coisa normativa. Tentávamos freneticamente apagar a experiência do convento e atenuar a estranheza do mundo.

Jan: Rosemary, você diz que se casou?

Rosemary: Sim, fui uma daquelas que se casaram um ano depois de sair do convento. Embora tivesse um relacionamento sexual com uma irmã mais velha, durante meus últimos dois anos de convento jamais me ocorreu que pudesse relacionar-me com mulheres fora da vida religiosa. A paixão que senti pela mulher a quem deixei para trás e que disse ser velha demais para abandonar o convento não se parecia nem um pouco com o afeto controlado que experimentei pelo homem com quem casei. Disse a mim mesma que os sentimentos eram diferentes porque ela tinha sido minha primeira amante e o convento exagerava a importância de tudo.

Pat: Talvez até tornasse tudo mais perfeito.

Rosemary: Exato, e as pessoas normais se casam e...

Jan: E é preciso crescer.

Rosemary: Com efeito.

Pat: Você tinha consciência de sentir-se constrangida diante do mundo, após deixar o convento, ao pensar na intensidade dos sentimentos que experimentara por outra mulher, quando ainda participava da vida religiosa? Muitas mulheres podem até mesmo suprimir a recordação desses fatos dentro de si mesmas. Negam, ignoram e esquecem. Você se surpreendeu agindo assim?

Rosemary: Sim, apaguei aqueles anos de convento. Não queria que ninguém soubesse que era ex-freira. Senti-me extremamente desajeitada em relação a minhas roupas, meus cabelos, movimentos e gestos. Receava que qualquer erro que cometesse, em sociedade, revelasse meu passado. Ingressei no convento assim que terminei o curso colegial. Quando saí, aos 25 anos de idade, considerava-me socialmente retardada, pois ainda tinha os maneirismos e expectativas de uma garota de colegial. A ingenuidade angelical de uma freira constituía também algo de bem pouco encantador, durante os meados da década de 60, politicamente tão ativa.

Jan: Entrei jovem para o convento e ali permaneci durante doze anos, embora nos últimos cinco anos já não vivesse mais em comunidade. Durante meu curso de graduação, no final da década de 60, envolvi-me com o ativismo presente no campus da universidade. O feminismo apenas começava. Eu estava numa escola teológica protestante em Boston, em meio a mulheres que começavam a pensar numa combinação de feminismo e religião. Muitas dessas mulheres, que estudavam para se ordenar em denominações protestantes, não se interessavam pela religião institucional, mas por aquilo que denominávamos espiritualidade. Algumas delas desistiram, pois sua consciência feminista as forçou a ver como a identificação religiosa patriarcal fragmentava a espiritualidade feminista. Essas amigas me ajudaram a manter minha identificação com a mulher e meu sentido de espiritualidade, embora radicalmente definido. Era animador avançar ao lado de mulheres que se interessavam por questões espirituais.

Rosemary: Você demorou muito para deixar a Igreja, após retirar-se do convento?

Jan: Abandonei a Igreja antes de deixar o convento. A dificuldade não consistia em deixar a Igreja, mas a comunidade de mulheres. Senti que não deveria deixar minhas amigas para trás, já que nossos laços eram tão fortes.

Pat: Você queria que elas caminhassem a seu lado.

Jan: Mas elas não aceitaram. Algumas ainda se encontram lá.

Pat: Assim que deixei o convento, em 1970, estava amargurada e decepcionada. Senti que um sonho se acabava, pois aquela instituição era inflexível, incapaz de abrir um espaço para as mulheres que queriam crescer. Fiquei de coração partido ao deixar mulheres com quem queria viver o resto de minha vida e indignada com aqueles que tinham o poder de mudar a vida, mas que se recusavam a fazê-lo. De volta ao mundo, senti-me constrangida de repente ao perceber que meus sentimentos e minha aparência eram por demais provincianos. Rememorei minha comunidade como um grupo de mulheres ingênuas, afastadas do mundo e sem a menor sofisticação. Notei nas ruas freiras vestidas com hábitos e achei que elas tinham ar de bobas e, no entanto, lembrei que minha aparência era exatamente aquela e pensava muito bem de mim mesma.

À medida que avancei no feminismo e admiti meu lesbianismo, comecei a recuperar a paixão do convento e o sentido de comunidade com as mulheres. Recentemente estou encarando de outro modo a instituição e as mulheres. No último verão voltei para o lugar onde fiz o noviciado, a fim de visitar umas conhecidas. Algumas galgaram os altos escalões da autoridade e de mestras das postulantes ou das noviças passaram a tesoureiras ou madres superioresas. Uma criatura que me ensinara física no *college* agora tem 70 anos de idade e ainda leciona em período integral. Dirige um planetário. Após passar várias horas conversando com elas, parti impressionada com essas mulheres mais velhas, que agora dirigem instituições integradas por milhares de mulheres, cuidam das finanças e tomam decisões relativas

à reestruturação e reorganização. Elas se mostraram profundamente atraídas pelo mundo em que vivo e me fizeram perguntas muito diretas sobre o lesbianismo e o feminismo. Ficaram curiosas em relação ao potencial espiritual do feminismo. Parti com a sensação de que elas haviam entendido o cenário em que eu atuo, que elas não viam a vida que levo agora como uma ruptura radical com aquela pessoa que elas tinham conhecido ou com a espiritualidade que enxergavam em mim. Experimentei um senso de integridade com meu passado. Fiquei feliz ao perceber que elas não encaravam o feminismo lésbico como algo incongruente com a vida religiosa, como acontece com minha família e muitos católicos. Voltei com a compreensão das razões que me levaram a me tornar freira.

Rosemary: O que, em sua vida, ocupa o lugar da oração e da meditação ou o senso da transcendência mística?

Jan: O próprio feminismo ocupou tal lugar. Não necessito mais de um período definido de oração ou meditação. Acredito que o convento ajudou-me de fato a introduzir essa dimensão espiritual em todas as minhas atividades. Afinal de contas, isso era definido como o hábito clássico da oração. Já não faço mais uso dessa definição. Atualmente daria a essa atitude o nome de hábito de reflexão. Surpreendo-me refletindo, ao ensinar, ou até mesmo ao olhar dentro dos olhos de uma pessoa. Ouvi as mulheres dizerem que sentem a necessidade de uma delimitação do tempo, no contexto de uma liturgia especial. Não tenho essa necessidade, mas existem em minha vida certas dimensões que pedem muita comemoração.

Rosemary: E como você comemora?

Jan: De muitos modos. Por exemplo, depois de dar uma aula muito proveitosa, costumo ficar com meus alunos, quando ela acaba, e conversamos a respeito de certas idéias. Outro modo de comemorar é jantar com amigos e sentir-me viva de um modo muito especial.

Rosemary: Seria a consciência de você mesma, existindo fora dos limites do espaço e do tempo?

Jan: Ela é definida pelas mulheres à minha volta.

Rosemary: Quer dizer que existe nisso uma qualidade comunitária?

Jan: Temos muitas amigas com quem comemoramos certos dias, tais como os solstícios ou os aniversários.

Rosemary: Vocês comemoram os solstícios por meio de rituais?

Jan: Não. Apenas nos reunimos e festejamos.

Pat: Algumas vezes usamos o telescópio para espiar as estrelas. Na época do solstício quero saber com exatidão o que está acontecendo na natureza, qual a razão do solstício. E você, o que me diz de seu sentido de espiritualidade, na falta de um mundo melhor?

Rosemary: Penso em minha espiritualidade como algo fincado na terra. É um contraste e tanto com a mortificação da carne que eu praticava no convento. Não saio por aí abraçando as árvores com muita frequência, mas como sinto esse impulso! Jamais fui iniciada num grupo de feitiçeras, mas gosto de me denominar uma delas, pois a palavra denota um tabu patriarcal e eu me sinto solidária com as mulheres que foram queimadas pelo fato de serem feitiçeras. Participei de círculos rituais, que comemoravam solstícios, equinócios e lua cheia, no Pagode, em Vilano Beach, ao norte de St. Augustine, meu lar espiritual, lésbico e separatista. Morgana, que fundou o Pagode em 1977 e é uma amiga íntima, dirigiu esses rituais e ensinou-me quase tudo o que sei a respeito da prática diária da feitiçaria. Participei também de círculos orientados de Starhawk e Z. Budapest e estudei seus livros, a fim de organizar rituais que dirigi em meu quintal, na minha sala de estar e no campus de Rollins. Dirigir um círculo ritual com mulheres que jamais praticaram uma cerimônia pagã me oferece a oportunidade de pregar minha espiritualidade e praticar a intensificação da consciência. Espero que toda mulher que participe de meu círculo saia dele cheia de alegria e se fortaleça, sentindo a força vital que a liga à terra. Até mesmo quando mentalizamos um cone de poder e sentimos nossas energias coletivas subindo em espi-

ral, no seu interior, quero que nos sintamos muito terrenas. Talvez espiritualidade não seja a palavra exata.

Jan: Ainda gosto do termo “religioso”. Existe, em sua etimologia, muitos significados, mas o melhor deles é “ligar”. Sinto que foi isso que aconteceu com minha vida, em se tratando da espiritualidade feminista. Ela estabeleceu a ligação entre muitas dimensões.

Rosemary: Vocês não se surpreendem ao ver quantas líderes do movimento lésbico/feminista foram freiras? Achar que o treinamento que recebemos no convento nos proporcionou hábitos diários de enfocarmos as questões, a fim de podermos banir a dissipação e a distração, o que, infelizmente, nos deixou com uma tendência para o perfeccionismo obsessivo? Ainda me sinto obcecada em não perder um minuto sequer e nunca estou satisfeita, achando que não fiz o suficiente. Nesse sentido, o que tem atrapalhado vocês?

Pat: Certas coisas que eu trouxe do convento não constituem aspectos negativos, mas, naquele contexto, eram mal usadas ou até mesmo masoquistas. Considere, por exemplo, a questão do Capítulo das Culpas. No convento era uma coisa absurda, mas agora sinto-me capaz de reconhecer meus erros, de declarar que errei. Tenho a capacidade de me desculpar ou admitir que me enganei, de esclarecer tudo e não me sentir culpada. Valorizo isso em mim.

Jan: Aprendi muita coisa com aquilo que Alice Walker denominou “os rigores da discrição”. Por exemplo, muitas vezes as pessoas me perguntaram: “Como é que você sabia desde o início que ela era uma idiota?” Realmente não sei, mas é que adquirir o hábito da discrição, pois no convento dispúnhamos de muito mais tempo para o cultivar e ele era encorajado com muito rigor dentro de nós mesmas. Desenvolvemos a capacidade de discernir quem era amiga e quem não era. Algumas feministas denominavam a isso paranormalidade. Creio que se trata apenas do hábito do discernimento. Não quero dizer com isso que sempre tenho razão ou que sei sempre separar o joio

do trigo, mas, com grande freqüência, meu discernimento se revela muito preciso.

Pat: O sentido de responsabilidade pelo fato de você carregar seu próprio peso também foi-nos inculcado no convento. Se você comia, esperava-se que lavasse seu próprio prato e que ajudasse na preparação do jantar. Dividir as tarefas caseiras é um hábito corriqueiro e justo, praticado por mim e por Jan. Não foi difícil chegar a isso. Nossa amizade não passou por crises, no que diz respeito a compartilhar responsabilidades. Nenhuma de nós sentiu que estava fazendo mais do que a outra. Sinto-me grata em relação àqueles anos em que tive condições de exercer algumas de minhas melhores capacidades. Tenho a capacidade de ser amiga. Como acontece com qualquer talento, quanto mais ele é exercitado, maior o rendimento. Encaro aqueles cinco anos passados no convento como dos melhores de minha vida, em termos de amizade.

Jan: Quando eu lia o livro de Lillian Faderman, *Ultrapassando o Amor dos Homens*, notei que as razões pelas quais as amigas românticas se atraíam mutuamente também existiam nas amizades do convento. Gozávamos da companhia de iguais. Estávamos envolvidas com algo que era maior do que nós.

Pat: Muitas estruturas, embora rígidas, evidenciavam certa sabedoria e acredito que as feministas lésbicas poderiam beneficiar-se dela. Embora vivêssemos comunitariamente, o sentido de privacidade era encorajado e reforçado. À noite, quando você ia para seu quarto, embora, concordo, gostasse que outra pessoa estivesse lá, era bom poder fechar as cortinas ou a porta e encontrar-se em seu próprio espaço. Você não era invadida.

Rosemary: Do que mais sinto falta é da regra do silêncio.

Pat: Sem ela não teríamos tempo para pensar, estudar, recompor-nos. Além do mais, embora houvesse o consenso de que todo mundo era igual e tratado da mesma forma, à medida que as mulheres envelheciam e realizavam suas tarefas com mais lentidão, elas eram aliviadas de uma parte do trabalho, que sempre incumbiam às irmãs mais jovens, as quais apresentavam um

desempenho superior. Através do trabalho, a gente aos poucos adquiria méritos e podia então relaxar. Algumas vezes, no feminismo, sinto que não obtemos esse reconhecimento. Por que não podemos chegar à posição de mentoras das mulheres mais jovens? A nivelação que ocorre em nome da irmandade ou da abolição da hierarquia não permite às mulheres que merecem respeito ou reconhecimento alcançar essa situação.

Jan: Sinto muitas vezes que várias alunas minhas mostram-se reticentes em expressar a individualidade. Em nome de uma certa igualdade feminista amorfa, ninguém deve se destacar.

Pat: No convento desenvolveu-se uma alternativa sutil a esse nivelamento. Na comunidade de irmãs você tinha condições de alcançar um certo status, sem por isso cair na hierarquização.

Jan: Uma coisa positiva em minha comunidade, sobretudo no noviciado, era a combinação de trabalho manual com o trabalho mental. Não me refiro apenas ao trabalho doméstico ou corriqueiro. Aprendíamos ofícios tais como a carpintaria, que as mulheres daquela época em geral não praticavam. Os preceitos de Mao em relação ao bom cidadão foram antecipados, em certas comunidades. Lembro-me de passar por períodos intensos de estudo e períodos igualmente intensos de trabalho manual, no decorrer do mesmo dia. Aquela virada súbita era difícil, mas, a longo prazo, revelou-se uma bela combinação. Aprendi como empunhar um martelo e realizar tarefas estruturais que, provavelmente, jamais teria aprendido em outras condições. Havia nisso muita sabedoria.

Pat: O surpreendente é que não me lembro de muito ciúme entre nós, embora houvesse muitos motivos para isso, devido aos sucessos alcançados por outras mulheres. Todas as integrantes de meu grupo que eram muito unidas sentiam orgulho do sucesso das demais. Havia espaço para muitas mulheres se realizarem, sem que isso ocorresse às expensas das demais. Embora cada uma de nós tivesse suas amizades particulares, tínhamos igualmente sentimentos eróticos ou quase eróticos por muitas outras amigas.

Rosemary: Em nossa procura de uma ética lésbico-feminista, como poderemos moderar nosso fervor, em relação à correção política? Como poderemos resistir a velhas tendências, que nos impelem em direção a uma ortodoxia rígida, e como poderemos celebrar nossa diversidade multicultural? Como poderemos estabelecer valores e evitar o dogmatismo?

Jan: Queremos ter a capacidade de definir valores e dizer qual a forma que tais valores devem assumir, sem sermos intolerantes ou dogmáticas.

Pat: E ainda assim possuímos o senso do que é direito, em relação a certos valores. Queremos estabelecer modelos que não sejam relativos e, ao mesmo tempo, desejamos evitar a rigidez. Necessitamos de fronteiras elásticas que nos contenham, fronteiras que possamos expandir.

Glossário

abadia: edifício ou conjunto retangular de edifícios que se ligam por meio de passagens cobertas, denominadas claustros, dispostos em torno de um jardim fechado, onde vive uma comunidade monástica.

amizade particular (a.p.): termo relativo à amizade entre duas irmãs, que exclui outras; considerada nociva à vivência comunitária e prelúdio a um relacionamento lésbico.

apostolado: ofício, missão, ocupação ou projeto espiritual especial de uma irmã religiosa.

ascetismo: prática de rigorosa autodisciplina e autonegação, a fim de se atingir um estado espiritual mais elevado.

aspirantado: período de pré-treinamento no convento, destinado a jovens do curso colegial, antes de entrarem para o postulado ou noviciado.

assembléia: encontro que ocorre anualmente em quase todas as comunidades religiosas, onde se discutem assuntos relativos à vida comunitária.

beatitudes: virtudes tais como a brandura e a cordialidade, celebradas por Jesus no Sermão da Montanha (Mateus, 5:3-12; Lucas, 6:20-26).

canto gregoriano: a mais antiga manifestação musical ainda existente no Ocidente; cantochão com textos latinos, para orações bíblicas, sobretudo psalms.

casa-mãe: convento principal de uma comunidade religiosa, on-

de se localiza o noviciado e onde as irmãs mais velhas passam a viver depois que se aposentam.

Capítulo das Culpas: encontro oficial da comunidade, onde as irmãs fazem confissões a violações da Regra e das Constituições, as quais não são consideradas pecado. Nessa ocasião elas apontam os erros cometidos pelas demais. É também o momento de receber uma penitência, a ser cumprida a título de retribuição. Tais encontros ocorrem semanalmente ou com menor frequência, em geral às sextas-feiras.

castidade: um dos três votos simples ou solenes feitos por ocasião da profissão religiosa. Várias correntes o interpretam do mesmo modo que o celibato de um padre e é seu objetivo canalizar o amor unicamente para Deus e para as irmãs que vivem numa comunidade religiosa, tendo em vista o propósito da caridade comunitária.

catecismo: livro que contém perguntas e respostas sobre a teologia da Igreja Católica, destinado às crianças, a fim de que elas o memorizem e recitem.

cela: nome monástico que se dá ao quarto ou ao lugar em que dorme uma freira ou um monge.

celibato: voto solene prestado por padres, interpretado como promessa feita a Deus e sancionada pela Igreja, com o empenho de jamais se casarem e de evitarem toda atividade sexual.

claustro: setor fechado de um convento, do qual as freiras não poderiam sair, e onde as pessoas de fora só poderiam entrar mediante permissão.

Completas: a última hora do Ofício Divino ou orações noturnas comunitárias, que terminam por meio de uma procissão e do hino *Salve Rainha*, em louvor da Virgem Maria.

comunhão (sagrada): sacramento da Eucaristia ou comemoração litúrgica, durante a qual o pão e o vinho são consagrados e recebidos como corpo e sangue de Jesus, em comemoração à Última Ceia.

confissão: acusar-se de pecado a um padre, no sacramento da Penitência (conhecido mais recentemente como sacramento da

reconciliação); ou proclamar as faltas contra a Regra e em relação à comunidade, durante o Capítulo das Culpas.

congregação: comunidade religiosa ligada por uma regra comum.

Conselho Geral: órgão governante oficial de uma comunidade religiosa, eleito ou nomeado.

Constituição: regulamentos escritos, tendo em vista os procedimentos da comunidade e que seguem o espírito de uma regra principal. Por exemplo, as Constituições Dominicanas baseiam-se na Regra de Santo Agostinho.

cordão: cinto feito de corda, cânhamo ou couro, usado para prender o hábito religioso, na altura da cintura.

coroação de maio: costume praticado nas escolas católicas durante o mês de maio. Realiza-se uma procissão, quando se entoam hinos em louvor de Maria. Uma pessoa, previamente escolhida, coroa com flores a imagem da Virgem, proclamando-a Rainha do Céu e da Terra.

costumes da comunidade: práticas tradicionais observadas em algumas comunidades religiosas, tais como fazer apenas uma refeição durante a Quaresma ou ajoelhar-se quando são entoados certos psalmos.

custódia: grande receptáculo de ouro, onde se exhibe a hóstia durante as festas especiais.

custódia dos sentidos: restringir o impulso dos sentidos, a fim de se recolher na oração. Nesses momentos, por exemplo, não se pode levantar os olhos e deve-se manter as mãos cruzadas, debaixo do escapulário.

devoções marianas: comemorações rituais e orações em louvor de Maria, mãe de Jesus.

Dia da Recepção: dia cerimonial, quando as postulantes recebem nomes e hábitos religiosos e são formalmente admitidas na comunidade; é considerado o dia do casamento, quando a religiosa, usando um vestido de noiva, se torna "Esposa de Cristo". Nesse momento o coro canta "Veni Sponsa Cristi" (Vem, Esposa de Cristo).

dias santos: dias de comemoração litúrgica, ocasiões em que celebram-se acontecimentos relativos à vida de Cristo, de Maria e dos santos.

disciplina: açoite feito de tiras de couro com ponteiros de metal, pequenas correntes ou feixes de cordas com nós, empregados para flagelar os ombros, coxas e nádegas expostos, à guisa de penitência. Enquanto isso recitam-se psalmos penitenciais. Essa prática foi iniciada no século 13 e prosseguiu até recentemente, com certa moderação.

dispensa: permissão escrita, concedida pelo papa, a fim de libertar alguém de seus votos religiosos.

dogma: crença que a Igreja Católica requer que todos aceitem, tal como o ensinamento de que a Mãe de Cristo não morreu, mas ascendeu ao céu.

dons do Espírito Santo: hábitos marcantes, que acompanham o estado de graça, tais como a paciência e a bondade.

dote: dinheiro dado pela família, quando uma mulher entra para uma comunidade religiosa. É devolvido quando ela se retira ou então dado à comunidade, por ocasião de sua morte.

doutrina: ensinamento oficial da Igreja Católica sobre qualquer assunto.

doxologia: oração à Santíssima Trindade, que encerra tradicionalmente as preces públicas: "Glória ao Padre, ao Filho e ao Espírito Santo".

escapulário: pano que rodeia os ombros, na parte dianteira e posterior, presente em alguns trajes religiosos.

estigmas: simulação dos ferimentos de Jesus crucificado, nas mãos, pés e flanco de uma pessoa religiosa engajada na perfeição mística, o que é considerado uma grande dádiva do favor divino.

eucaristia: v. comunhão.

exame: ritual noturno privado, na maioria dos conventos. Consiste em fazer uma série de perguntas, visando ao exame de nossas consciências, pelos pecados e faltas cometidas durante o dia, por exemplo: "Menti hoje?" "Mantive hoje a custódia dos olhos?"

exclaustração: permissão dada a uma religiosa, que ainda se encontra submetida a votos, de viver temporariamente fora da comunidade, sob a jurisdição do bispo local e não de sua superiora religiosa.

flagelação: prática ascética de expiação e autodisciplina, originária de uma punição corporal medieval destinada a monges desgarrados. Não ocorre mais na maioria das comunidades religiosas.

formação: refere-se ao Movimento de Formação das Irmãs, iniciado em 1957, a fim de aperfeiçoar o treinamento das jovens irmãs, integrando o desenvolvimento espiritual, intelectual, social e apostólico.

freiras enclausuradas: mulheres que fizeram votos solenes e passam a vida inteira em oração e realizando trabalhos manuais, por detrás dos muros de um mosteiro.

freiras externas (externas, irmãs externas): religiosas que vivem fora da clausura. Fazem votos simples, moram nos mosteiros, cuidam das necessidades físicas das comunidades e servem de ligação com o mundo, atendendo portas, fazendo compras etc.

generalato: casa conventual onde a governante da comunidade (a madre superiora) mora com seu Conselho Geral.

guimpe: pano engomado que cobre o pescoço e os ombros e faz parte do hábito de uma freira.

graça: dádiva ou bênção que indicam o favor divino.

hábito: traje distintivo, usado pelos membros das comunidades religiosas, que identifica a congregação a que pertencem.

hierarquia: organização de postos e ordens, nas comunidades religiosas, tais como aqueles que se devem ao tempo e data de entrada na comunidade.

hóstia: pedaço redondo de pão sem fermento, consagrado. Acredita-se que é o corpo e o sangue de Jesus, embora tenha a aparência de pão. É recebida como Eucaristia, por ocasião da primeira comunhão, e colocada na custódia, tendo em vista a adoração especial.

inclinação: postura formal de reverência e submissão, que as freiras devem assumir durante as orações e os exercícios comunitários; **inclinação média:** curvar a parte superior do corpo perpendicularmente ao chão; **inclinação profunda:** curvar-se o mais baixo possível.

infalibilidade: doutrina que proclama que o papa sempre diz a verdade divina, ao falar sentado em seu trono oficial.

J.M.J.: abreviatura de “Jesus, Maria e José”, que se costuma escrever no alto de uma página, como dedicatória.

juniorato: terceiro ano, no treinamento religioso de uma irmã, quando é denominada “professa júnior”.

lei canônica (código da): normas ou regras usadas para governar a Igreja Católica enquanto instituição; suas violações acarretam censura ou excomunhão.

licença: período passado fora da comunidade religiosa, tendo em vista um propósito específico.

liturgia: refere-se à comemoração eucarística (missa) e a todas as cerimônias, rituais e orações públicas.

livro de regras (A Regra, A Santa Regra): v. Constituição.

madre: termo empregado para designar as superiores religiosas.

madre superiora: dirigente de uma ordem ou congregação religiosa (também conhecida como superiora geral), eleita por um mandato de três a seis anos.

matinas: a primeira das sete horas canônicas, originalmente denominada “vigília”, recitada à meia-noite ou na primeira metade da noite, ou então no fim da noite, pouco antes da alvorada.

mestra (madre, postulante, noviça): nome dado à irmã ou irmãs encarregadas da formação religiosa das jovens irmãs.

ministério pastoral: trabalho realizado nas paróquias pelos padres e freiras.

missão: tarefa dada a uma irmã ou o lugar para o qual é designada.

misticismo: a experiência da união intensa com Deus ou com a realidade superior.

mortificações: penitências privadas destinadas a controlar ou punir desejos físicos, tais como a luxúria e a gula, aplicadas por uma superiora ou confessor, ou então escolhidas por uma irmã, tais como o jejum, dormir sem travesseiro ou numa posição rígida, ou então usar um cordão ou um objeto metálico que provoque dor física.

noite escura da alma: estágio da vida ascética/mística, caracterizado pela desolação pessoal e a incapacidade de orar, descrito nas obras de Santa Teresa de Ávila e São João da Cruz.

novena: nove dias sucessivos de orações, tendo em vista uma intenção especial.

noviça: candidata a uma profissão religiosa temporária; usa o hábito religioso e passa pelo menos um ano inteiro entregue a uma formação religiosa que exclui tudo o mais.

noviciado: um ano ou mais de formação religiosa, requerido antes da profissão num estabelecimento religioso, ou então a parte da casa onde a noviça reside.

obediência: um dos três votos religiosos feitos pelos membros das comunidades religiosas, no sentido de seguir a Regra, as Constituições e qualquer ordem dos superiores.

obediência cega: fazer, sem questionar, tudo o que uma superiora ordenar. As religiosas a consideram uma virtude ou uma perfeição do voto.

oratório: parte do convento destinada à oração, ao estudo ou à instrução nos assuntos religiosos.

Ofício Divino: oração pública oficial da Igreja Católica. É composto de psalmos, hinos, leituras, orações recitadas em sessões denominadas horas canônicas, tais como as matinas, laudas, vésperas e completas.

patrocinadora: irmã de uma comunidade religiosa que estabelece os contatos iniciais na comunidade, para a jovem que deseja nela entrar.

paróquia: igreja local e área geográfica que ela atende.

Pequeno Ofício da Virgem Abençoada: variante do Ofício Divino.

pia batismal: recipiente ornamentado, tal como uma tribuna de mármore, por exemplo, que um padre enche de água benta. Ao entrar na igreja, os católicos mergulham o dedo nela e fazem o sinal da cruz, tocando a fronte, o peito e os ombros.

pobreza: um dos três votos de profissão religiosa, tendo como finalidade a renúncia às posses.

postulante: primeira fase da vida religiosa (de seis meses a um ano), antes de receber o nome e o hábito religioso. Está se tornando obsoleta.

presença de Deus: prática de interromper o trabalho para um momento de preces ou recolhimento; uma admoestação: "Lembrem-se, irmãs, de que estamos na presença de Deus", quando as religiosas agem de modo frívolo.

priora: regente de um priorado ou de qualquer casa religiosa autônoma.

prostração: costume, em certas comunidades religiosas, de deitar com o rosto voltado para o chão, diante de todas as irmãs, ou então diante da superiora, como um ato de penitência, ou ainda diante do Santíssimo Sacramento, como ato de reverência.

província (provincial): divisão geográfica de uma comunidade religiosa, formado pelo agrupamento de várias casas sob a direção de uma casa maior e que lhes é superior.

Quaresma: temporada de penitência, que vai da Quarta-Feira de Cinzas até a Sexta-Feira Santa, em preparação para a Páscoa.

refeitório: sala destinada às refeições, nos estabelecimentos religiosos.

sacristia: sala adjacente ao altar, na igreja, onde os padres mudam de vestimenta e onde é guardado o pão e o vinho; sacristão: pessoa designada para cuidar dos objetos e vestimentas do altar.

Sagrada Regra: primeiras regulamentações monásticas da vida religiosa, escritas por São Benedito, Santo Agostinho, São Domingos e São Francisco.

santinho: pequenas estampas coloridas de Deus, de Nossa Senhora ou dos santos. De vez em quando apresentam orações ou

citações da Bíblia e são dados como presentes às outras irmãs, nos dias de festa.

silêncio: antiga prática monástica. Consiste em evitar a conversa, a não ser em determinados lugares e ocasiões, a fim de rezar; sempre observado na capela, no refeitório, no dormitório e no cemitério; o silêncio simples, pequeno ou ordinário, durante o trabalho diário, não proibia falar, desde que fosse necessário; o silêncio solene, sagrado ou profundo, que se fazia após as orações da noite e se prolongava até o café da manhã, proibia toda e qualquer conversa.

sinal da cruz: gesto religioso, que consiste em levar a ponta dos dedos da mão direita à testa, peito e ponta dos ombros esquerdo e direito, a fim de traçar o sinal da cruz no corpo de alguém; usado na abertura e encerramento das orações e aulas.

suscipe: oração rezada durante a missa, com o significado de "Recebe". É uma introdução ao momento mais solene de todos, quando o pão e o vinho são transmutados no corpo e no sangue de Jesus.

tomar o véu: peça do hábito usada na cabeça e que simboliza a virgindade consagrada; é também uma expressão relativa ao fato de uma postulante revestir o hábito religioso, no Dia da Recepção.

turma, colegas de turma: grupo de mulheres que entram para uma comunidade e realizam sua formação religiosa ao mesmo tempo.

votos (temporários, finais, perpétuos): promessas feitas a Deus em público e sancionadas pela hierarquia da Igreja; por ocasião da profissão religiosa, promessas de praticar a pobreza, a castidade e a obediência na vida religiosa.



Rosemary Curb (à direita) e Nancy Manahan (à esquerda).

REVELAÇÕES INÊDITAS NUM FENÔMENO EDITORIAL

Há contradição entre o voto de castidade e a natureza humana? Pode-se separar a fé da luta pelos direitos individuais e pelo respeito às minorias? O mais recente fenômeno da temporada editorial norte-americana é um livro sério e honesto, com depoimentos de freiras e ex-freiras católicas, que agita essas questões e demonstra como a vocação religiosa pode permanecer viva, mesmo entre os que desafiam proibições e assumem sua identidade sexual.

AS FREIRAS LÊSBICAS ROMPENDO O SILÊNCIO

não faz sensacionalismo sobre a intimidade dos conventos e, sim, tira o manto de segredo que cobre um segmento importante da cultura religiosa e social.

"No conjunto dos depoimentos, algumas freiras rejeitam Deus e a Igreja para assumir sua sexualidade. Mas todas mantêm um senso de espiritualidade que impressiona e é fascinante descobrir."

— Philadelphia Inquirer —